



S. U. AMORIM

A CHAVE DE MICHELANGELO

ELES DESCOBRIRAM ALGO
TERRÍVEL E ASSUSTADOR...



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

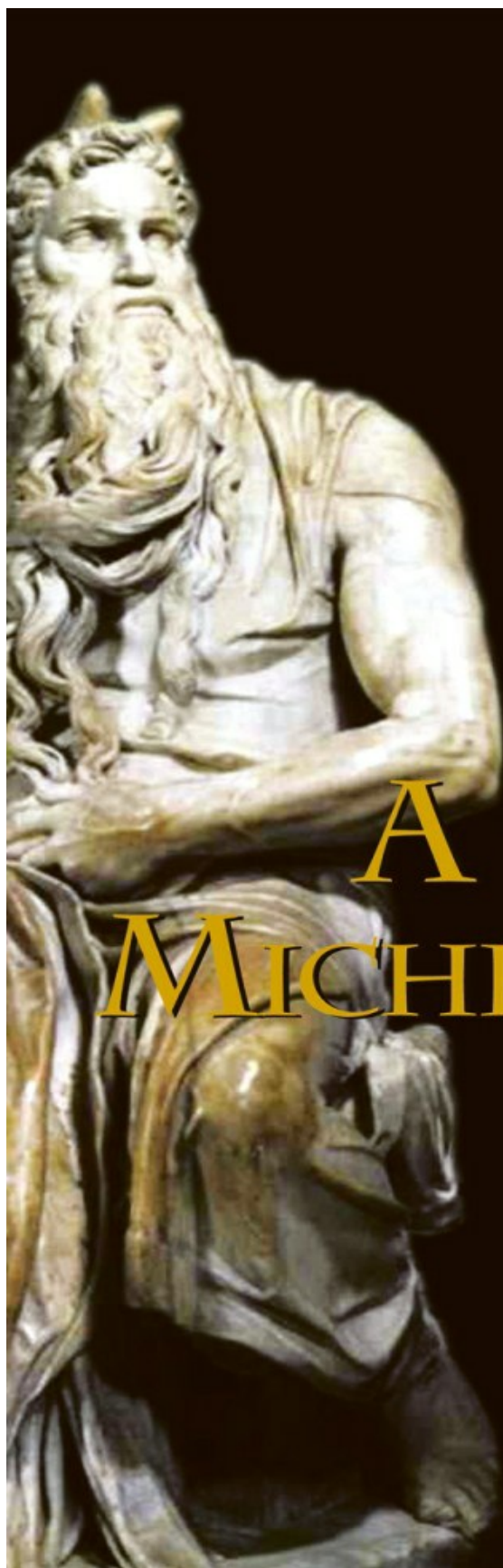
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





S. U. AMORIM

A CHAVE DE MICHELANGELO

ELES DESCOBRIRAM ALGO
TERRÍVEL E ASSUSTADOR...

novo século®

A CHAVE

DE

MICHELANGELO

S . U . A M O R I M

A CHAVE

DE

MICHELANGELO

novo século®

editora

São Paulo 2008

Copyright © 2008 by S. U. Amorim

PRODUÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Sergio Gzeschnik

CAPA

Franklin

Paolotti

REVISÃO

Patricia

Murari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara

Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amorim, Sérgio

A chave de Michelangelo / Sérgio Amorim. –

Osasco, SP : Novo Século Editora, 2008.

1. Ficção brasileira I. Título

08-06690 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2008

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à Novo Século Editora Ltda.

Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar

Osasco – SP – CEP 06023-010

Fone (11) 3699-7107

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me

capacitar para escrever este romance.

A todos os familiares, amigos e colegas que através de apoio ou sugestões, colaboraram no processo criativo.

A Josias Aparecido Andrade, autor da primeira revisão, pela preciosa contribuição.

A Olavo de Carvalho, o maior filósofo

brasileiro vivo. Foi na leitura do seu livro “O Jardim das Aflições” — obra monumental que indico a

todos — que encontrei a real compreensão da natureza do mal que aflige o mundo moderno.

P R Ó L O G O

E G I T O , A G O S T O D E 1 9 2 7

Ao passar a mão, afastando o suor que lhe cobria a face, o dr.

Albert Raidech ergueu a cabeça, seus olhos fixaram-se então na Esfinge

— o colosso de pedra — que a uns trezentos metros dali contemplava-o com o mesmo olhar enigmático que por milênios inquietava a todos que se deparavam com seu majestoso semblante.

— Aqui! Eu encontrei — gritou o nativo contratado pela expedi-

ção. Dr. Albert correu em direção ao homem que acenava freneticamente, apontando para o que parecia ser uma imensa lápide com inscrições corroídas pelo tempo obstruindo a entrada de um túmulo subterrâneo. Com instrumentos trazidos por seu assistente, o emérito professor e egiptólogo

britânico limpou-a cuidadosamente. Sua face então iluminou-se ao contemplar a águia bicéfala.

Ele finalmente descobrira a tumba perdida do faraó Amenófis IV — o faraó sacerdote, o grande mago do Egito que aterrorizava o mundo antigo.

A pedra foi removida, e com uma tocha, seguido pelo seu assistente Max Fuchon e pelos nativos, dr. Albert desceu os sessenta degraus de uma escadaria que, por milênios, ninguém havia passado. A sala mortuária era um imenso retângulo, a visão das paredes, em alto-relevo, representando batalhas antigas, esquecidas na história, logo era substituída pelo brilho ofuscante de dezenas de estátuas em tamanho natural de homens e deuses do antigo Egito.

7

— Professor, isto aqui é ouro! — disse Max Fuchon enquanto re-movia a camada de poeira que recobria a face altiva do deus Hórus — um homem com a cabeça em forma de falcão. O esplendor era extraordinário

— tesouros se amontoavam para onde quer que os olhos se dirigissem.

— Onde está o sarcófago? — perguntou o egiptólogo voltando à realidade. Todos se entreolharam — sarcófago? Havia descoberto os tesouros de um faraó e o velho senil preocupado com um sarcófago?

— Professor Albert — disse o assistente — talvez não haja sarcófago.

— Não diga bobagens, Max! Se isto é um túmulo, tem que haver então um sarcófago — disse, enquanto caminhava em direção ao fundo da tumba, alheio a dezenas de arcas repletas de ouro e jóias, que de tão abarrotadas, algumas peças haviam caído no chão, fazendo o velho professor, por mais cuidado que tivesse, caminhar sobre pérolas e colares.

— Meu Deus, olhe essas inscrições, Max!

O jovem assistente relutou em desviar sua atenção dos enormes vasos de alabastro que em sua parte superior apresentavam jóias recobertas de diamantes.

— Max, olhe isso aqui — continuou o professor. Os olhos do assistente encontraram então as paredes apontadas pelo professor.

— O que tem de especial esses desenhos, professor? — perguntou enquanto sua atenção voltava para os vasos de alabastro.

— As pragas do Egito... — continuou o velho olhando fixamente para os desenhos. Mas quem as produz usa as mesmas vestes que um faraó! Max, isso é surpreendente!

A atenção do assistente voltara-se para o egiptólogo.

— Como assim, professor? As pragas do Egito não foram, segundo a Bíblia, enviadas por Moisés?

— Sim, isto mesmo, mas aqui as inscrições mostram o faraó mandando as mesmas pragas enviadas por Moisés. Isto comprova...

— Professor, olha aqui uma alavanca!

Parte das inscrições que recobriam a parede havia desmoronado pela ação do tempo, deixando parcialmente visível uma alavanca, outrora oculta.

— O sarcófago deve estar aqui em algum lugar atrás destas inscrições — ajude-me com a alavanca, Max!

— Está emperrada, professor!

8

Uma parte da parede recuou alguns centímetros.

— Veja, a parede se moveu!

Com o esforço de Max e dos nativos, ombreando a parede, esta cedeu vagarosamente, deixando visível uma câmara secreta.

— Céus! O ataúde de Amenófis IV — exclamou fascinado o ancião.

— Todo feito de ouro, professor!

A câmara secreta era um semicírculo, cujas paredes cobertas de inscrições desconhecidas, possuía em seu centro um sarcófago dourado ostentando em sua parte superior uma águia bicéfala de lápis-lazúli.

— Olhe isso aqui, Max — disse o professor, indicando o desenho em relevo sobre o sarcófago.

— É estranho, professor, nunca vi uma representação egípcia com um falcão de duas cabeças!

— Não, Max... — o professor estava visivelmente excitado — não é um falcão...

— O que o senhor está dizendo? — perguntou surpreso o assistente.

— Isto aqui não é um falcão, é uma águia bicéfala, ou melhor, é uma fênix, um tipo muito especial de águia, segundo a mitologia...

— Aquela que renasce das cinzas!

— Isso mesmo, Max, agora também não é um símbolo egípcio, é sumério.

— Sumério?... Mas o que um símbolo sumério estaria fazendo em um sarcófago egípcio?

— Max — a voz do velho egiptólogo saía com difi culdade, e tomado pela emoção ele continuou: — talvez estejamos nos deparando com um dos mais terríveis segredos já revelados ao homem, que acreditávamos estivesse perdido na noite dos tempos. Eu tenho medo, Max, que a humanidade não esteja preparada para ter acesso ao que possa estar aí dentro!

— Professor — os olhos do jovem assistente brilhavam — eu estou mais curioso do que assustado. O que pode haver de tão terrível assim, para assustá-lo dentro de um sarcófago de mais de quatro mil anos?

— Meu jovem — disse o ancião — você já deve ter ouvido falar do incêndio da famosa biblioteca de Alexandria, não?

— Sim, foi uma estupidez praticada por um fanático califa árabe que achava que estaria livrando o mundo do mal, destruindo todo o conhecimento do mundo antigo guardado naquela biblioteca.

— Nem tudo foi destruído, meu jovem, nem tudo. O incêndio da famosa biblioteca foi em 646 de nossa era. Júlio César, quando seduzido pelos encantos de Cleópatra, esteve no Egito em 48 a.C. retirando algumas peças da biblioteca de Alexandria e levando consigo para Roma. A maioria do acervo encontra-se nos arquivos secretos do Vaticano, herdeiro natural do Império Romano, porém, durante o ataque a Roma, ocorrido em 1527, por tropas alemãs, sob o comando de Carlos V, algumas dessas obras acabaram sendo vendidas a inescrupulosos comerciantes venezianos, indo por fim parar no Museu de Londres — obras perturbadoras, cujo acesso só é permitido a um seleto grupo de pesquisadores ligados à Coroa Britânica.

— O senhor é um deles? — perguntou fascinado o jovem.

— Sim, Max, eu sou um dos que tiveram acesso a estas obras.

— Mas o que é que elas dizem, professor? O jovem não conseguia se conter.

— Dentre elas há um pergaminho muito antigo levado para Alexandria por Alexandre, o Grande, quando da conquista da Judéia, provavelmente tomado de antigas seitas secretas judaicas. Pois bem, esse pergaminho nos revela a existência de uma cidade muito, mas muito antiga.

— Dos primórdios da civilização?

— Sim, mas não das civilizações que nós conhecemos, originárias do crescente fértil e do delta do Nilo. Uma civilização ainda mais antiga, até mesmo pré-diluviana, a cidade de Lagahs, segundo o pergaminho a cidade do pecado.

— Cidade do pecado? Como assim, professor?

— Esta cidade, segundo o pergaminho, seria a própria causa do dilú-

vio. Provavelmente você jamais encontrará isso na enciclopédia britânica, pois não há mais do que dez pessoas no mundo que sabem alguma coisa sobre essa cidade, mas deixe-me continuar. — Segundo o pergaminho, e aqui vamos encontrar algumas coisas em paralelo com a Bíblia, os filhos de 10

Deus (anjos) foram seduzidos pelas filhas dos homens (mulheres) e dessa união nasceram homens extremamente poderosos que oprimiam e escravizavam os povos de então. Seu poder não era decorrente da enorme força física, mas dos conhecimentos secretos revelados por seus magníficos pais.

Tal era a depravação desses homens, que fundaram a cidade de Lagahs, e a partir dela subjugaram todo o mundo antigo. Com isso, Deus castigou-os com o dilúvio para aniquilar a maldade na Terra. Sobrevivendo apenas Noé e sua família para repovoá-la, relata-nos porém, o pergaminho, que Ninrode, neto de Cão, um dos filhos de Noé, ao fazer escavações para fundar uma nova cidade entre os rios Tigre e Eufrates, local onde ficava a antiga cidade de Lagahs, encontrou um livro — não um livro qualquer, mas um livro de ouro — o Livro de Ouro de Lagahs, como ficou conhecido. De posse desse livro sua mente teve acesso aos mistérios ocultos da magia, de tal forma que Ninrode acabou expulso da cidade que fundara, em razão da maldade que o dominou, refugiando-se então no Egito.

Protegido pelo faraó, deu origem a uma dinastia de magos, cujo poder assombrava a todos.

— Janes e Jambres, os magos do Egito que, sob as ordens do faraó resistiram a Moisés!

— Sim, Max. Esses magos foram seus descendentes, até que acumulando tantos poderes místicos e fortalecendo-se de maneira espantosa, eles acabaram destronando e matando o próprio faraó, usurpando-lhe o trono do Egito, que acabou sendo ocupado por um dos mais destacados magos da Dinastia de Ninrode.

— Amenófis IV! — o jovem estava em êxtase.

— Isto mesmo, Max — sorriu o velho.

— E o livro? — os olhos de ambos pousaram sobre o sarcófago.

— Compreende agora, Max, o meu temor em abrir este sarcófago?

Estariam os homens preparados para os terríveis mistérios que esse livro contém? Veja bem, eu ainda não lhe contei tudo... Amenófis IV acumulara tanto poder e conhecimento oculto, que sua mente tornara-se pervertida ao extremo. Assim ele saqueava os povos vencidos aplicando-lhes os suplícios

11

mais atrozes, não poupando nem mesmo crianças, das quais aproveitava para seus ritos mágicos. Segundo o pergaminho, o sacrifício de meninas virgens proporcionava-lhe enormes poderes místicos, além da compreensão humana; foi este faraó que, usando de magia, enfeitiçou e destruiu o homem mais sábio do mundo — o Rei Salomão. Usando de magia sexual, fez com que o velho rei de Israel fosse seduzido pelos encantos de sua filha, a princesa egípcia Aksulamim — uma jovem comum que, por feitiços de seu pai, tornou-se a mulher mais bela da terra naquela época. O coração do sábio rei fraquejou perante a visão de tanta beleza, permitindo assim que a filha de Amenófis IV invocasse os mesmos poderes místicos de seu pai causando a ira de Deus sobre Salomão e a conseqüente divisão do reino de Israel.

— Professor, antes de responder qualquer pergunta, temos que ter certeza de que o livro esteja aí dentro, tudo isso pode ser apenas uma lenda, o senhor não acha? Vamos abrir o sarcófago.

— Max, você tem razão, não há motivos para ficarmos nos martirizando. Me ajude a abrir o sarcófago.

Usando uma ferramenta como alavanca sobre a parte inferior da abertura do sarcófago, este vagarosamente cedeu e abriu-se em duas partes.

— Por Deus! Olhe Max, o Livro de Ouro de Lagahs!

O ancião teve que segurar-se nas bordas do sarcófago — suas pernas haviam fraquejado. A face do jovem iluminou-se contemplando o belíssimo livro

dourado com detalhes em relevo: uma águia bicéfala no centro de uma pirâmide. Sua mão então adentrou o casaco em busca de alguma coisa.

— Professor, passe-me o livro...

O velho não lhe deu atenção — estava absorto em seus pensamentos, até que tomou uma decisão:

— Vamos levá-lo para o Museu Britânico, Max...

— Professor... eu disse passe-me o livro!

O egiptólogo virou-se para o assistente, seu sorriso estancou no momento em que viu o revólver apontado para ele.

— Max, o que isso significa? Estava totalmente perplexo.

— Sinto muito, professor, mas há coisas que o senhor não compreenderia. Sempre com os olhos voltados para a antigüidade, o senhor nunca reparou no brasão de minha família?

12

— O que tem a sua família a ver com esta descoberta?

— Isto! — O jovem segurou a arma com a mão esquerda mostrando-lhe o sinete em seu dedo anular, este continha o desenho de uma águia semelhante a que se encontrava sobre o sarcófago. — Talvez o senhor ainda não esteja compreendendo, mas eu vou esclarecer: lembra-se do que me disse há pouco, que os manuscritos eram de uma antiga sociedade secreta? Pois bem, eu sou membro dessa sociedade secreta!

— Pare de brincadeiras, Max, você nem é judeu! — disse irritado o professor.

— O senhor está certo, eu não sou judeu — sou um inglês de antiga linhagem, mas o que me admira é que como estudioso que é, não consiga se aperceber da dinâmica da vida — o senhor acha que todos os mistérios de Lagahs fi caram ocultos nesse livro e encerrados até o dia de hoje? Não,

professor, está enganado... É verdade que terríveis mistérios outrora perdidos agora serão revelados, mas também é verdade que existiram, como ainda existem, outros magos além de Amenófis IV, que agora, exatamente, agora, em nosso tempo se dedicam a aperfeiçoar o conhecimento oculto passado de geração à geração entre os iluminados.

— Mas com que objetivo? Por que este segredo? A perplexidade dera lugar à inquietação no espírito do velho estudioso.

— Qual o objetivo? Ora, professor, não seja ingênuo! Conhecimento é poder, quanto mais exclusivo, mais vigoroso; mais aumenta a força de quem o detém, veja o emblema da fênix de duas cabeças nos estandartes de Alexandre, o Grande, Carlos V, Napoleão... Você acha que o poder que eles alcançaram foi por acaso?

— Meu Deus — exclamou o velho — isso é uma loucura!

— Não, professor, não há espaço para a loucura. Os conhecimentos secretos foram guardados de geração em geração por milênios, e reis, príncipes, sacerdotes e magos conquistaram seus poderes por meio dele. A própria ciência deve muito de seu progresso a fagulhas desse conhecimento, reveladas aqui e ali a alguns sábios, conforme melhor serviam a nossos propósitos. Veja o caso de Pitágoras: a própria história registra que foi em uma sociedade secreta no Egito que ele alcançou o seu saber.

— Isto que você está me dizendo é algo próprio de uma mente megalomaníaca, nenhuma conspiração poderia durar tanto tempo!

13

— Não vamos nos estender mais, professor! Basta que eu lhe diga que sou apenas uma pequena engrenagem a serviço de um grande e milenar propósito. Nós, os Filhos de Set, herdeiros dos antigos mistérios e guardiões dos conhecimentos secretos, nos preparamos desde o início dos tempos para a Grande Revelação, mas é com tristeza que eu reconheço que, apesar de nossos redobrados esforços, o mundo ainda não está pronto para Absalão. É possível que os requisitos sejam completados somente no século vindouro.

— Absalão, quem é Absalão?

— Chega de perguntas, professor — disse o assistente, apontando o revólver já engatilhado para a cabeça do velho — infelizmente terei de matá-lo, o senhor sabe muito a nosso respeito, mas olhe pelo lado positivo: não existe lugar melhor no mundo para a morte de um egiptólogo do que dentro da tumba de um faraó, o senhor não acha?

— Max, não faça isso! Você não é um assassino!

— Sinto muito, professor! Eu mesmo não gostaria de fazer isso, o senhor não merece morrer, mas infelizmente, sabe muito a nosso respeito, e eu colocaria muita coisa em jogo, deixando-o viver.

— Que seja breve então — disse fechando os olhos resignando-se ante a tenebrosa realidade. *Minha neta, eu jamais a conhecerei*, amargou-se o velho.

Um som produzido por um jarro sendo quebrado trouxe o egiptólogo de volta de seus últimos pensamentos. Ao abrir os olhos, Max Fuchon estava inerte, caído sobre o que restava de um valiosíssimo vaso da oitava dinastia. A seu lado, Tarik, um dos nativos da expedição, com um objeto dourado que tremulava em suas mãos.

— Eu não poderia deixar que ele — disse apontando a lança ensangüentada para o corpo inerte do assistente — tirasse sua vida, professor, não depois que o senhor salvou meu filho levando-o para ser curado em Londres.

— Tarik, em toda minha vida eu nunca fui tão feliz em ver um objeto egípcio como eu fui hoje. Onde você conseguiu essa lança?

O ajudante da expedição indicou então uma estátua dourada do deus Osiris, com uma armadura de guerra completa, porém desfalcada da lança.

14

— Professor, o que o senhor pretende fazer agora com o livro?

— Tarik, pelas revelações que tivemos até agora, e por tudo que acabou de

acontecer aqui — o olhar triste do velho fi xara-se sobre o corpo sem vida de Max Fuchon — este livro provou ser muito perigoso para que nós deixemos que ele caia em mãos erradas. Minha missão será fazer com que ele nunca seja encontrado.

Os imensos tesouros do faraó foram enviados para o Museu do Cairo, cujo curador agradeceu o dr. Albert Raidech pela descoberta, com algumas peças de pouco valor. Quanto à morte de Max Fuchon, as autoridades egípcias ficaram gratas a Tarik por ter impedido o roubo de belíssimas jóias encontradas providencialmente nos bolsos do assassinado assistente.

CAPÍTULO 1 – ROMA ATUALIDADE

Ao olhar mais uma vez para trás, Jaina Kornikova viu os homens que, correndo, tentavam alcançá-la. Seus pés descalços doíam em contato com o piso irregular. Já não gritava por socorro, poupava o fôlego, pois ela sabia que corria por sua vida.

As pessoas em quem esbarrava olhavam-na com espanto e, suas palavras chegavam aos ouvidos de Jaina, tão desconhecidas quanto às inscrições nas placas e nos cartazes que estavam por todos os lados.

“Isto é um pesadelo” — disse para si mesma. Mas as lágrimas quentes que escorriam contrastando com o vento frio que lhe agredia o rosto mostravam que aquilo era a mais pura realidade. Eles se aproximavam, cada vez mais perto, e ela percebeu que não poderia continuar fugindo, sentia-se fraca em razão do cativeiro do qual escapara. Aquela gargantilha de ferro, que comprimia seu pescoço, difi cultava-lhe ainda mais a respiração. Então, em uma atitude desesperada, atravessou bruscamente a rua, não prestando atenção ao caos que num instante se instalou: carros frea-vam de súbito, parando milímetros à sua frente. As buzinas e os palavrões que Jaina não compreendia rivalizavam entre si na tentativa de se sobrepor uns aos outros.

15

As lembranças então lhe vieram à mente: a medalha na prova de patins no gelo, pelo dia da vitória russa, depois — sua face contraiu-se em desespero — o furgão maldito e o homem que lhe empurrara para dentro tapando sua

respiração com um pano umedecido. Tudo então havia se apagado, e quando ela acordara, viu-se carregada por dois homens dentro do que parecia ser uma imensa igreja no formato octogonal. Fingiu-se então estar desacordada e, com o canto dos olhos verificou a existência de dezenas de tochas que iluminavam o local, de maneira sombria. Uma gigantesca estátua de um anjo com a espada quebrada tendo sobre ele um enorme dragão com os dentes cravados em sua garganta chamou-lhe a atenção. Aquilo a perturbou, e com um estremecimento, seus raptos perceberam que ela acordara. Os olhos dos raptos pareciam frios e desprovidos de compaixão. Ainda sonolenta, Jaina desviou deles o olhar, fixando-o no teto, onde uma representação geométrica em vermelho despertou sua atenção. Ela já havia visto aquilo em algum lugar. Lembrou-se então de um livro que um de seus colegas de escola lhe mostrara. O livro era sobre um pequeno menino órfão que, treinado em uma escola de bruxaria, na Inglaterra, vem a tornar-se um poderoso bruxo. A história vendera milhões de exemplares em todo o mundo, deixando milionário seu autor e, perplexos e maravilhados pais e professores em todos os continentes ao verem seus filhos e alunos devorando centenas de páginas de uma maneira nunca antes vista.

Um guarda! — murmurou. Ao perceber a menos de cem metros dali um homem uniformizado, a esperança então voltou para Jaina. Só poderia ser um policial — pensou — embora seu uniforme fosse diferente daqueles usados pelos guardas em Moscou.

Uma grande avenida, agora, separava-a do que seria sua salvação, o sinal estava fechado. Jaina olhou para trás mais uma vez, não havia mais tempo; então tomada de uma repentina coragem, correu em ziguezague em meio ao mar de automóveis que voavam em todas as direções. Seus perseguidores pararam ao chegar à beira da avenida. Só mais um pouco

— pensou. Então subitamente levantou os olhos contemplando o colosso à sua frente.

Não! A voz lhe saiu sonora e vibrante de sua boca — o Coliseu!

Trouxeram-me para Roma — disse, agora a si mesma, reconhecendo a cidade que antes só conhecia pelos livros de geografia. Essa perplexidade 16

fez sua atenção se dissipar, o que bastou para que, em segundos, um Alfa Romeu em alta velocidade, lhe tirasse os seus pés do chão. O mundo então girou na cabeça de Jaina Kornikova, e o Coliseu, ali tão perto, pareceu dar uma volta completa no ar.

Paolo Ferri, o jovem tenente da polícia de Roma, que assistira aquela menina tentar, desesperadamente, atravessar a avenida, correu em sua direção, com os braços levantados estancando de imediato o trânsito. Em seguida, ao percebê-la com as pernas fraturadas, mas ainda com vida, pegou-a no colo.

Jaina Kornikova não sentia suas pernas e, tudo ainda girava em seu redor. Em um lampejo, viu que estava para mergulhar na inconsciência; então em franco desespero tentou alertar seu salvador: Absalão... Absalão... As palavras saíam fracas e quase inaudíveis, então tudo escureceu.

CAPÍTULO 2 – WASHINGTON

Os rapazes de Georgetown não conseguiam disfarçar o encantamento com que eram tomados quando aquela loirinha de fartos cabelos encaracolados percorria os corredores da universidade. Mergulhada em seus pensamentos, seu trajeto era invariavelmente o mesmo: do ônibus na portaria para o centro acadêmico e, deste para a biblioteca. Quando, porém, algum deles, tomado de súbita coragem a abordava, fi cava sabendo que ela cursava teologia. Agora se realmente tivesse estrutura para sustentar o diálogo, ao ser examinado por aqueles percucientes olhos azuis, e condições de continuar raciocinando quando ela abrisse aquele maravilhoso sorriso, o candidato logo teria seu ânimo abatido, e seu espírito fi cava completamente desolado, ao imaginar-se em pleno centro da África ensinando a Bíblia para uma multidão de subnutridos.

Mellina Becker queria ser missionária.

O professor alto e grisalho que estava à frente na sala de aula esperava uma resposta: alguns fi ngiam consultar os livros, outros, encaravam o mestre na esperança de um veredicto.

— Bem, professor — começou a loirinha — pelo que me parece, o recente acontecimento na cidade espanhola de Jaen, em que o Padre Rodrigo Hidalgo, vigário da paróquia local foi processado por ter recusado a comunhão a um líder do movimento *gay*, após saber do casamento deste com um parceiro do mesmo sexo, responde sua pergunta.

— Como assim, Mellina? — perguntou, virando-se para trás, o rapaz magro de óculos espessos, sentado à sua frente. Que relação pode haver entre o impedimento do casamento de um *gay* e a pergunta do professor sobre o impacto da Revolução Francesa sobre o Cristianismo.

— Continue Mellina! — disse o professor — me parece interessante a sua tese.

— Como todos nós sabemos, a Revolução Francesa muito mais do que a grande explosão de “liberdade, igualdade e fraternidade” foi, em sua expressão maior, o triunfo da maçonaria perante o Catolicismo, a maioria das pessoas não percebe que ela foi o fruto de uma guerra oculta dos maçons contra o Vaticano, sendo que este foi paulatinamente perdendo terreno, prova disso é a encíclica do Papa Leão XIII, *Humanus Genus*, que ataca furiosamente a maçonaria.

— Onde eu posso encontrar essa encíclica? — perguntou a colega do lado.

— No site do Vaticano, Pauline — respondeu o professor. Prossiga Mellina!

— Ao longo da história do Ocidente, qual foi o maior conflito que tivemos?

— A Segunda Guerra Mundial — respondeu o rapaz de óculos espessos.

— A Guerra dos Cem Anos? — arriscou a moça da primeira fila.

— O maior conflito da história foi entre a fé e a razão, ou melhor, entre a fé e as verdades circunstanciais da experiência científica — uma guerra antiga, cujo objetivo é a adesão do espírito humano. As armas da fé foram e são a certeza inabalável em Deus e nas Escrituras Sagradas. Já a força da ciência, e que é ao mesmo tempo sua maior fraqueza, encontra-se em sua mutabilidade ou capacidade de alterar-se em conformidade com novos conhecimentos

agregados. A fé está baseada na convicção de uma verdade suprema enquanto a ciência tem seu alicerce nas verdades provisórias da demonstração.

18

Pois bem, o que nós temos visto hoje é que a fé em Deus e nas Escrituras tem diminuído em razão do temor que as pessoas têm em ser ridicularizadas ao contraporem seus argumentos de fé perante as transi-tórias “verdades científicas”. Para nós, cristãos, o final da ciência aponta na mesma direção já previamente indicada pela fé e, se assim não o faz, é porque está baseada em uma verdade provisória, ou seja uma não-verdade, já que é passível de alteração.

— Eu não estou entendendo onde você quer chegar! — retrucou um colega.

— Vamos unir os pontos então — continuou Mellina — eu já citei a guerra entre a maçonaria e a Igreja. E o ódio mortal entre elas. A Igreja munuiu-se da fé e dos dogmas, mas e o que fez a maçonaria? Cercou-se de homens de bem, atraiu empresários, cientistas e burgueses, fortaleceu-se instigando-lhes a duvidar das verdades da fé sob o argumento de que deveriam subordiná-la às verdades científicas, que como já vimos, podem acarretar terríveis prejuízos, já que são baseadas em conhecimentos transitórios. Imaginemos, pois, que alguns dos integrantes dos círculos mais esotéricos dentro da maçonaria tivessem a intenção de destruir o cristianismo. Digo círculos esotéricos, porque a condução desse plano maquiavélico, para dar certo, teria que ser do conhecimento de poucos, ocultando-o mesmo do conhecimento dos dirigentes da maçonaria. É nesse sentido que se insere o episódio da Espanha com o Padre Rodrigo Hidalgo. Sob o argumento de modernidade (projeto de arquitetura eminentemente maçônica), está sendo legitimada, e até mesmo legalizada, a aceitação de práticas hostis aos ensinamentos do cristianismo, prejudicando-se assim os milenares dogmas morais da Igreja, ou seja, o Estado está sendo conduzido de forma tal a entrar em colisão com os preceitos fundamentais da fé cristã. Ou a Igreja renuncia a seus dogmas e preceitos fundamentais, ou no futuro, passará a ser perseguida.

— Seria um plano brilhante, Mellina. Observou o professor. Com a destruição dos fundamentos morais, seria fácil destruir a própria Igreja! Porém, haveria um problema: a população não aceitaria isso pacificamente!

CAPÍTULO 3

— Como está a menina, doutor? — perguntou Paolo Ferri.

O dr. Rafael Biaco franziu a testa, demonstrando preocupação:

— Ela entrou em coma, seu organismo está muito fraco, as próximas vinte e quatro horas serão decisivas para a sua sobrevivência.

O Capitão Lucas Scaliari olhou mais uma vez as fotos divulgadas pela Interpol; não havia dúvidas, era ela mesma, Jaina Kornikova, uma menina de onze anos, seqüestrada havia menos de duas semanas na cidade de Moscou.

— O que o senhor acha disso? — perguntou o jovem tenente mostrando-lhe a gargantilha de ferro que os médicos tiveram que serrar para retirar do frágil pescoço da menina.

O experiente oficial voltou-se então para olhar o estranho objeto: *Céus! O que vem a ser isso?* Seu interior moveu-se em angústia ao contemplar aquele terrível colar enegrecido:

— Quem teria coragem de colocar isso em uma criança? E estes símbolos e inscrições, Paolo, o que significam?

— As palavras são totalmente desconhecidas, mas olhe esse pequeno símbolo aqui, não é o símbolo da Paz? O que o símbolo da paz estaria fazendo em um colar de ferro feito para aprisionar uma criança?

— Eu não tenho resposta, Paolo, e sim muitas perguntas. Porém, conheço alguém que poderá nos ajudar — disse Scaliari — enquanto voltava os olhos para a menina, cercada por aparelhos e mergulhada em um sono que poderia ser eterno.

CAPÍTULO 4

O Sargento Douglas Braun acariciou suavemente sua *Colt 45*, pois sentia-se seguro com ela. Desde pequeno estava familiarizado com armas, tendo aos

dezoito anos comprado seu primeiro rifl e automático. Foi gra-

ças a essa familiaridade e a um aguçado senso de avaliação do perigo que 20

fora condecorado com a medalha de bravura. Durante a Guerra do Ira-que, comandado por um jovem e inexperiente tenente seu pelotão estava desalojando forças iraquianas que resistiam em um prédio no centro de Bagdá. A atenção de todos concentrava-se no fogo que vinha do edifí-

cio. Desobedecendo ao tenente, Douglas Braun posicionara-se um pouco mais atrás, em alguns escombros de maneira a ter uma visão completa da retaguarda. Graças a isso pôde ver, ao contrário dos outros, quando um veículo civil — uma *Pajero*, em alta velocidade — entrava na área de conflito avançando pela retaguarda. Subitamente parou a uns trinta metros do pelotão, completamente concentrado na fuzilaria contra um edifício. Foi então que um tubo lança-foguetes foi projetado para fora da caminhonete que estava com os vidros baixados. Douglas Braun não pensou, apontou sua M-16 para o projétil prestes a ser lançado. Numa seqüência de rajadas as balas cortaram o ar em um traçado de fogo, atingindo a outra extremidade: a explosão fez com que os fragmentos da *Pajero* voassem em todas as direções, chegando perto do jovem tenente que, aterrorizado, virara-se ao ouvir o barulho ensurdecedor.

Douglas Braun olhou mais uma vez para o veículo à sua frente, possivelmente blindado — pensou — mas onde estariam os seguranças? O

cadillac estacionou próximo à entrada do *shopping*.

— Aguarde um instante, Roger, eu já volto — disse o Senador ao motorista.

O sargento estacionou alguns metros atrás, desceu, e por um momento retirou os óculos escuros olhando em todas as direções. Seus olhos, porém, voltaram-se para a cobertura do prédio em frente com uma visão perfeita da entrada do *shopping*. Daria — pensou — uma perfeita emboscada. O homem que estava seguindo, o Senador Antonin Hoppings, todas as quintas-feiras visitava sua fi lha que administrava o *shopping* de sua propriedade. Suas idéias no Senado contrariavam a muitos interesses — seria difícil descobrir quem tentaria assassiná-lo.

Conhecendo os hábitos do Senador, uma equipe de cinegrafistas da CBS estava à porta quando o político chegou.

— Senador Hoppings, por favor, o controle de armas...

— Depois, depois, agora preciso ver minha filha — disse o enérgico político, passando rapidamente pelo pórtico de mármore e vidro.

21

O sargento de *jeans* e casaco de couro de búfalo entrou logo atrás, passou a mão no rosto... Ótimo, sua barba estava crescida, assim seria melhor, aumentavam as dificuldades para seu reconhecimento. O Senador subiu em um elevador privativo. Douglas viu quando ele parou no terceiro pavimento. Tinha que esperar, não podia fazer nada, seria realmente muito arriscado qualquer tentativa de ataque em um recinto fechado — pensou, dando de ombros. Não podia realmente fazer nada; virou-se e dirigiu-se à praça de alimentação em frente. Porém, sempre mantendo sua atenção ao elevador, sabia que aquela era a única saída. Pediu uma *coca-cola* e esperou observando os tranqüilos frequentadores: uma rechonchuda criança de cabelos encaracolados que brincava na mesa mais próxima, enquanto sua jovem e despreocupada mãe ria e gesticulava animadamente ao celular.

O típico americano, feliz e desatento aos perigos que o espreitam. Levantou-se e foi ao encontro da criança. A mãe continuava ao celular com os olhos voltados em direção a uma vitrine de roupas extravagantes. Os lindos olhinhos azuis fixaram-se nele com uma expressão de curiosidade.

Todos que passassem por ali naquele momento veriam um jovem casal com sua adorável criança. Ele abaixou-se, e os olhinhos atentos seguiram seus movimentos. Em seguida a mãozinha estendeu-se para ele e, ao mesmo tempo, um espontâneo sorriso embelezado ainda mais por seus dentes incompletos aflorou em seu rostinho de menina, ao pegar de volta o brinquedo que deixara cair.

O sinal do elevador soou. O sargento virou a cabeça e viu o Senador caminhando em direção à saída. Com agilidade atlética, levantou-se e com mais três movimentos estava a dois metros do Senador.

Os repórteres, porém, estavam lá.

— Senador Hoppings, por favor, a sua posição sobre o controle de armas automáticas.

— Senhores, o que tem a minha posição sobre o controle de armas automáticas?

— Ela é contrária aos interesses da população!

— Mas, baseado em que — sua voz saía irritada — você alega que ela é contra os interesses da população? — Baseado na CBS?

O tráfego fluía normalmente. O Sargento Douglas prestou atenção ao *cadillac* preto que passava em baixíssima velocidade...

22

— O povo é contra as armas — insistia o repórter.

— Olha aqui — Hoppings parecia que ia saltar sobre o homem — a Constituição...

— Senador, abaixe-se! — gritou o homem com a *Colt 45* em punho, atirando-se sobre Hoppings, enquanto os projéteis vinham do *cadillac* preto que nesse instante arrancava a toda velocidade.

— Você?! — disse o Senador tentando se levantar, ao contemplar a face do homem que lhe salvara a vida, reconhecendo-o sem os óculos escuros quebrados no chão.

— Eu peguei tudo! — exclamou o cinegrafista à repórter completamente pálida.

— Está ferido! — gritou o Senador ao segurar o sargento, percebendo suas mãos ensangüentadas. — Ele está ferido!

Douglas Braun contemplou a menina de cabelos encaracolados que sorria para ele enquanto era rapidamente retirada dali no colo de sua assustada mãe

— depois disso tudo se apagou.

C A P Í T U L O 5 – O N U – N O V A Y O R K

O murmúrio incompreensível de uma verdadeira babel de línguas e dialetos, provocado por delegados representando mais de cento e vinte países cessou quando o Cardeal Giuliano Colona levantou-se do lugar de honra onde estava e, chegando à plataforma, saudou os presentes:

— Meus irmãos, eu tenho um sonho! — disse Colona, no momento em que todos fi caram em silêncio com as atenções convergindo para ele.

— O meu sonho é o de que todos os homens encontrem o caminho da fraternidade e da paz!

Seu discurso foi interrompido pelas palmas que eclodiram por todo o auditório.

— A paz — continuou o Cardeal quando as palmas cessaram — é um sonho que não é só meu, nem tampouco exclusivo de vocês que estão aqui neste auditório, e que representam todas as religiões da Terra. A paz, meus irmãos, é um anseio de toda a raça humana! E, é em nome da paz 23

que eu, eleito Primeiro-Secretário Geral da União das Religiões Unidas, declaro, sob a proteção de Alá, Jeová, Shiva e todas as outras evocações para o nome de Deus, que a partir de agora uniremos nossas forças para criar um mundo sem medo, sem guerras e com um compromisso único, com a paz.

C A P Í T U L O 6 – L O N D R E S

E atenção! — entrou no ar o repórter da BBC — *O Senador norte-americano Antonin Hoppings acaba de sofrer um atentado. Veja agora as imagens do momento do triste incidente, gravadas por um cinegrafista da CBS. O Senador estava concedendo uma entrevista quando ocorreram os disparos. Hoppings saiu ileso, porém, seu segurança foi baleado. Até agora as autoridades não têm suspeitas de quem seriam os prováveis criminosos.*

O Senador Antonin Hoppings tem se destacado como o mais feroz inimigo do

controle de armas nos Estados Unidos.

— Mais chá, Milayd?

— Um momento, Jefrey! Aumente o volume da TV, por favor!

As imagens do cinegrafi sta mostraram então o Senador irritado por causa de uma pergunta feita por uma repórter, e logo em seguida seu guarda-costas gritando e atirando-se sobre ele no momento em que se ouvia o barulho de disparos de arma de fogo.

A fisionomia da aristocrática senhora deixou transparecer as preocupações que lhe afl igiam, velhos fantasmas afl oraram em sua mente.

— Milayd, o que a preocupa? — perguntou o mordomo.

— Jefrey, você se lembra do que lhe contei sobre o episódio envolvendo meu avô?

O mordomo assentiu com a cabeça.

— Pois este atentado — continuou Lady Catherine — parece obra de nossos velhos inimigos.

— O que vamos fazer, Milayd?

— Prepare-se Jefrey, vamos para a América.

24

C A P Í T U L O 7

O automóvel Fiat da polícia italiana entrou silenciosamente no estacionamento interno da Universidade de Roma. Paolo e o Capitão Scaliari, observados pelos curiosos estudantes, desceram e caminharam até o prédio do departamento de História.

— Capitão, o senhor pretende resolver este caso com o auxílio de um historiador?

— Paolo, você ainda tem muito que aprender. Não podemos resolver tudo apenas empunhando um revólver. Aliás, deixaremos as armas para o momento apropriado e, tenha certeza, esse momento virá! Por enquanto temos que descobrir quem está por trás disso, e para isso temos que utilizar toda inteligência e conhecimento de que dispomos, por isso é que estamos aqui.

O jovem ficou em silêncio reconhecendo que, mais uma vez, o brilhante Lucas Scaliari, o mais condecorado policial da força italiana, tinha razão.

— Em que posso ajudá-los? — perguntou a recepcionista, demonstrando uma certa preocupação pela visita de dois oficiais da polícia italiana.

— Nada que possa preocupá-la, minha jovem — respondeu sorridente o Capitão. Estamos aqui para encontrar o professor Francesco, catedrático da cadeira de História Antiga e Medieval.

A recepcionista tranqüilizou-se com a cordialidade do oficial de pequena estatura, cuja testa proeminente demonstrava os primeiros sinais de calvície. Seus olhos, porém, detiveram-se no jovem que o acompanhava.

— Venham comigo então! Vou levá-los ao gabinete do professor Francesco.

Quando a porta se abriu a surpresa do velho, perplexo com o uniforme, logo cedeu lugar à alegria ao reconhecer Lucas Scaliari:

— Lucas, você continua o mesmo — disse o velho abraçando-o.

— Francesco, meu irmão!

Scaliari apresentou-lhe ao pupilo.

— Este é o Tenente Paolo Ferri.

25

Francesco o cumprimentou.

— É um prazer — disse com afabilidade — estendendo a mão para o jovem

oficial — mas estou vendo que esta não é uma visita familiar.

O Capitão então retirou de uma pasta a gargantilha de ferro, entregando-a ao professor de História Medieval. Os olhos de Francesco brilharam ao ver o objeto pesado e enegrecido pelo tempo. Então, ao lembrar-se que os dois homens ali não eram historiadores, mas sim policiais, seu espírito encheu-se de tristeza.

— Onde foi que vocês encontraram a menina?

Os policiais se entreolharam. O Capitão Scaliari fitou-o com um ar grave:

— Nós não dissemos a ninguém que era uma menina, como você...

—... Uma menina de onze anos — continuou o velho examinando o pesado objeto, sem dar conta da perturbação que tomava conta de seu irmão.

Paolo Ferri tateou os bolsos procurando as algemas. Lucas Scaliari, com um gesto, fez com que o jovem esperasse.

— Como conseguiu saber desses detalhes? — perguntou com tristeza o Capitão da polícia italiana. *O seu próprio irmão!*

Subitamente, o velho catedrático levantou a cabeça, fitando os olhos em Scaliari. Ao perceber a voz do oficial que saía embargada, em um momento compreendeu tudo:

— Não, Lucas! Não é o que vocês estão pensando — disse o velho sorrindo com condescendência. Eu posso explicar...

— É exatamente por isso que estão aqui, porque eu posso explicar e ajudá-los, não é?

Os policiais se tranqüilizaram, e Lucas então falou:

— Exatamente, Francesco, viemos aqui para que você nos ajude a descobrir quem colocou este colar no pescoço de uma menina que está hospitalizada e ainda corre risco de morte.

— O que foi que você disse? A menina ainda está viva? — o ancião levantara-se de um salto.

Os policiais espantaram-se ante aquela súbita demonstração de surpresa misturada com alegria.

— Sim, ela ainda está viva, embora...

26

— Lucas — disse o professor, agarrando-o pelos ombros — esta menina corre um grande perigo... proteja-a!

— Temos um policial...

— Um policial?... Não é o bastante, duplique, triplique a guarda urgentemente!

O policial estava perplexo:

— Eu vou providenciar o reforço quando eu chegar...

— Não, agora! — disse o velho, rispidamente, entregando-lhe o telefone.

Após ter ligado para a guarda metropolitana e reforçado o número de policiais no hospital, o Capitão Scaliari desligou o telefone e voltou-se para o velho à sua frente:

— Você tem agora muitas coisas a nos explicar!

C A P Í T U L O 8

Hoppings, aquele velho teimoso, se tivesse me ouvido, tudo estaria bem. Mas, e agora? Onde ele estava, sentia-se mergulhado no vazio, seu corpo estava fraco, e o calor perpassava suas pálpebras. Abriu-as vagarosamente e no mesmo momento fechou-as, fustigadas pela luz. Lentamente experimentou reabri-las, mas a luz vigorosa envolvia e projetava um espectro — um anjo

— pensou — eu morri. A luz radiante e ofuscante projetava o que parecia ser uma cabeleira emoldurada em ouro, ao mesmo tempo que os olhos de um azul intenso, cuja beleza rivalizava com o sorriso divino, trouxera-lhe paz.

— Tio Thomas, ele acordou.

Feche as cortinas, está entrando muita luz — disse Mellina Becker sorrindo.

— Anjo!... — disse devagar o sargento.

— Onde estou?

— Você está no hospital — respondeu o ser maravilhoso.

— Como está se sentindo?

— Meu corpo está dolorido... Quem é você? — disse tomando consciência.

27

— Meu nome é Mellina Becker. Junto com meu tio Thomas, presto assistência aos enfermos no hospital.

O sargento esforçou-se para levantar. Seu corpo, porém, não lhe obedecia, a face contraiu-se de dor.

— Acalme-se — disse Mellina — segurando sua mão — você perdeu muito sangue, não pode se levantar.

— Eu me sinto muito fraco... O Senador, como está ele?

— Ele está bem. Você salvou-lhe a vida, faz pouco tempo que ele saiu daqui.

— Ele esteve aqui? — perguntou surpreso. É muito arriscado, querem matá-lo!

— Não se preocupe, ele está sendo protegido por agentes do FBI.

— Agentes do FBI... — sua voz, embora baixa, saía exprimida em angústia.

Confiar no FBI é o mesmo que ordenar que as raposas vigiem o galinheiro...
— disse no momento em que tentava mais uma vez se levantar.

— Acalme-se, rapaz — disse, aproximando-se um homem na faixa dos sessenta anos, cuja face irradiava um misto de ternura e autoridade

— acalme-se, continuou — você precisa descansar, perdeu muito sangue.

Por pouco a bala não lhe perfurou o pulmão.

— Quem é o senhor?

— Eu sou o Reverendo Thomas Becker, e como minha sobrinha lhe disse, prestamos assistência voluntária aqui neste hospital. Diga-me de onde você é para que possamos entrar em contato com sua família.

C A P Í T U L O 9

Por um momento Douglas Braun fechou os olhos, como que tentando ordenar seus pensamentos. Seus pais havia muito que tinham morrido e, seu único irmão havia mais de dez anos que não falava com ele, pois afastara-se completamente ao saber que ele fazia parte da Milícia do Colorado. A milícia, de certa forma, tinha sido sua família, e ele fora como um irmão mais velho: ensinara-os nas técnicas militares aprendidas 28

no exército dos Estados Unidos, onde ingressara quando ainda era praticamente um adolescente, de onde tivera baixa como herói, recebendo agora uma pensão vitalícia. Pensou nas garotas que havia namorado, nos rapazes que treinara e, subitamente percebeu a verdade, e a verdade é que não tinha ninguém.

— Assim que eu deixar o hospital, volto para o hotel — respondeu.

— Não, senhor — a voz do reverendo revestiu-se de gravidade.

— Você não poderá ficar sozinho. Se não tiver família, fique conosco. Na casa pastoral temos acomodações apropriadas para você.

— Eu agradeço a oferta, senhor, mas não quero lhe criar transtornos.

— Não se preocupe com isso — respondeu a jovem, esboçando-lhe um sorriso.

— Tio Thomas tem razão, você precisa de cuidados, e na casa pastoral temos estrutura para isso. Além disso você portou-se com muita bravura salvando o Senador Hoppings, e ele faz parte de nossa comunidade.

C A P Í T U L O 1 0

Os raios do sol adentraram pela janela. Douglas Braun espreguiçou-se na cama e, ao abrir os olhos, ali estava ela, em pé, com uma bandeja, um verdadeiro anjo — pensou.

— Ainda bem que acordou, eu trouxe seu café, você dormia como uma criança — disse sorrindo — eu não tive coragem de acordá-lo.

— Que horas são?

A face do sargento demonstrava o constrangimento pela situação de dependência.

— São quase dez da manhã, mas não se preocupe, sua única obrigação é restabelecer-se.

Mellina ajudou-o a recostar-se na cama entregando-lhe mais um tra-vesteiro.

— O cheiro desses pães está maravilhoso, foram feitos agora?

— perguntou o sargento numa tentativa de vencer o próprio constrangimento.

29

Mellina compreendeu e, esboçando seu maravilhoso sorriso, ajudou-o:

— Fui eu que fi z, e você é um felizardo pelo fato de o Tio Thomas ser um bom cristão, caso contrário, não sobraria nenhum para você; ele adora os meus pães!

Douglas Braun descontraíu-se e continuou a brincadeira:

— Hmm! Eles realmente são divinos — disse provando-os — e arriscou: só poderiam se feitos pelas mãos de um verdadeiro anjo.

Mellina Becker corou com o elogio e, agitada, dirigiu-se para a janela pondo-se a contemplar as pessoas lá embaixo.

— Hoje à tarde o Senador Hoppings virá aqui para vê-lo — disse sem virar a cabeça — tio Becker considera você um herói.

Douglas Braun ficou em silêncio contemplando-a em sua plenitude. O sol que refletia em seus cabelos dourando-os ainda mais, também era generoso ao realçar os contornos de seu corpo, discretamente ocultado por um vestido simples, despido de qualquer adereço. O sargento inquietou-se e após morder os lábios, sem tirar os olhos de Mellina, disparou:

— E você, também me considera um herói?

Com uma certa violência nos movimentos, ela então virou-se, sua face completamente corada, talvez pelo sol, apresentava visíveis sinais de contrariedade. O anjo da doçura havia sumido, e em seu lugar um outro ser colérico, porém igualmente belo.

— Se eu considero você um herói? Você agiu como um louco, quase perdendo a vida por um pretenso ato de bravura!

Douglas Braun engoliu em seco, surpreendido por aquela veemente repreensão.

Contemplando seus olhos espantados, Mellina continuou:

— A vida é o bem mais importante que alguém possui, e você lançou-a à sorte em um ato impensado!

O sargento, tentando se refazer do espanto e, ao mesmo tempo apaziguá-la, esboçou um tímido sorriso e perguntou:

— Mas não foi Jesus que deu a vida pelos homens? Como sobrinha de um reverendo, você devia saber disso. Teria Ele então agido de forma impensada?

30

A contrariedade ainda estava estampada nos lindos olhos azuis, e ela continuou, enquanto pegava a bandeja:

— É diferente, a morte de Cristo foi prevista por Deus desde o início, para a salvação da humanidade. Agora o teu ato foi de pura loucura — disse saindo rapidamente do quarto.

Douglas Braun ficou perplexo vendo-a sair, tentando imaginar o que ele dissera de errado.

C A P Í T U L O 1 1

O professor de História Antiga e Medieval da Universidade de Roma olhou fixamente para os dois policiais que permaneciam apreensivos.

— Uma menina de onze anos foi encontrada com vida usando esse colar? — o velho tornou a perguntar, como se aquilo fosse algo impossível de ter acontecido.

— Exatamente — respondeu o Capitão — agora o que está me inquietando é a sua surpresa, o que você sabe sobre tudo isso?

O olhar do professor pousou demoradamente sobre o colar de ferro que estava sobre a mesa.

— *Semper plus metuit animus ignotum malum!*

— O que foi que disse?

— É latim, significa o mal desconhecido é o mais assustador! O que eu quero dizer, senhores, é que eu não tenho uma resposta que possa levar

diretamente aos possíveis autores dessa barbárie. Tudo o que eu sei a respeito desse terrível colar pertence a um passado negro, não registrado pela maioria dos livros de história.

— Tudo bem, professor, estamos aqui exatamente para ouvi-lo, diga-nos que inscrições são essas.

Francesco Scaliari olhou para eles e, com tristeza, respondeu:

— Infelizmente eu não sei o significado dessas inscrições...

Paolo Ferri relaxou os músculos ao ouvir essas palavras, o desânimo apossou-se de seu espírito.

31

—... E acredito que nenhum estudioso, de nenhuma universidade existente no mundo, poderá responder sua pergunta; sou um perito em idiomas antigos, e esta escrita me parece uma variante de antigos escritos cuneiformes conjugada com ideogramas orientais.

— E quanto a esse símbolo? — perguntou o jovem tenente indicando para um desenho em relevo, semelhante a um pé-de-galinha — não é o símbolo internacional da paz? O que ele está fazendo nessa terrível coleira?

O velho professor respirou fundo, pois tinha que ser condescendente com o jovem tenente. Aliás, não só com ele, o mundo todo pensava que aquele fosse o símbolo da paz. Resolveu então ser diplomático:

— Bem, eu posso dizer que sim, já que a humanidade inteira resolveu identificá-lo como tal.

Paolo Ferri demonstrou surpresa:

— O senhor está dizendo então que este símbolo, na verdade, não é o símbolo da paz?

— Disseste bem, meu jovem, a não ser que você considere-o como símbolo da paz originada da submissão e da escravidão.

Os dois policiais entreolharam-se surpresos. O velho professor sorriu vendo o efeito que causara e então continuou:

— Este símbolo que a modernidade resolveu identificar como símbolo da paz chama-se, na verdade, Cruz de Nero.

— Cruz de Nero... O senhor está dizendo o imperador romano Nero?

— Exatamente! Esta era a marca usada por Nero para marcar seus escravos na época do Império Romano. Já na Idade Média ele tornou a aparecer, agora como signo usado na bruxaria para a invocação de demônios.

Tinha-se por costume, nessas cerimônias mágicas, oferecer a Belzebu o sacrifício de meninas virgens na idade de onze anos.

— Isso explica o porquê de o senhor ter identificado a vítima como uma menina de onze anos!

— Exatamente. Agora veja — continuou o professor — todos nós sabemos que na Idade Média milhares de homens e mulheres foram mortos pela Santa Inquisição por causa do envolvimento com a bruxaria. Houve, por parte dos historiadores e dos estudiosos, uma certa repugnância

com relação àquele período, considerando-o até como o século das trevas.

Porém, o que as pessoas não sabem é que, apesar desses lamentáveis episódios, as práticas de feitiçaria envolvendo o sacrifício de meninas para evocar espíritos malignos não eram muito raras.

— Mas como esse símbolo terrível veio a se tornar o símbolo da paz? — perguntou Paolo Ferri.

— Existe uma razão histórica para isso. Na época da guerra fria, em que o mundo estava dividido em dois pólos comandados respectivamente pelos norte-americanos e soviéticos, um filósofo ateu chamado Bertrand Russell, temendo uma nova guerra mundial, agora com potencial para destruir o mundo em razão da existência de bombas atômicas, declarava que toda a Europa deveria aceitar o domínio comunista. A partir daí nas passeatas

promovidas por ele na Inglaterra, foi adotada a Cruz de Nero como símbolo do desarmamento e rendição da Europa, aceitando a submissão ao domínio soviético. Seu lema era “melhor vermelho do que morto.”

— E quanto a esta menina russa, ela então estava para ser sacrificada em um ritual de bruxaria?

— É o que me parece.

C A P Í T U L O 1 2

— Podemos entrar, Douglas? — perguntou o reverendo — temos uma visita para você.

O sargento, que ensaiava alguns exercícios, pôs-se de pé, e dirigindo-se até a porta, abriu-a. O Reverendo Thomas estava acompanhado pelo Senador Antonin Hoppings.

— Sargento Douglas — disse o Senador apertando-lhe a mão —

agrada-me ver que o senhor está se recuperando rapidamente.

— Queiram entrar, por favor — disse-lhes indicando o confortável sofá a três metros da cama.

— Sargento Douglas — continuou o Senador encorajado pela hospitalidade — eu estou aqui para agradecer-lhe por ter salvado minha vida, 33

bem como para pedir desculpas por não ter dado ouvidos às recomendações que o senhor tão enfaticamente havia sugerido.

O sargento lembrou-se então do episódio ocorrido três meses atrás, no gabinete do Senador no Congresso. No episódio ele fora “gentilmente convidado a se retirar” ao insistir que o Senador Hoppings montasse um esquema de segurança sob o argumento de que sua vida corria perigo.

Um sorriso apaziguador brotou na face de Douglas, fazendo com que o Senador se sentisse à vontade. O Reverendo Thomas contemplava-o na

tentativa de captar algum resquício de ressentimento, porém nada encontrou, um homem muito bom — pensou.

— Senador Hoppings — disse o sargento — embora eu não tenha sido ouvido quando tentei lhe abrir os olhos para o grande risco que estava correndo ao descuidar-se de sua segurança, a Providência permitiu que desse atentado o senhor saísse ileso. Agora eu sei que acredita em mim e se conduzirá com mais cautela, e isso me deixa mais tranquilo.

O Senador estava satisfeito. Douglas Braun, havia se mostrado cordial e sem nenhuma ponta de ressentimento, Hoppings fez então a sua proposta:

— Meu jovem, você se portou com heroísmo e um grande senso de patriotismo arriscando a vida pelas idéias em que acredita. Eu quero contratá-lo para que você se encarregue de minha segurança pessoal; é claro que primeiro você deve se restabelecer, e para isso — disse agora olhando para o reverendo — ninguém melhor que o Reverendo Thomas e sua sobrinha Mellina.

— Thomas, todos os gastos necessários para a recuperação desse jovem devem ser encaminhados a mim, está entendido?

O Reverendo Thomas fez um gesto com a mão como que a dizer: deixa isso pra lá!

— Não — insistiu Hoppings — eu faço questão de pagar todas as despesas, quero esse homem completamente restabelecido para formar minha equipe de segurança.

34

Douglas Braun sentia-se mais forte, fazia pequenos exercícios, bem como já descia para fazer as refeições à mesa junto ao reverendo e sua sobrinha.

— Hmm! Eu não sei o que será de minha vida quando sair daqui

— disse ao saborear um dos pães de Mellina.

O reverendo olhou-o como que a interrogá-lo. O sargento então continuou —

acho que eu não saberia viver sem essas delícias.

— O senhor é um homem de sorte, Reverendo Becker. Além de encantadora, sua sobrinha cozinha maravilhosamente bem.

— Você tem razão em dizer isso, Douglas — concordou orgulhoso o reverendo — Mellina é uma moça adorável; é, para mim, uma verdadeira filha. E seus pães já venceram até concurso de culinária, não é, Mellina?

— Ora tio!...

As faces da jovem estavam coradas e seus olhos se recusavam a encontrar-se com os do sargento...

— Dessa forma, Douglas irá pensar que o senhor me criou para as lides domésticas.

— Desculpe, minha filha — disse sorrindo — mas como o nosso convidado já percebeu, poucas mulheres podem se igualar a você nesse quesito. Mas façamos justiça à minha jovem sobrinha, Douglas. Além de ser a mais bonita, ela é uma das moças mais inteligentes da Universidade de Georgetown.

— Tio! — Mellina Becker havia corado completamente.

Não sendo possível deixar de perceber o visível embaraço da jovem, Douglas Braun achou que estava em dívida com ela.

— Qual é o seu curso na universidade, Mellina?

Surpresa pelo auxílio que saía de onde ela menos esperava, a jovem ergueu os olhos para ele e sorriu timidamente, enquanto sentia a temperatura de sua face voltar lentamente ao normal:

— Eu estou para me formar em Teologia.

— Teologia?! — Douglas Braun não escondeu a surpresa.

— Sim, Teologia, reafirmou com convicção, diante do vacilo do sargento.

— Ela quer ser missionária na África! — manifestou-se com orgulho o reverendo, numa tentativa de se redimir perante os olhos da jovem.

35

Douglas Braun foi tomado subitamente por seu instinto protetor:

— Uma jovem como missionária na África? Isto é muito perigoso!

Aos olhos da jovem o aliado recém-conquistado, em questão de minutos tornou-se um inimigo, e Mellina explodiu:

— Muito perigoso?! Porque sou mulher você acha muito perigoso?

A doçura cedeu lugar à indignação de uma fera que teve seu espaço violado.

— E o seu ato de jogar-se sobre o Senador, o que foi? Heroísmo ou loucura?

Douglas Braun não ousou pronunciar qualquer palavra, contentando-se a olhar para o reverendo, que franziu a testa em sinal de reconhecimento à demasiada independência de sua sobrinha.

C A P Í T U L O 1 3

Em silêncio, Lucas Scaliari contemplava pelas janelas do gabinete do professor Francesco dezenas de estudantes universitários que passavam lá embaixo. “As letras e a ciência se multiplicam de uma forma vertiginosa em nosso século, e um louco tentando praticar um repugnante sacrifício medieval!”

— As coisas não se encaixam! — disse voltando do mergulho em seus próprios pensamentos.

— Como disse, Capitão? — perguntou Paolo Ferri.

— Eu disse que há um problema aqui. Este seqüestro envolve muito mais coisas do que imaginamos. Se olharmos ao nosso redor, o que veremos? A ciência se multiplicando, a civilização avançando rapidamente em todas as áreas do conhecimento. Não obstante isso, temos o caso desta menina, que

estava prestes a ser sacrificada em uma cerimônia satânica.

Isso me parece um absurdo em plena modernidade!

— Capitão, isso deve ser o ato de um louco desajustado!

— Não, Paolo, isto foi o que eu inicialmente pensei, mas infelizmente as coisas não são tão simples assim, veja: primeiro, uma menina russa é seqüestrada em seu país e trazida para a Itália. Se fôssemos nos deter 36

somente a esse detalhe, só aqui já haveria problemas significativos para serem contornados por um simples indivíduo: conseguir um veículo para o seqüestro, escondê-la na Rússia, fazer o transporte até a Itália e mantê-la oculta por duas semanas. A tudo isso soma-se uma série de conhecimentos que seriam impossíveis para uma só pessoa, veja — disse apontando para o colar — além de conhecimentos de metalurgia para fazer esta peça, somaríamos incríveis conhecimentos de história e simbologia antiga, sem falar nessas inscrições que, como disse Francesco, aproximam-se da escrita cuneiforme da extinta civilização suméria.

— O senhor está querendo dizer...

— Nós estamos procurando, não um louco, mas uma organização.

Paolo estava surpreso:

— Uma organização?... uma organização criminosa, então!...

— Sim, uma incrível organização criminosa, com poder bastante para seqüestrar uma menina russa e trazê-la até a Itália, e com conhecimentos secretos, que ultrapassam os saberes de nossos melhores cientistas e historiadores.

— Mas isso é terrível, Capitão, e qual seria seu objetivo final? Por que sacrificar uma criança?

— Eu ainda não sei, Paolo... mas nós descobriremos!

CAPÍTULO 14

Após o atentado o Senador Antonin Hoppings havia adotado uma conduta mais reservada deslocando-se pouco. Isto facilitava as coisas para Douglas Braun, agora no cargo de chefe de segurança, criado especialmente para ele como prova de reconhecimento do Senador. O sargento olhou atentamente para o acompanhante da senhora idosa na cadeira de rodas: um homem moreno, alto, forte na casa dos quarenta anos. Tinha olhos perspicazes e nariz aquilino. Possuía também um maxilar reforçado, o que lhe dava a imagem de um boxeador, um misto de enfermeiro e guarda-costas, pensou. Hoppings havia lhe informado sobre essa visita, segundo o Senador uma senhora muito importante.

37

— Lady Catherine, eu presumo? — disse enquanto discretamente examinava o detector de metais na passagem do enfermeiro que empurra-va a cadeira de rodas.

— Ótimo, nenhuma arma!

Olhou então para o relógio: ela estava quinze minutos adianta-da. Naquele momento o Senador estava com o Reverendo Thomas e sua sobrinha Mellina, que haviam sido convidados por Hoppings para ouvir-lhes sua opinião sobre a política liberal da Casa Branca para a China, um país que desrespeitava os direitos humanos. No dizer do próprio Hoppings, era uma espécie de consulta às bases, pois tanto o Reverendo Thomas quanto Mellina eram não só amigos do Senador, como de certa forma suas opiniões indicavam o que pensava o seu eleitorado.

— Sim, meu jovem, eu tenho uma reunião com o Senador, peço desculpas por ter chegado um pouco cedo, mas é que, apesar de minha idade, ainda tenho um espírito inquieto.

Douglas Braun simpatizou-se com ela:

— Queira aguardar um momento, senhora, vou comunicar ao Senador a sua chegada.

Um minuto depois o sargento retornou:

— O Senador Hoppings irá receber a senhora, queira seguir-me, por favor!

A sala era fi namente decorada, embora aos olhos de Lady Catherine, deixasse a desejar, se comparada à de sua magnífi ca mansão, construída por seus altivos ancestrais. A velha senhora, porém, não se importou; con-centrou todas as suas reservas mentais para sua importante missão: fazer com que aquele importante membro do Senado americano se convencesse dos perigosos fatos que ela iria expor.

Hoppings, assim como Thomas Becker e sua sobrinha, estava em pé quando Lady Catherine entrou. Seus olhos surpresos fi xaram-se no reverendo e em Mellina. Hoppings compreendeu e, adiantando-se para ela, estendeu-lhe a mão:

— Lady Catherine, é uma honra receber em minha casa tão distinta senhora. Permita-me que lhe apresente o meu amigo Thomas Becker e sua sobrinha Mellina, pessoas de minha absoluta confi ança — frisou.

38

— Senador Hoppings — disse Lady Catherine — sou grata por sua hospitalidade, e como uma mulher idosa e inteiramente envolvida com os compromissos assumidos pela Fundação Raidech, criada por meu avô, para a promoção de pesquisas arqueológicas, vou direto ao assunto.

Sorrindo, o Senador deu prova de que estava de acordo, ela era como ele, rápida e objetiva, pensou. A velha senhora, então continuou:

— Eu sempre me mantive distante de questões políticas e econômicas. Porém, acontecimentos recentes dentre os quais o atentado sofrido pelo senhor, vieram a se encaixar a outros ocorridos com minha famí-

lia. Assim, se mostram bem nítidas as primeiras imagens de um terrível e gigantesco quebra-cabeças, cujo mistério eu, com a sua ajuda, pretendo desvendar.

Os olhos de todos estavam sobre Lady Catherine, que continuou:

— Os senhores devem estar se perguntando: o que de tão importante tem a nos dizer uma senhora idosa que nunca se envolveu em questões políticas e que deixa seu país para vir aos Estados Unidos fazer revelações misteriosas? Pois bem, para responder a essa pergunta eu peço aos presentes que ouçam minha história com paciência:

Tudo começou com meu avô, Albert, o homem que descobriu a tumba do faraó Amenófis IV. Segundo relatos de meu pai, o meu avô era um homem descontraído e até mesmo de certa forma, ingênuo no trato com as pessoas. Isso, porém antes da descoberta do túmulo de Amenófis IV, que se deu poucos meses antes de meu nascimento. Porém, as imagens que eu tenho dele em minha infância são as de um homem profundamente preocupado com sua segurança e a de sua família. Tanto era assim, que nós não tínhamos permissão para sair sem que, junto não estivesse uma equipe de seguranças vigiando-nos constantemente. A impressão que tínhamos era a de que meu avô fosse o guardião de algum tesouro muito precioso, e que os ladrões estavam sempre à espreita para roubá-lo. Ele, porém nunca nos disse nada, nunca revelou as razões de tantos cuidados. Após a morte de meu avô, meu pai cometeu um terrível engano: pensando tratar-se de excentricidades de um velho milionário, dispensou todas as medidas de segurança implementadas por meu avô. Numa noite quando chegava em casa, foi seqüestrado por alguns homens encapuzados que deixaram um bilhete em seu carro, dizendo que se em três dias eles não encontrassem

um tal Livro de Ouro de Lagahs junto à Igreja de Saint Germain, meu pai seria morto. Desesperados, reviramos então todos os quase trinta mil volumes da biblioteca de meu avô na esperança de encontrar algum livro de ouro. Em seguida todas as dependências da mansão foram revistadas, e para nossa angústia o tal Livro de Ouro de Lagahs não estava lá. Três dias depois o corpo de meu pai foi encontrado pelo jardineiro nos fundos da mansão.

Os olhos da senhora estavam em lágrimas. Mellina tinha o coração apertado com aquela demonstração de tristeza não apagada pelo tempo.

— Depois disso — Catherine continuou — reativamos todos os procedimentos de segurança implementados por meu avô. Eu mesma só saio acompanhada por Jeffrey, que faz minha segurança. Porém depois disso jamais fomos molestados; quem quer que tenha matado meu pai passou a

acreditar que meu avô tinha destruído o livro. E isto era o que nós tínhamos pensado, até que...

— Até que?... — perguntou o Senador.

A angústia estava estampada em seu rosto, ante a expectativa das revelações que se seguiriam.

— Há uns dez anos — continuou Lady Catherine — fomos procurados por membros da sociedade bíblica inglesa, interessados em adquirir uma das obras raras que constavam da biblioteca de meu avô.

— Encontraram então o tal livro de ouro? — perguntou uma aflita Mellina Becker.

— Não — disse sorrindo Lady Catherine, ante a expectativa da jovem — a sociedade bíblica estava interessada em adquirir a maior relíquia da biblioteca: a oitava Bíblia impressa por Gutenberg.

— A Bíblia de Gutenberg! — exclamou curioso o reverendo — eu não sabia que o sábio alemão havia impresso mais de uma.

— Sim, foram impressas duzentas, e uma delas pertencia a meu avô.

Pois bem, examinando-a, um dos peritos encontrou uma carta de meu ancestral.

Todos estavam com a respiração suspensa. Lady Catherine olhou para Jeffrey, que tirou do bolso interno do casaco uma carta e entregou ao Senador. Então Catherine continuou:

— Esta é a carta que meu avô endereçou a meu pai.

Antonin Hoppings abriu o envelope e leu em voz alta: 40

Ao meu querido filho,

Coloquei esta carta propositalmente dentro do livro mais raro de minha biblioteca por ser esta a obra mais valiosa. Você, ao vendê-la, consultará um

perito, de tal forma que esta carta será encontrada, ao contrário dos demais volumes que serão, conforme acredito, vendidos em lotes.

Eu sei, meu fi lho, que muito lhe entristeci, restringindo-lhe a liberdade, bem como de resto a de toda nossa família; eu sei que você achou muito estranho meu comportamento logo após a descoberta do túmulo de Amenófis IV. Agüentei com firmeza sua revolta e escondi de você meu segredo, porque este me pareceu a melhor maneira de proteger a nossa família, bem como o segredo que agora lhe revelo.

Já não estarei contigo quando leres esta carta, portanto medite com paciência naquilo que vou te revelar. Não te conduzas somente com a sabedoria humana, mas com a sabedoria de um verdadeiro espírito cristão. Se procederes assim, teu espírito será iluminado e tu tornar-se-á o guardião de um dos maiores mistérios da humanidade: O Livro de Ouro de Lagahs; se, porém, você não fizer assim e proceder com a cobiça, você não o encontrará, e o livro, assim como seus terríveis e maravilhosos segredos, se perderá para sempre.

Meu fi lho, tudo começou quando eu descobri junto ao acervo reservado da biblioteca do Museu de Londres, um antigo pergaminho que havia escapado do incêndio da famosa Biblioteca de Alexandria. Com as pistas fornecidas pelo pergaminho, descobri a tumba perdida do Faraó Amenófis IV, e o que se mostrou ainda mais assombroso, a real existência do Livro de Ouro de Lagahs, que segundo esse mesmo pergaminho, fora um presente dado por Mefistófilis, general dos exércitos de Lúcifer, a seu fi lho Alkazan, resultado do relacionamento desse anjo caído com uma belíssima mulher.

Foi este Alkazan, um dos famosos gigantes citados na Bíblia que dominou a Terra, obrigando Deus a destruí-la com o dilúvio.

Pois bem, mais tarde, Ninrode, neto de Cão, fi lho de Noé, ao lançar os fundamentos de uma nova cidade, descobriu este livro soterrado. Seu espírito então foi iniciado nos mistérios da mesma magia que causara a destruição dos antigos povos antediluvianos. Ao fazer com que o mal ressurgisse na Terra, Ninrode acabou expulso da própria cidade indo refugiar-se no Egito. Lá, sua descendência tornou-se poderosa destronando o próprio faraó, estabelecendo uma nova dinastia. O próprio Amenófis IV era um de seus

descendentes.

41

Tendo o privilégio de examinar o livro, pude constatar um emaranhado de inscrições desconhecidas, cujo significado eu jamais pude compreender, mas que, segundo o pergaminho, representariam fabulosos mistérios de magia originária dos primórdios da própria existência de todas as coisas. Uma outra coisa que me chamou a atenção com referência a este livro foi o que nele encontrei: um mapa totalmente desconhecido. Segundo o pergaminho, este mapa revelaria a existência de um tesouro sublime, algo que seria o mais terrível e desejado tesouro já sonhado pela mente humana. Infelizmente, o pergaminho estava incompleto, não revelando a natureza desse tesouro, é bem provável que ele tivesse sua continuação em um outro rolo. Isso, porém jamais saberemos. Se um outro rolo existiu, deve ter sido perdido ao longo dos mais obscuros séculos da história. Porque, infelizmente não temos nenhuma referência sobre seu paradeiro, é possível até mesmo que ele tenha permanecido oculto no acervo secreto do Vaticano, ou, o que é pior, não tenha escapado do incêndio da famosa Biblioteca de Alexandria. No rolo a que tive acesso, consta que esse desconhecido tesouro foi buscado de forma incansável pelos maiores magos da antigüidade, se bem que, segundo esse pergaminho, o mistério deveria permanecer oculto até o fim dos tempos!

Douglas Braun interrompeu a leitura do Senador:

— Este livro de ouro continha um mapa de um tesouro que seria o mais fabuloso jamais sonhado pela mente humana? Mas que tesouro seria este?

Para descobrirmos, teríamos que encontrar o livro, argumentou Lady Catherine.

— O mais fabuloso tesouro já sonhado pela mente humana?

— Seria o tesouro de Salomão? — arriscou Jeffrey.

— Segundo um artigo que eu li, a riqueza de Salomão era superior ao PIB dos Estados Unidos.

— Não creio que esse tesouro fosse dessa natureza. Para atrair a co-biça dos maiores magos da antigüidade, conforme nos diz o avô de Lady Catherine, o tesouro deveria ser algum mistério com o poder de causar grande repercussão para a própria existência da civilização humana. Por mais impressionante que fosse a riqueza de Salomão, eu não posso imaginar como uma fortuna em ouro e jóias poderia alçar essa envergadura.

42

O Senador, quando viu que todos se aquietavam, continuou:

“... Enquanto eu meditava sobre o destino a ser dado à fabulosa descoberta, meu assistente, um jovem chamado Max Fuchon, tentou arrebatá-lo à força, colocando-me sob a mira de um revólver. Surpreendido, indaguei-lhe o motivo de sua ação, e para meu espanto ele revelou-me o inacreditável: que fazia parte de uma milenar sociedade secreta — os Filhos de Set — segundo ele, detentora de conhecimentos místicos, mantidos secretos desde os primórdios da civilização, e que esse grupo de iniciados estaria se preparando havia séculos para uma grande revelação a ser feita em um futuro próximo. Após isso, ele tentou me matar alegando que o que me havia revelado poderia ameaçar os planos dos Filhos de Set. Graças a Deus fui salvo por Tarik, um dos auxiliares da expedição que o alvejou com uma lança encontrada no local. Após saberem da morte de Max Fuchon, os demais adeptos dessa sociedade secreta passaram a seguir-me e a espreitar-me os passos, na tentativa de se apoderarem do Livro de Ouro. Em razão disso não tive condições de investigá-los e descobrir seus reais objetivos.

Limitando-me a esconder o livro e a providenciar nossa segurança.

Meu filho, quando você tiver lido esta carta, já não estarei com você, portanto medite com paciência nestas revelações e caminhe com sabedoria.

Junto a esta carta está um enigma. Decifrando-o, você achará o livro, mas eu repito, para decifrá-lo não basta que você use o intelecto, você terá que juntar à inteligência o coração; esta foi a forma que eu achei para ocultar o livro de homens malignos que dele querem se apossar para a desgraça do mundo.

O Senador Hoppings, curioso, olhou então para o enigma, era uma folha anexa com uma frase em forma de charada e dois símbolos: uma estrela e uma meia-lua:

Aquele que se preparou para curar foi curado, é o terceiro de quatro de doze, caminhou com a palavra e, seus olhos viram a luz, seu número é mil e trinta e quatro.

Aquele que olhar para o passado encontrará.

43

C A P Í T U L O 1 5

Douglas Braun estava atônito, repetindo o enigma:

— Aquele que se preparou para curar... um médico doente? — disse dando de ombros.

— Lady Catherine — perguntou o Senador — a senhora já conseguiu desvendar alguma parte desse enigma?

— Senador, como disse o jovem ao levantar a hipótese de um médico doente, tal também me ocorreu; só que investigando a árvore genealógica de minha família não encontrei nenhum médico, não que fosse doente.

O Reverendo Thomas olhou o enigma e sacudiu a cabeça manifestando que não compreendia nada do que ali estava escrito.

— Deixe-me olhar, tio — manifestou-se a loirinha: hmm!... Aquele que se preparou para curar... — caminhou com a palavra... E seus olhos viram a luz...

Palavra... substantivo... verbo, verbo... é isso!

Sua face iluminou-se:

— Senador Hoppings, providencie rapidamente uma Bíblia, por favor!

A atenção de todos tinha se voltado para ela. Douglas Braun saltou sobre a estante e depois retornou com um grosso volume:

— Está aqui — disse esperançoso.

As mãos ágeis da jovem percorreram rapidamente as páginas do Livro Sagrado, até que ela encontrou o que procurava:

— Está aqui — disse radiante — primeiro capítulo do Evangelho de São João, versículos 1 a 4:

“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens...”

44

— Meu Deus! — exclamou o reverendo — como eu não pensei nisso antes? É Jesus.

— Jesus?... como assim? — perguntou o Senador — eu não estou entendendo!

Mellina, cujos olhos brilhavam mais do que nunca, respondeu:

— “Disse Jesus, eu sou a luz do mundo, quem me segue não andaré em trevas”.

Então continuou — quem, com seus próprios olhos, viu a luz? — no caso, Jesus — e que segundo o Evangelho de João é também o verbo de Deus, no caso, a palavra. E que é o terceiro de quatro, de doze?

— Lucas! — respondeu exuberante o reverendo — Lucas é o terceiro livro dos quatro evangelhos: Mateus, Marcos e Lucas... Os doze são os doze apóstolos de Cristo!

— Lucas se preparou para curar! As Escrituras Sagradas relata-nos que Lucas era médico, observou a loirinha.

— Seu número é mil e trinta e quatro, o que é isso? — perguntou Douglas Braun.

— Não! — retrucou Mellina — na verdade é, dez, trinta e quatro, ou seja — disse exuberante: o enigma é Lucas, capítulo dez, versículo trinta e quatro. Está aqui:

“E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele.”

— Isso foi brilhante, minha jovem — disse Lady Catherine.

— Mas, e quanto à estrela, à meia-lua e à frase: *“aquele que olhar o passado encontrará”*? — perguntou o reverendo.

— A estrela é um símbolo judaico, representa o povo de Israel; já a meia-lua, como nós já vimos em muitos filmes, representa os povos árabes.

E se em vez de povos esses símbolos aqui representassem pessoas? Um, árabe; outro, judeu?

— Meu avô era judeu! — respondeu Lady Catherine.

— Perfeito! Se Lord Raidech era judeu, provavelmente ele tenha salvado algum árabe, para considerá-lo como o bom samaritano de Lucas 10:34. Ou então poderia ser o contrário!

45

— Sim, mas como identificar esse árabe? — perguntou Douglas Braun.

— Aquele que olhar para o passado encontrará — é o que diz o enigma!

— É possível que no diário de meu avô esteja a resposta; precisamos voltar para Londres, Jeffrey. Reverendo Thomas, sua sobrinha revelou-se brilhante,

gostaria que ela fosse conosco.

— Tio, eu quero ir com Lady Catherine; talvez o enigma não seja solucionado apenas com a descoberta de quem tenha recebido o auxílio de Albert Raidech e haja outras etapas.

Thomas Becker estava apreensivo, não lhe agradava expor sua adorável menina ao perigo.

— Thomas — interveio o Senador — Mellina tem razão. É possível que o enigma proposto pelo avô de Lady Catherine se desenvolva em outras etapas, e a participação de sua sobrinha mostrou-se fundamental para que começássemos a desvendá-lo. Para que a segurança dela esteja garantida, Douglas Braun, que se mostrou até aqui extremamente valoroso, irá junto para protegê-la.

Apreensivo, o reverendo olhou para Douglas Braun que, com firmeza, sustentou-lhe o olhar:

— Reverendo — disse o sargento — eu prometo ao senhor que irei proteger sua sobrinha com a minha vida, se for preciso.

C A P Í T U L O 1 6

A limusine seguia às margens do rio Potomac, em meio a uma tarde cinzenta na cidade de Washington. O solitário passageiro do banco de trás repassava mentalmente o lance decisivo que estava para jogar; seria um passo gigantesco, sentia-se orgulhoso pelo papel que o destino a ele reservara. Lembrou-se de todos os que o antecederam e do esforço e dedicação com que se lançaram a esse fabuloso projeto. Eles haviam usufruído poder e riquezas, mas a glória seria dele. E todos, absolutamente todos, se estivessem vivos, olhariam-no com indisfarçável inveja. O *notebook* aberto à 46

sua frente emitiu um sinal, e ele voltou então à realidade. Digitou o código secreto e imediatamente o portal apareceu: estava ali, ao alcance de quem quer que dispusesse de um computador interligado à rede, mas ao mesmo tempo, completamente inacessível. *Hackers*, governos, agências secretas como a CIA ou a Agência Nacional de Segurança, que se tivessem a mais

leve suspeita de sua existência, poderiam tentar bilhões de combinações para acessá-lo. Não obstante isso, ele permaneceria lá, imerso no mais profundo abismo da rede. Somente uma dúzia de iluminados detinham o conhecimento de sua existência, ou da linguagem, tão antiga quanto a própria civilização para acessá-lo. O texto apareceu na tela; era formado por palavras que não pertenciam a nenhum dos mais de três mil idiomas e dialetos existentes sobre o globo terrestre.

A mensagem foi completada.

Ele, então recostou-se suavemente no banco da limusine, pegou então o celular e discou um número que fez soar o telefone dentro de uma belíssima sala em um dos locais mais exclusivos do mundo, situado em um outro continente. A limusine aproximava-se agora do Congresso. Após ter passado suas instruções, ele agora sentia-se como se o livro já estivesse em suas mãos. O monumento a George Washington estava agora a uns quatrocentos metros de distância. Ele olhou para o topo do obelisco contemplando a pirâmide. Então, respeitosamente curvou a cabeça, pois conhecia seu verdadeiro significado.

C A P Í T U L O 1 7

O Rolls-Royce esperava-os no aeroporto; Mellina sentou-se ao lado de Lady Catherine, que sorriu ao perceber a curiosidade da jovem ao olhar a posição do volante. Douglas Braun e Jeffrey sentaram-se na frente.

— Nós, ingleses, temos manias estranhas: a mão inglesa, por exemplo, ao contrário do resto do mundo, fica do lado direito. Acho que no final são estas pequenas coisas que vão acabar impedindo a integração com o continente — sentenciou a velha.

47

— Como assim, com o continente? — perguntou Mellina — mas a Inglaterra não faz parte do continente europeu?

— Perdoe-me, minha filha, é que nós, e quando digo nós, me refiro a todos os ingleses com mais de cinquenta anos, temos uma antiga crença de que a

Europa termina ali na fronteira com a França, no Canal da Mancha.

Para nós é como se a Inglaterra fosse um universo à parte.

— A Inglaterra no fi nal acabará aceitando a integração política com o continente — respondeu a loirinha — é assim que está escrito.

— Como assim, minha jovem? — inquiriu Lady Catherine curiosa.

— É simples, a senhora deve saber que a Inglaterra fazia parte do Império Romano. Conforme algumas profecias bíblicas, importa é que no fi nal dos tempos as nações voltem às fronteiras políticas da época da Roma Imperial. Ou seja: a União Européia não é outra coisa senão o esforço do ferro em juntar-se ao barro, formando aquilo que na profecia de Daniel será o último dos impérios humanos.

— Ferro e barro?! Eu não entendi.

— Ferro e barro eram os materiais de que eram feitos os pés da estátua sonhada pelo rei babilônico Nabucodonosor, segundo o profeta Daniel ao interpretar o sonho sobre a gigantesca estátua. Ela tinha a ca-beça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre de cobre, pernas de ferro e, fi nalmente, os pés eram feitos de uma mescla de ferro e barro. Isto seria uma representação de todos os grandes impérios até os tempos fi nais, sendo o ferro e o barro uma alegoria sobre as nações dos últimos tempos.

Dessa forma a União Européia estaria nesta última categoria representando os países fortes, o ferro e; e os demais países, os fracos, seriam representados pelo barro.

— E o que aconteceu com a estátua?

— O que aconteceu?... Algo bem interessante, mas eu não vou lhe contar. Parece-me mais interessante que a senhora leia Daniel 2:34, para que tire suas próprias conclusões.

O carro parou diante de um gigantesco portão de ferro que lentamente se abriu mediante o acionamento do controle remoto ma-nuseado por Jefrey, seguindo então por mais uns duzentos metros parando junto a uma belíssima porta de mogno. Mellina Becker desceu completamente deslumbrada, pois nunca havia visto uma mansão tão grande.

— A senhora mora aqui? Deve ter um exército para mantê-la limpa!

Douglas Braun não conseguiu segurar:

— Agora está explicado porque não acharam o livro.

Lady Catherine não prestou atenção, e dirigindo-se para Mellina:

— É verdade, minha filha, esta casa enorme foi construída por meu bisavô nos tempos áureos do Império Britânico — e olhando para Douglas Braun, que já havia aberto o porta-malas do carro — deixe que os criados levem a bagagem para os seus quartos, meu jovem! Vamos entrando!

C A P Í T U L O 1 9

Lucas Scaliari e Paolo Ferri estavam em um veículo civil olhando para a frota de Mercedes e BMW e para outros de marcas menos conhecidas, mas igualmente nobres que deixavam o lugar. Antes que as portas do discreto templo da Igreja Luciferiana se fechassem, ambos saltaram do carro e entraram no pouco iluminado ambiente. Um forte cheiro de enxofre perpassou então por suas narinas; olhando mais para dentro, encontraram sua origem: em frente a um altar de colunas prateadas havia um braseiro ainda fumegante.

— A cerimônia já está encerrada, senhores — disse-lhes secamente um jovem de túnica negra.

Paolo mostrou-lhe o distintivo.

O jovem contraiu o maxilar, porém não demonstrou preocupação:

— Venham comigo!

O homem já estava retirando a túnica escarlate quando os policiais entraram.

— Luigi, já disse que aconselhamento só no período anterior à cerimônia!

— Eles são policiais, senhor!

— Policiais?... — sua face permaneceu serena, embora suas preocupações fossem traídas por sua voz.

— Sim — exclamou Lucas Scaliari — estamos aqui para lhe fazer algumas perguntas.

— Pois não, cavalheiros — disse o sacerdote da Igreja Luciferiana, apontando algumas cadeiras — queiram sentar-se, por favor.

Scaliari foi impetuoso:

— O que o senhor pode nos dizer sobre sacrifícios satânicos?

O sacerdote permaneceu imperturbável, e então esboçou um leve sorriso.

— Sacrifícios satânicos?... Os senhores vieram ao lugar certo. Aqui é onde cultuamos a Lúcifer. Haveria lugar melhor para se oferecer sacrifi-

cios ao Príncipe da Luz do que dentro da própria igreja de Satanás?

— Que espécie de sacrifício é feito e como ele é desenvolvido? —

perguntou Paolo.

— É uma pergunta inteligente, senhores! E a resposta é energia, oferecemos energia no altar de Lúcifer, energia!

— O senhor está querendo dizer vida? — disse franzindo a testa o Capitão Scaliari.

— Sim e não, respondeu enigmático o sacerdote.

Os policiais se entreolharam.

— Sim, porque oferecemos a vida.

O sacerdote agora estava irônico.

— E não, porque não a oferecemos como os senhores devem estar pensando. Não sacrificamos ninguém se é o que está me perguntando.

Oferecemos ao Príncipe da Luz nossa própria energia, oferecemos a ele nossa própria vida!

— Como assim, eu não estou entendendo. Como os senhores oferecem a própria vida no altar de Lúcifer? — perguntou o tenente.

O sacerdote adotou o tom de um professor ao ensinar um novo aluno.

50

— Em primeiro lugar, para compreender o sacrifício você deve saber quem é Lúcifer, você sabe quem ele é?

— Bem... — respondeu Paolo, lembrando-se dos ensinamentos que ouvira do padre quando ainda criança e era levado à igreja por sua mãe

— Lúcifer é o anjo caído que se rebelou contra Deus!

O sacerdote luciferiano sorriu com condescendência:

— Eu imaginava que dissesse isso: vinte séculos de cristianismo, somados aos filmes de terror americanos deram uma imagem extremamente negativa ao Príncipe da Luz!

— O senhor está querendo nos dizer que tudo o que a Igreja fala sobre Satanás é mentira?

— Lúcifer, por favor! Satanás me parece um pouco menos honroso.

Mas você está certo, o cristianismo mentiu para o mundo todo sobre a real

natureza do anjo de Luz. Lúcifer não é o mal, é o bem; não é a morte, é a vida. Veja: na Bíblia cristã está escrito no livro de Gênesis que foi ele quem incentivou Eva a provar da Árvore do Conhecimento! Se não fosse ele os homens viveriam na ignorância!

— Mas eles foram expulsos do Paraíso, não foram? — alfi netou o tenente.

— Sim, mas por um Deus cruel e invejoso que não queria que suas criaturas conhecessem o bem e o mal como ele! Lúcifer queria que os homens tivessem o conhecimento. Olhemos para a lenda grega de Prometeu, o titã que roubou o fogo dos céus e deu-o aos mortais, enfrentando a fúria de Zeus. Quem você acha que é o Prometeu da mitologia grega?

— Lúcifer?

— Sim, a grande fi gura de Lúcifer! O Príncipe da Luz, o grande iluminado. O responsável por todas as conquistas e pelo progresso humano!

— Mas a Igreja nos diz...

— A Igreja diz...

— E dá para confi ar no que a Igreja diz? Durante séculos ela vem dizendo a mesma coisa, mas para desviar os olhos dos homens da Terra, fazendo-os olhar para o céu, enquanto fi ca cada vez mais rica! Olhe para o Papa Alexandre VI: haveria um homem, com o perdão da palavra, mais diabólico do que ele? Ao Papa não era permitido ter fi lhos. Ele, no entanto, era pai de César Bórgia, cujo segundo nome já revela uma parte 51

de seu caráter. Um homem tão mau, que o próprio Maquiavel escreveu seu livro *O Príncipe*, baseado em sua vida! Olhem para todo o sangue derramado em nome do cristianismo, daria para inundar a Itália inteira!

E os cristãos colocam a culpa em Lúcifer! Jesus é o culpado do mal, não o iluminado!

— Mas Jesus pregou o bem! Os homens é que se desviaram do que Ele ensinou! — Paolo não conseguiu se conter.

— Jesus! Quem é Jesus? Um impostor que considerou a si mesmo filho de Deus! Um homem, um simples homem, mais: acima de tudo, um fraco! Sua mensagem era e é contrária à natureza humana! Qual o homem que, agredido daria sua outra face para que o agressor batesse? Ou me diga: é natural viver uma vida de renúncia diante dos fabulosos deleites e prazeres da existência? O cristianismo, senhores, é a opressão; e seus ensinamentos têm causado os maiores sofrimentos para a humanidade.

Destruir o cristianismo deveria ser a meta de todo homem de bem. Sem o cristianismo, o homem já teria chegado à iluminação!

— Como assim, de que iluminação o senhor está falando?

— A iluminação da consciência, senhores, o reconhecimento de que o próprio homem é Deus, o verdadeiro conhecimento luciferiano de que não há Deus nem Diabo!

Lucas Scaliari estava perplexo:

— O que o senhor está dizendo?! Que Deus e Lúcifer não existem, eu não estou entendendo!

— Não, Capitão, o que eu estou querendo dizer é que não há um Deus cristão criador de todas as coisas, nem tampouco um Diabo que seja a raiz de todos os males! Tanto Deus como o próprio Lúcifer outra coisa não são senão a expressão da energia do cosmos que interage com o homem. Não existe um Jesus Cristo salvador porque não existe o pecado.

Céu e inferno são criações de mentes poderosas, mas humanas, para submeter os homens levando-os à servidão e à obediência. O conhecimento luciferiano, senhores, não é a adoração, conforme o cristianismo nos fez crer durante séculos a um anjo caído, mas sim a consciência de que o bem e o mal estão em nós mesmos. E que toda a humanidade deve buscar a auto-iluminação. Eis o que diz a filosofia iluminista, que o homem, veja bem, o homem, não Deus, é a medida de todas as coisas!

— Então, se o Diabo não existe, como o senhor explica a magia negra?

— A magia negra não é, conforme vocês devem estar pensando, o resultado de feitiçarias feitas aqui na Terra e cuidadosamente elaboradas pelos demônios no fundo do inferno. Ela é apenas uma energia, é amoral como a energia elétrica, e pode ser usada para o bem ou para o mal. E é desenvolvida por homens, com uma sensibilidade especial: os magos.

— Então o conhecimento luciferiano ensina que não há o bem nem o mal porque tudo é manifestação de energia?

— Exatamente! Se os senhores olharem para as religiões do Oriente, ou para as que existiram na Europa antes do cristianismo, como a dos druidas, poderão observar que elas estavam bem próximas do verdadeiro conhecimento luciferiano, em que o homem por meio da autoconsciência pode chegar à iluminação, isto é, à estatura de Deus. Aceitar seus próprios erros e fraquezas, não mais colocando a culpa em um pretenso pecado original e aceitar ser responsável único por si mesmo no paradoxo de nossa existência, nisso consiste a doutrina da igreja luciferiana. O homem não precisa de um redentor, pois não existe pecado. O que existe é a necessidade de criarmos o paraíso na Terra. Por isso esperamos o Iluminado, veja bem, não é o Diabo, muito embora os cristãos pensem assim. A igreja luciferiana aguarda um homem evoluído após muitas reencarnações, que virá transformar o mundo e trazer a todos a paz.

— Uma espécie de Messias?

— Pode dizer assim, se quiser. Esperamos o homem que trará a luz, a paz e a concórdia para todos os habitantes; o governo do iluminado, do homem que receberá a luz do próprio Lúcifer. Ele afastará a ignorância e o preconceito, trazidos por séculos de cristianismo; acabará com a fome e as guerras. Esta é a proposta da sociedade luciferiana. Durante séculos, podemos até mesmo dizer milênios, procuramos despertar nos homens essa consciência luciferiana! Os movimentos como o Renascimento e o próprio Iluminismo estão cheios desse significado.

C A P Í T U L O 2 0

Mellina acordou com os raios do sol beijando-lhe a face. O quarto era realmente enorme, proporcional ao tamanho da casa — pensou.

Olhou pela janela: o dia estava maravilhoso, seus olhos então se perderam na imensidão da planície que circundava a mansão.

Uma batida na porta.

— Quem é?

— Milady, a senhora descerá para o café ou prefere que eu traga aqui?

Era a criada

— Um momento, eu já vou descer!

A mesa em estilo vitoriano estava a rigor. Ao centro, ladeada por dois serviçais, estava Lady Catherine, que gentilmente convidou-a a sentar-se:

— Estávamos à sua espera, criança — disse sorrindo.

Douglas Braun já estava à mesa e seus olhos se encontraram. Ela sorriu timidamente.

— Espero que seu sono tenha sido agradável — continuou.

— O senhor Douglas me confidenciou que é a primeira vez que você deixa seu país. É, portanto, meu desejo que sua estada na Inglaterra seja a mais agradável possível.

Mellina não hesitou, e como se tivesse sido colocada em uma posi-

ção delicada, perguntou:

— O que mais o sargento Douglas confidenciou à senhora a meu respeito?
— perguntou enquanto sentia um tênue calor a subir-lhe pelo corpo, enquanto agora finalmente desaparecia-lhe o suave rubor de suas faces.

Surpresa, Lady Catherine correu os olhos em direção à jovem, em seguida fi xou-os no sargento. Encontrou-o, porém, em uma adoração silenciosa. Instantaneamente compreendeu tudo. Seu sorriso então abriu-se de forma quase ruidosa, fazendo com que a loirinha se desconcertasse ainda mais, agora completamente enrubescida.

— Minha fi lha, permita-me que lhe chame assim, pois você tem idade para ser minha neta. Tenho certeza que este rapaz, o senhor Douglas, 54

por mais bravo que seja, pelo que eu ouvi de seu próprio tio, o Reverendo Becker, jamais teria coragem de confi denciar qualquer coisa negativa a seu respeito — e arrematou — dosando seu próprio sorriso que adquiriu um aspecto mais maroto.

— Mesmo porque, pelo que eu vejo, ele não conseguiria encontrar em você nenhum defeito!

O sargento, até então impassível ante as últimas palavras da velha, desconcertou-se e, com a xícara de café junto aos lábios, aspirou-o em vez de beber, esvaindo-se, em seguida, em uma tosse afogada.

Nesse momento Jefrey apareceu:

— O carro está pronto, Milady.

Mellina, desviando os olhos de Douglas, fi xou-os em Lady Catherine.

— A senhora vai sair?

— Eu não — corrigiu a velha — nós!

O Rolls-Royce foi conduzido por Jefrey pelas ruas de uma Londres suburbana até chegar diante de um velho prédio em estilo gótico. As gigantescas pedras de arenito, cortadas sem muita regularidade, atestavam ser aquela uma construção que resistira aos rigores dos séculos.

C A P Í T U L O 2 1

— Uma igreja?! — espantou-se Mellina — a senhora nos trouxe a uma

igreja?

— Sim, querida, eu vou apresentá-la a um amigo de longa data, o padre anglicano Hamilton Campbell — disse enquanto Jeffrey ajudava-a a descer.

Quando estavam para entrar na igreja, cujas portas de carvalho maci-

ço parcialmente abertas, deixavam transparecer um ambiente que parecia saído dos fi lmes sobre a Idade Média, um senhor alto e corpulento, com o rosto corado e de olhos extremamente vivazes, surgiu repentinamente por um corredor lateral.

— Padre Campbell! — disse Lady Catherine, refazendo-se do susto.

55

— O senhor quase me mata de susto ao aparecer tão sorrateiramen-te com essa agilidade! Até parece um garoto!

E apertando-lhe a mão:

— É sempre uma alegria encontrar um velho amigo de infância.

— Saiba, Catherine, que a alegria é minha, pois poucas coisas na minha idade são tão gratifi cantes quanto recordar aqueles momentos tão felizes.

E olhando com ternura para Mellina:

— E esta jovem? O que leva a juventude e a beleza a andar com pessoas como nós, que, de certa forma já pertencemos ao passado?

Mellina sorriu timidamente quando seu olhar se encontrou com os de Lady Catherine, que piscou para ela. O corpulento padre então conduziu-as para dentro da casa paroquial situada nos fundos da imensa igreja de pedra. A casa era de madeira, com um pé-direito não muito elevado, o que dava uma aparência simples e confortável. Ao entrar, Mellina pôde ver centenas de livros dispostos por todos os lados. Como a estante estava repleta não comportando mais volumes, estes eram empilhados sobre um balcão e também sobre a mesa de centro. Os olhos de Mellina fi xaram-se em dois

volumes que estavam à sua frente: *O Código da Vinci*, do escritor americano Dan Brown; e *A Nuvem sobre o Santuário*, de Carl Von Eckrtshausen.

O padre anglicano foi o primeiro a falar:

— Então, Catherine, esta é a moça de quem você me falou pelo telefone nesta manhã?

Mellina surpreendeu-se: “*então ela era o motivo da visita de Lady Catherine ao padre anglicano!*” .

A velha sorriu para Mellina e então lhe explicou:

— Antes que você e Douglas se envolvam ainda mais nisso, que para sua idade possa parecer uma estimulante aventura de caça ao tesouro, eu quero, minha fi lha, que você tenha a dimensão exata do que está acontecendo e dos perigos que podem estar por vir.

Mellina estava completamente atenta às palavras de Lady Catherine, que então continuou:

— Ontem fi quei fascinada com o que você me disse sobre os reinos de ferro e barro e também sobre a União Européia. É exatamente por isso 56

que nós estamos aqui — seu olhar então voltou-se para o Padre Campbell, que tomou a palavra:

— Mellina — o padre falava com suavidade — Catherine me falou que você é estudante de Teologia.

A jovem assentiu com a cabeça.

— Isto é bom... muito bom — continuou o padre — você demonstrou uma perfeita compreensão da profecia de Daniel sobre os tempos fi nais da História da Humanidade; e isso vai ajudar muito para que você entenda o que vamos lhe falar agora.

Lady Catherine olhava-a apreensiva, como se quisesse desvendar o que se passava na cabeça da jovem, que permanecia atenta e calada. Hamilton

Campbell respirou fundo e então continuou:

— Conforme você já sabe, quando o avô de Catherine, Sir Albert Raidech descobriu o Livro de Ouro de Lagahs, seu assistente, alegando pertencer à seita Filhos de Set, tentou apoderar-se do livro, sendo impedido na ocasião. Agora, o que você não sabe é o poder e a longa mão dessa sociedade secreta ao longo da história, bem como sua influência em nosso mundo na atualidade. O que vamos lhe contar agora é algo extremamente perturbador. Eu gostaria de perguntar se você se acha pronta para ouvir, pois são revelações terríveis e perturbadoras que envolvem os Filhos de Set agindo diretamente ou por trás dos bastidores, nos mais significativos acontecimentos da história da humanidade.

O padre parou, e olhando fixamente para Mellina disse:

— Você quer que eu continue?

A moça estava tensa, seus olhos corriam de Lady Catherine para Hamilton Campbell. Havia chegado até ali, sentia que não poderia retroceder.

— Padre Campbell, minha decisão foi tomada quando deixei os Estados Unidos com o firme propósito de ajudar a encontrar o Livro de Ouro. Não creio que nenhuma revelação, por mais forte que seja, vá me demover de meu propósito!

Um sorriso de satisfação brotou nos lábios do religioso, que então continuou:

— Pois bem, antes de lhe dizer o que eles são e qual seu verdadeiro propósito, vou lhe mostrar seus tentáculos nos mais diversos campos da atividade humana. Começemos, pois com a literatura: 57

— Olhe este livro — disse pegando um exemplar de O Código da Vinci, do escritor americano Dan Brown — o que você sabe sobre ele?

Mellina olhou o livro surpresa, embora não o houvesse lido, já ouvira muitos comentários a respeito. Seu tio Thomas Becker havia ficado furioso com o conteúdo do livro e, ela ainda lembrava das palavras dele:

— *Este livro é completamente temerário. Como pode alguém escrever tão levemente, tantas mentiras e heresias. Olhe isso, Mellina, nele o autor não só contesta a divindade de Jesus, como ainda forja um suposto casamento com Maria Madalena, e para completar, nega a inspiração divina das Escrituras Sagradas. Isso até poderia passar por delírios de um escritor, se não fosse tão perigoso.*

— *Perigoso por que, tio?*

— *Veja bem, minha fi lha, quantas pessoas você conhece que possuem um conhecimento razoável sobre a inspiração divina das Sagradas Escrituras ou mesmo sobre as verdades históricas que cercam a vida de Cristo?*

— *São poucas. Para dizer a verdade, muito poucas, tio.*

— *Aí está o perigo deste livro. Milhões de pessoas que não têm conhecimento das verdades sagradas do cristianismo estão lendo esse livro. É como se uma página em branco fosse maculada com escritos de grande torpeza.*

Mellina então olhou para o padre anglicano:

— Um livro muito perturbador para a cristandade!

— Perturbador? Este livro, escrito na forma de um romance, lança para milhões de leitores, pouco familiarizados com os dogmas fundamentais da fé cristã a idéia de que Cristo foi um homem comum, que teve um caso com Maria Madalena. Como se não bastasse isso, ele nega a virtude e a sapiência de Deus, negando a inspiração dos santos que elaboraram as Sagradas Escrituras. Olhe, Mellina, como poderiam ser escritos por homens comuns textos como os do profeta Isaías, que cerca de quatrocentos anos antes da invasão da Babilônia pelos persas, previu inclusive, o nome do conquistador – *Ciro*? Ou a profecia de Zacarias, descrita no capítulo 14:12.

Veja, Mellina, durante décadas cientistas zombaram e riram deste texto da Sagrada Escritura, alegando ser impossível que um exército inteiro pudesse

58

apodrecer estando vivo e, ainda de pé, até que surgiram as bombas atômicas

de Hiroshima e Nagasaki, calando assim os mais incrédulos ao descobrirem os nefastos efeitos da radiação nuclear. Agora, olhe para o que este autor diz na primeira frase, quando começa seus agradecimentos:

“Agradeço [...] por sua enorme dedicação a este projeto, e por entender verdadeiramente o que este livro significa.”

— Eu te pergunto o que esse livro verdadeiramente significa?

O padre fez uma pausa para que a jovem assimilasse o que ele acabara de dizer e então continuou:

— Vamos agora para a música — disse, indo até a estante onde pegou a capa de um disco de vinil.

Mellina olhou para a capa. Era do disco “*Sargent Pepper’s Lonely Club Band*”, dos Beatles.

— Conhece quem é este aqui? — perguntou o padre apontando para uma foto na capa.

Não esperando que a moça respondesse, ele continuou:

— É Aleister Crowley, o maior ocultista do século XX, o mesmo Crowley que, segundo Richard Cavendish em seu livro *History of Magic*, para alcançar o nível de mago, em uma cerimônia mágica, crucificou um sapo, batizando-o com o nome de Jesus de Nazaré. Olhemos agora para as ciências — continuou o padre.

— Segundo Elizabeth van Buren, em seu livro *Secret of Illuminati*, Pitágoras, o famoso matemático grego, foi buscar na geometria os conhecimentos de uma sociedade secreta egípcia. E as pirâmides do Egito até hoje permanecem um mistério. A forma como os arquitetos egípcios puderam elevar por mais de cento e quarenta metros de altura pedras de mais de duas toneladas e meia.

C A P Í T U L O 2 2

Mellina estava perplexa com aquela enxurrada de informações.

Sua mente ainda estava tentando compreender a ligação de tudo aquilo com os Filhos de Set.

59

O padre então, como se adivinhando a confusão na mente da moça, disse:

— Eu sei que parece confuso, e você deve estar se perguntando: o que tudo isso tem a ver com os Filhos de Set? E eu começo a esclarecer, e para isso faço uma pergunta: você sabe quem é Set?

Sem mesmo esperar resposta, ele prosseguiu:

— Set, dentro do panteão dos deuses do Egito, era o deus do mal.

Se formos transportá-lo para o cristianismo ele corresponde a Lúcifer, Satanás ou ao Diabo. Pois bem, você, como estudante de Teologia, conhece a história de Satanás. Quando de sua criação, era Lúcifer, cujo nome tra-duzido é “portador de luz”, o mais belo e magnífico ser da criação, o regente absoluto do coro celestial. Porém, este ser fulgurante encheu-se de orgulho — lembre-se do filme “*O advogado do Diabo*”, em que Al Pacino o interpreta, e diz em um dado momento: “*O meu pecado predileto é a vaidade...*”. Tomado, então, pela vaidade, olhou ao redor e viu que todas as demais criaturas lhe eram inferiores. Porém, uma coisa o perturbou: Deus, o Criador, que em seu trono reinava sobre o Universo. Brotou em seu coração um desejo de ser como Deus, de ser adorado e de reinar em seu lugar. Mas como fazer isso? Como fazer com que anjos e demais criaturas o adorassem no lugar de Deus? Lúcifer, dotado de uma inteligência além da compreensão humana, sabia que não poderia questionar o poder de Deus. Se o fizesse, seria imediatamente destruído.

Então, usando de sua grande inteligência, questionou a autoridade divina para reger o Universo, sob o argumento de que anjos e criaturas poderiam governar-se a si mesmos de forma independente de Deus. Suscitada a dúvida, levantou-se então uma questão moral. Deus não poderia destruí-lo imediatamente, pois, na mente de todos os demais seres da cria-

ção permaneceria a dúvida por toda a eternidade. Era uma questão que só o

tempo poderia responder. Deus então se calou diante de tamanho ultraje. A dúvida fora lançada sobre sua divina regência. Vendo, pois que Deus se mantinha em silêncio, Lúcifer e os demais anjos rebelados com ele tentaram se apoderar do reino celeste, sendo porém, vencidos pelo Arcanjo Miguel, cujo nome signifi ca *quem é como Deus*, que, colocando-se ao lado do Criador, comandou as legiões que se mantiveram fiéis. Houve uma guerra no céu e Lúcifer e seus anjos foram expulsos e lançados na Terra, 60

conforme pode ser visto no livro do Apocalipse 12:7-9. Estando, pois, na Terra, Lúcifer, usando de astúcia induziu o homem a participar de sua rebelião, despertando nele o desejo de ser independente de Deus. O homem, após praticar o ato de rebeldia, arrependeu-se, fazendo com que Deus ali mesmo, promettesse, no futuro, o remédio para o erro ali cometido.

— Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo

— exclamou Mellina, com satisfação, e então recitou João 3:17-18.

— Exatamente, Mellina — disse o Padre Campbell, demonstrando alegria — você tocou num ponto nevrálgico.

— Compreende agora o grande perigo para os leitores de *O Código da Vinci*, assim como também para todos os adeptos de filosofias ou religiões que vêem Jesus apenas como mais um “iluminado” e não como o filho de Deus?

— Sim, respondeu a moça, com pesar. Não crendo na divindade de Cristo, automaticamente estarão excluídos da salvação propiciada por seu sacrifício na cruz.

— Pois bem — continuou Hamilton Campbell — Lúcifer ou Satanás, como você preferir, uma vez exilado aqui na Terra, após convencer o homem a desobedecer ao Criador, automaticamente tornou-se o guia da humanidade, colocando nos corações dos homens o desejo de serem independentes do próprio Deus. Isso à primeira vista parece bastante difícil para uma criatura, mas lembre-se que ele era a obra-prima das criaturas de Deus, e o regente do coro celeste, e com ele está a terça parte dos anjos do céu. Devemos lembrar que Lúcifer ainda detém como parte de sua própria natureza os belíssimos dons concedidos pelo Criador. Até mesmo a música, a propósito, me vem à

mente um trecho da música de John Lennon: Imagine: “Imagine que não haja paraíso... Nem inferno abaixo de nós...”.

— Meu Deus! — exclamou Mellina, aterrorizada. Essa música é conhecida como o hino internacional da paz!

— Vejo que você está compreendendo agora a extensão do mal, da paz... É verdade, mas da paz sem Deus, que os homens querem conquistar por meio de seu próprio esforço, engenho e inteligência. Veja aí a velhíssima idéia de que os seres devem se governar por si mesmos sem Deus. De certa forma poderia ser o hino de Lúcifer e da terça parte dos anjos que se rebelaram. Agora não se esqueça, Mellina, que este não era o propósito 61

original de Lúcifer. O seu objetivo era e é ser adorado no lugar de Deus.

Veja isso na passagem bíblica de Mateus 4:8-9, em que Lúcifer tentou o próprio Jesus.

— O que aconteceria se um grupo de homens bem posicionados aceitasse essa oferta?

— Os Filhos de Set! — exclamou Mellina.

— Sim, Jesus negou a oferta de Lúcifer. Ele sabia que um dia tudo seria dEle, mas pelo caminho da cruz. Agora alguns homens aceitaram e tornaram-se os Filhos de Set.

A moça estava completamente perplexa com a narrativa contada pelo padre anglicano.

— Isso é terrível!

— Veja, Mellina — continuou Campbell — você poderia perguntar como alguém aceitaria a oferta de Lúcifer, pois o preço a pagar é altíssimo.

Mas olhe ao seu redor. O que vemos, a não ser homens sequiosos na busca da fama, do poder e do dinheiro? Veja quão fácil deve ter sido para essa terrível criatura, que conseguiu seduzir até mesmo os anjos que estavam diante de Deus, a conquistar a adoração e o serviço de simples mortais, obcecados por

seus tesouros ocultos. Em troca de seus serviços nesse milenar propósito, Lúcifer concedeu-lhes poder, riquezas e conhecimento.

— Isso então explica a razão porque Pitágoras aprendeu os fabulosos segredos da geometria em uma seita secreta no Egito, e também o mistério da construção das pirâmides!

— Exatamente! Agora isso não é tudo. Olhe para o nosso mundo e veja o sucesso estrondoso de dezenas de grupos de rock, alguns deles até mesmo não ocultando a origem de sua inspiração. Ou, olhe para a literatura, hoje tomada por gnomos, bruxos, feiticeiros e duendes. Com escritores que se dizem iniciados e que vendem milhões. Qual a razão disso tudo? De onde vem tamanho sucesso?

O padre fez uma pausa como que se estivesse perguntado a si mesmo, se deveria continuar.

—... E veja também a globalização...

Mellina estava medindo cada uma daquelas palavras. As revelações do Padre Campbell faziam com que a realidade se descortinasse perante seus olhos, até que ela ouviu aquela última palavra.

62

— O que foi que o senhor disse? Globalização?

Campbell continuava olhando-a, agora como um professor que examina uma brilhante aluna, como se procurasse a melhor maneira de explicar-lhe a lição. Então prosseguiu:

— O que você disse a Catherine sobre a União Européia quando chegou a Londres? Você não falou sobre a profecia de Daniel?

A jovem então lembrou-se de suas palavras no trajeto do aeroporto até a mansão.

— Sim, mas a profecia de Daniel se refere à unificação das nações para permitir o aparecimento do Anticristo. E a globalização é um fenô-

meno econômico!

Campbell agora estava sorrindo:

— Minha filha, com as conquistas da ciência e da tecnologia o mundo se modifica a cada momento. Apenas o velho querubim e os homens continuam com as mesmas paixões de glória e poder que nos acompanham desde o início dos tempos. Veja, antes uma nação dominava outra, ou mesmo o mundo em sua época, com a força e o valor de um grande exército. A Babilônia ou os impérios persa e romano, ou mesmo a França, de Napoleão Bonaparte, tinham no poderio de seus exércitos o controle dos povos em suas épocas. Mas, como eu disse, o mundo se modifica, os homens, não. A modernidade trouxe uma forma muito mais efetiva de dominação: o império do dinheiro. A moeda é a mais poderosa forma de subjugar quer seja uma pessoa ou mesmo um país. E o que é a globaliza-

ção, senão a queda de todas as fronteiras e a perda da soberania das nações diante do poderio do fluxo monetário internacional e das grandes corporações mundiais, cujo capital supera até mesmo o PIB de muitos países?

Veja, minha jovem — continuou o padre — quem você acha que controla o dinheiro no mundo de hoje? Eu lhe digo, são os mesmos que aceitaram a oferta que o próprio Cristo não aceitou!

Mellina estava perplexa, não tinha o que responder.

— Veja, minha jovem, o mundo todo caminha para tornar-se uma aldeia global, os costumes dos povos cada vez mais são diluídos e sufocados por uma cultura de massa, os jovens praticamente falam a mesma língua, pensam e agem do mesmo modo, quer seja na Europa ou no Japão. Eu lhe pergunto: como e por que isso está acontecendo?

63

— O senhor está querendo dizer que tudo isso é obra dos Filhos de Set?

— Sim, o mundo todo caminha na mesma direção. Primeiro serão os blocos

regionais, a União Européia, depois... depois o governo mundial. Todos controlados pelo antiqüíssimo senhor, o grande conspirador, a grande estrela, a grande serpente: Lúcifer!

Mellina sentia-se como o personagem Neo, do filme Matrix, quando descobrira que o mundo em que até então vivera não era real:

— Mas como?... como isso foi feito?

— Olhe para a história, Mellina, olhe para a história e você verá uma antiqüíssima conspiração: silenciosa, oculta e extremamente eficiente! Século após século, orquestrada por essa inteligência sobrenatural, que seduziu e enganou milhões na busca de seu único propósito — a adoração por todas as criaturas! E o seu instrumento desse propósito, o estabelecimento do reino universal! Veja que na antigüidade o reino de Lúcifer estava para ser estabelecido na Terra, porém, com o dilúvio universal, seus planos foram literalmente por água abaixo. Tal a maldade e a perversão dos costumes dos homens daquela época. O poderoso querubim, porém, não desanimou, e com a descoberta do Livro de Ouro de Lagahs, por Ninrode...

— Ele novamente passou a ser invocado!

— Isso! Ao refugiar-se no Egito, logo após ser perseguido em sua terra de origem, Ninrode começou a invocar esse Príncipe das Trevas. Com os conhecimentos mágicos, adquiridos pela adoração a Lúcifer, Ninrode e seus descendentes tornaram-se poderosos, criando assim a sociedade secreta dos Filhos de Set, cujo objetivo secreto era o de criar as condições para que toda a humanidade adorasse o poderoso querubim.

C A P Í T U L O 23

Na Bíblia existe um episódio muito interessante que relata o poderio dos descendentes de Ninrode. Quando Moisés, o homem escolhido por Deus para tirar o povo de Israel do Egito, se apresentou ao faraó, os magos Janes e Jambres fizeram algumas das mesmas maravilhas feitas por 64

Deus por intermédio de Moisés. Veja, porém, que a sua magia não foi suficiente para manter aprisionado o povo judeu, e Lúcifer que já tentava, na

época, estabelecer seu reino escravizando o maior número possível de vidas, foi obrigado a mudar de tática: alguns sábios de Israel foram então seduzidos pelos Filhos de Set, ou seja, os descendentes de Ninrode, para ingressarem na sociedade secreta. Estes judeus, agora iniciados nos conhecimentos secretos, criaram a Cabala Judaica fazendo com que o povo judeu, já na partida do Egito, se rebelasse contra Moisés!

— Isso explica então o bezerro de ouro!

— Exatamente! Neste episódio bíblico consta que os israelitas construíram e passaram a adorar um bezerro de ouro, enquanto Moisés, que estava no monte Sinai, recebia de Deus as tábuas da lei.

— Padre Campbell, — Mellina agora estava radiante — existe uma passagem bíblica que sempre me pareceu bastante nebulosa, porém, agora, com suas ressalvas, instantaneamente tornaram-se bem claras: é o episódio em que Jesus, na passagem de Mateus, chama os fariseus de filhos do Diabo. O Salvador sempre se mostrou bondoso e amável para com todos os pecadores, porém com os fariseus se mostrou implacável.

Campbell sorriu orgulhoso, com a percepção de sua jovem pupila.

— Vejo que você está compreendendo. Sendo o filho de Deus, Jesus sabia que os fariseus não eram pecadores comuns, mas sim, descendentes daqueles judeus que haviam sido incorporados aos Filhos de Set, ou seja os fariseus foram reconhecidos por Jesus como filhos do próprio Lúcifer.

Aí está a razão porque condenou-os publicamente!

— Sim, e por isso acabou morto por eles! — exclamou a jovem.

— Se você olhar nos livros que existem sobre sociedades secretas, ou mesmo em sites na Internet, relacionados ao assunto, verá que todas essas organizações ocultas possuem juramentos de sangue, ou seja, promessas de que os seguidores não irão revelar seus segredos sob pena de perderem a própria vida. Ao verem que Jesus estava realizando tantas maravilhas e prodígios, os fariseus pensaram que o Messias fosse adepto de uma sociedade secreta, e que por realizar milagres aos olhos de homens comuns, estivesse

traindo esse juramento de sangue.

— Então sentenciaram-no à morte pela aparente quebra do juramento!

65

— Exatamente!

— Isso quer dizer que os fariseus detinham conhecimentos para a realização de prodígios como Jesus?

— Bem, isso nunca foi demonstrado. Mas se olharmos para as Escrituras Sagradas, veremos que eles acompanhavam de perto os milagres de Jesus, com um sentimento de reprovação e até mesmo de ódio. É bem possível que, assim como os magos do Egito, que resistiram a Moisés na saída do povo judeu do Egito, os fariseus, por meio da magia secreta aprendida com os magos egípcios, pudessem fazer algumas das maravilhas operadas pelo próprio Cristo. Contudo, em razão do caráter secreto e ocultista, esse conhecimento misterioso, aprendido com o próprio Lúcifer, foi mantido somente entre eles.

— Eis a razão então de seu ódio. O conhecimento de Cristo, que eles achavam que tivesse a mesma origem que o deles próprios, no seu entendimento não deveria ser demonstrado ou mesmo aplicado em favor do povo!

Mellina estava tentando compreender a magnitude de tudo aquilo que Campbell estava lhe revelando:

— Padre Campbell, essas informações são realmente surpreendentes, mas como o senhor teve acesso a elas?

A face de Campbell foi então tomada pela tristeza.

— Minha jovem, você tem se mostrado comprometida e com muita coragem ao aceitar a causa que Catherine lhe confi ou. Embora seja doloroso para mim, você tem o direito de saber tudo o que aconteceu. Ao olhar para mim você vê um velho cansado e abatido pelo tempo, mas eu já fui jovem.

Rebelde e aventureiro em busca de emoções, um dia encontrei-me com uma jovem linda e encantadora que, como eu, amava a vida e estava sempre disposta a embarcar em uma nova aventura pelo simples prazer da descoberta: Mary Stuart. O que havia começado como algo passageiro foi tomando ares de seriedade, e a cada dia nos apaixonávamos mais. Vida e energia era o que mais me encantavam nela. Pertencente à aristocracia inglesa, um dia Mary Stuart, para minha tristeza, foi convidada por pessoas pertencentes ao círculo de relações de sua família, para ingressar em uma sociedade secreta chamada Astrum Argentum, ou, como era conhecida nos meios ocultistas, a Ordem da Estrela de Prata, fundada 66

por Aleister Crowley. Movida pela curiosidade, Mary Stuart aceitou.

Aquilo lhe parecia algo novo e excitante: ritos de iniciação, juramentos de sangue e manifestações extra-sensoriais. Segundo o que ela me revelou, eles se reuniam em uma antiga mansão nos arredores de Londres, onde, em uma sala completamente negra, faziam evocações a algumas entidades espirituais que chamavam de entes da Grande Fraternidade Branca. Esses mestres secretos falavam por intermédio de uma sacerdotisa em transe. Em uma dessas reuniões, uma dessas entidades da Grande Fraternidade Branca anunciou que aproximava-se o fim da Era Cristã, e que em breve eles estariam apresentando ao mundo o Iluminado. O homem iniciado em todos os antigos mistérios das artes ocultas. Todas as sociedades secretas ao redor do mundo receberiam orientações de como proceder para preparar o caminho do Filho da Luz, que iria revelar ao mundo todos os antigos arcanos.

— Ela presenciou esses fatos?

— Sim, Mary Stuart, apesar de meus apelos para que se afastasse dessa ordem, continuou a freqüentá-la e a me fazer revelações. Um dia ela me contou que certa noite, ao chegar lá, fora barrada por um dos assistentes de Crowley sob o argumento de que aquela seria uma reunião apenas para os mestres da ordem. Movida pela curiosidade, Mary fingiu ter ido embora, mas, contornando a mansão, entrou no recinto por uma janela deixada aberta escondendo-se atrás de uma cortina. Ela viu o que a deixou perplexa: humildemente deitado dentro de um círculo formado por velas negras e com o corpo formando um pentagrama, estava o grande e soberbo Aleister Crowley. Crowley prestava juramento a um homem de capuz e máscara

escarlate, a quem o grande mago chamava de Grande Mestre do Oriente, Filho de Set. Nesse juramento ele prometia todo o empenho no uso de seu conhecimento oculto para a causa dos Filhos de Set.

— E o que aconteceu com Mary Stuart?

— Eu insisti para que ela deixasse a ordem em razão de, num certo dia, termos a impressão de que estávamos sendo seguidos. Ela não concordou e, por causa disso afastou-se de mim. Dessa forma perdi o contato, até que um dia fui abalado com a notícia de que ela fora encontrada morta em uma das praças de Londres. Segundo revelou a autópsia, a causa da morte foi uma overdose de heroína, mas eu sei que Mary Stuart jamais faria aquilo consigo mesma, pois amava a vida e nunca teve qualquer envolvimento

com drogas. Eu tenho certeza de que ela havia sido morta por ter desvendado algum segredo vital daquela sociedade secreta. Isso me revoltou e eu jurei que não descansaria até desmascará-los, tenho dedicado minha vida a descobrir seus mistérios e segredos. Durante quarenta anos tenho investigado pacientemente seus sinais e sua influência em todos os campos da vida humana, ocultos às pessoas comuns. Eles tramam de forma oculta até o dia em que já não haja meios de a própria sociedade resistir a seus propósitos.

C A P Í T U L O 2 4

À tarde, logo após o almoço, Lady Catherine retirou-se para procurar o diário de Albert Raidech. Mellina estava na sala refletindo sobre as palavras que o Padre Campbell lhe dissera pela manhã quando Jeffrey, por sugestão de Lady Catherine, apareceu e convidou-a juntamente com Douglas Braun para darem um passeio pelos arredores da magnífica mansão. Após mostrar-lhes os magníficos jardins, levou-os ao estábulo onde permitiu-lhes um passeio.

Douglas havia escolhido um cavalo menos vistoso, deixando para Mellina o majestoso corcel negro. Agora, após terem circundado o belíssimo lago prateado, se dirigiam a galope rumo ao topo de uma colina verdejante.

Os cabelos dourados de Mellina, que cavalgava uns três metros à frente, esvoaçavam de maneira selvagem sob o efeito do mesmo vento que se opunha a seu corpo, acariciando-o por inteiro. Ao contemplá-la radiante, Douglas

segurou com um pouco mais de força as rédeas; o corcel, que até então deslizava vigoroso pela campina, traduziu de forma errônea o seu gesto.

Subitamente, relinchando, postou-se com as duas patas no ar.

Surpresa, Mellina olhou para trás, e em sua face brotou uma pequena satisfação ante a aparente dificuldade do companheiro.

— Problemas com o cavalo, sargento! — e alfi netou:

— Pensei que o seu fosse o mais dócil.

Douglas Braun foi tomado de espanto ante aquela repentina revela-

ção. O anjo mostrara as garras, e em seu sorriso o provocava. Este aspecto 68

novo ou, pelo menos até então oculto, seduziu-o levando-o a uma adoração silenciosa e muda. Então, inconscientemente, seu corpo respondeu automaticamente puxando com mais força as rédeas apertando com os pés as partes próximas à virilha. O animal respondeu de pronto ficando com as patas no ar.

— Não se trata de um problema — disse o sargento — eu estou apenas mostrando quem está no comando aqui!

— Homens! — exclamou Mellina — mostrando a face levemente contrafeita — e continuou:

— Vocês têm sempre a necessidade de mostrar força e autoridade, acho isso desnecessário. Veja, sargento, o meu cavalo eu o trato com carinho, e ele — disse sorrindo — me conduz para onde eu quiser.

— Isso é verdade, Mellina — retrucou Douglas com uma certa ironia controlada — mas só enquanto a vontade dele condizer com a sua. Se você sempre o trata com carinho e despreza a força, quando a vontade dele divergir da sua, não me pergunte qual delas prevalecerá.

Dizendo isso, fez com que seu cavalo acelerasse o galope, chegando primeiro à colina e lá, novamente, ficou na posição rampante. Vitorioso, olhou para

aquela criatura linda que agora, ligeiramente contrafeita, chegava ao topo. O sargento desceu do cavalo, enquanto contemplava o vale lá embaixo. Mellina fez o mesmo, pondo-se em silêncio ao lado dele.

— Tudo isto é maravilhoso, não? — disse Mellina.

— É simplesmente divino — pronunciou o sargento, com palavras quase inaudíveis.

O sol descia vagarosamente no horizonte fazendo com que o lago de prata, distante, beijasse o astro do céu, já agora vermelho, sinalizando os últimos momentos de seu glorioso reinado.

Os cavalos, agora, dava a impressão que tinham asas ao percorrerem o caminho de volta: voavam ao redor do lago, iluminados pelos últimos resquícios do sol que, majestoso, agora morria lentamente para dar lugar às estrelas.

69

C A P Í T U L O 2 5

— Onde vocês estavam? — inquiriu a velha senhora esboçando um maroto sorriso. Achei o diário de meu avô — disse enquanto abria-o cuidadosamente sobre a mesa.

O diário era um pequeno volume com as folhas amareladas pelo tempo, cuja capa feita de couro mostrava o desgaste natural dos anos.

Tomada pela emoção ao ver o livro, Mellina disse:

— É simplesmente maravilhoso a senhora ter descoberto o diário.

As sobrancelhas da velha ergueram-se ante tão grande manifestação de entusiasmo. A experiência dos anos fez então que seus olhos procurassem os de Douglas, um brilho suave iluminava os olhos do outrora austero jovem.

— Nada como cavalgar pelas campinas ao pôr-do-sol para a natureza poder cumprir o seu propósito — murmurou a velha.

— O que foi que a senhora disse?

— Nada, minha filha — disse sorrindo — eu estou contente com o seu entusiasmo e interesse em desvendar o enigma.

Mellina declinou-se sobre o diário examinando-o; era como se tivesse retornado ao passado, espreitando-o por uma fresta o que fora a vida de uma outra pessoa. Era o diário de um cientista, não o de uma adolescente, repleto de citações e frases amorosas. Mas para a sensibilidade da jovem, aquelas páginas amareladas e gastas revelavam o que também fora uma vida; em uma outra dimensão, diferente da sua, repleta de tentativas e descobertas, túmulos e tesouros esquecidos pelo tempo. Havia ali um elemento atemporal, encontrado onde quer que houvesse um homem comprometido com a busca de algo: havia paixão.

A jovem encontrou em uma das páginas uma narrativa que destoava das demais:

Luxor, 14 de maio de 1926

Estamos há dias escavando sob as colunas do templo, em Karnac.

Ainda não encontramos nenhum indício de que aqui seja efetivamente o local da entrada secreta para o túmulo de Amenófis IV. Um surto 70

de tifo está assolando o Egito. Dei ordens ao meu assistente Max Fuchon, para que ele retorne a Londres, levando consigo o pequeno Abdul, filho de Tarik, um dos auxiliares da expedição; os médicos do Cairo haviam dito ao pai que o menino não teria chances de sobreviver, recomendei-o então aos cuidados do Dr. Alton, no Hospital Geral de Londres.

— Lady Catherine, olhe isso aqui! — disse Mellina excitada.

— Minha jovem — a velha senhora tinha se aproximado e agora estava também ao lado de Mellina — é isto, esta criança é a chave para encontrarmos o Livro de Lagahs.

— Mas Lady Catherine, como vamos encontrá-lo, isso foi em 1926, não

sabemos mesmo se ele está vivo!

— Vamos descobrir, Mellina, vamos descobrir.

C A P Í T U L O 2 6

O hospital geral de Londres fi cava na região central da cidade.

Sofrera uma perda signifi cativa de sua estrutura em 1943 em razão de um bombardeio ocorrido na cidade, perpetrado pelos nazistas, mas agora estava ampliado e reformado.

O Rolls-Royce parou em frente à entrada principal do hospital. Tendo sua cadeira empurrada por Jeffrey, Lady Catherine e Mellina entraram e foram diretamente em direção à recepção. Olhando para a velha que vinha em sua direção, uma prestativa atendente já havia destacado um formulário de internação:

— Boa-tarde, disse — qual o seu nome para internação? A senhora tem plano de saúde?

Lady Catherine compreendeu o óbvio e sorriu para ela.

— Minha fi lha, eu não pretendo fi car por aqui, não pelo menos tão cedo.

A moça compreendeu o equívoco:

— Me desculpe, é que eu pensei...

71

— Tudo bem, é perfeitamente compreensível — disse a velha — na verdade eu busco apenas uma informação.

A moça sorriu timidamente.

— Se eu puder ajudar...

— Acredito que pode, afi nal este é um hospital inglês. Eu gostaria de saber o

endereço de um paciente...

— Desculpe, minha senhora — disse a enfermeira contrafeita e meio envergonhada por não atender ao pedido daquela simpática senhora

— mas é norma do hospital não revelar o endereço de nossos pacientes a estranhos.

— Um paciente que foi atendido aqui em 1926.

— A senhora disse 1926?

— Sim, trata-se de um amigo de meu avô, que pretendo encontrar.

— Quer encontrar vivo um amigo de seu avô? — a recepcionista deixou escapar seu pensamento em voz alta.

— Perfeitamente — respondeu Lady Catherine, com um sorriso amarelo, envergonhada pelo aparente absurdo.

— Bem, terá que falar com o diretor do hospital.

C A P Í T U L O 2 7

Quando o dr. Benjamim Hantom, diretor do hospital geral de Londres, abriu a porta, seu rosto era só sorrisos. Informado pela recepcionista de uma senhora idosa que insistia em localizar um paciente antigo, o dr.

Benjamim perguntou-lhe o nome. Quando a moça informou-lhe que era Raidech, o agora prestativo médico identificou logo que se tratava de uma das maiores fontes de doativos e contribuições ao hospital.

— Lady Catherine, é um imenso prazer receber sua visita — disse enquanto lhe estendia a mão.

— Doutor Benjamim, eu estou aqui para pedir-lhe um pequeno favor.

Sabendo de antemão a insignificância do pedido e o valor das contribuições, o médico prontamente respondeu:

— Lady Catherine, seu pedido para mim é uma ordem — disse sorrindo. — Em que posso lhe ajudar?

— Bem, eu estava consultando o diário de meu avô e fi quei sabendo que no ano de 1926, uma criança árabe foi acometida de tifo no Egito e foi trazida aqui para ser hospitalizada. Eu gostaria de localizá-la, mas para isso tenho que começar por seu endereço.

— Precisamente — disse o prestativo médico, pegando o telefone e discando para o setor de arquivos. Tapando o fone com a mão, perguntou:

— Qual o nome da pessoa?

— Abdul Al Ramim.

O médico repetiu o nome ao telefone e acrescentou o ano de 1926.

— Você tem quinze minutos.

E olhando para Lady Catherine:

— A senhora aceita um cafezinho?

C A P Í T U L O 2 8

Sorvendo o café da manhã, Douglas Braun olhou mais uma vez para a cópia da fi cha de internação na qual constava o nome de Abdul Al Ramim. O endereço informado indicando a cidade do Cairo era legível, mas a fi cha tinha mais de oitenta anos!

— Como foi que a senhora conseguiu? — perguntou curioso o sargento.

— Digamos, senhor Douglas, que os Raidech são anualmente lembrados pela direção do hospital.

— Faz quase oitenta anos — observou Mellina. — Primeiro teremos que torcer para que ele ainda esteja vivo, e depois, para que o endereço ainda seja

o mesmo!

— Isso é o que nos vamos ver, meus filhos, isso é o que vamos ver...

— Como? — perguntou Mellina.

Um sorriso maroto brotou nos lábios de Lady Catherine, que então abriu sua bolsa.

73

— Preparem-se, crianças, amanhã nós vamos para o Egito! — disse mostrando as quatro passagens aéreas reservadas na primeira classe.

C A P Í T U L O 2 9

Voltando os olhos para o céu, pela janela do 747, Mellina Becker contemplou o que parecia um imenso tapete negro cravejado de diamantes.

— As noites no Egito são dignas dos contos de Sherazad — disse Lady Catherine, ao ver o encantamento da jovem com o céu tomado de estrelas.

— Eu nunca tinha visto uma noite tão luminosa — disse Mellina voltando-se para a velha. — Até parece que aqui, no Egito, os astros estão mais próximos da Terra.

— Eu também tenho essa impressão, Mellina. Aliás, é em razão dessa aparente aproximação entre as estrelas e a Terra, que a astrologia teve um papel relevante entre os povos antigos. Foi nessa região que o estudo dos astros se desenvolveu grandemente, tanto no Egito antigo como na Babilônia. Os astrólogos, que na época confundiam-se com os próprios sacerdotes, desenvolveram estudos e mecanismos para tentar desvendar os mistérios ligados ao futuro, não só de pessoas, como também de nações.

Hoje em dia, em quase todos os jornais do mundo há um cantinho reservado a essa prática milenar. Mocinhas ingênuas, que diariamente consultam seus horóscopos, não se dão conta de que estão se rendendo a uma adora-

ção moderna a deuses muito antigos.

— Como assim, Lady Catherine? A astrologia é uma adoração moderna de deuses antigos?

— Sim, é isso mesmo, minha filha! A astrologia era uma das formas mais comuns na antigüidade de as pessoas consultarem o seu destino, ou melhor, a vontade dos deuses. Se formos ver na história, uma grande parcela dos deuses daqueles povos antigos, independentemente de suas épocas históricas, tinha as mesmas características de atributos e poderes.

Basicamente o mesmo deus era adorado em diversas nações, trocando-se 74

apenas o nome. Um exemplo clássico disso são os deuses gregos e romanos: o Zeus, dos gregos era o Júpiter dos romanos; o Hermes dos gregos, era o Mercúrio dos romanos. Pois bem. Eu lhe pergunto: qual é o nome de cada um dos planetas, usado como referência na astrologia?

— Mercúrio, Vênus, Júpiter... — a jovem estava impressionada.

— Aí está — concluiu Lady Catherine. — Quando alguém diz que é do signo de virgem com ascendência em Júpiter, está confessando, sem se dar conta, que é do signo de virgem, sofrendo influência do deus pagão Júpiter. Ou seja, quando as mocinhas ingênuas e ansiosas de sua idade consultam seus horóscopos, sem o saber estão prestando culto a um deus da antigüidade, reconhecendo sua influência sobre seu futuro e sua vida.

Mellina estava pensando nas palavras da velha senhora quando olhou para a janela

— Lady Catherine, olhe!

A Terra, que até então estivera em completa escuridão, agora como se fosse um espelho a refletir o brilho do céu, apresentava milhares de pontos luminosos que se estendiam por toda a parte.

— É a cidade do Cairo, minha filha — disse ao se aproximar da janela — estamos chegando a nosso destino.

Com o avião se aproximando do aeroporto, via-se o Nilo serpenteando em

meio à cidade. Em razão de imensos refletores em diversas tonalidades, tinha-se a imagem de uma fabulosa cobra coral multicolorida.

C A P Í T U L O 3 0

Ao deixar as luxuosas instalações do Hilton Hotel, acompanhadas por Jeffrey e Douglas Braun, Mellina e Lady Catherine entraram no Lincoln Continental alugado e, munidos então de um mapa para turistas, mergulharam em meio às buzinas do caótico trânsito do Cairo. Distanciando-se um pouco da zona central, diante de seus olhos descortinou-se um outro mundo: ruas estreitas, as mesmas em que em séculos não tão distantes, haviam passado califas e cruzados, ricos mercadores e belíssimas escravas núbias, que eram vendidas pelo seu peso em ouro. Agora estavam tomadas 75

por gigantescos bazares ao ar livre, onde se vendia de tudo, desde réplicas em miniatura do sarcófago de Tutancâmon, camafeus de marfim, até por-

ções de carneiro que, assados ali mesmo, tinham suas carcaças jogadas em qualquer canto e encontravam-se recobertas de moscas. Os sentidos eram ainda aguçados pela visão dos trajes multicoloridos que iam do verde ao rosa, em uma miscelânea policromática, porém, todos recobertos por uma fina camada de pó que se levantava em razão da multidão de pés descalços e sandálias encardidas indo e vindo em torrentes confusas e desordenadas.

Como se não bastasse isso, uma confusão de vozes misturava-se ao embalo estridente da música árabe, oriunda de dezenas de barracas, onde beduínos barbudos e sorridentes tinham às mãos os CDs que vendiam aos turistas. A tudo isso somava-se o odor agressivo de suas roupas pesadas que, misturado ao forte cheiro do café árabe, despertava nos mais novos visitantes, sob o escaldante calor do Egito, as sensações de um vigoroso exotismo.

O Lincoln dava a impressão de que a qualquer momento ia se apagar. Parecia até que o velho coxo e de roupas encardidas que caminhava a seu lado, deslocava-se com maior velocidade, tal a multidão de velhos e crianças que se projetava sobre o carro na tentativa de vender alguma bugiganga.

Jeffrey manobrou à esquerda e, desvencilhando-se da multidão, entrou em uma rua igualmente estreita, mas tranqüila.

— É esta rua — disse apontando para um ponto delimitado no mapa.

— Finalmente, eu já estava ficando nervoso, tinha a impressão de que aquela gente poderia nos arrancar do carro, linchar e depois jogar-nos pelos cantos, como aquelas carcaças de carneiro — disse Douglas Braun.

Lady Catherine franziu a testa demonstrando contrariedade ao ouvir essas palavras:

— Não creio que isso fosse ocorrer, meu jovem; aquela gente tem que achar alguma forma de sobreviver, e mesmo com tantas dificuldades, eles são tão cordiais e alegres...

76

CAPÍTULO 31

O carro parou diante de uma casa pintada de branco a menos de um metro da rua, praticamente não havia calçada. Mellina foi a primeira a descer, estava cansada de estar confinada dentro do carro. Jeffrey ajudou Lady Catherine.

— Olá, tem alguém aí? — perguntou a velha senhora em um árabe fluente enquanto Douglas Braun batia à porta.

A porta foi parcialmente aberta, permitindo apenas que alguém lá de dentro pudesse espreitar os desconhecidos visitantes. Ao ver Lady Catherine na cadeira de rodas essa pessoa adquiriu confiança. A porta então se abriu por completo, permitindo a visão de uma moça magra e esguia, de cabelos negros e olhos amendoados. Lady Catherine, então continuou:

— Estou procurando por Abdul Al Ramin.

A face da moça demonstrou curiosidade, e então em um inglês fluente, respondeu:

— O homem que a senhora procura morreu há três anos — disse enquanto percebia a frustração que tomou conta da senhora idosa na cadeira de rodas.

— Chegamos muito tarde — exclamou Jeffrey.

— Espere — disse Lady Catherine — não é possível que depois de termos chegado até aqui, tudo tenha sido perdido. Meu avô Albert Raidech não pode ter feito as coisas levianamente...

A moça desceu as escadas e, sorrindo, foi ao encontro dos visitantes.

— Qual o nome que a senhora disse, Albert Raidech?

— Sim — respondeu Lady Catherine esperançosa — Lord Albert Raidech, meu avô.

O semblante da moça transformou-se então por completo como se todos ali fossem seus velhos conhecidos:

— Queiram entrar e, por favor, fi quem à vontade — disse radiante, enquanto, correndo, retornou casa adentro.

— Vou chamar minha mãe!

Um minuto depois a jovem retornou com uma sorridente senhora, cujas feições assemelhavam-se às suas. A jovem foi a primeira a falar: 77

— Esta é minha mãe, como ela não sabe inglês, eu lhe servirei de intérprete.

Lady Catherine sorriu para ela:

— Não é preciso, minha filha, como neta de um egiptólogo, seria uma vergonha para mim se eu não soubesse o idioma falado na terra dos faraós.

Então dirigiu-se à anfitriã em árabe. A senhora ouvia atentamente e respondia em rápidas palavras.

— O que foi que ela disse — perguntou uma curiosa Mellina Becker, enquanto contemplava a face luminosa de suas anfitriãs.

Lady Catherine então virou-se para seus acompanhantes:

— Ela disse que está muito honrada em receber em sua casa a neta do homem que salvou seu marido quando criança, e que lamenta que Abdul não esteja

vivo para nos receber. Que quando eles se casaram, meu avô esteve presente, inclusive patrocinando a festa. Ela se lembra de tudo como se fosse hoje, e que ainda tem o conjunto de porcelana inglesa, presente de meu avô.

A moça de farta cabeleira negra, que assistia a tudo com entusiasmo, então cutucou a mãe pronunciando também rápidas palavras em árabe.

O rosto de Lady Catherine então iluminou-se ao compreender o significado das palavras. A anfitriã então, combinando a expressão facial com um gesto, deu a entender que esquecera alguma coisa. Então, rapidamente desapareceu dentro de casa. Ao ver a perplexidade de todos, a moça explicou:

— Perdoem minha mãe, é que ela fez recentemente uma cirurgia e algumas lembranças foram apagadas de sua memória. Eu tive que lembrá-

la de um episódio que ela me havia contado, que aconteceu por ocasião de seu casamento com papai. A atenção de todos estava concentrada na jovem, que continuou:

— Quando o seu avô Albert Raidech deu para meus pais o conjunto de porcelana inglesa, entregou-lhes também um pequeno baú lacrado, pedindo-lhes que se algum dia seu filho ou algum outro descendente viesse nos procurar, que esse baú fosse devolvido.

Nesse momento a anfitriã retornou trazendo consigo um pequeno baú. A jovem então pegou-o e entregou à Lady Catherine.

78

— Está aqui, durante mais de quarenta anos este baú foi, conforme o desejo de seu avô, guardado por nós. Agora ele volta para as mãos da família Raidech.

A emoção tomou conta de Lady Catherine ao receber o baú lacrado. Então, um peso comprimiu-lhe o peito e em sua testa brotaram gotículas geladas, enquanto suas mãos largaram o baú e procuraram o coração.

— Jeffrey... — sussurrou a velha.

Em um salto, o guarda-costas enfermeiro retirou da bolsa de Lady Catherine um comprimido de um frasco que ela carregava, pondo-o entre os lábios da velha e depois ajudando-a a deitar-se.

Mellina e os demais presentes estavam atônitos.

Jefrey, vendo que Lady Catherine, lentamente recuperava suas funções normais, tranqüilizou-os:

— Ela sofre de um problema no coração, uma complicação de ordem cardiovascular. A emoção pela descoberta do baú gerou uma crise, mas não se preocupem, ela está se recuperando. O medicamento foi ministrado em tempo.

— Vamos levá-la para um hospital — disse Mellina, preocupada com o que acabara de assistir.

— Não! — ainda com a voz fraca pronunciou Lady Catherine...

— Vamos voltar para o hotel... Foi apenas uma crise passageira.

C A P Í T U L O 3 2

A suíte principal do Hilton Hotel oferecia uma visão privilegiada a seus distintos ocupantes: em primeiro plano via-se o Nilo majestoso, que serpenteava em meio à cidade do Cairo, abrindo-se para o norte à procura das águas do Mar Mediterrâneo. Quem olhasse um pouco mais além, veria as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos que, pela grandiosidade, surgiam como único fruto do trabalho humano digno de destaque naquele imenso tapete de areia que, dando a impressão de engolir a cidade, estendia-se até o infinito.

79

Douglas Braun afastou-se da janela voltando-se para Mellina e Lady Catherine, que agora já restabelecida, depositou o pequeno baú sobre a mesa.

— Mellina — disse a velha — foi graças a você que chegamos até aqui,

portanto é mais do que justo que o baú seja aberto por você. A jovem então pegou o pequeno baú, e com um canivete oferecido por Jeffrey, rompeu o frágil cadeado que o protegia. Ao abri-lo, retirou uma pequena estátua de um sarcófago egípcio recoberta por um papel com algumas inscrições, cujo teor a jovem então leu para os presentes: *O tempo passa no Mundo*.

E ao velho se lhe sucede o Novo,

e ao alforje, a Bolsa.

E ao bezerro, o Touro,

e a um rei, quem se lhe oporia?

Um deus?... um homem?

Eternizado em mármore

pelas mãos protegidas por um César.

Após ler o enigma, Mellina Becker entregou-o a Lady Catherine, que se debruçou sobre ele, na tentativa de encontrar alguma coisa, como da outra vez, algo que se encaixasse no passado de seu avô, a indicar-lhe o caminho a percorrer na interpretação daquele novo desafio.

— Mais uma vez temos uma referência ao passado — disse a velha

— olhem essa primeira frase: *O tempo passa no mundo!*

— Sim — completou Douglas Braun: *e ao velho se lhe sucede o novo* também de forma indireta faz uma referência ao passado!

— As outras duas frases seguintes também dão uma idéia temporal

— concluiu Lady Catherine: alforje é algo mais antigo que bolsa; e bezerro é a primeira fase do animal para só depois tornar-se touro.

Jeffrey, que até então mantivera-se em silêncio olhando a estatueta, por fim perguntou:

— E o faraó?

Mellina interveio:

80

— Jeffrey tem razão... Estamos esquecendo a estatueta. Toda a interpretação do enigma deve ser feita em harmonia com a estatueta do faraó!

Animado, pela observação de Mellina, Jeffrey continuou:

— Pelas inscrições na estatueta, ela representa o faraó Ramsés II, portanto, ele deve ser o rei a que se refere a quinta frase: *e a um rei, quem se lhe oporia?*

Lady Catherine sorriu ante a perspicácia de seu segurança.

— Está perfeito seu raciocínio, Jeffrey, mas Ramsés II vivia em constante guerra contra os demais monarcas da região, de forma que ele tinha muitos opositores. Como poderíamos, então, identificar a qual deles se refere o enigma?

— Isso é verdade, Lady Catherine — intrometeu-se Mellina — mas olhe, a quinta frase deve ser interpretada em conformidade com a sexta: *Um deus?... um homem?* Embora Ramsés II tivesse muitos inimigos, quem dentre eles era considerado um deus? Pelo que eu sei sobre a história dos povos da época, apenas o Egito considerava seu governante como um deus. A oposição deveria ser feita então por um outro faraó.

— Mas isso é impossível, Mellina, o único momento em que o Egito teve dois faraós foi dezenas de séculos antes da existência de Ramsés II, na época anterior à unificação do alto e baixo Egito por Menés!

— Então não seria um faraó — concluiu Douglas Braun — mas quem seria este opositor de Ramsés II que era considerado como deus?

Lady Catherine meditava sobre as últimas palavras de Douglas quando lembrou-se de um filme que assistira havia muito tempo:

— Há muito tempo assisti a um filme no qual o faraó Ramsés II tentava impedir a saída do povo judeu do Egito...

Com o rosto iluminado, subitamente Mellina voltou-se para ela:

— Lady Catherine, a senhora disse que viu um filme que identifi cava Ramsés como o faraó que tentou impedir a saída dos judeus do Egito?

— Sim — respondeu a velha — inclusive muitos historiadores reconhecem este faraó como o governante egípcio na época!

Mellina estava radiante:

— Acho que a senhora acaba de desatar o primeiro nó para que possamos decifrar esse enigma!

— Eu acabo de desatar o primeiro nó, como assim Mellina?

81

Todos olharam para a jovem, que sorrindo continuou:

— A senhora identifi cou Ramsés II como o faraó que tentou impedir a saída dos judeus do Egito, como não sou historiadora, mas estudante de Teologia, lembrei-me de uma passagem bíblica que se refere ao líder judeu Moisés e que se encontra na Bíblia em Êxodo 4:16, nela, Deus ao ordenar a Moisés que lidere a retirada do povo judeu do Egito, declara que o patriarca hebreu, deve ser considerado como Deus, enquanto seu irmão Aarão, seria o seu profeta.

— Isto signifi ca, então... — Lady Catherine estava entusiasmada.

— Signifi ca — concluiu a jovem — que Moisés é a resposta para a quinta e a sexta frase do enigma!

— Você foi brilhante mais uma vez, Mellina! — exclamou uma Lady Catherine eufórica.

— Não, Lady Catherine, o mérito é seu! Se a senhora não tivesse lembrado

do filme que associou Ramsés como o faraó na época da saída do povo judeu do Egito, nós jamais teríamos chegado até Moisés.

— Isto realmente foi brilhante — lembrou Douglas Braun — mas e quanto à última frase: *Eternizado pelas mãos protegidas por um César?*

C A P Í T U L O 3 3

Pela janela do hotel, Mellina agora olhava as pirâmides que em séculos distantes tinham testemunhado todos os acontecimentos a que ela acabara de se referir:

— Aparentemente não faz sentido — disse — a frase *eternizado pelas mãos protegidas por um César*. Pelo que a história nos revela, os imperadores romanos só apareceram dois mil anos após a existência de Moisés!

— Isso é verdade — completou a velha — os povos que fundaram Roma, na época de Moisés, deveriam estar ainda na idade da pedra, não deveriam nem mesmo sonhar que ainda criariam uma fabulosa civilização.

Mas a sexta frase nos diz, *eternizado*... Isso não significa a existência concomitante no mesmo período histórico e sim que Moisés teve sua memória guardada para a eternidade por alguém protegido por um César!

82

— Isso me parece impossível — respondeu Mellina — os imperadores romanos jamais encomendariam uma estátua para homenagear um outro estadista que não os da própria Roma!

— Eu acho que tenho uma resposta — disse Jeffrey levantando-se do confortável sofá onde até então estivera!

— Fale então — disse Douglas, com um certo ceticismo na voz.

— Lady Catherine — continuou o segurança — a senhora lembra da visita que fizemos no ano passado à Rússia, ao museu de São Petersburgo?

— Sim, Jeffrey, mas o que tem a visita ao museu a ver com o enigma?

— Os ovos *fabergé*!

— Os ovos *fabergé*?! — perguntou a velha, surpresa.

— Sim, os ovos *fabergé*. Insistiu o mordomo, o *Czar da Rússia*, lembra-se?

— Jefrey, você é maravilhoso! Como é que eu não pensei nisso antes?!

— Que relação têm os ovos *fabergé* com Moisés? Perguntou Mellina

— Com Moisés não há nenhuma relação — exclamou a velha — mas com o César romano, sim; veja, os ovos *fabergé* foram encomendados pelo Czar da Rússia ao mais famoso ourives russo, Peter Carl Fabergé.

— Explique-se melhor — pediu Douglas Braun.

— Acontece que quando estivemos no museu em São Petersburgo vendo os magníficos exemplares do famoso mestre russo, Jefrey me perguntou a origem daquelas peças e eu então lhe expliquei que os famosos ovos *fabergé* foram uma encomenda do czar Alexandre III para sua esposa, a czarina Maria Feodorovna, a ser dado pelo soberano na Páscoa. O elo com o enigma está na palavra czar, título dos imperadores russos, uma corruptela do original romano César, assim como o imperador alemão anteriormente à Segunda Guerra Mundial chamava-se kaiser, título este também originário do César romano.

— Isso significa então — concluiu Mellina — que o enigma não se refere a um imperador romano, mais a um monarca russo ou alemão?

— É o que me parece, Mellina, tudo indica para uma estátua de Moisés feita por algum artista protegido por um mecenas que pode ser tanto um czar russo ou um kaiser alemão. Era muito comum na época das grandes monarquias européias, que potentados recebessem artistas de todo o mundo: músicos, pintores escultores e filósofos em suas cortes e 83

palácios, dando-lhes abrigo e proteção. Em troca o artista emprestava o brilho de sua personalidade a essas cortes e palácios e enriqueciam os monarcas, duques e outros poderosos que eram agraciados com obras de arte que nos

dias de hoje, muitas vezes, possuem valores inestimáveis.

Mellina trouxe o assunto de volta para o que a estava inquietando.

— Lady Catherine, como descobriremos esse artista e o monarca a que se refere o enigma?

— É simples — retrucou Douglas Braun — nos dividiremos em dois grupos e iremos para a Rússia e para a Alemanha!

— Não, meus filhos, não precisaremos nos dividir. Há uma maneira bem mais fácil do que esta para chegarmos ao nosso objetivo.

C A P Í T U L O 3 4

A bibliotecária-chefe da Biblioteca Central do Cairo mostrou-se bastante gentil ao reconhecer Lady Catherine, a neta do famoso egiptólogo Albert Raidech, que descobrira a riquíssima tumba de Amenófis IV. Por determinação da bibliotecária uma sala fora disponibilizada ao grupo.

— Eu não agüento mais — disse Douglas Braun, quando uma bibliotecária auxiliar trouxe mais um carrinho repleto de livros sobre obras de arte russa e alemã, do período imperial.

Lady Catherine sorriu para ele:

— Ânimo, meu jovem, essa é a maneira mais fácil de descobrirmos a que obra de arte o enigma se refere. Imagine quanto tempo desperdiçaríamos se tivéssemos que percorrer todos os museus da Rússia e da Alemanha...

C A P Í T U L O 3 5

O Lincoln Continental retornou ao hotel Hilton. Os quatro ocupantes desceram em silêncio e foram direto para a suíte de Lady Catherine.

84

— Bem — concluiu Douglas — não encontramos nenhuma estátua de Moisés encomendada por um imperador russo ou alemão. Haveria uma

segunda alternativa?

— Não poderia ser uma pintura? — perguntou Jefrey.

— Não, o enigma diz claramente: *eternizado em mármore* — disse a velha.

— Mas nós pesquisamos em diversos livros sobre arte russa e alemã do período imperial e não encontramos nada.

Mellina estava frustrada.

— Tem que haver alguma coisa que não consideramos! — disse enquanto voltava a se debruçar sobre o enigma. *Eternizado em mármore pelas mãos protegidas por um César...*

— A única estátua de Moisés que eu conheço fica em Roma — disse Jefrey — e é de Michelangelo!

— E é de mármore? — perguntou Mellina.

— Esqueça, minha jovem, o Moisés que procuramos foi feito por um artista por ordem de um “César”. Pelo que sei o Moisés de Michelangelo foi encomendado ao famoso artista por um papa e não por um César.

Desta maneira está descartada essa possibilidade!

Lady Catherine fez com que voltassem à realidade.

— Quem foi o papa que encomendou a Michelangelo a estátua de Moisés? — perguntou Mellina.

— O Papa Júlio II — respondeu a velha sem muito entusiasmo.

Mellina deixou de lado o enigma e foi até o microcomputador colocado à disposição dos hóspedes da suíte principal.

— O que você está fazendo, Mellina? — perguntou Douglas.

Sem prestar atenção, a jovem ligou o computador até então esquecido

naquela sala, e entrou em um site de busca e em seguida digitou: J U L I O I I

Apareceram várias páginas com o nome de Júlio II. Mellina escolheu uma em inglês e abriu. A página estava ilustrada com a imagem do papa e da Capela Sistina, no Vaticano. Quando os olhos da moça se fi xaram sobre o texto logo abaixo, ela deu um grito de alegria:

85

— Lady Catherine, olhe aqui!

Todos imediatamente correram para perto do microcomputador.

Mellina, apontando com o cursor do mouse pronunciou algumas palavras: *Giuliano Della Rovere, eleito Papa Júlio II, em 1º de novembro de 1503. Juntamente com o Papa Leão X, foi um dos maiores papas da história e o que mais promoveu o mecenato, protegendo artistas como Rafael, Leonardo da Vinci e Michelangelo. Causou alvoroço quando em sua eleição escolheu o título de Júlio II, pois nunca houve na história da Igreja um Papa Júlio I. Conta a tradição que Júlio II escolhera esse nome por se achar um legítimo sucessor do próprio Júlio César...*

— Eis a chave para o enigma: o Moisés de Michelangelo, encomendado pelo “César” Júlio II — disse triunfante.

Douglas Braun tentou disfarçar sua alegria:

— O que faremos agora? Ainda falta resolver a primeira parte deste enigma.

— Uma parte de cada vez, meu jovem — respondeu a velha — nossa missão no Egito está concluída.

— Para onde vamos agora? — perguntou Jeffrey.

Lady Catherine então sorriu:

— Crianças, existe uma frase antiga e muito famosa...

— Que frase é esta — inquiriu Mellina.

Lady Catherine piscou para ela:

— Todos os caminhos levam à Roma!

C A P Í T U L O 3 6 - R O M A

— Você não vai ver o Papa! — provocou Douglas Braun.

Mellina fuzilou-o com o olhar, mas manteve-se em silêncio.

— Bem — continuou sorrindo o sargento — então vai se cumprir um outro ditado: *Foi à Roma e não viu o Papa!*

86

Jefrey e Lady Catherine caíram na risada. Por fim a velha senhora recobrou a serenidade:

— Deixe a moça em paz, sargento! Aliás, nós não estamos aqui a passeio!

Mellina aproveitou a reprimenda de Lady Catherine a Douglas:

— Estive consultando os mapas turísticos pela manhã. A estátua de Moisés está na Igreja São Pedro em Vincoli, Roma. Nós três poderemos ir até lá enquanto Douglas estará se confessando à Sua Santidade!

Jefrey não pôde se conter ao ver a ferina resposta e a face surpresa do sargento.

Lady Catherine suspirou profundamente e disse baixinho para Jeffrey:

— Eu sei como acaba essa história!

— O que foi que a senhora disse? — perguntou Mellina, curiosa pela confidência da velha a Jeffrey.

— Que a viagem me deixou muito cansada, Mellina. — Por que você e Douglas não aproveitam para dar um passeio enquanto eu des-canso? Existem muitas alternativas de turismo em Roma. Mais tarde nós veremos a

estátua de Michelangelo.

C A P Í T U L O 3 7

Douglas e Mellina deixaram o hotel e seguiram a pé pela famosa Via Condotti, chegando ao Café Grego, o mais antigo e afamado de Roma.

Escolheram uma mesa que permitia ao sol banhá-los por inteiro. Uma alegre balconista aproximou-se trazendo o cardápio. Feitas as escolhas, ela retornou mais tarde com um saboroso café e torta de nozes. Mellina suspirou enquanto contemplava a beleza dos prédios centenários: *de quantas histórias, dramas e alegrias eles não teriam sido cúmplices e, em silêncio, presenciado?!*

— O que foi — perguntou Douglas com afeto — você está com saudade de casa?

Mellina olhou com ternura para ele, sensibilizada com aquela súbita demonstração de carinho.

87

— Sinto falta de meu tio, ele é a única pessoa de toda a família que me resta desde que meus pais foram mortos em um acidente de automóvel na Alemanha.

— Seu tio é uma pessoa formidável — observou o sargento.

Mellina sorriu:

— Ele diz que sou sua princesa! Ele me adora, somos muito ligados um ao outro e isso compensa a ausência de meus pais e do irmão que ele perdeu.

— Como foi isso?

— Tio Becker me disse que eles eram extremamente ligados, unha e carne. Embora meu pai fosse mais jovem e rebelde, tio Becker o amava. Porém, quando meu pai conheceu uma jovem vinda do Oriente Médio, eles se separaram e tio Becker foi para a América.

Quando eles estavam para se reencontrar, meu tio recebeu a notícia do trágico acidente. Meus pais estavam em uma auto-estrada perto de Munique, na Baviera, quando um caminhão desgovernado jogou-os dentro de um lago. Eu ainda me lembro daquela tarde. Eu estava na escola aguardando que eles fossem me buscar. Foi o dia mais triste de minha vida. Passei uns dias em um abrigo para crianças, até que meu tio finalmente apareceu.

— Isso me parece bem triste, mas vocês têm um ao outro. E parece que se acertam muito bem: ele, reverendo; você, estudante de Teologia...

Mellina riu da observação:

— Não é o que você está pensando: tio Becker jamais tentou influenciar em minhas escolhas, pelo contrário, sempre fui criada com afeto, mas com independência.

— Já percebi!

C A P Í T U L O 3 8

A tarde desceu rapidamente. Em seu passeio eles chegaram até a colina do Capitólio. Mellina ficou maravilhada olhando os três edifícios que demarcavam a praça: O Palácio Novo, o Palácio dos Conservadores e 88

o Palácio do Senado, que possuía uma harmonia simétrica em suas fachadas ricamente adornadas com balaústres e estátuas.

No centro da praça depararam-se com a belíssima estátua equestre do Imperador Marco Aurélio. Em seu retorno passaram pela Via Vittorio Veneto, conhecida simplesmente como Via Veneto, em razão do filme de Federico Fellini : *“La Dolce Vita”*.

— Que igreja é aquela? — perguntou Mellina.

Douglas Braun olhou para o guia turístico que carregava:

— Hmm! É a Igreja de Santa Maria da Conceição, dos frades Capuchinhos.

E completou, enquanto suas mãos no ar assumiam a forma de garras, e com o

rosto fazia uma careta assustadora: e nela há uma cripta cheia de ossos!

— Que horror! — disse Mellina, rindo e fingindo estar assustada.

C A P Í T U L O 3 9

— Os pombinhos já voltaram?

— Estão descansando em suas respectivas suítes — respondeu Jefrey.

— Pois acorde-os, então — disse a velha — é uma boa hora para vermos a famosa obra de Michelangelo.

Os quatro estavam agora diante da imponente estátua de Moisés, na Igreja São Pedro.

— E agora — perguntou Douglas Braun — onde está a próxima pista. Não há nada escrito, somente um gigantesco homem barbudo, segurando o que parece ser umas tábuas...

— As tábuas da lei! — completou Mellina.

Lady Catherine olhava-a incessantemente como a procurar algum detalhe, algo que lhe indicasse o caminho a seguir em busca do Livro de Ouro. Então voltou-se para Mellina:

89

— Douglas tem razão, não estou enxergando nada que nos aponte a direção a seguir!

Mellina continuava olhando e fotografando cada detalhe, examinando a estátua por todos os ângulos:

— Deve haver algo que nós estamos deixando passar por ser tão óbvio, mas que talvez seja fundamental para nossa procura...

— Jefrey! — gritou Lady Catherine, com uma voz abafada e com a fisionomia totalmente pálida.

— Os comprimidos — gritou Mellina — rápido!

O segurança imediatamente saltou sobre a bolsa da velha senhora, abrindo-a. Sua face empalideceu ao verificar que os comprimidos não estavam lá.

— Não estão aqui! — disse angustiado.

— Meu Deus! — exclamou Mellina.

— Vamos para o hospital — disse Douglas pegando a velha em seus braços.

— Eu não sei onde fica o hospital — disse Jeffrey.

— Pare um táxi! — gritou Douglas Braun.

C A P Í T U L O 4 0

— Como ela está, doutor? — perguntou Mellina.

O médico sorriu:

— Ela está se recuperando bem. Teve sorte de chegar a tempo no hospital... no momento está descansando, precisa de repouso.

Os três se olharam. Jeffrey foi o primeiro a falar:

— Vocês podem voltar ao hotel, por enquanto as buscas ao Livro de Ouro estão suspensas. Eu ficarei aqui com ela!

— Não — disse Mellina — é melhor que eu fique. Somos mulheres e nos entenderemos bem! Voltem para o hotel!

— Não posso deixá-la — disse Douglas — prometi a seu tio que a protegeria.

90

Mellina por um breve momento moveu-se em seu íntimo ao ouvir a preocupação do sargento. Mas permaneceu inflexível.

— Olhem a nosso redor, este hospital está cheio de policiais... Até parece uma fortaleza. Eu estarei segura aqui, agora vocês dois voltem para o hotel!

C A P Í T U L O 4 1

— O senhor acha que aquele sacerdote está envolvido no rapto da menina?
— perguntou o tenente.

Por um momento, Scaliari contemplou o vazio e então respondeu:

— Paolo, em nossa profissão todos, veja bem, todos, são culpados até que encontremos os verdadeiros responsáveis!

— Você tem razão, Capitão! Não devemos descartar nenhuma possibilidade.

— O que mais me intriga, tenente, é o por quê?

— Como assim senhor, por que o quê?

— Veja bem, Paolo, por que Jaina Kornikova foi escolhida, se há tantas meninas italianas de onze anos? Por que tanto trabalho em seqüestrá-la na Rússia e transportá-la até a Itália? O que ela tem de extraordinário? Por que ela? Acho que, respondendo a essas perguntas chegaremos aos culpados.

C A P Í T U L O 4 2

Sua cabeça rodopiava em meio às imagens confusas que se sucediam rápida e desordenadamente em sua memória: a vitória na prova de patins no gelo, o pentagrama no teto, o sacerdote com aquela estranha adaga de ferro, a cela esquecida aberta e a longa escadaria de pedra que ela percorreu cambaleante. Depois, o vento frio em seu rosto enquanto corria dos homens que lhe perseguiram, os pés descalços e a dor intensa em contato com o chão duro e opressor, o sufocamento por aquele colar de ferro que 91

lhe machucava o pescoço. Finalmente, via ao longe sua salvação naquele moço de uniforme. Então o trânsito caótico em que ela se viu mergulhada e o Coliseu dando voltas no ar. Jaina Kornikova acordou gritando:

— *Absalão! Absalão!*

CAPÍTULO 43

Mellina acordou com os gritos. Foi até a porta e espiou: médicos e enfermeiras corriam entrando e saindo do quarto ao lado.

— O que houve? — perguntou a uma enfermeira que passava apressadamente.

— A menina que estava em coma acordou — disse a enfermeira e sumiu rapidamente pelo corredor.

Mellina viu então um jovem oficial da polícia italiana entrar no quarto e novamente sair, agora acompanhado por um médico.

— Ela está muito fraca, não pode responder nenhuma pergunta ainda!

— E quanto às palavras que a enfermeira disse que ela falou?

— A enfermeira me disse que ela gritava *Absalão*. Não sabemos ainda o que isso pode significar. Como ela é estrangeira e não temos aqui um intérprete, teremos que aguardar até que ela se fortaleça e possamos entrar em contato com a embaixada.

Mellina abriu a porta e foi até o jovem oficial.

— Desculpe-me, policial, mas talvez eu possa ajudar!

Paolo Ferri voltou-se surpreso para a belíssima moça, agora à sua frente.

— O que foi que disse?

— Disse que talvez eu possa ajudar!

— Você conhece o idioma russo? — perguntou incrédulo o jovem oficial.

— Não, mas conheço hebraico.

— Eu não estou entendendo... eu tenho sob minha custódia uma menina russa, e agora aparece você se propondo a me ajudar, mas com conhecimento

do idioma hebraico?! Moça, você está brincando comigo?

92

Mellina surpreendeu-se.

— Você disse uma menina russa?

— Sim, uma menina russa, de nada adianta seu conhecimento de hebraico!
— respondeu Paolo com gravidade.

— Mas eu a ouvi gritar *Absalão*! Essa é uma palavra hebraica e não russa!

Paolo Ferri mostrou-se confuso.

— Eu não estou entendendo, esta palavra é hebraica?

— Bem — respondeu Mellina, *Absalão* ou *Ab-Salam*, é um nome próprio hebraico e signifi ca *Pai da Paz*.

— Eu agradeço sua revelação, moça — disse Paolo, mostrando-se amável — eu não sei como, mas tenho um pressentimento que essa sua revelação é muito importante para este caso!

— Se eu puder ajudar mais, estou logo ali no quarto ao lado.

C A P Í T U L O 4 4

Lady Catherine acordou com Mellina em pé a seu lado.

— Minha filha, você está aqui!?

— Como é que a senhora está se sentindo?

— Estou bem, pode ter certeza, sou uma Raidech, nada poderá me impedir de alcançar meu objetivo — disse sorrindo. Onde estão Jefrey e Douglas?

— Eu mandei que voltassem para o hotel.

— Mas...

— Não se preocupe, Lady Catherine, o hospital está repleto de policiais.

— Policiais?!

Alguém bateu à porta. Mellina levantou-se e foi abrir. Um sorridente senhor de meia-idade se apresentou:

— Com licença, sou o Capitão Lucas Scaliari, da polícia italiana. Eu gostaria de falar com você.

— Entre, por favor.

93

— Espero não estar perturbando sua avó.

— Pode entrar, Capitão — respondeu Lady Catherine, com visível curiosidade.

— Queira sentar-se, por favor — disse indicando uma cadeira à frente.

— Mellina, sente-se aqui na cama comigo.

— Obrigado — respondeu Scaliari.

— Pois bem, Capitão, sou Catherine Raidech e estou curiosa para saber o que o senhor tem a falar com minha criança!

— Lady Catherine Raidech, a curadora da famosa Fundação Raidech para pesquisas arqueológicas? — espantou-se o Capitão.

— Exatamente! — riu a velha. — Peço desculpas por não poder me levantar. Sinto-me constrangida em me apresentar nessas condições — disse recostando-se na cama.

— Pois bem — iniciou Scaliari — ontem à noite sua neta ajudou meu jovem auxiliar, o tenente Paolo, a interpretar o significado de uma palavra

pronunciada por uma menina russa que estamos mantendo sob vigilância no quarto ao lado.

— O que foi que a menina fez? — perguntou ingenuamente Mellina.

— Ela não fez nada — respondeu Scaliari.

— O motivo pelo qual a mantemos sob custódia com todo esse aparato policial é justamente pelo que tentaram fazer com ela.

Scaliari fez uma pausa como se estivesse tentando encontrar a melhor palavra para não chocar...

— Acredito que ela estivesse para ser sacrificada em um ritual satânico.

— Os Filhos de Set!... — Mellina deixou escapar.

Lady Catherine imediatamente olhou para ela.

— O que foi que você disse? — perguntou Scaliari surpreso.

Lady Catherine rapidamente interveio:

— Filhos de Set, Capitão. Quando o senhor falou que esta menina mantida sob custódia no quarto ao lado, estava para ser sacrificada em um ritual satânico. Mellina lembrou-se dos Filhos de Set.

Scaliari mostrou-se interessado.

— Por favor, fale-me sobre esses Filhos de Set, eu nunca ouvi falar nada a respeito.

94

A velha olhou então para Mellina, que estava visivelmente embaraçada. E com um sorriso então, tranquilizou-a

— É pouco provável que o senhor tivesse ouvido falar alguma coisa a respeito dos Filhos de Set. Na verdade poucos, muito poucos estudiosos sabem alguma coisa a respeito deles. Para começar, Set é uma antiqüíssima divindade egípcia que por muito tempo foi adorada por um pequeno grupo de sacerdotes do antigo Egito. Em várias ocasiões eles foram perseguidos por sacerdotes de outras divindades mais importantes. Segundo alguns estudos da história, Set era o deus do mal no antigo Egito. E seus adoradores eram conhecidos como os Filhos de Set.

Scaliari continuava atento:

— E qual a possível relação desse deus Set e seus sacerdotes com a menina ao lado?

— Veja bem — continuou Lady Catherine — esses sacerdotes de Set, embora poderosos, eram minoria. E em razão de suas práticas sangrentas, havia entre eles o costume de sacrificar crianças. Foram duramente perseguidos por alguns faraós. Então criaram uma sociedade secreta para poderem continuar com suas práticas. Essa sociedade ficou conhecida na antiguidade como os Filhos de Set. É uma sociedade hermética, totalmente oculta e muito poderosa, que dedicava-se à magia negra.

— Como eles resistiram à perseguição de alguns faraós? — perguntou Scaliari.

— A forma encontrada foi espalharem-se pelas demais sociedades da época. Os Filhos de Set levaram seus conhecimentos secretos para poderosos sacerdotes de grandes civilizações como Babilônica e Fenícia e até mesmo para o povo judeu, formando então uma sociedade secreta supranacional, que propiciava a seus membros riquezas, poder e fabulosos conhecimentos ocultos. Esses impérios tiveram sua época de glória, mas depois desapareceram. Os Filhos de Set, porém, usando desse artifício, sobreviveram e se fortaleceram ao longo dos séculos, tendo inclusive chegado ao Ocidente pelos Cavaleiros Templários.

— Os Cavaleiros Templários?! — espantou-se Scaliari.

— Sim, Capitão! Segundo estudiosos, os Filhos de Set trouxeram para dentro

de sua sociedade secreta os principais líderes dos Cavaleiros Templários. Eles vislumbraram que o futuro estaria com o Ocidente, e 95

assim infiltraram-se em uma organização amparada pelo próprio Vaticano. Porém, os Filhos de Set progrediram muito quando estavam ocultos pelo manto templário, acumulando muitos tesouros e terras na Europa, causando assim a desconfiança de alguns monarcas europeus. Um deles, o rei francês Felipe, o Belo, infiltrou na organização templária um de seus agentes secretos, que acabou descobrindo, após uma minuciosa investigação, as terríveis práticas desenvolvidas pelos templários em adoração a Set.

Scaliari permanecia atento às palavras de Lady Catherine, porém uma dúvida o assaltou:

— A senhora disse que os Templários foram acusados de terríveis práticas envolvidas na adoração do deus egípcio Set. Pelo que eu sei a história registra que eles foram acusados de adorarem o Diabo!

A velha senhora ouviu com atenção e então pegou uma pasta que estava sobre uma mesa a seu lado e entregou-a ao Capitão. Scaliari abriu-a e seus olhos fixaram-se em uma página negra, com o texto em vermelho, visivelmente retirada da Internet:

TEMPLE OF SET

Adoração Luciferiana

O Capitão olhou para Lady Catherine atônito:

— Lúifer é Set?

Lady Catherine sorriu para ele.

— Não apenas Lúifer, mas também Satanás, Samael, a Grande Serpente, o Príncipe da Luz, o Diabo, a Grande Estrela e outros tantos nomes que se referem à mesma entidade.

Scaliari, então uniu todos os pontos:

— Isso significa então que a menina que estamos mantendo sob custódia estava prestes a ser sacrificada em um ritual satânico promovido por uma sociedade secreta milenar, que foi perseguida na antigüidade e na Idade Média e que se mantém oculta e ativa até os dias de hoje?

— Exatamente!

— Mas afinal, qual é o seu propósito?

96

Lady Catherine olhou para Mellina. Depois encarou com seriedade o Capitão:

— Diga-me uma coisa, o senhor é um homem religioso?

CAPÍTULO 45

Lady Catherine havia se recuperado, e ao receber alta, retornava juntamente com Jeffrey e os demais que foram buscá-la no hospital.

— A senhora acha que o Capitão acreditou no que nós lhe conta-mos? — perguntou Mellina, afastando o olhar da janela.

— Eu espero que sim, minha filha — disse a velha enquanto examinava a parte não decifrada do enigma. — Vamos torcer para que este policial tenha sucesso e consiga protegê-la.

— Jeffrey, leve-nos de volta à Igreja de São Pedro, eu quero ver novamente a estátua de Moisés.

Mellina surpreendeu-se:

— A senhora acaba de sair do hospital... Não me parece apropriado retomarmos agora à busca do livro de ouro!

— Não podemos perder tempo, minha jovem! É bem provável que a essa altura os Filhos de Set já tenham conhecimento de que o Livro de Ouro não foi destruído por meu avô, por isso temos que encontrá-lo rapidamente.

— O que vamos fazer quando encontrá-lo?

Lady Catherine, por um momento ficou em silêncio, como se seus pensamentos estivessem muito longe dali, por fim disse:

— Teremos que destruí-lo!

C A P Í T U L O 4 6

A Igreja de São Pedro estava repleta de turistas de todo o mundo que, munidos de suas máquinas fotográficas, faziam com que a estátua de Moisés fosse ininterruptamente banhada pelo brilho de milhares de *flashes*.

97

— Com licença — pediu Mellina, polidamente a um senhor japonês, velho e obeso, que quase a esmagava.

O homem então olhou para ela com cara de poucos amigos, e murmurando, respondeu qualquer coisa que Mellina não compreendeu.

Contrariada, então a jovem resolveu se afastar e retornar ao local onde estava Lady Catherine, acompanhada por Jeffrey e Douglas Braun, que observavam

tudo.

— Eu não consegui me aproximar da estátua — justifi cou-se a loirinha.

— Não há problema — respondeu a velha — vamos esperar essa excursão de japoneses terminar de bater suas fotografi as e então nos apro-ximaremos.

— Parece que o ônibus da excursão já está de partida — reparou Douglas.

— É — confi rmou Jeffrey, voltando-se para olhar um guia turístico que, à porta de um ônibus, gritava algumas palavras ininteligíveis.

— Em qualquer parte do mundo que você for, sempre encontrará lá esses turistas de olhinhos puxados — completou Lady Catherine.

— A senhora tem razão — confi rmou Douglas — onde quer que exista algo que chame a atenção, lá estará um turista japonês.

— O Japão é hoje uma das maiores potências econômicas do globo

— continuou a velha. — Este país derrotado na Segunda Guerra Mundial deu a volta por cima e hoje detém uma das maiores poupanças internas do mundo, um sólido parque tecnológico e lucros fantásticos com aplicações nas bolsas de valores de Tóquio.

Contrariada por não poder se aproximar da estátua por causa da multidão, Mellina agora lia e relia o enigma. Mantendo-se alheia às explicações da velha senhora, porém ao ouvir suas últimas palavras, Mellina voltou-se para ela:

— O que foi que a senhora disse?

A velha sorriu orgulhosa ao ver o súbito interesse da jovem por sua explanação:

— O rendimento de capitais tem dado ao Japão...

— Não! — Interrompeu-a Mellina — a senhora falou em bolsa de valores!

A jovem então aproximou-se de Lady Catherine, mostrando-lhe o enigma: veja! A terceira linha nos diz que o alforje é sucedido pela bolsa!

Pelo que eu sei o alforje era usado na antigüidade para guardar documentos e dinheiro, mas nos dias de hoje qual é a bolsa usada para guardar e aplicar dinheiro?

— A bolsa de valores! — exclamou eufórico Douglas Braun.

Lady Catherine percebeu uma pequena luz:

— Você está querendo dizer que a bolsa de valores pode ser...

Mellina interrompeu-a: é possível que seu avô tenha guardado o Livro de Ouro na bolsa de valores!

— Pelo que sei, as bolsas de valores possuem em suas dependências bancos de custódia para a guarda de apólices e valores a serem negociados no dia. É realmente possível...

C A P Í T U L O 4 7

Douglas Braun olhava agora o enigma por cima do ombro de Mellina:

— Por que existem apenas quatro palavras iniciadas com maiúsculas: Mundo Novo, Bolsa e Touro?

Mellina instantaneamente voltou-se para ele e deu-lhe um beijo na face. Enquanto o sargento imediatamente corava, os demais voltavam-se para ela perplexos. A jovem então pegou um lápis e transcreveu, na ordem inversa, as palavras destacadas por Douglas:

TOURO, BOLSA, NOVO, MUNDO.

— Aí está, o local onde deve estar escondido o livro de ouro: a Bolsa de Valores de Nova York, a bolsa de valores da América, ou seja, o Novo Mundo!

— Mellina — disse Douglas — você está certa, o touro, símbolo da prosperidade, tem uma estátua que guarnece a frente da Bolsa de Nova York!

99

— Isso faz sentido — concluiu a velha — mas qual seria a chave?

— Bem, a chave é de Michelangelo, ou seja deve ser o próprio Moisés!

C A P Í T U L O 4 8

O doutor Rafael Biaco, seguido por um corpulento homem com uniforme de enfermeiro, passou pelos guardas que o cumprimentaram no corredor. Nenhum deles se demorou a observar o médico com atenção, pois se o fizessem, veriam um homem tomado pela dor e pelo remorso.

Rafael Biaco entrou no quarto onde Jaina estava. A menina imediatamente olhou para o desconhecido enfermeiro, mas em seguida percebeu as lágrimas que brotavam da face do médico que até ali lhe prestara assistência.

Imediatamente compreendeu tudo e, aterrorizada, procurou gritar, mas antes que o fizesse, o corpulento enfermeiro tapou-lhe a boca. Enquanto o médico, com uma seringa, lhe injetava nas veias uma substância que em segundos lhe entorpeceria os sentidos.

— Vamos levá-la para uma cirurgia — disse o enfermeiro ao guarda atônito que olhava para o médico esperando uma justifi cativa.

O Doutor Rafael, sem olhar para o guarda, concordou acenando com a cabeça. A maca com a menina inconsciente seguiu até o fim do corredor que dava acesso à sala de cirurgia. Porém, ao aproximar-se do local mencionado ao guarda, o gigantesco enfermeiro tomou um outro caminho e, desviando-se do bloco cirúrgico, adentrou em um outro corredor que levava diretamente ao pátio interno onde fi cavam as ambulâncias.

Ao chegar ao pátio um dos veículos já os aguardava com as portas abertas. Então, dois outros homens apareceram e empurraram a maca para dentro, fechando as portas da ambulância.

Rafael Biaco olhou para eles não compreendendo: *eles não iriam levá-lo?* Então, procurando manter a calma protestou: 100

— Eu cumpri minha parte no acordo. Agora devem libertar minha família...

Antes que o médico concluísse suas palavras, um dos homens virou-se e, com uma estocada certa de um punhal que até então mantivera oculto, fez com que o médico caísse ali mesmo com a garganta dilacerada.

O grande portão que dava acesso ao pátio externo foi aberto, e com as sirenes desligadas a ambulância desapareceu em meio ao trânsito de Roma.

C A P Í T U L O 4 9

— Bem, o banco de custódia da Bolsa de Valores de Nova York, assim como qualquer outro banco no mundo, deve ter uma codificação alfanumérica, não é mesmo? — perguntou Mellina, enquanto retornava à suíte do hotel.

Todos concordaram, e então Mellina continuou:

— Primeiro havíamos desvendado a segunda parte deste enigma, chegando ao Moisés de Michelangelo. Porém, só agora descobrimos o significado da primeira parte, ou seja, as primeiras quatro frases com as palavras-chave: *Mundo, Novo, Bolsa, Touro*. Pois bem, eu acredito que a primeira parte seja a fechadura, e a segunda, a chave, isto é, que o próprio Moisés seja a chave deste enigma e não o instrumento para decifrá-lo.

— Isto me parece lógico — concordou Jeffrey.

— Então — finalizou a loirinha — eu estive analisando exaustivamente as fotos da estátua e não encontrei nada de excepcional que despertasse minha atenção. Nada que me levasse a algum outro enigma proposto por Lord Raidech, a não ser...

— A não ser? — Lady Catherine estava atenta.

— A não ser os quatro números ao pé da estátua: 1515, que é o ano de sua inauguração quando Michelangelo a entregou para fazer parte de um projeto do Papa Júlio II para o seu túmulo. É daí que me vem uma idéia: a codifi

cação alfanumérica do banco de custódia da bolsa pode ser uma combinação da palavra Moisés com a data de sua inauguração!

Lady Catherine estava impressionada.

101

— Parabéns, minha jovem, mais uma vez você comprovou que eu estava certa em trazê-la conosco nessa busca ao Livro de Ouro — disse a velha no momento em que pegava o telefone.

— O que a senhora vai fazer? — perguntou a jovem, curiosa.

— Nós fi zemos nossa parte, menina, agora pediremos que seu tio e o Senador Hoppkins testem a nossa hipótese — disse a velha enquanto discava para Washington.

C A P Í T U L O 5 0

Lucas Scaliari examinou o corpo do médico: estava de bruços com a cabeça voltada para o lado. Era possível ver um talho na garganta.

— Jamais poderíamos imaginar que isto fosse acontecer — disse Paolo Ferri, voltando-se para Scaliari.

— E a família dele foi encontrada? — perguntou o Capitão.

— Todos foram mortos. Seqüestraram a mulher e as crianças para obrigá-lo a entregar a menina, mas pelo que parece não cumpriram com o prometido.

Scaliari fechou os olhos, faltavam-lhe respostas para as inúmeras perguntas que saltitavam em sua cabeça.

— Não há pistas — continuou o tenente — foi realmente um trabalho de profissionais.

— E a ambulância?

— Já foi encontrada, mas também não encontramos nada em seu interior.

Ouvindo as informações do tenente, juntamente com ele, Scaliari preparava-se para retornar ao quarto, agora vazio, onde fi cava o leito da menina. Porém, antes de entrar pela portaria de acesso ao hospital, lançou de relance um último olhar ao cadáver estendido no chão. Então os raios do sol incidiram junto a boca de Rafael Biaco, fazendo-a brilhar.

— Não creio que este médico baixe à sepultura sem que nada lhe seja subtraído — concluiu Scaliari, tentando afastar sua mente daquilo que mais o preocupava.

102

— Como assim, Capitão? — Paolo Ferri perguntou surpreso, não entendendo a que Scaliari se referia.

Scaliari sorriu para ele:

— Eu estou me referindo à prótese dentária de ouro desse médico, que acaba de refletir com o sol; acredito que os coveiros poderão roubá-la.

— Que prótese de ouro? — perguntou Paolo Ferri, estancando no lugar onde estava. Conversei com este médico diversas vezes e nunca percebi prótese nenhuma!

Scaliari ergueu as sobrancelhas, ante aquela afirmação do tenente e ambos correram de volta aproximando-se novamente do cadáver. Com a ação dos gases, parte de uma brilhante moeda projetava-se para fora de sua boca.

C A P Í T U L O 5 1

Acompanhado pelo Reverendo Thomas Becker, Antonin Hoppings entrou nas dependências do Banco de Custódia da Bolsa de Nova York.

Uma recepcionista levou-os até o gerente, que lhes explicou o procedimento de acesso aos cofres individuais onde eram guardados os mais valiosos títulos e documentos da elite econômica americana: Uma vez a sós no subterrâneo blindado do banco, sob o olhar atento do reverendo, Hoppings digitou a senha indicada pelo grupo de Roma.

Thomas Becker aproximou-se ainda mais quando notou estampado na face do político o ar da derrota. Inclinando-se para o terminal pôde ver que o cursor continuava piscando na espera do último dígito.

Faltava um dígito.

— Esta não é a senha! — disse Antonin Hoppings, olhando para o reverendo enquanto se deixava cair desalentado sobre um dos acentos da sala blindada.

103

C A P Í T U L O 5 2

— O que houve? — perguntou Mellina ao retornar à suíte de Lady Catherine após um passeio com Douglas pelos locais turísticos de Roma, e depois de verificar o desânimo da velha senhora.

Lady Catherine, então olhou para ela:

— O Senador Antonin Hoppings me ligou há pouco. A senha que nós achávamos que fosse dar acesso ao cofre individual do Banco de Custódia da Bolsa de Valores, onde está o livro de ouro não se confirmou.

Segundo Hoppings, falta um dígito. A senha deve conter onze caracteres.

Deve haver alguma coisa nesse enigma que nós não percebemos, algum detalhe que altere significativamente nossa percepção. Talvez algo tão simples, que nós não tenhamos nem mesmo considerado.

Mellina foi tomada pela frustração:

— Mas tem que ser o Moisés de Michelangelo! E quanto à data, que outra seria senão o ano da inauguração? Eu não consigo perceber outra possibilidade.

Lady Catherine aproximou-se abraçando-a.

— Não se preocupe com isso, minha filha, nós daremos um jeito.

Eu tenho um pressentimento de que estamos no caminho certo. Muito em breve encontraremos o livro... Isso é só uma questão de paciência! Como eu disse, deve haver algum detalhe que nós desconsideramos. Agora vá para seu quarto e descanse! Amanhã continuaremos.

C A P Í T U L O 5 3

Olhando pela janela de seu escritório situado no sexto andar do edifício-sede do Banco Central da União Européia, seu presidente, o Barão Rudolf Von Heicht, estava mergulhado em seus pensamentos. Considerado um mecenas da atualidade, o barão amava as artes e a ciência. Era também possuidor da maior coleção de arte abstrata da Europa. Em seu ardor pelo progresso da ciência, principalmente na área da antropolo-104

gia, Rudolf Von Heicht usara de sua influência para que a famosa revista *National Geographic* publicasse em sua capa de novembro de 1999, a sensacional descoberta do *Archaeoraptor*, um fóssil metade ave, metade réptil que havia sido descoberto na China. Segundo a revista, com a descoberta desse fóssil estava definitivamente provado o elo entre aves e répteis comprovando definitivamente a teoria sobre a evolução das espécies, desenvolvida por Charles Darwin. O mundo científico aplaudira, e em razão de sua magnífica atuação, Von Heicht foi promovido ao grau trinta e três na ordem maçônica. Quatro meses depois, após um complicadíssimo ritual de sangue, ele foi admitido na ordem dos iluminados, pondo-se assim a serviço dos Filhos de Set.

Porém, o *Archaeoraptor* foi submetido a uma detalhada tomografia computadorizada que acabou encontrando enormes irregularidades na sua estrutura. Com novas investigações, concluiu-se que a famosa descoberta fora o resultado de uma elaborada fraude de paleontólogos auxiliados por contrabandistas chineses.

Os carros passavam velozmente lá em baixo, quando então sua meditação foi interrompida pela jovem secretária:

— Dr. Von Heicht, os diretores da empresa Dexmond já chegaram.

O Barão Rudolf Von Heicht voltou-se para ela com um sorriso:

— Ótimo, Ellen, por favor queira conduzi-los para a sala de reuniões.

O diretor da Dexmond abriu o *notebook* ao lado do barão.

— Aqui está! Apresento ao senhor o SetMark. Após três anos da primeira apresentação nossos engenheiros desenvolveram novos estudos de aperfeiçoamento: o SetMark contará agora com protocolos fixos que permitirão transações eletrônicas seguras, conforme o senhor havia nos solicitado. E aqui está o cartão inteligente — disse enquanto abria uma maleta sobre a mesa e retirava um cartão prateado, entregando-o ao barão.

Rudolf Von Heicht estava radiante ao pegar o cartão.

— Então este é o SetMark, o cartão inteligente que servirá como documento de identidade e permitirá o fluxo bancário ao mesmo tempo?

105

— Exatamente — sorriu o executivo da empresa de tecnologia —

nome, endereço, estado civil, filiação, absolutamente todos os dados que possam haver sobre determinado indivíduo juntamente com a totalidade de suas transações bancárias. Isto, porém, rigorosamente controlado por uma codificação criptográfica que permitirá o acesso dos dados apenas às autoridades previamente determinadas.

— E o equipamento para decodificação dos dados?

— A produção do equipamento já está concluída, temos duzentos milhões de decodificadores em nosso depósito em Lausane, na Suíça. Estamos apenas esperando a resolução das questões políticas para sua aceitação na União Européia.

Von Heicht olhou para o executivo com uma certa preocupação:

— Esses decodificadores, eu presumo, estão preparados também para a segunda fase do SetMark?

O diretor procurou tranquilizá-lo:

— O senhor não precisa se preocupar com isso, os decodificadores foram construídos de tal forma a aceitar a leitura, não só do cartão inteligente, como também do microchip a ser implantado na mão ou na testa do usuário, na segunda etapa quando o cartão deixar de ser utilizado.

C A P Í T U L O 5 4

— Você sabe me dizer que moeda é essa e o que ela significa?

— perguntou o Capitão, sentado no gabinete de seu irmão na Universidade de Roma.

Francesco Scaliari examinou mais uma vez a moeda de prata. Na frente, as mesmas inscrições desconhecidas que haviam no colar; no verso, uma águia bicéfala.

— Bem, as inscrições assemelham-se às que estavam no colar de ferro. Não temos nenhum registro escrito que se aproxime dessa escrita.

Quanto a esta águia de duas cabeças, é um símbolo heráldico muito antigo, oriundo do Oriente, trazido para a Europa pelos cavaleiros cruzados e 106

passado para a alta nobreza européia. Segundo me recordo, fazia parte do sinete oficial do Sacro Império Romano Germânico...

— Sacro Império Romano Germânico? Me lembro ter ouvido alguma coisa sobre isso na escola, mas faz tanto tempo!

— O Sacro Império Romano Germânico foi uma tentativa desenvolvida pelo Imperador Habsburgo de reorganizar a Europa, fazendo renascer a estrutura política existente na época do Império Romano. Tal tentativa, porém, encontrou oposição dos reis da França e da Inglaterra, o que acabou por inviabilizar as pretensões dos Habsburgos em unificar a Europa inteiramente sob seu controle.

— Uma família real que tentou dominar o mundo! — disse Scaliari pensativo.

— Sim, mas suas pretensões foram definitivamente enterradas com a Guerra

dos Trinta Anos, que varreu a Europa naquela época. O Império dos Habsburgos foi derrotado pelo poderoso ministro do rei da França, o Cardeal Richelieu.

C A P Í T U L O 5 5

— Padre Campbell, mas que grata surpresa! — disse a velha, demonstrando alegria.

— Eu não esperava que chegasse a Roma tão rápido! Por favor, padre, sente-se aqui conosco!

Os olhos de Hamilton Campbell cruzaram com os de Mellina, que então esboçou seu maravilhoso sorriso.

— Vejo que você trouxe esta jovem com você — exclamou Campbell.

— Mellina tem tido uma participação essencial na revelação dos enigmas propostos por meu avô; sem ela ainda estaríamos na estaca zero

— concluiu Lady Catherine.

— O que o traz a Roma, Padre Campbell? — perguntou a jovem.

— Eu o convidei a vir a Roma, Mellina, pois achei que Campbell seria um reforço considerável em nosso esforço na busca do Livro de Ouro

— respondeu Lady Catherine.

107

— Ótimo! — exclamou a jovem. — Com o auxílio do Padre Campbell, logo compreenderemos porque a senha que encontramos falhou ao impedir o acesso ao Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York.

Campbell voltou-se para Lady Catherine:

— O que houve, Catherine, por que você me chamou com tanta pressa sem antes me adiantar a natureza do problema?

— Este é o problema, Campbell — disse a velha enquanto lhe mostrava as fotos da estátua do Moisés de Michelangelo. — Ao nos apro-fundarmos no estudo do enigma proposto por meu avô, chegamos à conclusão de que, não somente o Livro de Ouro poderia estar escondido em um dos cofres particulares do Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York, como também que essa famosa estátua, de alguma forma, nos desse o acesso ao banco de custódia!

— Como se contivesse uma senha oculta que lhes permitisse acesso a um desses cofres — concluiu Campbell.

— Sim, foi por isso que eu solicitei que viesse a Roma para nos ajudar, Campbell. Por mais que tenhamos tentado, não conseguimos descobrir nessa estátua a senha que nos permitiria encontrar o livro — declarou Lady Catherine.

— Pois bem, Catherine, diga-me o que você viu nessa estátua que levou-lhe a deduzir tratar-se de uma senha?

— Aqui está! — disse Mellina, mostrando-lhe uma velha carta que retirou de uma pasta de couro. — Esta é a segunda parte do enigma de Lord Raidech:

O tempo passa no Mundo

e ao velho se lhe sucede o Novo,

e ao alforje, a Bolsa,

e ao bezerro, o Touro,

e a um rei quem se lhe oporia?

Um deus?... um homem?

Eternizado em mármore

pelas mãos protegidas por um César.

A primeira parte desse enigma engloba as quatro primeiras frases: veja que nela as palavras-chave estão em maiúsculas *Mundo, Novo, Bolsa, Touro*, o que nos levou a concluir que se tratava da Bolsa de Valores de Nova York. Já a segunda parte refere-se a uma obra de arte criada por um artista protegido por um César. No caso, concluímos que se tratava de Michelangelo, contratado por César. O Papa Júlio II era o mecenas, protetor de artistas no século XV, que contratou Michelangelo para a criação das esculturas que ornamentariam seu túmulo.

— Então vocês chegaram à única obra de arte concluída por Michelangelo para o túmulo de Júlio II: o Moisés — concluiu Campbell.

— Sim.

— Mas como deduziram estar nessa estátua a senha para acessar o banco de custódia?

— Este é o problema, Padre Campbell — continuou a jovem. — Nós imaginávamos que a chave do enigma para o acesso ao banco de custódia fosse o número de letras que formam o nome desse patriarca hebreu; que uma vez somado à data de inauguração do monumento no ano de 1515, formaria o código de acesso ao Banco de Custódia da Bolsa de Valores.

Porém, quando meu tio e o Senador Antonin Hoppings tentaram acessar o cofre do Banco de Custódia da Bolsa de Valores, esta não se mostrou ser a senha correta, uma vez que a senha exigida era uma codificação de onze dígitos. Deve haver alguma coisa nessa estátua que não estamos conseguindo enxergar. A princípio parecia-nos que tudo estava caminhando bem, tínhamos o conhecimento do cofre e da chave, agora já não temos tanta certeza.

Hamilton Campbell olhava agora as fotografias da estátua de Moisés, tiradas por Mellina.

— Talvez não seja propriamente o Moisés a senha para o cofre do banco de custódia, mas sim algo que lhe diga respeito, alguma coisa que se refira a ele, à sua construção ou aos propósitos que levaram Michelangelo a esculpi-la — disse Campbell.

— Como assim, Padre?

— Eu acredito que a senha esteja aqui em algum lugar oculto nessa fantástica estátua, porém, a grande questão é que para descobri-la teríamos que vê-la como o próprio Lord Raidech a via, e isso me parece uma

tarefa impossível. Como poderíamos compreender o que o avô de Lady Catherine, um homem que viveu na primeira metade do século passado, enxergava em uma estátua como essa?

— O senhor quer dizer que para desvendarmos o paradeiro do Livro de Ouro, teríamos que compreender como Lord Raidech pensava?

— É o que acredito, o enigma apenas nos traz a esta estátua e a nenhuma outra indicação na qual poderíamos nos socorrer.

— Mas isso seria uma tarefa divina — exclamou Douglas. — Nenhum homem poderia penetrar na mente de uma outra pessoa discernindo seu modo particular de ver as coisas!

— Isso realmente é impossível — concordou Jeffrey.

— Talvez não! — observou Mellina, voltando de uma profunda reflexão.

— Se o objetivo de Lord Raidech fosse apenas ocultar o livro dos Filhos de Set, não haveria a necessidade de elaborar o enigma.

— Mas se ele não elaborasse o enigma o livro estaria perdido para sempre — observou o padre.

— Exato! Com o enigma podemos ver que a intenção de Lord Raidech era a de que o livro não se perdesse, mas fosse encontrado pelas pessoas certas, no caso sua própria família.

— Sim, mas mesmo assim, estamos no escuro — disse a velha. — O

fato de ser eu sua neta não nos ajuda em muito. Estamos completamente perdidos!

— É o que nos parece — concluiu Hamilton Campbell.

— *Pelas pessoas certas...*

— Espere — disse a loirinha — em nenhum momento Lord Raidech afirmou que as pessoas certas para encontrar o Livro de Ouro eram as pessoas de sua família!

— Como assim? — perguntou Lady Catherine perplexa — a carta foi endereçada a meu pai!

— Sim — concordou a jovem, esboçando um sorriso — mas pelo que eu me lembro da carta, ela não diz que seu pai encontraria o Livro de Ouro...

— Como não? — protestou a velha — se a carta foi endereçada a meu pai!?

110

— Eu sei, Lady Catherine — respondeu a jovem apaziguando-a — o que eu quero dizer é que para seu avô o Livro de Ouro não seria necessariamente encontrado por seu pai!

— Eu já não estou entendendo mais nada! O que você está querendo dizer com isso? Se a carta de meu avô foi endereçada a meu pai, é lógico que a ele caberia encontrar o Livro de Ouro!

— Não necessariamente!

— Como não? — Campbell agora voltara-se curioso para Mellina.

— A senhora não tem a carta em seu poder? — perguntou a jovem.

— Sim — respondeu a velha — trago todos os documentos de meu avô. Seria impensável que alguns deles caíssem em mãos erradas. Jeffrey, traga as cartas.

Jeffrey rapidamente buscou uma pasta mantida em oculto entre os demais pertences de Lady Catherine.

— Aqui está — disse a velha entregando à Mellina a primeira carta de seu

avô — mas eu ainda não estou compreendendo onde você quer chegar!

A jovem rapidamente abriu-a, mostrando a Campbell um trecho da carta:

Já não estarei contigo quando leres esta carta, portanto medite com paciência naquilo que vou te revelar. Não te conduzas somente com a sabedoria humana, mas com a sabedoria de um verdadeiro espírito cristão. Se procederes assim, teu espírito será iluminado e tu tornar-se-á o guardião de um dos maiores mistérios da humanidade: O Livro de Ouro de Lagahs.

— *Não te conduzas somente com a sabedoria humana, mas com a sabedoria de um verdadeiro espírito cristão!* — repetiu Hamilton Campbell — realmente é isto! Mellina está correta, Lady Catherine! Seu avô endereçou a carta para que seu pai descobrisse o paradeiro do Livro de Ouro, mas estabeleceu uma condição: o livro somente seria encontrado se quem o procurasse possuísse esse requisito, ou seja, uma mentalidade cristã. Isso realmente foi um lance genial, apenas alguém que pensasse como um cristão poderia compreender o significado dos enigmas que ele

propôs, ficando os Filhos de Set completamente excluídos da possibilidade de encontrar o livro!

— Isso então nos possibilita compreender a mente de Lord Raidech.

Ele mesmo nos deixou um indicativo para descobrirmos o paradeiro do livro. Teremos tão-somente que olhar para a estátua de Moisés com o olhar de um ardoroso cristão! De outra forma não compreenderemos as pistas que ele deixou!

— Tudo bem, mas o que isso significa? — perguntou Douglas —

quem pode me explicar como olhar para o enigma como um verdadeiro espírito cristão e de que forma isso poderá nos auxiliar a encontrar uma senha oculta na estátua do Moisés de Michelangelo?

— Esta é a questão! — respondeu Campbell — e voltando-se para a jovem — o que há na estátua de Michelangelo que desperta sua atenção, Mellina? Pergunto isso, porque sendo você uma estudante de Teologia, bem como

possuidora de um espírito sensível, me parece a pessoa mais indicada para resolver esta questão.

Por um momento Mellina se debruçou sobre as fotografias espalhadas sobre a mesa.

Hmm! — seus olhos percorriam todos os detalhes da vigorosa estátua.

— Esta estátua revela um grande vigor como se o patriarca de Israel fosse possuidor de uma energia de um Hércules. Agora o que mais me chama a atenção são essas protuberâncias em sua testa: parece que a intenção do escultor era dotar o profeta bíblico de chifres. Isso é, sem sombra de dúvida, o que mais me desperta atenção. Posso dizer até que sinto uma certa revolta ao ver o grande patriarca retratado com a aparência demoníaca!

— Eu tive a mesma impressão — disse Hamilton Campbell, completamente radiante — mas perguntei à Mellina o que ela sentia para poder confirmar minha crença.

— E qual é ela, Padre Campbell — perguntou a velha.

— A chave para descobrir a senha para o Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York está na cabeça!

— Sim, Padre Campbell — confirmou Jeffrey — nós acreditamos que a senha esteja em sua cabeça, mas diga-nos, Padre, qual é ela?

112

— Não, meu jovem, você não entendeu! A senha não está na minha cabeça — disse o sacerdote sorrindo — ela está na cabeça da estátua de Moisés!

— Na cabeça da estátua de Moisés? Mas como?

— Aí está a genialidade de seu avô, Lady Catherine — continuou Campbell. Ele precisava fazer uma senha completamente secreta para os Filhos de Set e ao mesmo tempo clara como o dia para que as pessoas certas a encontrassem!

— Então ele usou a única parte da estátua de Moisés que causaria inquietação

em uma pessoa identifi cada com o cristianismo: os chifres na cabeça da estátua! — concluiu Mellina.

— Exato, minha jovem! Para uma pessoa comum esse detalhe passaria despercebido, mas para um cristão, ele é no mínimo, perplexo!

— Perfeito — concordou Douglas — mas como a senha está na cabeça da estátua de Moisés?

— É simplesmente perfeita a engenhosidade de Lord Raidech — continuou o Padre — os chifres na estátua não se devem a um sentimento de revolta de Michelangelo contra o Papa Júlio II, dando a impressão que o artista queria se vingar satanizando a encomenda do orgulhoso pontífi ce. Os chifres se devem exatamente a um erro de tradução existente na *vulgata*!

— *Vulgata*? — perguntou Douglas ainda mais confuso.

— A *Vulgata* é a tradução da Bíblia Sagrada feita por São Jerônimo

— explicou Mellina.

— Isto mesmo — concordou Campbell — agora quando São Jerônimo traduziu as Escrituras Sagradas para o latim, ele cometeu um erro confundindo o verbo *qaran*, que em hebraico signifi ca brilhar; com o substantivo *qeren*, cujo signifi cado é exatamente o de chifre! É por isso que o grande artista transportou para sua magnífi ca estátua o erro da tradução de São Jerônimo.

— E é exatamente aí que Lord Raidech queria que chegássemos.

Esse detalhe passaria despercebido por um integrante dos Filhos de Set, mas jamais por um cristão que se sentiria ultrajado por uma aparente ofensa ao patriarca bíblico! — continuou a jovem enquanto pegava uma belíssima Bíblia recoberta de iluminuras — aqui está, no livro de Êxodo, capítulo 34:29-35.

— Olhem — continuou a jovem, todo este texto se refere ao misté-

rio da passagem bíblica em que o profeta Moisés ao receber as tábuas da lei teve o rosto resplandecente.

— Eu continuo não entendendo a relação desse texto bíblico com a senha do banco de custódia — murmurou Douglas Braun.

— É simples, meu jovem — argumentou Lady Catherine — lembra do motivo porque a senha que nós havíamos indicado anteriormente não poderia ser a correta?

— Estava faltando um dígito — exclamou Douglas.

— Exato — respondeu a velha — agora veja Êxodo 34:29-35, possuí exatamente onze dígitos!

— Agora só nos resta encaminharmos esta última senha a meu tio e ao Senador e esperarmos!

— É só isso que nos resta, Mellina, esperar... Esperar e torcer para que agora tenhamos acertado — respondeu com esperança Lady Catherine.

C A P Í T U L O 5 6

O automóvel Fiat do Capitão Lucas Scaliari seguia lentamente acompanhando o tráfego congestionado de uma das avenidas de Roma.

O oficial analisava as fisionomias das pessoas nos carros que se aproximavam dele. A maioria apresentava um olhar como se não estivessem ali, mas sim em um outro mundo, ou palco no qual elas mesmas procurariam representar o melhor papel de sua própria existência. Ao olhar para o lado, defrontou-se com duas meninas na faixa dos doze ou treze anos que, sorrindo confidenciavam segredos mútuos os quais o policial não podia escutar. Scaliari pensou na pequena menina russa e na crueldade e loucura do mundo: *“sacrifício satânico em plena modernidade, e ainda existiam loucos que se propunham a isso, onde ela estaria?”* Perdido em meio a esses pensamentos, Scaliari demorou a perceber seu celular, que estava tocando.

— Alô! — disse por fim enquanto via as meninas se distanciarem.

Em segundos sua fisionomia renovou-se.

114

— O quê? — Você disse que encontraram uma testemunha?

— Sim, eu estou indo imediatamente até aí.

Lucas Scaliari desligou o telefone e manobrou rapidamente o carro saindo por uma transversal.

Lucas Scaliari entrou a passos ligeiros no quartel-general da polí-

cia italiana. Ao chegar em seu gabinete, encontrou Paolo Ferri sorridente, acompanhado por um mendigo. As roupas do homem, embora surradas pelo tempo, estavam ainda mais conservadas do que sua face, submetida aos sofrimentos bastante impiedosos a um indivíduo de meia-idade jogado às ruas da capital italiana.

Paolo foi o primeiro a falar:

— Capitão, encontramos este homem que concordou em nos contar tudo o que viu!

Scaliari puxou uma cadeira e com um sorriso amistoso, sentou-se ao lado do mendigo:

— Tudo bem com você? Gostaria de comer alguma coisa?

O homem fez um gesto, interpretado pelos policiais como um sim em resposta. Scaliari então, puxando a carteira, retirou algumas notas que entregou ao jovem tenente.

— Paolo, traga alguma coisa para o nosso amigo!

Instantes depois, Paolo retornou com uma bandeja contendo um *big-mac* com refrigerante. O mendigo, com sonoridade, devorou em minutos o lanche gratuito, balbuciando qualquer coisa que soou como um agradecimento.

— Pois muito bem — disse Scaliari após o homem terminar sua refeição — diga-me, amigo, o que você viu?

Com os olhos colados em Scaliari, o mendigo começou a disparar uma torrente de palavras que saíam desconexas demonstrando uma visível ansiedade.

— Devagar, por favor! — disse Scaliari, com um sorriso — não tenha pressa, temos o máximo interesse em ouvi-lo. Onde é mesmo que o senhor estava?

115

— Eu dormia... na calçada da rua Del Àlamo, em frente à loja de ferragens.

— Muito bem, e o que o senhor viu então?

— Acordei com o barulho produzido por uma ambulância que freou bruscamente. Em seguida, um outro carro, desta vez um furgão prata estacionou ao lado da ambulância com a mesma velocidade.

— Um furgão prata? O senhor tem certeza que era essa a cor? Não estava escuro?

— Sim, era uma noite muito fechada, mas eu dormia a uns cinco metros de onde os carros estacionaram!

— Se o senhor estava a cinco metros, como eles não lhe viram?

— Eu estava deitado completamente imóvel atrás de umas latas de lixo, além disso, àquela hora da noite a rua Del Álamo é completamente deserta, e eles estavam com muita pressa, tudo foi muito rápido!

— Hmm!... — murmurou Scaliari — continue.

— O homem que dirigia o furgão desceu e abriu a ambulância na parte de trás. Ele realmente me chamou a atenção, pois eu nunca vi um homem igual; ele... era um gigante! Devia ter mais de dois metros de altura! Embora tivesse um corpo descomunal, ele se movia com uma agilidade impressionante. Em um momento, quando estava com uma menina adormecida no colo levando-a

para o furgão, eu pude ver seu rosto: havia uma cicatriz no lado direito da boca que ia até perto da orelha!

— Uma cicatriz!... — murmurou Paolo, não escondendo o contentamento.

— O que mais o senhor pode nos contar?

— Bem, além desse homem que me chamou a atenção, eu me lembro que tanto ele como os outros que estavam na ambulância tinham o cabelo bem cortado. Se eu não olhasse com atenção, diria que eles não tinham cabelo.

— Um corte militar! — completou Paolo.

— Tem mais alguma coisa que gostaria de nos dizer? — completou Scaliari.

— Não, é só isso que eu vi.

— Pois muito bem, eu agradeço sua colaboração, saiba que sua ajuda foi muito útil à polícia. Agora eu pediria ao senhor que acompanhasse a policial à outra sala, onde será feito um retrato falado desse elemento.

116

Imediatamente Scaliari apertou o interfone sobre sua mesa. Logo em seguida entrou uma policial.

— Maria, acompanhe este cidadão até a sala de identificação! Ele tem uma grande contribuição para o caso!

Paolo acompanhou com os olhos a saída do mendigo acompanhado pela policial. Depois, esfregando as mãos, voltou-se para Scaliari:

— Enfi m uma pista bastante promissora: um gigante de mais de dois metros e ainda com uma cicatriz no rosto!

Scaliari manteve-se sereno, aparentemente não contagiado pelo entusiasmo do subordinado.

— É um bom começo, Paolo, mas apenas um começo. Queira Deus que

possamos chegar a seus seqüestradores a tempo!

O jovem oficial voltou à serenidade.

— E quanto às informações que o senhor conseguiu junto àquela senhora?

— Minhas suspeitas se confirmaram, a menina foi seqüestrada para a realização de uma espécie de sacrifício satânico. Agora, a questão é onde e por quê.

— Eles não poderiam estar envolvidos? — perguntou Paolo com um tom de voz mais baixo.

Scaliari, que até então mantivera seus olhos baixados como que processando os últimos acontecimentos, de súbito levantou-os fixando-os em seu subordinado.

— Que eles estão envolvidos, eu tenho certeza, Paolo, embora não no sentido que você está imaginando. Eles não têm ligação com o seqüestro da menina, agora possuem muitas informações que eu ainda não consegui desvendar!

C A P Í T U L O 5 7

Eram 7h30 da manhã quando Jeffrey trouxe os jornais. Lady Catherine já estava na sala, na expectativa de uma resposta do Senador. Aquela senha encontrada por Campbell e Mellina tinha que ser a correta. Sua 117

saúde já não era a mesma, e nos últimos anos ela sentia que suas forças se desvaneciam cada vez mais rapidamente. Lady Catherine sabia que não lhe restaria muito tempo.

— Jeffrey, qual é mesmo o quarto em que o Padre Campbell está?

— Quarto 73, Lady.

— Ele deixou o telefone?

— Sim, eu o coloquei na agenda.

— Então faça-me o favor de chamá-lo; chame também Douglas e Mellina. Diga-lhes que quero todos juntos quando o Senador nos der a notícia de que encontrou o Livro de Ouro!

Mellina pegou o jornal que estava sobre a mesa e, ao folheá-lo, teve sua atenção despertada por uma mal-encarada fi gura estampada em meia página na coluna policial.

— Olhem! Este é um dos seqüestradores da menina russa! — disse a jovem passando o jornal para Lady Catherine.

— Com essa enorme cicatriz logo será encontrado — disse Douglas olhando por cima do ombro da velha senhora.

— Assim esperamos! — disse Lady Catherine no mesmo momento em que sua atenção era desviada por uma batida na porta da suíte.

Jefrey levantou-se e abriu-a.

— Desculpe a demora — disse Hamilton Campbell — esse hotel é enorme e eu acabei me perdendo.

— Padre Campbell, meu velho amigo, entre e junte-se a nós — disse a velha — vamos aguardar juntos a resposta do Senador e torcer para que ele nos diga que encontrou o livro!

C A P Í T U L O 5 8

O dia amanheceu devagar, e uma certa ansiedade havia tomado conta de Scaliari. A sorte sorria para ele, pensou enquanto dirigia o seu 118

velho Alfa Romeu pelas ruas de Roma que começavam a esquentar com os primeiros raios do sol que despontava. Naquele momento não tinham nenhuma pista, afi nal foi um trabalho de profi ssionais. Nenhuma impressão digital, nada que lhes indicasse o caminho, a não ser a teoria apocalíptica de uma *lady* inglesa. Mas a Providência colocara aquele pobre homem deitado em meio a jornais, exatamente ali em uma rua escura. E agora, graças a isso, a imagem de um dos seqüestradores em questão de horas estaria circulando

em todo o país.

O carro do oficial dobrou à esquerda saindo da avenida. Poucos carros circulavam àquela hora, quando chegou no portão do quartel da polícia metropolitana. Scaliari foi, como de costume, saudado pelo policial.

— Bom dia, Capitão — disse o sentinela.

— Bom dia — respondeu Scaliari.

— O senhor está chegando cada vez mais cedo! — observou o policial.

Embora tivesse o hábito de levantar cedo e fosse sempre um dos primeiros a chegar ao trabalho, Scaliari surpreendeu-se com sua própria ansiedade. Tivera dificuldades para dormir na noite anterior, acordando diversas vezes pela madrugada na expectativa de que logo o dia amanhecesse.

O seqüestro da menina, retirada espetacularmente de um hospital guardado por homens sob seu comando, demonstrou as falhas da segurança e deixara-o tremendamente abatido. Agora, porém, havia a possibilidade de reparar esse erro.

— É, eu tenho algo muito sério a resolver!

A passos largos, Scaliari percorreu os longos corredores do quartel-general da polícia italiana. Ao abrir a porta de seu escritório, seus olhos depararam-se com o jovem oficial que montava guarda ao lado do telefone.

— Bom dia, senhor! — disse Paolo Ferri.

— Paolo, você já está aqui!? — pelo que vejo, você também não conseguiu dormir!

119

CAPÍTULO 59

Como de costume, os jornais — que vinham do mundo todo —

foram entregues na sede da Secretaria Geral. Eram os mais importantes periódicos e vinham tanto das Américas quanto do Cáucaso. Tão logo as rotativas soltavam os primeiros exemplares, estes eram despachados de avião. Na Secretaria Geral, uma centena de homens versados em um ou mais idiomas, além do oficial da referida sede, examinavam cada exemplar por inteiro, coletando minuciosamente todas as informações que de alguma forma lhes despertassem o interesse. Uma vez traduzidas e transformadas em resenhas, essas informações eram entregues a um guarda.

Ciente da dignidade de seu uniforme, desenhado havia mais de cinco sé-

culos, este guarda solenemente marchava em direção a um antiquíssimo prédio da Secretaria Geral. Para chegar lá, passava por um grande vestíbulo ornamentado por dezenas de obras de arte como bustos, estátuas e baixos-relevos, cuja simples menção de seus nomes multiplicaria em milhões o preço que seria alcançado por elas em qualquer um dos mais sofisticados leilões de arte do mundo.

Ao passar pelo pórtico trabalhado em mármore do norte italiano, com seu passo cadenciado, o soldado adentra em um ambiente ainda mais suntuoso e iluminado. Lá, encontra um outro soldado, um pouco mais velho, cujas insígnias atestam sua superioridade na hierarquia da corporação.

O jovem faz continência e entrega-lhe a pasta com as informações. Logo em seguida dá meia volta e retorna a seu posto no pátio externo. Após acompanhar com o olhar a saída do mais moço, o soldado volta-se e bate na porta a qual guardava.

— Pode entrar — disse alguém lá de dentro.

— As notícias do dia, *signore*!

— Obrigado, Miguel — disse o ancião, que examinava um manuscrito — pode deixar sobre a mesa, por favor!

O soldado assentiu, colocando a pasta sobre a mesa, depois silenciosamente como havia entrado, retirou-se voltando a seu posto.

Quinze minutos depois, após ter concluído a carta que escreve-ra, Giuliano Colona, Secretário Geral do Vaticano, levantou-se de sua

escrivania e, pegando a pasta trazida pelo soldado, instalou-se confortavelmente em uma poltrona perto da janela com vista para o castelo de Santo Ângelo. Ao olhar as primeiras páginas as cores de seu rosto desapareceram, e lívido, percorreu a chamativa frase logo abaixo do desenho que lhe perturbava inteiramente:

PROCURADO POR SEQÜESTRO DE MENINA RUSSA

Giuliano Colona olhou mais uma vez para a fotografia, não havia dúvida, era ele mesmo! Com um estremecimento, pegou o telefone, não havia outra coisa a fazer.

C A P Í T U L O 6 0

Acompanhado por Paolo, Scaliari esperava em silêncio. Àquela hora os jornais já deviam estar circulando pela Itália inteira. E em pouco tempo alguém reconheceria o homem com a cicatriz. A mensagem fora clara e consistia apenas no retrato falado, crime cometido e o telefone da polícia romana para denúncia. E era exatamente esse o telefone que agora monopolizava a atenção de ambos os policiais.

Scaliari permanecia olhando para o aparelho, mas a imagem que sua mente lhe trazia era a da linda menina russa. *Como ela estaria?* Será que a *encontrariam a tempo?*

Sua meditação foi interrompida repentinamente pelo toque do aparelho, que dando a impressão de soar mais forte que o normal, trouxe-o de volta à realidade. Estendeu a mão para atender, mas Paolo Ferri foi mais rápido.

— Carabinieri, pois não...

— Ah!.. Sim!.. Teremos descrição... Vaticano? Sim!... Sim!... Iremos agora mesmo!

— No Vaticano? — Scaliari não conseguiu ocultar a surpresa, enquanto o carro corria velozmente pelas ruas de Roma.

— Pelo que me disseram o homem que procuramos é um ex-guarda suíço!

— Mas quem foi que deu essa informação?

— Ele não se identiﬁcou, disse que nos esperaria na Praça de São Pedro!

— Isso parece brincadeira.

— Eu me certiﬁquei o número, é mesmo do Vaticano. Não creio que alguém por lá nos passaria um trote!

Ao longe se avistava a majestosa cúpula da Catedral de São Pedro.

Um ex-guarda suíço envolvido no seqüestro de uma menina, escolhida para um ritual satânico!

Ao passar com o veículo discreto dos Carabinieri de Roma pela Ponte dos Anjos, sobre o rio Tibre, Scaliari olhou demoradamente para o magníﬁco castelo de Sant’Angelo. Era difícil imaginar que aquela constru-

ção fora inicialmente o túmulo de um imperador romano. O carro então diminuiu a velocidade ao entrar na reta da Via Della Conciliazione, ﬁnalmente parando ao lado da Praça de São Pedro que, àquela hora da manhã já fervilhava com turistas de todo o mundo.

Com seu uniforme multicolorido, um ofi cial da guarda suíça aproximou-se do carro no momento em que Paolo e Scaliari desciam.

— Sejam bem-vindos, senhores, sou o tenente Konrad, assistente do Secretário Geral do Vaticano — disse o jovem sorridente enquanto apertava-lhe as mãos.

— Nós recebemos uma ligação agora há pouco...

— Sim, eu estou aqui para levá-los ao Secretário Geral. Por favor, me acompanhem!

Os três, então atravessaram a Praça de São Pedro, entrando por um discreto portão lateral à magnífica basílica. O tumulto de centenas de turistas logo cedeu lugar, no outro lado do muro, à disciplina e organização militar de um grupo de vinte guardas suíços que marchava em formação, armados com as mesmas lanças pontiagudas que havia séculos garantiram a fuga do papa Clemente VII até o castelo de San'Angelo durante a invasão de Carlos V. Na ocasião, 147 jovens soldados foram deixados para trás.

122

Foram todos massacrados, mas seu sacrifício permitiu que o pontífice escapasse em segurança.

Paolo sentia-se emocionado ao pisar pela primeira vez em um recinto tão exclusivo. O tenente Konrad percebeu e, com visível orgulho, passou a ciceronear seus improvisados visitantes.

— Acabamos de passar pelo escritório da guarda suíça. À direita temos o Correio Central, onde são recebidos jornais e correspondência de todo o mundo.

Seguindo mais à frente chegaram a um jardim cercado por gramados e magníficas estátuas.

— Este é o famoso Pátio dos Bórgias. Conta a lenda que aqui Alexandre VI mantinha festas nada ortodoxas, inclusive com a presença de sua filha, a exuberante Lucrecia.

Os olhos do Capitão Scaliari voltaram-se para o magnífico prédio à sua direita.

— Que prédio é este? — perguntou enquanto seus olhos ficaram em êxtase ante a grandiosidade da construção.

Konrad voltou-se para ele, satisfeito em ver a sensação de deslumbramento na face do *carabinieri*

— Esta, senhores, é, sem sombra de dúvida, uma das maravilhas da criação

humana. Pode fi gurar, sem questionamento, entre as sete maravilhas de todos os tempos: é a Capela Sistina!

— A Capela Sistina, que foi inteiramente pintada por Michelangelo?

— Exatamente — respondeu Konrad, com o peito estufado — pena que esteja fechada, senão eu mesmo lhes mostraria seu riquíssimo interior!

— É uma pena — disse Scaliari, enquanto percorria vagarosamente o interior de um outro jardim — que os moradores de Roma não tenham a oportunidade de visitar esses lugares maravilhosos, infelizmente excluídos dos roteiros turísticos!

Konrad concordou com a cabeça.

— Chegamos — disse por fi m, ao pararem diante de um dos prédios mais antigos da capital italiana.

Scaliari ergueu os olhos para a placa de bronze sobre o pórtico da entrada. Estava em latim:

123

GOVERNATORATO

Um outro guarda suíço veio ao encontro deles.

— Queiram me acompanhar, o Secretário Geral está à sua espera.

C A P Í T U L O 6 1

O Cardeal Giuliano Colona aguardava-os em pé ao lado de sua escrivaninha. Ao perceber sua chegada, caminhou então em direção aos *carabinieri* quando estes adentraram em sua sala acompanhados pelo ofi -

cial da guarda suíça. O guarda deu meia volta e retirou-se do fi níssimo gabinete.

— Sejam bem-vindos! — disse o Cardeal cumprimentando-os — sou

Giuliano Colona, Secretário Geral do Vaticano. Então indicando-lhes um magnífico sofá de couro negro, convidou-os a sentar.

— Recebemos a informação de que o retrato falado publicado no jornal de hoje coincide com o perfil de um ex-funcionário do Vaticano

— disse Scaliari, indo direto ao assunto.

Giuliano Colona ouviu em silêncio. Depois, com um breve suspiro, falou aos policiais:

— Sim, Capitão, fui eu mesmo que solicitei sua presença ao tomar conhecimento do retrato falado que me pareceu coincidir com as características de um ex-guarda suíço expulso aqui do Vaticano.

— Mesmo assim o senhor achou por bem nos auxiliar — observou Scaliari, contemplando as feições cansadas do príncipe da Igreja.

— Bem — explicou Colona — não me pareceu correto omitir algumas informações sabendo que minha contribuição seria útil para a prisão de um criminoso. Além disso...

O Cardeal mostrou-se reticente.

— Além disso? — perguntou o *carabinieri*.

— Capitão — prosseguiu o Cardeal, agora resolutivo — como Secretário Geral do Vaticano, estou numa posição que me obriga a tomar decisões que muitas vezes não são aquelas que se esperaria de um religioso.

124

O Vaticano não é apenas uma Igreja, mas também um Estado com bandeira e reconhecimento político. O Tratado de Latrão nos propiciou isso.

Scaliari ouvia-o com atenção.

— Infelizmente, por sermos um Estado especial, não temos alguns poderes comuns a outros Estados soberanos. Esse ex-guarda suíço foi expulso do

Vaticano porque foi apanhado enquanto fazia espionagem.

— Os senhores o apanharam fazendo espionagem? — perguntou Scaliari surpreso, imaginando que tipo de segredos não estariam por trás daqueles muros, e quem teria interesse em deles se apropriar.

— Sim, foi por isso que eu o chamei aqui.

Colona fez uma pausa como se estivesse imaginando a melhor forma de continuar.

— Eu quero propor-lhe um acordo!

— Um acordo? *Que tipo de acordo poderia haver entre o segundo homem mais poderoso do Vaticano e um simples Capitão da polícia italiana?*

— Sim — continuou o Cardeal um pouco embaraçado — eu lhe darei algumas informações confi denciais sobre o homem que estão procurando e, em troca... o senhor nos ajudará a recuperar um objeto por ele roubado do acervo do Vaticano.

— Um objeto roubado do acervo do Vaticano?

— Que objeto foi roubado? — perguntou Scaliari, por um momento imaginando as riquezas imensuráveis que se encontravam por toda parte.

Muitos dos objetos que aqui se encontravam, teriam livre acesso entre os maiores colecionadores de arte em todo o mundo.

— Capitão Scaliari — disse o Cardeal — antes que eu possa revelar o objeto, preciso saber se temos um acordo ou não. Tenha absoluta certeza que esse objeto pertence ao acervo do Vaticano e, nenhum constrangimento lhe acarretará à sua vida funcional, muito pelo contrário, ajudando-nos o Vaticano lhe será eternamente grato. E isso na Itália pode signifi car muitas coisas!

Se esse objeto pertence ao Vaticano, mal não haverá em devolvê-lo ao legítimo dono. Terei as informações que me levarão ao paradeiro da menina, bem como a gratidão do Vaticano, algo que pode muito bem alavancar

minha carreira.

125

— Eu concordo, Eminência, diga-me que objeto foi roubado?

Giuliano Colona sorriu e estendeu a mão para o Capitão da polícia romana.

— Então estamos de acordo, você terá todas as informações que constam em nossos arquivos sobre o homem que procura, bem como todo o auxílio que eu puder prestar. Quanto ao objeto roubado que gostá-

mos que recuperasse, trata-se de uma ponta de lança feita de ferro do século I da Era Cristã.

— O senhor está me pedindo para recuperar uma ponta de lança de ferro? *Meu Deus, com tantos objetos de ouro e pedras preciosas, esse espião seqüestrador foi roubar logo uma ponta de lança totalmente de ferro!?*

— Isso mesmo! — confiou o Cardeal, com olhos argutos, saboreando a perplexidade do *carabinieri*.

Scaliari não se conteve, aquilo era por demais curioso.

— Eu não consigo entender, Eminência! O Vaticano repleto de está-

tuas, vasos e telas dos mais expressivos artistas de todos os tempos, e esse ex-guarda suíço foi roubar justamente uma lança de ferro, que nem de ouro é; e o Vaticano, na pessoa de seu Secretário Geral, o segundo mais importante na hierarquia da Igreja, está a pedir-me para recuperá-la?!

— O que foi roubado, senhor Scaliari, embora aparentemente despido de maior valor econômico, se comparado com algumas obras de arte no Vaticano, representa um dos maiores tesouros já guardados dentro de nossos muros!

— Esse objeto demonstra possuir uma grande significação para o Vaticano, diga-me Eminência, por quê?

— Você, como bom italiano, Capitão Scaliari, deve conhecer a história do Santo Sudário, não?

— Sim, o Santo Sudário, uma das maiores relíquias do catolicismo!

É claro que a conheço! Segundo a lenda, ele foi o manto que encobriu o corpo de Jesus!

— Pois bem, Capitão, para responder sua pergunta eu lhe digo que esta ponta de lança é para a Igreja ainda mais importante que o Santo Sudário.

— Ainda mais importante que o Santo Sudário? Mas isso é inacreditável!

126

— Pois acredite, Capitão, esta ponta de lança não representa apenas um objeto de ferro comum; pelo contrário, ela se reveste de um grande significado: foi com ela que os soldados romanos feriram o corpo de Jesus!

Ela é a lança que traspassou o lado direito do filho de Deus! Ela é a Lança do Destino!

— A Lança do Destino?

Scaliari já ouvira falar sobre ela, um objeto que durante a Segunda Guerra Mundial fora roubado a mando de Adolf Hitler. Segundo a lenda, quem a possuísse dominaria o mundo.

— Mas, diga-me, Eminência, por que razão o seqüestrador da menina russa roubaria a lança que feriu Jesus Cristo?

Giuliano Colona permaneceu por alguns instantes em silêncio, como que a perguntar a si mesmo até que ponto deveria revelar a verdade àquele Capitão da polícia romana.

— Senhor Scaliari — disse por fim o Cardeal — eu acredito que tanto o roubo da lança como o seqüestro da menina russa visam a um mesmo propósito: a realização de um ritual...

— O senhor também acredita na existência dos Filhos de Set! —

afirmou Paolo.

Por um momento Giuliano Colona pareceu recuar ante o efeito das palavras do jovem oficial, fazendo-o comprimir o corpo contra a cadeira de encosto alto.

— O que foi que você disse? — perguntou o Cardeal.

Scaliari percebeu o assombro que tomara conta do Secretário Geral do Vaticano.

— O senhor mostrou-se preocupado quando Paolo pronunciou o nome dos Filhos de Set; diga-me, Eminência, esse nome lhe traz alguma lembrança?

C A P Í T U L O 6 2

Giuliano Colona fechou os olhos. A situação se mostrara mais melindrosa do que ele inicialmente havia imaginado.

127

— Capitão Scaliari, o que vocês sabem sobre os Filhos de Set? —

perguntou Colona com a voz completamente embargada.

Scaliari mostrou-se surpreso.

— Eminência, como policiais, temos por obrigação investigar e levantar todas as possibilidades. Em um caso como este não podemos descartar nem mesmo a hipótese de um seqüestro da menina pelos Filhos de Set para a realização de um sacrifício satânico!

— Capitão — disse Colona, demonstrando nervosismo — o senhor não está me entendendo! Eu não estou questionando os caminhos de sua investigação, eu estou lhe perguntando como o senhor chegou a este caminho, isto é, como o senhor chegou aos Filhos de Set?

O Capitão dos carabinieri sorriu nervosamente.

— Eu não posso revelar-lhes, Eminência, as fontes que me permiti-ram essa linha de investigação. Se fi zesse isto estaria não só contrariando a ética, mas o que ainda é pior, colocando em risco as pessoas que colaboraram com a polícia!

O Cardeal então afastou-se do encosto alto da cadeira, aproximando-se de Scaliari, agora com um tom de voz mais firme.

— O senhor terá que confi ar em mim — disse Colona — ou então nenhuma esperança haverá em recuperarmos a lança ou mesmo de encontrarmos a menina viva!

— Eu tenho a impressão de que o senhor sabe algo, mas que não quer me dizer — afirmou Scaliari observando as reações do Cardeal. O

que o senhor sabe, Eminência, que eu ainda não sei?

— Os Filhos de Set, Capitão, os Filhos de Set. Mas a questão aqui não é o que eu sei, mas o que o senhor sabe, ou o que é ainda mais importante, como veio a saber!

— Eu não estou compreendendo, Eminência!

— Eu explico, Capitão! Olhe para a Igreja. O que o senhor vê?

A Igreja não lhe parece com uma estrutura colossal, semelhante a um império? Pois eu lhe digo que mesmo com o gigantismo dessa estrutura eclesiástica, em muito semelhante a um império, não há mais do que meia dúzia de prelados que sabem da existência dos Filhos de Set. Seu conhecimento é mantido pelo Vaticano no mais absoluto sigilo. Agora, para minha surpresa, os senhores vêm à minha presença e em poucos minutos estão a 128

questionar-me sobre uma seita secreta que nem mesmo os governos possuem qualquer informação. Eu quero, Capitão, que o senhor compreenda a situação delicada em que eu me encontro. Como o senhor tomou conhecimento da

existência dos Filhos de Set?

— Mas, eu terei que revelar minha fonte...

— Capitão, o senhor terá que confi ar em mim — repetiu o Cardeal

— a situação o requer, não sei até onde vai seu conhecimento, mas caso não saiba, essa menina russa foi escolhida para ser sacri fi cada em um ritual de magia negra chamado de Euiose de Lúcifer!

— Então é verdade! O que Lady Catherine contou é verdade — disse atônito, Paolo Ferri, olhando para Scaliari.

— Isso é a mais pura realidade — confi rmou o Cardeal. Tanto que os seqüestradores da menina foram os mesmos que roubaram a Lança do Destino.

— Por que eles roubaram a lança — perguntou o tenente — qual a sua ligação com a menina?

— Esta lança é importantíssima para a realização do ritual, pois tendo ela sido usada para ferir Cristo, sua utilização não só representaria para os esotéricos satanistas a repetição da afronta causada ao fi lho de Deus no calvário, como também sua importância é vital para o nascimento espiritual do Anticristo!

— Meu Deus! — exclamou Paolo — isto parece coisa de cinema! O

cinema americano, embora repleto de fi lmes sobre satanismo, até agora não inventou nada mais tenebroso!

— Eu sei, meu jovem — disse Colona, mostrando-se simpático

— uma das melhores formas de ocultar a verdade é exatamente esta, banalizá-la.

Scaliari examinou os olhos perspicazes do Cardeal.

— O senhor está dizendo que a verdade está sendo ocultada das pessoas

sendo revestida com uma aparência de fantasia?

— É exatamente isso que eu disse — confi rmou o Cardeal — talvez não seja o momento apropriado para revelar-lhes isso, mas eu lhes pergunto: qual é o limite fi nal entre a realidade e a fantasia? Até que ponto o cinema, a literatura ou mesmo a televisão têm por objetivo entreter ou informar com sinceridade seus leitores e telespectadores? Não sejamos 129

ingênuos, senhores! O mundo que conhecemos pelos meios de comunica-

ção não representa a verdadeira realidade. A história verdadeira é muito diferente daquela que consta nos livros escolares. Se os homens comuns tivessem conhecimento da realidade secreta, tenham certeza, a humanidade estaria tomada pelo pavor.

— Vivemos em uma espécie de Matrix, então?

C A P Í T U L O 6 3

— Matrix? O que é Matrix — perguntou Colona.

— Matrix foi uma trilogia cinematográfi ca em que o personagem principal descobre que o mundo em que ele vivia não era real, mas sim uma ilusão provocada pelas máquinas que controlavam o mundo verdadeiro e se alimentavam da energia emanada dos corpos humanos. Ciente dessa nova realidade, auxiliado por seus amigos o herói declara guerra aos dominadores cibernéticos!

— Isso me parece bem apropriado para ilustrar a realidade em que vivemos, Capitão: uma guerra declarada! Durante séculos a Igreja vem lutando contra as forças do grande enganador — o Diabo. Este luta ferozmente para desviar os homens do único remédio para o veneno do pecado por ele mesmo inoculado na raça humana, no Jardim do Éden: o sacrifício de Cristo na cruz. No Paraíso, o Demônio enganou a raça humana com a promessa de que nossos pais seriam iguais a Deus. Estes, seguindo sua instrução, desobedeceram ao Criador decaindo então da graça divina. Em vez de se igualar a Deus, o homem acabou igualando-se ao Diabo, sendo partícipe na mesma condenação deste que outrora era um anjo de rara beleza, chamado

Lúcifer, cujo significado de seu nome é portador de luz. O Criador, movido por sua infinita misericórdia, no palco da queda do homem, conforme podemos ver no relato bíblico de Gênesis, prometeu o sacrifício de seu próprio filho para assim resgatar a comunhão da humanidade consigo mesma.

— Mas esse é um discurso religioso, Eminência, apregoadado em todas as igrejas cristãs! Não há nada de novo aí! — afirmou Scaliari. — Onde isso pode se encaixar com os Filhos de Set?

130

— Aí é que está — concluiu o Cardeal, levantando-se e pegando em uma estante repleta de livros com antiquíssimas lombadas de couro, um exemplar repleto de iluminuras medievais:

— Olhe este livro — disse enquanto entregava o magnífico exemplar ao Capitão dos *carabinieri*.

— O que tem esse livro? — perguntou Scaliari surpreso.

— A resposta à sua pergunta — respondeu Colona, com um sorriso.

Civitas Dei, uma das mais destacadas obras de um dos grandes sábios da humanidade: Santo Agostinho. Olhe o que está escrito.

“Dois amores deram nascimento a duas cidades: a cidade terrestre procede do amor de si até o desprezo de Deus; a cidade celeste procede do amor de Deus levado até o desprezo de si.”

— Já em sua época Santo Agostinho delineava um conflito movido por dois grupos de interesses antagônicos. Aquele formado pelos cristãos que negando-se a si mesmos aderem à causa de Cristo, levando as boas novas da redenção propiciada pelo sacrifício de Jesus no calvário; e um outro grupo, cujo objetivo máximo vem a ser a realização de seus próprios desejos, obstaculizando assim, o plano divino salvífico, idealizado para a espécie humana. A primeira cidade, ou grupo de indivíduos, constitui-se da união de todos os cristãos que juntos, formam a Igreja de Cristo, comprometida com a

salvação das almas resgatando-as do pecado original. Já a segunda cidade compõe-se dos filhos do Diabo, ou seja, de um grupo de indivíduos que, completamente distanciados do entendimento de Deus e seduzidos pelas imensas riquezas de Lúcifer, opõem-se à Igreja, colocando-se contra tudo o que possa despertar os homens para a realidade eterna que existe além da vida material.

— Os Filhos de Set já existiam no tempo de Santo Agostinho? —

surpreso, perguntou o tenente.

— Os Filhos de Set, meu jovem, são ainda mais antigos que a Igreja.

Segundo alguns documentos mantidos em sigilo aqui na biblioteca do Vaticano, sua origem se deu antes mesmo do dilúvio universal. Sua história se prende diretamente às causas desse mesmo dilúvio. A própria Bíblia Sagrada nos trás um relato sucinto a esse respeito, transcrevendo em 131

suas páginas uma explicação genérica, dizendo que a maldade dos homens fez com que Deus destruísse toda a civilização construída nas primeiras eras.

— Todas as civilizações, o senhor quer dizer!

— Não, meu jovem! Embora isso lhe pareça estranho, havia naquela época uma única civilização. Porém, ela foi tomada pelos adoradores de Lúcifer que, iniciados em práticas esotéricas, adquiriram um grande conhecimento dos mistérios ocultos. Por meio desses conhecimentos eles alcançaram um padrão científico invejável, guardadas as devidas propor-

ções. Podemos dizer que o avanço do conhecimento naquela época foi ainda maior do que todo o conhecimento científico dos dias atuais.

— Queira, Eminência, me desculpar, mas o assunto que nos traz aqui é muito sério: trata-se do rapto de uma menina...

— Capitão Scaliari — disse Colona, demonstrando irritação — eu não tenho motivos para inventar historinhas. Saibam os senhores que meu tempo é muito precioso e que o que estou a contar-lhes não o faço sem um certo

receio. Porém, se quero tê-los como aliados, preciso que conheçam pelo menos em parte a verdadeira história, a história secreta.

— Eminência, não quero que pense que estou colocando em dúvida sua seriedade, mas o senhor tem consciência de que o que acaba de dizer é algo surpreendente! Jamais alguém falou da existência de uma antiga civilização com um conhecimento científico superior ao conhecimento da atualidade. E ainda mais, que ela fora influenciada por Lúcifer! — protestou Scaliari.

— Eu sei disso — disse Colona — embora tanto eu como o Santo Padre, sintamo-nos angustiados pelo peso de manter esse segredo distante do conhecimento da humanidade; porém, sabemos que isso poderia causar alvoroço ou mesmo pânico entre os povos do mundo. Somente, se todos os outros recursos falharem é que seremos obrigados a trazê-lo a público.

Agora se os senhores olharem para alguns mistérios que cercam o mais surpreendente monumento existente sobre a face da Terra — a pirâmide de Quéops, terão consciência da veracidade do que estou falando. Ainda nos dias de hoje cientistas e egiptólogos do mundo todo ficaram perplexos ao se depararem ante as fabulosas dimensões da pirâmide no planalto rochoso de Gizé. No livro *As Pirâmides e os Templos de Gizé*, publicado em 1883, 132

pelo famoso egiptólogo inglês, William M. F. Petrie, são feitas revelações surpreendentes. Por exemplo: a latitude e a longitude que se cruzam na pirâmide são exatamente 30°N e 31°L, as mesmas que passam por mais terra firme do que quaisquer outras. Aí fica uma pergunta: como seria possível que os egípcios fizessem o grandioso monumento exatamente no centro do mundo habitável? Mas as revelações não ficaram somente nisso: John Taylor, outro egiptólogo inglês, havia descoberto que ao dividir o perímetro da pirâmide pelo dobro de sua altura o resultado era idêntico ao valor do pi (3,1416...). Taylor calculou que a relação da altura da pirâmide e seu perímetro era igual à existente entre o raio polar da Terra e sua circunferência. Agora eu pergunto: de que forma os egípcios teriam acesso a esses conhecimentos milhares de anos antes da primeira viagem de circunavegação?

— É realmente surpreendente! — exclamou o jovem tenente.

— Isso é apenas uma pequena amostra, senhores! Existem ainda muitas outras coisas que atestam os profundos conhecimentos que foram perdidos ao longo da história humana, revelados por Lúcifer, aos homens do período antediluviano. Se formos olhar para a obra do filósofo grego Platão, veremos que ele mesmo faz referência a uma antiga civilização extremamente desenvolvida: Atlântida!

— A civilização perdida de Atlântida?

— Esta mesma! A Atlântida não é outra, senão a antiga civilização antediluviana que, pervertida pelo conhecimento e adoração a Lúcifer, acabou destruída por sua imensa maldade!

— Por quanto tempo os senhores irão manter isso em segredo?

— Talvez muito em breve tenhamos que revelar esse segredo ao mundo, Capitão. É uma questão de estratégia. A Igreja não jogou ainda todas as suas fichas, mas acredito que não teremos alternativa.

— Como assim, Eminência, eu não estou entendendo!

— Estamos em uma guerra, Capitão, uma guerra secreta, um conflito jamais imaginado pelas pessoas comuns que vivem seu dia-a-dia como se tudo estivesse dentro da mais tranqüila normalidade. Mas isso é falso!

Ao longo da história, os Filhos de Set vêm realizando uma revolução silenciosa, alterando a cultura, o panorama político, até mesmo o modo como as pessoas compreendem a própria realidade!

133

— Mas para quê? — perguntou Scaliari, fascinado pela aura do mistério que lhe estava sendo revelado.

— Por uma razão tão antiga quanto a própria espécie humana, Capitão: a tentativa de Lúcifer em estabelecer seu reino na Terra. É por essa razão que a menina foi seqüestrada. Diga-me uma coisa: quando ela foi hospitalizada, não foi encontrado com ela um colar de ferro?

— Sim, Eminência, eu o trouxe comigo — disse Scaliari olhando para Paolo Ferri, que retirou de uma pasta de couro o colar de ferro recoberto de inscrições.

— Inclusive eu mostrei para meu irmão, que é professor da Universidade de Roma, mas ele não pôde desvendar as inscrições.

— E não poderia ser diferente, Capitão — disse o Cardeal — as inscrições que estão neste colar são de um idioma que não existe mais sobre a face da Terra. São da linguagem universal falada pelos magos da Atlântida no período pré-diluviano.

— O senhor sabe interpretá-las? — perguntou Scaliari com um resquício de esperança.

Os olhos do religioso afastaram-se do colar de ferro. Por um momento pareciam perdidos no infinito, depois voltaram-se para o Capitão italiano.

— Infelizmente não, Capitão.

— Mas como, então, o senhor pode nos dizer que elas pertencem à civilização de Atlântida e que o colar tem relação com um sacrifício satânico?

— Estamos no Vaticano, Capitão. Temos aqui o mais completo acervo de livros e pergaminhos históricos. Possuímos também documentos antiqüíssimos com inscrições em tábuas de pedra e bronze que nos permitem uma visão privilegiada do desenrolar da história humana. Em nossa biblioteca secreta, temos um documento confiado por Alexandre, o Grande, quando esse conquistador macedônio invadiu a Judéia. Segundo esse documento em forma de pergaminho, havia uma sociedade secreta que planejava o domí-

nio do mundo, visando estabelecer a adoração a Lúcifer na Terra.

— Os Filhos de Set! — exclamou Paolo já se acostumando com aquilo.

— Exatamente — confirmou o Cardeal — esse domínio seria estabelecido por intermédio de um rei universal que no tempo apropriado seria consagrado a Lúcifer.

— Como ele seria consagrado?

— A consagração deveria ser feita por meio de um ritual de magia negra tão misterioso, que somente seria realizado uma única vez: o ritual da Euiose de Lúcifer!

— O que o senhor está dizendo — exclamou Scaliari — é que existe um ritual de magia negra que só poderia ser feito uma única vez?

— Sim — disse Giuliano Colona — um ritual terrível, de difi cíli-ma execução, pois para a sua realização é exigido a conjugação de dois acontecimentos extremamente raros: primeiro, que o instrumento para o sacrifício no ritual da Euiose Luciferina fosse o mesmo usado na morte de um homem que não tivesse pecado.

— Impossível — exclamou sorrindo Paolo Ferri — só aí o sacrifício satânico já estaria inviabilizado!

— Você está certo, meu jovem — afirmou o Cardeal de forma condescendente.

— Eu estou certo?! — surpreendeu-se o jovem oficial.

— Sim, durante séculos os Filhos de Set procuraram em vão um homem que preenchesse essa característica, mas não encontraram.

— Não encontraram? — perguntou Scaliari — mas o sacrifício então...

Giuliano Colona fez um sinal com a mão para que os policiais permitissem que ele continuasse.

— Não encontraram em um homem comum, eu quero dizer. Quando Jesus Cristo veio ao mundo e morreu na cruz para redimir a humanidade, os Filhos de Set aproveitaram aquela grande oportunidade. Se os senhores lerem as Escrituras verão que um soldado romano feriu com sua lança o lado direito de Cristo. Eu lhes pergunto: por quê?

Scaliari e Paolo se entreolharam.

— Para fornecer o instrumento para o sacrifício da Euiose Luciferiana?

— perguntaram ao mesmo tempo.

— Exatamente, não havia nenhuma necessidade de ferir Jesus Cristo visto que, conforme podemos ver pelas Escrituras Sagradas, naquele momento ele já estava morto. O soldado romano feriu o corpo de Cristo para fornecer aos Filhos de Set o instrumento para o sacrifício satânico.

135

— E qual a segunda condição para a realização do sacrifício? —

perguntou Scaliari.

— O sangue real! — respondeu o Cardeal.

C A P Í T U L O 6 4

A Mercedes blindada conduzida por um agente do serviço secreto israelense parou na frente da sinagoga principal da tribo de Benjamin.

Dois seguranças desceram e, atentos a tudo o que ocorria ao seu redor, abriram a porta de trás do pesado S 600, permitindo assim que um jovem com vestes negras e barba comprida que se identiﬁcava como um judeu ultra-ortodoxo, deixasse o veículo e subisse rapidamente os quarenta degraus que davam acesso ao interior do coração religioso de uma das doze tribos que formavam a nação israelita. No seu pulso havia uma pequena corrente de aço de alta resistência que, ligando-se a uma maleta de couro negro, reforçava o cuidado dispensado às informações que o religioso pro-metia proteger com a própria vida.

— *Shalom* — disse com satisfação o recém-chegado, curvando-se reverentemente ao encontrar-se no interior da sinagoga, com três anciãos que, sentados na parte mais elevada do templo, examinavam um antiquíssimo exemplar da Torá.

— *Shalom* — respondeu, levantando os olhos, o mais velho dos anciãos — como foi sua jornada?

— Tudo transcorreu como prevíamos.

— Você trouxe o exame?

— Sim!

— E os restos mortais de nosso amado rei?

— Estão aqui comigo, Rabi!

— Que o Senhor seja louvado! — exclamou o Rabino Isaac Bem Disraeli, enquanto com uma minúscula chave que trazia consigo, retirou a maleta do pulso do homem que tivera o privilégio de transportá-la.

O homem mais uma vez curvou-se ante o religioso.

— *Shalom*!

136

— Vai em paz, meu filho! — disse o Rabino.

Após ver o jovem religioso retirar-se, Isaac Bem Disraeli voltou-se então para os anciãos que o acompanhavam e, em silêncio, passaram para uma sala anexa à sinagoga. Ao abrir a maleta e retirar um pequeno recipiente de prata, Disraeli entregou-o a um dos anciãos que reverentemente voltou para dentro da sinagoga. As lágrimas brotaram na face austera do velho sacerdote. *Perdoai-me, Senhor por esse ultraje, mas isso foi feito para glória de Israel.* Um tremor perpassou pelo corpo do Rabino ultra-ortodoxo quando seus olhos voltaram-se para um pequeno envelope lacrado com o timbre do Instituto de Ciências da Universidade de Bruxelas. Ante a expectativa do outro ancião, Disraeli, abriu-o. Havia apenas uma folha, também timbrada, do Instituto de Bruxelas, com as seguintes inscrições: **Exame da amostra:**

...UCCA—CCUGGU-GGACC---AACG-CAG—GGA-GUUA-AGU...

Exame do comparado:

...UCGA—CCUGGU-GGACC---AACG-CAG—GGA-GUUA-AGU...

Resultado:

Grau de compatibilidade entre o DNA da amostra e do comparado: 99,98%

— Bendito seja o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel lembrou-se de seu povo! — disse Isaac Bem Disraeli, com a face em prantos, caindo de joelhos.

— A glória da Casa de Davi será restabelecida. Em breve Deus revelará ao mundo o Messias! — exclamou o outro Rabino pondo-se de joelhos ao lado de Disraeli.

C A P Í T U L O 6 5

— O sangue o quê? — perguntou Scaliari.

— Para a realização desse sacrifício de tradição esotérica, a Euiose de Lúcifer, é necessário um outro requisito também bastante específico.

137

Como todos nós sabemos, o sangue, esse líquido precioso, é o veículo responsável pela condução de nutrientes em um determinado organismo.

Agora, o que as pessoas não sabem é que o sangue, na visão esotérica, possui um elemento alquímico, ou seja, uma capacidade de transformação mágica, com a elevação da mente até uma esfera de consciência superior, no caso, a consciência luciferiana. Porém, para atingir a plenitude dessa consciência ao nível máximo — a união da mente do consagrado com a do próprio Lúcifer — é preciso que o consagrado na cerimônia seja o portador de um sangue ainda muitíssimo especial.

— O sangue real?

— Isso mesmo, sorriu o Cardeal.

— *Ok* — respondeu Scaliari — mas que diabos vem a ser isso?

— Diabos, foi o que você falou?

— Perdão, Eminência — pediu Scaliari envergonhado.

— Não, eu não estou lhe censurando — respondeu o Cardeal, com um olhar amistoso. É que você acertou em cheio: o sangue real tem tudo a ver com o que você acaba de dizer!

— Com diabos? — surpreenderam-se os policiais.

— Exatamente — respondeu o Cardeal meneando a cabeça.

— Agora eu não estou entendendo mais nada! — afirmou Paolo Ferri.

O Cardeal aproximou-se um pouco mais dos oficiais da polícia italiana.

— Senhores, como pessoas cultas que são, acredito que muitas vezes tenham ficado intrigados com a proliferação de literatura místico-gnóstica, principalmente do movimento Nova Era, que circula de forma assombrosa nos tempos atuais!

— Sim — respondeu Scaliari — mas qual a relação disso com esse sangue real ou com os demônios aos quais o senhor acaba de se referir?

Colona suspirou profundamente e, após uma breve pausa, continuou:

— Nessa literatura esotérica do movimento Nova Era que inunda as livrarias em todas as partes do mundo, os senhores poderão observar que constantemente são mencionados quatro elementos repetidamente citados: Água, Fogo, Terra e Ar.

138

— Sim — concordou Scaliari, meneando a cabeça.

— Pois bem, não quero deixá-los confusos, explicando a vinculação desse movimento com o futuro surgimento do Anticristo; isso demoraria um tempo

precioso, tempo este que, infelizmente não temos. Agora, se voltarmos nossa atenção para a interpretação esotérica desses elementos, veremos sua ligação com o sacrifício da Euiose de Lúcifer e a compreensão do significado do sangue real! Para os filósofos místico-gnósticos da antiga tradição esotérica pagã, influenciados pelos Filhos de Set, esses quatro elementos possuíam um significado diferente do que compreendemos na atualidade: a água era representada pela palavra hebraica *iam*, que se constituía no simbolismo das emoções e desejos da alma; *ruach*, a palavra cabalista para indicar o ar vital ou o espírito; *iabeshah*, ou terra, representava a parte sólida, ou corpo físico do homem e *nour*, ou fogo, tinha o significado de sangue, o veículo transportador da energia da vida, ligado aos elementos naturais do ferro e do enxofre e, representado pelo deus da guerra, Marte. É por isso que se diz que uma pessoa violenta é sanguínea.

Sanguinário é sinônimo de violento. Quando a Bíblia fala no Antigo Testamento que Deus trouxe o dilúvio sobre a Terra por causa da violência dos homens, ela está dizendo na verdade que o dilúvio foi causado em razão do sangue!

— Do sangue?

— Sim, do sangue humano que tornou-se violento, ou seja, contaminado.

— Mas, contaminado com o quê?

— Aí que está o *xis* da questão, senhores — respondeu o Cardeal.

— Segundo o relato bíblico, quando os anjos que seguiam a Lúcifer, ao se rebelarem contra Deus, desceram à Terra e tiveram contato sexual com as filhas dos homens. Delas nasceram seres poderosos e corrompidos, os Neefalins, narrados no livro de Gênesis. Usando de conhecimentos além da compreensão humana, fornecida pelos seres espirituais, escravizavam toda a civilização existente na época. O sangue humano tornou-se contaminado pela ligação com esses seres espirituais que abandonaram sua antiga natureza angelical. Ao longo da história humana o elo dessa descendência acabou sendo perdido. Havia, porém, uma antiga tradição oral corrente entre os sufis muçulmanos de que, influenciados por Lúcifer, este sangue penetrou na 139

casa de Israel, mais precisamente na ordem dinástica do Rei Davi por meio de casamentos com princesas estrangeiras manifestando-se em um de seus filhos: o rebelde Absalão. Segundo essa tradição oral sufi, a mãe de Absalão, sem o conhecimento do piedoso rei de Israel, fez um pacto em uma cerimô-

nia cabalística com o próprio Lúcifer, consagrando seu filho ao inimigo de Deus, sob a condição de que este reinasse sobre Israel.

— O que aconteceu, então? — perguntou atônito Scaliari.

— Absalão, quando adulto, tentou destronar seu próprio pai, o Rei Davi, mas orientado por Deus, Davi acabou vencendo ao filho usurpador, que morreu sob a espada de Acabe, comandante do exército de Davi. Porém, uma das concubinas de Davi, violadas por seu próprio filho, Absalão, gerou um filho deste. Infiltrados entre os judeus desde a saída do Egito, os filhos de Set, para fazer oposição à antiga promessa feita por Deus ao povo judeu de que da semente de Davi nasceria o Messias de Israel, secretamente através dos séculos protegeu e criou uma estirpe de descendentes de Absalão, com a finalidade de que um dia surgisse o futuro rei de Israel.

— Deixe-me ver se entendi: o senhor está dizendo que Deus fez uma promessa à nação de Israel, de que pela descendência do Rei Davi nasceria o Messias prometido no Antigo Testamento?

— Sim — confirmou Colona.

— Mas os Filhos de Set, por intermédio de uma das concubinas do próprio Rei Davi, gerou da descendência de seu filho rebelde, Absalão, uma estirpe secreta que no futuro iria governar Israel, apresentando-o como o Messias prometido por Deus?

— Exatamente!

— Mas, Eminência, o Messias prometido por Deus não era Jesus Cristo? — perguntou Paolo Ferri confuso.

— É o que nós, cristãos acreditamos, mas os rabinos de Israel não pensam assim, de tal forma que ainda esperam o Messias.

— Que não será o Messias, mas sim o Anticristo, descendente de Absalão, prometido por Lúcifer aos Filhos de Set para finalmente dominar o mundo!

— O senhor é bem inteligente — confessou o Cardeal.

— Mas se Jesus Cristo era o Messias, por que então os judeus não o aceitaram? — perguntou Paolo Ferri.

140

— Brilhante pergunta, meu jovem — sorriu o Cardeal. Para respondê-la é preciso que se compreenda a realidade histórica existente no tempo de Jesus. Embora tenham formado uma nação poderosa no passado, ao tempo dos reis Davi e Salomão, os judeus constantemente abandonavam as antigas tradições recebidas de Moisés, incorporando práticas pagãs e politeístas comuns aos outros povos que existiam em seu redor, abandonando reiteradas vezes os ensinamentos do Deus de Israel. Isso causou a dominação do povo judeu por outras nações que se sucederam ao longo da história: assírios, babilônios, medas e ao tempo de Jesus, os romanos.

Segundo a tradição Judaico-cristã, havia uma antiga promessa de Deus feita por ocasião da queda do homem, no Jardim do Éden, que pode ser encontrada na Bíblia, nos primeiros capítulos do livro de Gênesis. Segundo essa promessa, Deus enviaria, em um tempo não determinado, o seu próprio filho para resgatar a humanidade do pecado que havia se inflitrado pela desobediência provocada por Lúcifer no Jardim do Éden. Essa promessa foi renovada por diversas vezes por intermédio dos profetas do Antigo Testamento ao povo de Israel, que constantemente lembravam o povo para a vinda do Messias, o filho de Deus, que se assentaria no trono de Davi e estabeleceria um reinado que não teria fim. Porém, quando Jesus Cristo veio ao mundo da parte de Deus para cumprir a grande promessa, confirmada reiteradamente pelas profecias, os judeus se encontravam em uma situação de opressão pelo Império Romano. Essa situação histórica foi então aproveitada pelos Filhos de Set para inflamar o ânimo da população judaica contra Jesus. Por meio de alguns influentes fariseus pertencentes à sua seita secreta, eles deturpam a compreensão das antigas profecias, fazendo então com que o povo judeu rejeitasse a Jesus sob o argumento de que o Messias prometido por Deus se assentaria no trono do Rei Davi e resgataria Israel da opressão de

seus inimigos. Os Filhos de Set fizeram com que os judeus não se apercebessem de que a promessa de Deus era muito maior do que simplesmente o livramento da nação israelita do jugo romano; a promessa divina feita no Jardim do Éden era, não a de que o Messias livraria apenas Israel, mas a de que o resgate seria de toda a humanidade.

— E foi o que Jesus fez, por meio de seu sacrifício na cruz! — exclamou Paolo, lembrando-se dos ensinamentos de sua infância.

141

— Isso mesmo, meu filho — respondeu o Cardeal. Os rabinos judeus por obra dos Filhos de Set, esqueceram a passagem bíblica do livro de Gênesis em que o próprio Deus anunciou que da semente da mulher nasceria um que feriria a cabeça da serpente, enquanto este lhe feriria o calcanhar.

— Como assim, Eminência? — perguntou Paolo sem compreender.

— Esta é uma questão teológica complexa, meu jovem. Quando Deus disse que da semente da mulher nasceria um que feriria a cabeça da serpente, ele estava se referindo a Jesus Cristo que, por ocasião de sua morte na cruz, teve seu calcanhar ferido pelos pregos, e, descendo até o inferno retirou as chaves do inferno e da morte das mãos de Lúcifer, ferindo-lhe assim a cabeça, ou seja, retirando das mãos do Diabo o comando sobre o destino das almas humanas, que ele havia conquistado por ocasião da queda de nossos primeiros pais, no começo da humanidade.

Confusos pelas surpreendentes revelações, os policiais se entreolharam.

C A P Í T U L O 6 6

— Mas, Eminência — disse Paolo, sentindo-se desconfortável por se contrapor ao Cardeal — ao se referir a nossos primeiros pais, o senhor está dizendo Adão e Eva?

— Sim, respondeu Colona, com um sorriso, percebendo onde o jovem oficial queria chegar.

— Mas, e a teoria da evolução? — perguntou Paolo, sentindo que estava entrando em um assunto melindroso. — O que o senhor nos diz sobre esta teoria que proclama que o homem evoluiu de um primata e é aceita mundialmente?

Os olhos do religioso encheram-se de compaixão, e Colona refletiu por um momento antes de responder ao jovem:

— Eu já esperava essa sua pergunta, meu jovem. A teoria da evolução das espécies é uma farsa montada pelos Filhos de Set e amplamente divulgada pela mídia controlada. Cabe mesmo observar que essa teoria não é aceita mundialmente como você disse, embora os meios de comunicação queiram
142

que pensemos assim. Existem importantes cientistas ligados ao estudo da origem da vida que discordam veementemente dessa teoria por achá-la até mesmo tendenciosa. Não devemos esquecer as fraudes que foram montadas por alguns cientistas no sentido de auxiliar na aceitação de suas teorias, haja vista a conhecida fraude do “Homem de Java”, descoberto pelo holandês Eugène Dubois, em Java no ano de 1891. Também é digna de menção a mentira deslavada do “homem de Piltdown”, montada pelo Padre Teilhard de Chardin, um falso religioso que em muito contribuiu para o detrimento da fé cristã.

Giuliano Colona disse isso e então levantou-se indo até um armário onde pegou uma pasta, onde se lia na etiqueta: *Luige Vremodns*, então retornou para junto dos oficiais italianos:

— Aqui está, senhores! Esta pasta contém todas as informações de que dispomos sobre Luige Vremodns, o ex-guarda suíço responsável pelo seqüestro da menina. Gostaria de revelar-lhes mais sobre a história secreta e sobre os terríveis enganos em que a humanidade está mergulhada por obra dos Filhos de Set, mas infelizmente o relógio corre contra nós, e o tempo para que recuperemos a lança e salvemos a menina se esgota rapidamente. Espero que tenham sorte!

Scaliari e Paolo levantaram-se vendo que o Secretário Geral do Vaticano estava dando por encerrada aquela entrevista.

— Queremos agradecer por sua contribuição, Eminência; esteja certo de que faremos todo o possível para devolvermos ao Vaticano o objeto que lhe pertence.

Giuliano Colona agradeceu e acompanhou os policiais até a porta.

Quando estes estavam saindo, perguntou:

— A propósito, diga-me Capitão, quem é essa Lady Catherine, que o senhor havia mencionado? Esse sobrenome não me é estranho...

C A P Í T U L O 6 7

Jefrey saltou para cima do telefone quando o som emitido pelo aparelho ecoou repetidas vezes, cortando o opressivo silêncio que havia 143

tomado conta do pequeno grupo presente na refi nada suíte do hotel romano.

— Quem está ligando, Jefrey, é o Senador, ou o reverendo Becker?

— perguntou Lady Catherine, afl ita, imaginando o pior, ou seja, que novamente a senha descoberta não tivesse permitido acessar o cofre do Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York.

A fisionomia do segurança demonstrava perplexidade enquanto ouvia o que lhe era dito por alguém em um local não muito distante dali.

— Sim, está. Eu vou passar para ela... O senhor queira aguardar só um instante, por favor!

— É para a senhora — disse Jefrey — voltando-se para a velha, mas não é o Senador nem tampouco o Reverendo, a ligação é do Vaticano!

— Do Vaticano? — inquietou-se Mellina. O que alguém do Vaticano poderia querer conosco?

Jefrey empurrou a cadeira de Lady Catherine até o canto onde estava o telefone.

— Alô, sou Lady Catherine, em que posso ajudá-lo? — disse a velha, visivelmente curiosa.

— *Lady Catherine, boa tarde!* — disse a voz ao telefone — *sou Pietro Caali, assistente do senhor Secretário Geral do Vaticano. O Cardeal Giuliano Colona incumbiu-me de convidá-la para encontrar-se com ele em uma audiência aqui no Vaticano. Sua Eminência adiantou-me que serão tratados assuntos de mútuo interesse.*

— Quem está me convidando para uma audiência no Vaticano? —
perguntou, incrédula, a velha.

— *O Secretário Geral do Vaticano, minha senhora* — repetiu a voz ao telefone.

— O Secretário Geral? Mas por que razão o segundo homem do Vaticano teria interesse em encontrar-se comigo?

— *Eu não tenho condições de responder essa pergunta, minha senhora* — adiantou Pietro Caali — *mas o Cardeal pediu-me que lhe informasse que seu avô teve uma audiência secreta com o Papa João XXIII, e que agora Sua Eminência precisa urgentemente encontrar-se com a senhora!*

— Meu avô teve uma audiência secreta com o Papa?

— Está certo, diga-lhe que eu irei!

144

— *Se a senhora puder vir hoje mesmo, o Secretário ser-lhe-á grato!*

— Sim, dentro de duas horas eu estarei aí!

Lady Catherine pôs o telefone no gancho e vagarosamente voltou-se para o pequeno grupo, cujos olhos estavam cravados nela.

— Qual o motivo que levaria seu avô a ter uma entrevista secreta com o Papa? — perguntou Mellina, enquanto o carro conduzido por Hamilton

Campbell cruzava a ponte sobre o rio Tibre, indo em direção à cidade do Vaticano.

— É o que nós vamos saber em breve, Mellina — respondeu a velha, segurando-se firmemente ao banco do veículo quando este ganhou velocidade ao entrar na reta da Via Della Conciliazione.

— Chegamos — disse Campbell, estacionando o veículo em uma vaga próxima à entrada da Praça de São Pedro — e agora, onde está o homem?

— Deve ser aquele ali — disse Mellina, ao notar um padre que se aproximava do veículo.

Pietro Caali correu em direção ao veículo.

— Lady Catherine, eu presumo — disse o Padre se apresentando enquanto Campbell ajudava a velha senhora a descer.

— Sou Pietro Caali, assistente do Secretário Geral.

— Sinto-me feliz que tenha vindo nos receber, Padre, senão teríamos de esperar o término da missa para perguntar ao pároco de plantão onde poderíamos encontrar seu chefe — brincou a velha, sorrindo, enquanto apertava a mão do jovem sacerdote.

— Ah! Perdão! — desculpou-se Lady Catherine, notando uma certa perplexidade no olhar do assistente do Cardeal ao ver que ela não viera sozinha.

— Estes são meus amigos, o Padre Anglicano Hamilton Campbell e Mellina Becker.

— Queiram acompanhar-me, por favor, o Cardeal está à sua espera —

disse o jovem padre, conduzindo-os por dentro da Basílica de São Pedro.

— Chegamos — disse Pietro Caali — este é o gabinete do Secretário Geral do Vaticano.

Um guarda suíço abriu a porta.

— Entrem, por favor, o Cardeal Giuliano Colona já está lhe aguardando.

Pietro Caali entrou juntamente com os três.

— Eminência, esta é Lady Catherine e estes são seus amigos que a acompanham: o sacerdote anglicano Hamilton Campbell e Mellina Becker.

C A P Í T U L O 6 9

— É sobre Luige Vremodns, disse Paolo, a Interpol acaba de nos entregar o relatório completo.

— Passe-me o relatório, Paolo, vamos ver o que a Interpol conseguiu.

— Aqui está, Capitão! Pelo que consta, depois que ele foi expulso do Vaticano, foi contratado por uma família tradicional da cidade de Florença, a família Orlandini.

— Contratado pelos Orlandini? Isso me parece bastante estranho!

— Por que estranho, Capitão? Ele deve ter sido contratado como segurança...

— Este é o problema, Paolo! O clã Orlandini é um dos mais tradicionais do norte da Itália, suas origens são ainda mais antigas que as dos Médicis. Porém, ao contrário desse outro famosíssimo clã de Florença, os Orlandini nunca esconderam uma férrea antipatia contra estrangeiros, principalmente militares.

— Por que?

— Por uma razão histórica. Quando as tropas do imperador Carlos V invadiram a Itália e saquearam Roma, um dos chefes do exército do imperador esteve em Florença e seqüestrou o patriarca da família Orlandini,

exigindo um pesado resgate em ouro para sua libertação. Como a soma exigida era muito grande e o prazo de oito dias, muito pequeno, a família do patriarca não conseguiu levantar todo valor exigido, entregando ao seqüestrador somente a metade do ouro estipulado. O comandante espanhol determinou então que devolvessem aos Orlandini apenas metade do corpo de seu patriarca.

— Isso explica o porquê de eles odiarem estrangeiros!

— Sim, é aí que está o problema. Qual seria, então, a explicação para terem contratado um suíço?

C A P Í T U L O 7 0

— Sejam bem-vindos — disse o Cardeal cumprimentando-os.

— Por favor, vamos nos sentar ali, perto da lareira.

Hamilton Campbell empurrou a cadeira de Lady Catherine colocando-a ao lado de um gigantesco sofá de couro negro.

— Fico feliz que tenham vindo — quebrou o silêncio Giuliano Colona.

— Confesso que uma visita ao Vaticano não estava nos nossos planos — afirmou a velha — mas fui informada pelo telefone de que meu avô teve uma audiência com o Papa João XXIII, e de certa forma, isso me despertou a curiosidade... O que teria sido tratado de tão importante naquela época, para despertar, depois de tantos anos, o interesse do Secretário Geral do Vaticano sobre minha pessoa?

Giuliano Colona franziu a testa parecendo incomodado pela forma como Lady Catherine havia apresentado a questão.

— A princípio o que levou-me a convidá-la não foi o fato de seu avô ter se encontrado secretamente com o Papa João XXIII, embora, indiscutivelmente, este venha a tornar-se nosso assunto principal. O motivo por que a senhora e seus amigos estão aqui são as informações prestadas ao Capitão

da polícia italiana, Lucas Scaliari.

— As informações prestadas ao Capitão Scaliari? Eu não estou compreendendo, Eminência! Tudo o que eu disse ao oficial italiano foi no
147

sentido de auxiliá-lo a desvendar um caso terrível, o rapto de uma menina!

— disse a velha, mostrando-se surpresa.

Colona olhou-a com um sorriso amistoso.

— E eu concordo com a senhora, um caso terrível, o rapto de uma menina russa. — E o que é ainda mais terrível é a sua finalidade — a Euiose de Lúcifer — disse o Cardeal à queima-roupa, no momento em que seus olhos procuravam a face da velha e de seus acompanhantes para ver-lhes o efeito.

Os três visitantes entreolharam-se, engolindo em seco: *Euiose de Lúcifer!*

— Não se preocupem — continuou o Cardeal, com um sorriso amistoso e tranquilizador — eu não sou membro dos Filhos de Set, se é o que estão pensando. Graças a Deus não fui seduzido por seus encantos!

Hamilton Campbell encarou o Cardeal.

— O que o senhor quer conosco?

— A princípio, apenas satisfazer minha curiosidade — disse Colona, sustentando-lhe o olhar.

— O que os senhores sabem sobre os Filhos de Set? — não é preciso que eu lhes diga que este assunto é por demais reservado, um mistério ao alcance de poucos; e é isso que me inquieta: o quanto os senhores sabem sobre ele...

— Bem — sorriu a velha desviando o assunto — o senhor disse que meu avô teve uma audiência secreta no Vaticano... Por acaso saberia o motivo?

— A pauta dessa reunião não é conhecida. O Papa da época levou-a para o túmulo consigo. Naturalmente, existem suspeitas. Seu avô, segundo temos

conhecimento, teve acesso à primeira parte de um pergaminho que fora roubado aqui do Vaticano em 1527 pelas tropas de Carlos V.

— A primeira parte do pergaminho? — surpreendeu-se Mellina.

— Sim — confirmou o Cardeal, notando-lhe a surpresa.

— O pergaminho roubado, segundo anotações feitas por antigos arquivistas da biblioteca do Vaticano, no tempo em que ele ainda estava em nosso poder, indicava o local onde seria encontrado um livro muito especial...

— O Livro de Ouro de Lagahs! — disse a velha.

148

— Exatamente — confirmou o Cardeal com um rápido brilho no olhar.

— E o senhor acredita que meu avô tenha encontrado o livro?

— Sua afirmação veio confirmar minhas suspeitas — sorriu o Cardeal.

— E quanto a essa segunda parte do pergaminho? — continuou a velha — o que ela contém de interessante?

— A segunda parte do pergaminho seria bastante interessante, mas apenas se tivéssemos acesso ao Livro de Ouro; sem o livro, ele pode ser considerado como um sonho distante ou uma fábula a aguçar o imaginário.

— O Livro de Ouro, na antigüidade, foi a causa de muitos males; seria perigoso se ele fosse encontrado — disse Lady Catherine, como que deixando transparecer seu pensamento.

— Sim, é verdade — confirmou Giuliano Colona — mas haveria um perigo ainda maior se um dia ele fosse descoberto pelos Filhos de Set. Veja bem, Lady Catherine, se existe a possibilidade de ele ser encontrado, é de suma importância que seus guardiães estejam em uma posição tal, que não sofram a influência dos Filhos de Set, ou mesmo estejam imunes a alguma espécie de chantagem feita por esses homens corrompidos.

— O senhor está querendo dizer que o Livro de Ouro estaria seguro aqui no Vaticano?

— Não creio que haja outro local mais seguro para esse tesouro

— continuou o Cardeal — em qualquer outro local os Filhos de Set teriam acesso a ele!

— Fort Nox — exclamou Mellina. — Se o livro fosse encontrado, poderia ser entregue ao governo norte-americano para ser guardado em Fort Nox! Já temos nessa fortaleza inexpugnável a Magna Carta e a Bíblia de Gutenberg!

— Isso não basta, minha jovem — prosseguiu o Cardeal.

— Embora o Fort Nox seja inexpugnável, para manter o Livro de Ouro livre dos Filhos de Set seria preciso que o governo norte-americano também o fosse.

Mellina voltou-se para ele visivelmente irritada.

— O senhor está dizendo que o governo de meu país não é confiável?

— Não — disse Colona, voltando-se para ela — eu não disse que o governo de seu país não é confiável; o que eu quero dizer é que, em se tratando dos Filhos de Set, não existem governos confiáveis.

149

— O Cardeal tem razão, Mellina — interferiu Campbell.

— Você se lembra do que eu lhe disse quando nos encontramos pela primeira vez, e o que conversamos sobre os Filhos de Set? Falamos sobre o episódio bíblico do encontro entre Lúcifer e Jesus, em que o Príncipe das Trevas ofereceu todos os reinos do mundo ao filho de Deus para que este tão-somente o adorasse?

— Sim, Padre Campbell, eu me lembro do que o senhor disse, que os Filhos de Set aceitaram a oferta de Lúcifer.

— Pois bem — continuou o Secretário Geral do Vaticano — como eu disse, não existe um governo que possamos considerar confiável. E, já que você citou o governo americano, vamos usá-lo como exemplo — disse enquanto levantava e se aproximava de uma imensa janela com vista para a Praça de São Pedro.

— Exemplo de que, Eminência? — perguntou Hamilton Campbell aturdido.

— Aproximem-se — disse Colona, fazendo um gesto com a mão.

Todos se aproximaram contemplando a praça repleta de turistas lá embaixo.

— Digam-me, o que vocês estão vendo?

— O que nós estamos vendo? — Ora, Eminência, estamos vendo a Praça de São Pedro repleta de turistas — respondeu Lady Catherine, confusa.

— Sim, respondeu o Cardeal com um sorriso — isto é o que todos vêem. Mas eu lhes peço que olhem novamente... Agora não simplesmente com seus olhos, mas também com sua alma... Principalmente o senhor, Padre Campbell, que é um religioso... Busque dentro da cultura dos povos, dentro dos ensinamentos das Sagradas Escrituras e diga-me agora o que e que está vendo?

O rosto de Hamilton Campbell iluminou-se.

— O obelisco!

Todos olharam para ele.

— O obelisco? — estranhou Lady Catherine.

— O obelisco todos nós estamos vendo!

— Mas o que há de excepcional nele? — perguntou a velha, percebendo o estranho brilho na face de seu amigo.

— Parabéns! — disse Giuliano Colona, batendo palmas... eu estou surpreso, confesso que não esperava que alguém respondesse.

— O que há de especial no obelisco? — tornou a perguntar a velha, não compreendendo nada.

— Mas, isso é terrível, Eminência! Como o senhor pode concordar com isso?
— disse Hamilton Campbell voltando-se preocupado para o Secretário Geral do Vaticano.

— É uma questão muito melindrosa, Padre — disse Colona. Ele está na Praça de São Pedro há mais de três séculos. Causaríamos um alvoroço se bruscamente o retirássemos de lá, porém estamos estudando uma forma de substituí-lo por um outro monumento que...

— Por favor! — intrometeu-se Lady Catherine zangada — os senhores poderiam explicar a mim e a Mellina o que tem de tão tenebroso nesse obelisco, a ponto de estarem pensado em retirá-lo de lá?

— Ah! Perdão, Lady Catherine — disse Campbell — é que realmente fui tomado de surpresa pelo que o Cardeal Colona me ajudou a perceber.

— Sim, mas o que é?

Campbell olhou para Colona e então prosseguiu:

— O obelisco, que para a quase totalidade das pessoas nos nossos dias representa apenas um adereço arquitetônico, possui um significado oculto jamais imaginado pelos cidadãos comuns.

— Uma significação oculta no obelisco? — surpreendeu-se Mellina.

— Sim, o obelisco é um sinal de rebelião, de oposição a Deus, foi uma das causas da escravidão do povo judeu na antigüidade, pois representava o falo de Baal, uma divindade adorada pelos povos pagãos que representava a figura de Lúcifer, sendo importada pelos Filhos de Set para estabelecer a idolatria em Israel.

Lady Catherine olhou para o Cardeal; sua face era um misto de perplexidade

e pavor.

— Mas como é que o Vaticano permite que um monumento como esse permaneça em pleno centro da Praça de São Pedro?

— É uma questão complexa, Lady Catherine — explicou o Cardeal.

Esse monumento já está aí há mais de trezentos anos; precisaríamos de argumentos que fossem compreensíveis pela população, que já se acostumou
151

a observá-lo na praça... Não podemos simplesmente tirá-lo dizendo que é um símbolo ocultista.

— Mas se ele é um símbolo dos Filhos de Set, tem então uma conotação diabólica!

— Sim, e é por essa razão que eu chamei a atenção de vocês para ele... Porventura, saberiam me responder onde se encontra o maior obelisco de Baal existente sobre a face da Terra?

Todos menearam a cabeça em negativa.

— Nos Estados Unidos! — respondeu o Cardeal. O monumento em homenagem a George Washington!

— O monumento a George Washington é um símbolo de adoração a Baal?

— Pelo que sei, esse monumento foi construído pela maçonaria para homenagear o primeiro presidente americano, que fazia parte de seus quadros — refletiu Mellina.

— Realmente, um belo pretexto — afirmou Giuliano Colona — uma forma inteligente de implantar um símbolo pagão, o mesmo que causou, na antigüidade, a destruição de Israel, plantado, agora, em pleno coração político da nação mais poderosa do globo!

— Mas eu conheço muitos maçons — protestou Lady Catherine

— que são pessoas maravilhosas, preocupadas com o bem social e o auxílio ao próximo... Não posso conceber que estejam envolvidos em uma conspiração para destruir os Estados Unidos!

— Eu tenho certeza disso — sorriu o Cardeal. Mas o mesmo não posso dizer de quem secretamente controla a maçonaria. Agora uma pequena reparação ao que a senhora disse: a intenção da maçonaria não é destruir os Estados Unidos, mas sim o mundo, na forma que nós o conhecemos!

— Isso parece um absurdo! — indignou-se Lady Catherine. — Primeiro os Filhos de Set querem implantar a adoração a Lúcifer na Terra, agora o senhor nos diz que a maçonaria quer destruir o mundo?!

— Eu sei que é difícil aceitar tal proposição — continuou o Cardeal mostrando-se simpático com a velha senhora — a mente humana tem dificuldade em compreender uma conspiração de tamanha envergadura.

152

— Talvez o Cardeal tenha razão, Lady Catherine — disse Mellina

— existem muitos sinais parcialmente encobertos que são visíveis para uma mente que se proponha a encontrá-los!

— Como assim, minha jovem? — perguntou Lady Catherine, dando atenção à Mellina.

— Veja bem — prosseguiu Mellina — quando o Cardeal nos diz que a intenção da maçonaria é destruir o mundo, está dizendo que o objetivo dessa organização é fazer desaparecer as instituições e a concepção de mundo como a conhecemos.

— Exato, Mellina — confirmou Colona — o objetivo final da maçonaria, que é uma organização controlada pelos Filhos de Set, é exatamente este: estabelecer uma Nova Ordem Mundial, calcada na adoração a Lúcifer! A Santa Sé já chamou a atenção do mundo para isso com a Encíclica do Papa Leão XIII, *Humanus Genus*, mas infelizmente a humanidade não tem dado a devida atenção a esse importante alerta!

— Isso é verdade — afirmou Mellina — e os sinais de que falei estão infiltrados nos símbolos mais sagrados da democracia americana.

Veja o sinete oficial dos Estados Unidos: nele há uma declaração expressa do objetivo máximo dos Filhos de Set que dominam a maçonaria: *Novus Ordo Seclorum!*

Giuliano Colona sorriu satisfeito ao ver a compreensão demonstrada pela jovem que acompanhava Lady Catherine.

— Isso, porém, não é tudo, minha filha, eu vou mostrar-lhe agora o grande segredo da maçonaria!

— O senhor conseguiu desvendar o grande segredo maçônico? —
espantou-se Campbell.

— Sim — respondeu o Cardeal, pegando um livro que estava sobre uma mesa próxima.

— Olhem, este é o mais conhecido livro da maçonaria: *Moral e Dogma*, escrito por um famoso maçom do século XIX, Albert Pike. Descobri, depois de muito estudar, que todas as ligações ocultas existentes entre as diversas sociedades secretas de cunho esotérico convergem para um mesmo fim, sendo que na maçonaria esse objetivo final se mostrou mais visível. Vejam — disse o Cardeal, indicando uma página do livro.

153

“E uma vez que o pecado destruiu em nós o primeiro templo de pureza e inocência, possa a graça divina guiar-nos e assistir-nos na construção de um segundo templo de reforma, em que a sua glória seja maior que a de seu antecessor.”

— O que é isto? — perguntou Campbell lendo as inscrições.

— Isto, senhores, é a oração maçônica, apregoada em todas as lojas durante a realização de seus rituais!

— Mas que ligação pode ter essa oração com o maior segredo da maçonaria?

— Se há algo curioso na maçonaria, são as diversas camadas de misté-

rio em que estão envolvidos seus símbolos e solenidades. São estabelecidos 33 graus, segundo o Rito Escocês. E a cada degrau que o adepto sobe na hierarquia em direção ao trigésimo terceiro grau, os mesmos símbolos e ritos que lhe foram explicados no início de sua caminhada assumem uma nova significação à medida que progride nos diversos níveis da sociedade maçônica. Isso se estrutura de tal forma, que apenas os dois últimos graus maçônicos: Sublime Príncipe do Real Segredo e Soberano Grande Inspe-tor Geral possuem a plena compreensão do verdadeiro significado de seus ritos e mistérios. Todos os graus anteriores detêm uma compreensão falseada da verdadeira realidade. Assim, eu chamo a sua atenção exatamente para o penúltimo grau maçônico: o de Sublime Príncipe do Real Segredo.

Foi me debruçando sobre essa titulação, bem como estudando aspectos obscuros da cabala judaica, que cheguei à compreensão do grande segredo maçônico, que está intimamente relacionado com essa oração diariamente realizada em todas as lojas!

— Mas o que há de significativo nesse título? — perguntou Lady Catherine.

— Acho que eu sei a resposta — interferiu Mellina.

— Como o Cardeal Colona nos disse, a cada grau que se alcança na maçonaria, tem-se uma compreensão maior, ou mesmo mais próxima do verdadeiro significado de seus símbolos litúrgicos. Ao chegar ao grau 32, esses conhecimentos mantidos ocultos se desvendam totalmente, sendo a nomenclatura do título Sublime Príncipe do Real Segredo uma declaração velada de plena compreensão pelo detentor dessa posição do conhecimento

exato do segredo real, ou como está escrito: *do Real Segredo*. Isto significa que nos graus inferiores, embora sempre se conheça um pouco mais do que seu antecessor, se desconhece, até chegar ao grau 32, a real natureza de seus mistérios!

— Magnífico Mellina — disse Colona — eu mesmo tive dificuldade para chegar a essa compreensão, mas o significado desse grau não se restringe ao pleno conhecimento do segredo maçônico. Conforme fui avançando em meus estudos sobre o ocultismo e a maçonaria e ao analisar as Constituições de Anderson, um dos mais antigos registros maçônicos que se tem notícia, encontrei algumas referências à arquitetura mística dos números em uma interpretação pitagórica que possui ligações com a própria cabala judaica. Segundo essa interpretação numerológica, o título Sublime Príncipe do Real Segredo foi estabelecido em uma posição especial, formado pelos números 3 e 2. Segundo a escala ocultista criada por Pitágoras ao retornar de seus estudos esotéricos com os magos do Egito, o número três, princípio masculino, era o primeiro verdadeiro número existente, pois era a junção de um à unidade (mônade), reconhecido não como um verdadeiro número, mas sim como o princípio gerador de todos os números, ligado (para os esotéricos) à ideia da própria divindade.

Com o número dois, ou (diálise), princípio feminino tido como gerador de todos os números pares, a conjugação (multiplicação) dos dois, 3 vezes 2

resulta no número seis, ou o número do homem, também conhecido como número da vida. Foi no sexto dia que Deus criou o homem. Na química moderna o seis é o número atômico do *carbono*, o único elemento cujas características permitem a existência de organismos vivos na Terra. Para os pitagóricos, o seis era o número matematicamente perfeito; não só é o resultado da soma de seis divisores, como também é o único número cujos fatores são números consecutivos. O seis é também representado pelo Selo de Salomão, um dos símbolos esotéricos mais conhecidos. Já na antiga Babilônia, os sacerdotes o consideravam como sagrado, e por isso dividiam o céu em trinta e seis constelações. Para eles o seis estava ligado à astrologia, especialmente à adoração do deus Sol. O número seis representava o menor de seus deuses, enquanto o sessenta, o maior deles; seiscentos era o número total das divindades de seu panteão. Todos os seus sacerdotes usavam um amuleto chamado de Selo do Sol que no seu verso continha os 155

números de um a trinta e seis, formando um quadrado cuja soma, tanto na horizontal como na vertical formava o número 666.

— O número que segundo a Bíblia representa o próprio Anticristo!

— exclamou Mellina, visivelmente perturbada com as revelações.

— E não é só isso — continuou Giuliano Colona — se olharmos para nossa realidade, veremos que essa simbologia Babilônica foi transferida para as ciências. Vejam que utilizamos o sistema sexagesimal de base 60 na contagem do tempo: 60 segundos, um minuto; 60 minutos, uma hora. Até mesmo a geometria tem um ciclo completo com base 60, que se encerra com 360 graus. Já a adição dos números 3 e 2 resulta no número 5, o número da estrela flamejante, ou pentagrama, conhecida também como Estrela de Vênus ou estrela de Lúcifer. É o símbolo que representa os desiguais, fundamentado no número 5, que para os ocultistas é o nú-

mero da iluminação da estrela da quinta essência. Na Idade Média, com o Renascimento, isto é, com o retorno à cultura greco-romana, a filosofia ocultista, surgida das doutrinas secretas ligadas ao agnosticismo Egípcio, floresceu novamente, tanto que os conhecimentos humanísticos afloraram nas artes e nas ciências. O famoso Calendário Astronômico de Tycho Brahe, intitulado significativamente de “*Naturale Magicum Perpetuum*”, trouxe a figura do pentagrama com um corpo humano sobreposto. Segundo a tradição esotérica, esse corpo representaria as forças vitais dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Mais tarde apareceram outras ilustrações dessa mesma simbologia na obra de outros autores da época. A mais famosa dessas representações foi a do Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci. Para os ocultistas da magia antiga, a figura humana, embora organicamente perfeita e integrada a esses quatro elementos, estaria incompleta, pois lhe faltaria o quinto elemento, ou a quinta essência, como chamavam os egípcios — um mistério mantido em segredo mortal pelos místicos da antiguidade.

— Eu já vi muitas vezes essa figura de Leonardo da Vinci — disse Mellina — ela é encontrada, tanto em livros como em capas de caderno que os estudantes levam para a escola!

— Pois bem — continuou Colona — na maçonaria o pentagrama era antigamente associado ao homem microcósmico e usado entrelaçado perpendicularmente ao trono do mestre da loja. Quer o mestre estivesse

presente, quer ausente, a figura do pentagrama permanecia sempre no trono. A princípio eu não compreendi, mas ao estudar o desenho do ocultista

Leonardo da Vinci, eu pude entender.

— O que, Eminência, que o senhor pôde entender... ou sou eu que já não estou entendendo mais nada?... — disse Lady Catherine, completamente ansiosa.

— Eu pude perceber que o trono maçônico nunca está desocupado!

— Como assim, Eminência? — perguntou Lady Catherine, tomada pela confusão. Isso é um absurdo, o senhor mesmo disse que o mestre da loja poderia estar no trono ou se ausentar dele... Como então o trono poderia estar sempre ocupado?

— É simples, Lady Catherine — continuou o Cardeal — quem está no trono não é o mestre da loja, mas sim o verdadeiro mestre, ou seja o homem do pentagrama!

— O homem do pentagrama?

— O homem do pentagrama de Leonardo da Vinci! — disse Mellina. É a esse homem que o Cardeal se refere.

— Isto mesmo, Mellina! — continuou Colona — o homem do pentagrama, ou o iluminado da quinta essência. Para os membros do movimento ocultista teosófico é o Maitreya ou Cristo da Nova Era, o homem com o espírito da estrela de Vênus! O quinto elemento, integrador de tudo, sob o espírito de Lúcifer!

Giuliano Colona sorriu e depois continuou:

— Agora voltemos ao grau 32 da ordem maçônica. O que o trigé-

simo segundo grau revela, pela conjugação de seus números em sintonia com seu próprio título, é a união homem-Lúcifer, o seis e o cinco, em uma perfeita sintonia de iluminação luciferiana. Agora, se permutarmos a posição dos elementos formadores do título de Sublime Príncipe do Real Segredo, teremos a reafirmação dessa verdade, senão vejamos **SUBLIME PRÍNCIPE DO REAL SEGREDO**

SUBLIME SEGREDO DO PRÍNCIPE REAL

— Ou seja, concluiu o Cardeal, o grande segredo maçônico é justamente a espera do Príncipe Real.

157

— Mas isto é simplesmente fantástico, Eminência! — disse Lady Catherine — eu jamais poderia imaginar algo semelhante. O grande segredo maçônico, oculto com extremo cuidado, por centenas de anos, tão magnificamente encoberto na nomenclatura do segundo maior grau dessa ordem secreta!

— Há, porém, uma coisa que me inquieta — disse Colona, percorrendo com os olhos o texto da oração maçônica.

— O que o preocupa, Eminência? — perguntou Mellina, sensível ao estado de profunda reflexão de Giuliano Colona.

— Na concepção Gnóstica, oriunda da antiga filosofia egípcio-babilônica da qual se origina a doutrina maçônica, predomina uma relativização de conceitos. Para os antigos sacerdotes maniqueístas do Zoroastrismo Caldeu, tanto o bem como o mal tinham a mesma face de uma única realidade. Esse conceito pode ser vislumbrado até mesmo nas modernas filosofias existenciaistas, tão em voga nos dias de hoje por influência dos Filhos de Set. Nelas, o bom e o ruim dependem da visão pessoal de cada indivíduo. Com base nessa relativização conceitual do positivo e do negativo, perde-se o caráter de absoluto, vinculando-se cada indivíduo à sua crença unipessoal, despida de uma uniformização e mesmo de uma linguagem comum ao todo.

— O que o senhor está querendo dizer? — perguntou Mellina, aparentando confusão com os conceitos enunciados pelo estudioso.

— O que eu estou querendo dizer, minha jovem, é que se olharmos a oração maçônica por essa ótica — a da visão particular de um grupo específico, no caso, o dos iniciados dentro da maçonaria, nas artes e mistérios babilônicos e secretos — essa linguagem e este enunciado assumem um significado totalmente diverso do que para nós, que somos oriundos de uma cultura judaico-cristã, aparenta declarar!

— Então, para os iniciados no ocultismo essa oração maçônica não se refere ao pecado original descrito na Bíblia? — perguntou Mellina, surpresa com a revelação feita por Giuliano Colona.

— É o que eu estou tentando dizer, minha jovem. Quando os primeiros magos, ainda no período antediluviano, tentaram estabelecer o reino luciferiano na Terra, uma grande catástrofe, o dilúvio, destruiu todas as possibilidades de o antigo “querubim da guarda ungido” governar 158

efetivamente sobre a raça humana. O pecado da oração significa não a queda de Adão e Eva, mas o crime perpetrado pelo próprio Criador ao destruir, na época, as pretensões de Lúcifer! Se formos analisar as obras do grande maçom Albert Pike, veremos que ele considera Lúcifer como Deus, na mesma estatura de Adonai, o Jesus da cristandade. Daí podemos concluir que, quando na oração maçônica o sacerdote pronuncia as palavras: “... *possa a graça divina guiar-nos e assistir-nos na construção de um segundo templo de reforma, em que a sua glória seja maior que a de seu antecessor*” ; ele está se referindo ao auxílio de Lúcifer para que os iniciados possam estabelecer a *Novus Ordo Seclorum* existente no sinete dos Estados Unidos, que não é outra coisa senão a tentativa de reerguer aquele antiquíssimo reino esotérico que fora destruído por Deus no início dos tempos!

— E esse reino luciferiano será encabeçado com o auxílio dos Filhos de Set, infiltrados nas organizações secretas pelo verdadeiro Príncipe Real, ou seja, o próprio Anticristo!

— E quem será o Anticristo? — Lady Catherine não conseguiu se conter.

Giuliano Colona deu de ombros.

— Eis a grande pergunta, minha senhora, mas que eu, infelizmente ainda não tenho condições de responder!

C A P Í T U L O 7 1

— O que você acha da proposta do Secretário Geral do Vaticano?

— perguntou Hamilton Campbell, ao retornarem ao carro.

— Eu ainda não sei — respondeu Lady Catherine — ele me pareceu bastante sincero, embora não tenha revelado qual o grande tesouro descrito na segunda parte do pergaminho. Isso, porém, é uma questão de tempo.

Logo descobriremos ao encontrarmos o livro. Agora, a grande questão é se devemos entregá-lo ao Vaticano ou destruí-lo.

— Em primeiro lugar, Lady Catherine, devemos achá-lo — disse Mellina, trazendo-os de volta à realidade — só então poderemos decidir o que fazer com ele. E, a propósito, será que já temos a resposta do Senador?

159

— Lady Catherine... Lady Catherine — disse Jeffrey — que bom que a senhora chegou! Recebemos há pouco a resposta do Senador...

— Então — perguntou a velha, com um brilho nos olhos — nossos amigos na América encontraram o livro?

— Aqui está ela — respondeu Douglas Braun, estendendo um papel de fax.

— Como assim *aqui está ela*? — perguntou a velha apreensiva —

eles não telefonaram, dizendo que encontraram o livro?... O que é isto?

— disse olhando para o fax, tentando compreender o que era aquilo que tinha em suas mãos.

— O Reverendo Becker ligou dizendo que no cofre da Bolsa de Valores de Nova York havia apenas isso, que eles não encontraram nenhum livro — continuou Douglas Braun.

Hamilton Campbell aproximou-se curioso.

— Deixe-me ver, Catherine.

O padre anglicano então pegou o fax, examinando-o rapidamente.

— Isso... isso é a cópia de um extrato bancário! — disse o religioso sem

entender nada.

— Um extrato bancário?

Os olhos de Mellina correram para o papel — mas por que Lord Raidech, guardaria um extrato bancário no cofre da Bolsa de Valores?

— E não é um extrato bancário comum — sorriu Campbell, tentando disfarçar o desapontamento — é um extrato bancário do Crédit Suisse, extraído em 18/09/1948!

— E no valor de quase quinhentas mil libras! — observou Douglas, sem esconder o entusiasmo. Um depósito feito há mais de sessenta anos!

Se somarmos os juros acumulados de quarenta e oito até hoje, céus!, a senhora tornou-se agora incrivelmente rica!

— Lady Catherine já é incrivelmente rica! — observou Jeffrey, como que censurando a exaltação do sargento.

— Meu Deus! — exclamou a velha — será que meu avô teria enlouquecido? Por que razão ele nos teria feito trilhar todo esse caminho para, no fim, chegarmos à indicação de um depósito secreto em libras, feito na Suíça?

160

— Talvez seja mais uma pista — concluiu Jeffrey — mais uma etapa a ser decifrada na busca ao Livro de Ouro!

— Não alimente ilusões, Jeffrey! Como um extrato bancário poderia integrar os enigmas elaborados por meu avô para ocultar o livro?

— Não se trata de uma ilusão. Eu acredito que Jeffrey tenha razão.

Não me parece provável que seu avô tenha elaborado tudo isso apenas para lhe indicar uma grande importância em dinheiro! — disse a loirinha, voltando-se para Lady Catherine.

— Mas como esse extrato bancário poderia nos levar ao Livro de Ouro?

— Esta é a questão — continuou Mellina — deve existir alguma coisa nesse extrato, que nos aproxime ainda mais do livro oculto por seu avô.

— Eu gostaria de acreditar nisso, Mellina, mas de que forma um simples extrato bancário poderia nos aproximar do Livro de Ouro? Veja, ele destoa completamente dos enigmas anteriores elaborados por meu avô.

— Além do mais, ele é completamente estranho! Foram feitos somente quatro depósitos — confiou Campbell — um no valor de 150.348

libras, feito em quinze de março de 1948; e outros três, feitos, respectivamente em dias subseqüentes 16, 17 e 18 de março, todos eles no mesmo valor: 110.927 libras!

— Confesso que é estranho, Padre Campbell, mas eu continuo acreditando que alguma coisa nesse extrato nos aponte para o Livro de Ouro.

— Talvez Lord Raidech tenha ocultado o Livro de Ouro em algum cofre particular no Crédito Nacional Suicé, como fez ocultando esse extrato no Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York — arriscou Jefrey.

— Não creio — respondeu Campbell — isso seria muito explícito...

E destoaria completamente da engenhosidade dos enigmas anteriores elaborados por Lord Raidech.

— Ou então — concluiu a loirinha — ele seja ainda mais elaborado, e o fato de ser diferente dos demais queira nos dizer alguma coisa!

— Mas o quê? — perguntou um inquieto Douglas Braun.

Jefrey olhava o extrato bancário.

— É uma importância significativa, se considerarmos que os juros correm há tanto tempo. Agora, é curioso que a data do primeiro depósito coincida, exatamente com o valor depositado!

— Como assim? — perguntou Campbell.

— Veja! — mostrou Jeffrey entregando-lhe o extrato: o primeiro de-pósito foi feito em 15/03/48, no valor de 150.348 libras. Se separarmos o valor de dois em dois dígitos, teremos exatamente a data de seu primeiro depósito: 15/03/48!

— Impressionante! — exclamou Campbell. Mas os demais valores não podem coincidir com a data dos seus depósitos. Seus números são diferentes.

— Deixe-me ver — disse Mellina. — Hmm, a criatividade de Lord Raidech é realmente impressionante. Vejam o enigma! Não poderia ser mais elucidativo, o que quer que seu avô queria nos indicar aconteceu em 11 de setembro de 1927!

— O que? De onde você tirou essa data, Mellina? — perguntou a velha, tomada pela curiosidade.

— Eu não, Lady Catherine! Na verdade foi Jeffrey que encontrou a data e acabou por desvendar o enigma!

— Eu... eu desvendei o enigma? — perguntou Jeffrey surpreso.

— Sim — respondeu a jovem sorrindo... Você acaba de desvendar o enigma!

— Como?

— Foi você que percebeu que o valor do depósito bancário coincidia com a data em que fora depositado!

— Sim, mas e daí?

— Daí que os outros três depósitos subseqüentes foram efetuados nos dias 16, 17 e 18 de março de 1948, mas todos no valor de 110.927.

Pelo que posso perceber, a circunstância de o primeiro depósito ter sido efetuado no mesmo valor de sua data é uma indicação para que nossa atenção se volte para os outros três depósitos, cujos valores se repetem nos três dias subseqüentes. Se desprezarmos esses dias e mantivermos nossa atenção

apenas a seu valor, veremos que este aponta para o dia 11/09/27!

— Magnífico, Mellina, você é genial!

Campbell estava exultante.

— Ou seja, o que Lord Raidech está nos apontando é exatamente isto: a data de 11/09/1927. A grande questão é: o que aconteceu nessa data?

162

C A P Í T U L O 7 2

O automóvel Fiat dos *carabinieri* parou diante do gigantesco portão de ferro trabalhado artesanalmente que separava a estrada, da magnífica mansão construída no século XVII, cercada por uma reserva de caça com mais de oitenta hectares. Lucas Scaliari baixou o vidro do carro e apertou um botão junto ao intercomunicador acoplado ao portão. Imediatamente uma câmera de vigilância focalizou sua imagem em uma guarita próxima.

— Somos da polícia italiana — disse o oficial — temos uma entrevista marcada com o Conde Orlandini.

Após alguns instantes o portão de ferro foi aberto.

— Sigam em frente — disse um vigilante armado, que apareceu saindo de uma guarita próxima — o Conde está lhes aguardando.

Uma verdadeira obra-prima de jardinagem se descortinou diante dos olhos dos policiais: labirintos geométricos feitos de tuia, cuidadosamente tratados se alternavam com chafarizes na forma de belíssimas moças esculpidas em mármore, perfeitamente alinhadas em ambos os lados do caminho.

O ruído contínuo das águas cristalinas que brotavam dos cântaros sobre seus ombros davam ao passante uma sensação maravilhosa de paz.

A audiência com o Conde transcorria havia mais de duas horas.

Mesmo assim ele se mantinha distante. Parecia que aquele homem de nariz

adunco e cabeleira grisalha, beirando a faixa dos cinqüenta anos estava em mais uma enfadonha reunião de negócios. Porém, pela experiência acumulada por décadas à frente dos *carabinieri*, Scaliari farejou a apreensão.

— O senhor contratou como segurança um homem que havia sido expulso do Vaticano ao cometer um crime. Isso é muito preocupante em se tratando de alguém de sua posição. O senhor pôs em risco sua própria família — disse Scaliari esperando a reação.

— O senhor tem razão, Capitão — disse o representante da famí-

lia centenária, mantendo-se impassível — foi uma falha imperdoável, os antecedentes desse homem deveriam se averiguados com mais atenção.

163

Eu mesmo me encarregarei de substituir a empresa responsável por sua contratação. Agora quanto a esse roubo, não houve por parte do Vaticano qualquer divulgação.

— O senhor disse também que ele simplesmente abandonou o em-prego, não houve mais nenhum contato depois?

— Não, ele simplesmente desapareceu.

— Hmm... qual é mesmo a empresa responsável pela contratação?

— perguntou Scaliari.

— A Morel e Scozzi, de Milão, durante muito tempo foi responsável pelo nosso pessoal; agora, em virtude desse lapso imperdoável terei que suspender os seus serviços — disse o Conde.

— Perfeito — disse o policial, fechando o pequeno caderno de notas

— acho que terminamos por aqui. Se surgir alguma dúvida, tornaremos a lhe procurar.

O conde sorriu um sorriso de aparente satisfação por ver aquela audiência

terminar:

— Estarei à sua disposição.

Os policiais levantaram-se, no que foram acompanhados pelo Conde.

— Uma última pergunta — disse Scaliari, já em pé notando o imediato aborrecimento que brotou na face do Conde — qual o significado do brasão de sua família?

O aborrecimento desapareceu, dando lugar ao ânimo do anfitrião um sentimento de orgulho e satisfação. Seus olhos voltaram-se então para o gigantesco emblema de bronze que se projetava sobre uma lareira imponente.

— O leão dos Orlandini, senhores, símbolo de um passado remotíssimo, suas duas cabeças representam as dinastias que deram origem à nossa família, a dos Habsburgos austríacos e dos Merovíngios franceses.

— Para dizer a verdade, duas poderosas dinastias: a casa real do Sacro Império Romano Germânico e a formadora pelo reino franco — disse Scaliari, com um sorriso.

O Conde mostrou-se surpreso e envaidecido.

— Parabéns, Capitão, vejo que o senhor é um homem amante da história.

— A história é uma disciplina importante na minha atividade. Como policial, é nela que encontro os crimes mais surpreendentes, aqueles que não foram cometidos por loucura ou paixão, mas sim os que meticulosamente planejados, possuíam em sua raiz uma mente sofisticada, a de homens acostumados com o poder de fazer das suas razões as do próprio Estado — disse Scaliari, percebendo o estranho brilho nos olhos de seu anfitrião.

— Capitão, o que o senhor achou do Conde? — perguntou Paolo Ferri cortando o silêncio dentro do carro no caminho de volta.

Scaliari, até então mantinha os olhos fixos na estrada à sua frente; sua mente porém, divagava. A resposta demorou alguns instantes. O Capitão nesse meio tempo parecia retornar, aos poucos, de algum outro lugar, distante dali.

— O que o Senhor achou? — tornou a perguntar Paolo Ferri — a mim ele pareceu estar escondendo alguma coisa!

— O brasão de sua família! — disse o Capitão — mais falando para si mesmo do que para o jovem que o acompanhava.

— O quê?... O brasão?... O que tem o brasão? — perguntou o jovem.

— Você está certo, Paolo, seus instintos de policial estão ficando mais aguçados, meu amigo! O Conde não nos revelou a verdade! Isto eu tenho certeza, mas aquele brasão me diz alguma coisa...

— O que o senhor viu no brasão?

— Você lembra, Paolo, que a moeda encontrada na boca do médico tinha uma águia de duas cabeças!

— Sim, mas era uma águia, e aqui no brasão dos Orlandini temos um leão! Eu não vejo nenhuma relação, são dois símbolos diferentes.

— Dois animais diferentes você quer dizer, o que não significa que a simbologia não seja a mesma. Repare que em ambos os casos as duas cabeças olham em direções distintas, o que isso significa?

— Vamos perguntar a seu irmão? — inquiriu o jovem.

— Sim, mas antes temos que visitar a Morel e Scozzi, de Milão.

165

C A P Í T U L O 7 3

— Mas como vamos saber o que aconteceu em onze de setembro de 1927?
— perguntou Douglas Braun perplexo.

— Ora, meu jovem, isso é simples! Basta consultar os jornais da época — disse Lady Catherine. Estamos em Roma, local de uma das maiores bibliotecas do mundo, a Biblioteca do Vaticano. Logicamente eles devem ter um acervo completo de jornais antigos. Basta pedirmos ao Cardeal Colona, não creio que ele nos negue esse favor.

— Há dois problemas nessa sua solução, Catherine — interveio Hamilton Campbell — primeiro: o que diremos ao Cardeal sobre esse repentino interesse por um jornal de 1927?. Segundo: em qual jornal procurar?

— É uma boa pergunta — exclamou Jeffrey, pondo-se a pensar.

— Libras — respondeu Mellina — o depósito feito pelo avô de Lady Catherine foi em libras!

— Sim, está no extrato — disse Douglas — mas o que tem isso a ver com o jornal?

— É simples — continuou Mellina — por que razão um depósito em um banco suíço seria feito em libras?

Campbell sorriu:

— Para nos indicar em que jornal procurar!

— Um jornal inglês? — arriscou Lady Catherine.

— Sim — tornou Mellina — mas não um jornal comum, mas um que em

1927 tivesse circulação internacional!

— O *London Magazine*! — exclamou Campbell.

— E quanto ao Cardeal, o que diremos a ele? — Mellina estava inquieta.

— Eu tive uma outra idéia, minha jovem: em vez de consultarmos o jornal na Biblioteca do Vaticano, porque não irmos direto à fonte?

— Como assim, Lady Catherine? — perguntou Jeffrey.

— É simples, vou ligar para a Fundação Raidech em Londres. Não creio que o *London Magazine* vá negar o pedido de uma entidade comprometida com a pesquisa histórica. Depois, meu pessoal na Inglaterra nos mandará o jornal por fax!

166

Campbell olhou com satisfação para a velha.

— Ótimo, assim não precisaremos retornar ao Vaticano. Se voltássemos lá com esse pedido, o Cardeal logo desconfiaria que estamos no encalço do Livro de Ouro!

C A P Í T U L O 7 4

— O senhor deve ter lido os jornais — disse Scaliari. O retrato falado de Luige Vremodns está estampado em todos eles. Agora a questão que me inquieta é como o senhor contratou um homem como este sem antes averiguar seus antecedentes?

O Diretor da Morel e Scozzi engoliu em seco.

— Não tínhamos como saber de seu envolvimento em um roubo no Vaticano. Por sinal, a Santa Sé é bem parcimoniosa quanto à divulgação de informações dos acontecimentos por trás de seus muros — respondeu o homem.

— E quanto à forma de contratação, como ela é feita? Por indicação de um cliente anterior ou existe um outro critério?

O diretor percebeu a armadilha.

— Em alguns casos contratamos pessoal especializado por meio de referências anteriores. Esta, porém, é a exceção, geralmente formamos nosso cadastro diretamente.

— Como assim? — perguntou Scaliari.

— Temos contatos com oficiais de diversas forças armadas de países da União Européia, assim nossos quadros são formados por jovens oficiais que recentemente deram baixa nesses exércitos.

— Luigi Vremodns era um desses casos, então?

— Sim — respondeu o diretor — ele foi contratado um ano depois que deu baixa no exército suíço.

— Pois bem — disse Scaliari, levantando-se — por enquanto era isso.

O diretor da Morel e Scozzi acompanhou-os até a porta, depois fechou-a e respirou mais aliviado.

167

— É mais fácil arrancar água de uma pedra do que conseguir alguma informação útil desse diretor — disse Paolo já de volta ao carro.

— Você tem razão — confirmou Scaliari — acho que devemos concentrar nossa investigação na família Orlandini. Quando chegarmos a Roma, quero que consiga com a Interpol um relatório completo desse clã: membros, negócios, relações sociais, enfim, tudo sobre todas as suas atividades.

— Certo, Capitão, e quanto ao brasão, o que lhe chamou o interesse?

— Vou fazer outra visita a meu irmão, ver o que ele pode me dizer sobre isso.

C A P Í T U L O 7 5

— O pessoal da Fundação Raidech já encaminhou o fax do jornal?

— perguntou a velha, apreensiva.

— Sim — respondeu Jeffrey — que acabara de retornar à suíte acompanhado por Douglas.

— Passe-me as folhas — pediu Lady Catherine — estou ansiosa para ver do que se trata.

Jefrey então entregou-lhe um calhamaço de folhas avulsas que re-produziam um jornal do começo do século.

— Onze de setembro de 1927! — suspirou a velha — eu era recém-nascida.

— O que quer que Lord Raidech queria nos dizer, ficou por muito tempo no esquecimento aguardando esse momento — refletiu Hamilton Campbell.

— Sim — concordou Mellina — agora só nos resta lermos e descobrir o que é.

— São mais de noventa páginas — observou Lady Catherine. Para adiantarmos a leitura, vamos dividir em três partes: eu e Mellina, lemos as páginas políticas e culturais; o senhor, Padre Campbell, as páginas sociais e de assuntos gerais, enquanto Jeffrey e Douglas, as restantes.

168

— Ok — disse Campbell, pegando suas páginas.

— Até parece que a história tem vida — disse Mellina, completamente imersa no passado.

— É — confirmou a velha — ler um jornal tão antigo assim é como assistir à história acontecendo diante de nossos olhos...

— Lady Catherine — interrompeu Jeffrey — qual é mesmo o nome daquele assistente que tentou assassinar seu avô?

Instintivamente a velha, Campbell e Mellina voltaram-se para ele, curiosos:

— Max Fuchon — respondeu a velha — mas porquê?

— É que o nome dele está aqui!

C A P Í T U L O 7 6

— Em que posso lhe ajudar, Lucas? — perguntou Francesco Scaliari, recebendo o irmão em seu gabinete na Universidade de Roma.

O Capitão da polícia italiana sentou-se em frente à escrivaninha onde se encontrava o homem que fora responsável por sua educação. Ele era criança ainda, quando perdera os pais e Francesco, ainda jovem na época, se mostrara muito mais do que um irmão.

— É sobre o caso da menina russa — disse o Capitão mostrando-se cansado.

— Você encontrou alguma pista? — perguntou Francesco, com esperança.

— Esta é a questão, Francesco, eu sinceramente não sei.

— Como, não sabe? Se você, que é o policial não sabe, quem é que pode saber? Eu, por acaso?

— É justamente este o motivo que me traz aqui!

— Como assim? — Francesco mostrou-se surpreso.

— Eu preciso, meu irmão, que você me diga se estou diante de uma pista ou não!

— Explique-me!

O policial explicou-lhe.

— Pelo que eu entendi, você está suspeitando de que a tradicional família

Orlandini esteja envolvida no seqüestro da menina russa. Isso porque o seqüestrador trabalhou algum tempo para eles; assim também acredita que o brasão desse clã de Florença tenha relação com a moeda encontrada na boca do médico assassinado...

— É exatamente isso! — respondeu o policial esperançoso.

Francesco Scaliari recostou-se na cadeira, retirou os óculos e, após um suspiro exclamou:

— Meu irmão, você está precisando tirar férias!

— Você não está entendendo, Francesco, pode haver alguma ligação entre a águia bicéfala encontrada na moeda de prata e o leão de duas ca-beças do brasão dos Orlandini.

— Isso é um absurdo, Lucas! Você está se deixando levar pelo aspecto emocional, precisa largar esse caso, está vendo ilações onde elas não existem. Símbolos heráldicos são representações históricas de famílias e clãs, algumas delas retroagindo ao alto medievo... Não há nenhum historiador sério que faça ligação entre esses dois símbolos bastante distintos.

— Está certo! — concordou relutantemente Lucas Scaliari — mas se você disse que não há nenhum historiador sério que faça ligação entre esses símbolos, está dizendo então que existe alguma coisa?

Francesco Scaliari meneou a cabeça.

— Lucas... Lucas... Conforme eu lhe disse, não há nenhum estudo histórico que venha comprovar essa sua teoria; agora... se você quiser levar em consideração algumas crendices oriundas de antigas tradições medievais, podemos encontrar alguma coisa parecida com isso.

— Alguma coisa parecida com isso? — surpreendeu-se o Capitão.

— Sim. Mas é como eu lhe disse, sem nenhuma comprovação séria, fruto de uma cultura subterrânea e marginal que sempre existiu nos círculos esotéricos europeus!

— Círculos esotéricos?

— Sim, mitos e histórias obscuras ligadas a antigas tradições maçô-

nicas e rosacruzes, transmitidas de forma discreta aqui e ali, algumas por pessoas sérias; e outras, nem tanto!

170

— Por favor, continue...

— Pois bem, segundo esses relatos, a história da Europa, ou mesmo do Ocidente, pós-Império Romano, está ligada diretamente à Dinastia Merovíngia fundada por Meroveu, uma figura misteriosa que tem sua existência envolta em lendas obscuras. Uma delas fala de sua dupla paternidade, mas deixemos isso de lado, vamos nos manter focados no que lhe interessa. Para essa tradição esotérica, também conhecida como corrente subterrânea, a origem dessa dinastia iniciada em 417 d.C., está diretamente ligada à casa real de Israel.

— A casa real de Israel? — perguntou surpreso o Capitão.

— Você está me dizendo que a família formadora do reino franco e conseqüentemente da própria França tem sua origem nos antigos reis de Israel?

— Não, Lucas, como eu disse no início da minha narrativa, essas hipóteses não possuem confi rmação histórica que seja aceitável; estou, como você me pediu, apenas relatando fantasias místicas transmitidas através dos tempos por essa corrente místico-esotérica.

— Continue, por favor...

— Pois bem, segundo essa corrente subterrânea, quando houve o saque de Jerusalém em 70 d.C., com a destruição do templo, houve uma fuga em massa da Judéia, sendo que alguns judeus da linhagem do Rei Davi fugiram para a Gália (hoje França), ali formando uma comunidade judia que, por laços de sangue, uniu-se a outras comunidades dando origem à Dinastia

Merovíngia.

— E qual é relação entre a águia de duas cabeças e a Dinastia Merovíngia?

— Bem, esse é um assunto ainda mais nebuloso. Em 1653, quando foi encontrada a tumba do segundo rei da Dinastia Merovíngia, Childeric I, descobriu-se em seu interior, além de tesouros, uma gama de objetos de adoração pagã, como talismãs e amuletos cabalísticos, bolas de cristal e, havia também representações feitas de ouro e prata de águias e leões de duas cabeças, assim também como mais de trezentas pequeníssimas imagens de abelhas feitas de ouro!

— Hmm, isso é bastante interessante!

— Eu diria, curioso — exclamou Francesco.

171

— Por que curioso?

— Se você tiver a oportunidade de entrar em um site maçônico, verá que algumas dessas imagens, tanto a águia de duas cabeças como a colméia com abelhas é uma constante em sua simbologia!

— O senhor está dizendo que há uma relação entre a maçonaria e a Dinastia Merovíngia?

— Eu não estou dizendo nada, Lucas, eu estou apenas expondo os fatos. Tire deles as conclusões que quiser.

— E como uma tradicional família de Florença viria a ostentar em seu brasão um símbolo aparentemente merovíngio?

— Essa é a parte mais simples: a origem dos Orlandini remonta a uma época em que as famílias nobres, notadamente as de origem real, ca-savam-se entre si na tentativa de preservar o sangue!

C A P Í T U L O 7 7

— O nome de Max Fuchon, está aí?

Uma sensação de triunfo perpassou pela alma de Lady Catherine.

— Sim, está aqui — repetiu Jeffrey, entregando para Lady Catherine a folha que estava lendo — veja a senhora mesma.

Hamilton Campbell e Mellina puseram-se atrás da velha fazendo a leitura juntos. Ao percorrer rapidamente a manchete escrita logo abaixo da imagem de um caixão que desembarcava no porto de Londres, um brilho luminoso aflorou no olhar do trio:

CHEGOU HOJE A LONDRES O CORPO DO JOVEM MAX

FUCHON.

Terceiro filho de um rico industrial, Fuchon foi morto no Egito ao ser confundido pela polícia local com um saqueador de túmulos.

Mais abaixo, em letras miúdas continuava o relato: 172

Como a viagem transcorreu em três semanas, o corpo do assistente de Lord Albert Raidech chegou em um caixão de chumbo lacrado. O

enterro será amanhã no cemitério de Londres.

Mellina voltou seus olhos para a dupla a seu lado.

— Vocês estão pensando o que eu estou pensando?

O rosto de Lady Catherine deixava transparecer uma emoção que em muito estava esquecida.

— Meu Deus! — disse a velha, radiante — não pode ser! — pondo as duas mãos à cabeça. — Isso é simplesmente fantástico!

— O quê?

Douglas tinha a sensação de estar perdendo algo.

— Genial! — exclamou Hamilton Campbell... — genial!

— Lord Raidech realmente foi brilhante — confessou Mellina — tendo entregado a guarda do Livro de Ouro a quem mais queria se apossar dele!

— Eu fi co imaginando o enterro de Max Fuchon... Os Filhos de Set deviam estar ali em peso, frustrados por não terem conseguido o Livro de Ouro — disse Mellina.

— Livro que, por ironia de Lord Albert Raidech, estava ali tão perto, ao alcance de suas mãos — concluiu a jovem.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Jefrey

— Agora, Jefrey, acho que é o momento de você e Douglas retornarem a Londres; não preciso dizer o que você têm que fazer! — disse a velha piscando para seu mordomo.

C A P Í T U L O 7 8

— O que você descobriu junto à Interpol — perguntou Scaliari.

— Nada, Capitão, os Orlandini são uma família Florentina tradicional.

Seus integrantes sempre mantiveram uma conduta irrepreensível, nenhum deslize. Não há nem mesmo multas por infração de trânsito. A Interpol não encontrou absolutamente nada que possa tornar-lhes suspeitos.

— Uma família perfeita demais, não?

173

— E ponha perfeição nisso! Unidos, bem relacionados e riquíssimos... Sua fortuna beira a casa dos dezessete bilhões de dólares. Eles possuem um império que se estende pelo domínio acionário de empresas no ramo de telecomunicações por satélite, televisão a cabo, telefonia celular, além de explorarem diamantes na África do Sul e o ramo farma-cêutico, na

Alemanha.

Scaliari levantou as sobrancelhas.

— Você disse, *bem relacionados*?

— Sim, mas para dizer a verdade, *bem relacionados* não me parece o termo apropriado...

— Como assim?

— A impressão que me passa é a de que os Orlandini formam uma parcela de uma gigantesca e poderosíssima família com ramificações em todo o mundo. Veja bem: a irmã do Conde é casada com o maior banqueiro da Holanda. Este, por sua vez, é primo em segundo grau do magnata do aço na Inglaterra. E isso não pára por aí. Intrigado com isso, descobri que essa rede de relacionamentos se espalha por todos os continentes. Eles são desde proprietários de jornais na Austrália até banqueiros em Nova York. Se os seus negócios não estivessem absolutamente dentro da lei como eu mesmo pude comprovar, poderíamos até dizer que eles formam uma grande máfia Internacional, com poder financeiro suficiente para dominar o mundo!

Uma máfia com poder financeiro suficiente para dominar o mundo!

Scaliari levantou as sobrancelhas.

— Diga-me, Paolo, e se todos eles pertencessem aos Filhos de Set?

C A P Í T U L O 7 9

Eram duas horas da manhã, quando um furgão de vidros es-curecidos estacionou na rua lateral ao cemitério de Londres. A noite, envolta por uma neblina espessa, mal permitia a quem quer que fosse enxergar pouco mais do que alguns metros à sua própria frente. Os dois homens que dele desceram foram até a porta de trás e retiram uma série 174

de instrumentos como se fossem dois mineradores: pás e picaretas, um maçarico e uma pequena sacola que não permitia a identificação de seu conteúdo.

— Rápido, Jefrey! — disse Douglas Braun, já do outro lado da grade de ferro — passe-me o maçarico!

Ambos, agora estavam dentro do cemitério e tranqüilamente se movimentaram em meio às tumbas até o sepulcro previamente estudado.

Durante o dia estiveram no cemitério e fizeram um levantamento do local a ser explorado.

— É este aqui — confirmou Jefrey olhando a lápide de mármore encravada entre dois mausoléus.

Em silêncio, os dois homens puseram-se ao trabalho. Com duas pás, a terra foi rapidamente retirada ficando visível um antigo caixão revestido de chumbo. Douglas Braun acoplou o tubo de oxigênio ao maçarico e se pôs ao trabalho.

— Está quase abrindo — disse enquanto terminava de fazer um re-tângulo naquela superfície de metal.

— Passe-me a lanterna — disse, após deixar o maçarico em um canto.

Jefrey entregou-lhe. À medida que a pequena luz focalizava o interior do caixão, ossos, já acinzentados, eram percebidos pela dupla.

— Onde está o livro? — perguntou Jefrey, que ficou cara na superfície superior da tumba.

Douglas Braun colocou a lanterna dentro do caixão, direcionando a luz para a parte de baixo, enquanto deitava a cabeça sobre a pequena janela improvisada.

— Está ali, sobre os pés do cadáver! — disse.

— É o livro? — perguntou Jefrey.

— Ainda não sei — disse Douglas, espichando o braço por dentro do caixão, alcançando-o com dificuldade — está envolto em um pano!

— logo em seguida emendou — mas deve ser, é bem pesado!

Douglas puxou-o então com a ponta dos dedos enluvados. A lanterna focalizou um objeto quadrado, envolto no que restava de um pano.

Este foi rapidamente retirado deixando o objeto visível.

— Céus! Eu nunca vi nada parecido! — deixou escapar Douglas, fascinado com a peça dourada.

175

O livro, apesar do pó no qual estava impregnado, mostrava-se uma belíssima obra de ourivesaria, cuja técnica se perdera no tempo. Sua capa apresentava desenhos geometricamente perfeitos de pirâmides que se alternavam com esferas, cujo interior projetava em relevo dourado águias de duas cabeças e inscrições totalmente desconhecidas.

— Rápido, Douglas, vamos sair logo daqui — disse Jeffrey, estendendo-lhe o braço e acordando o sargento do transe em que havia mergulhado.

Silenciosamente, recolheram o equipamento e novamente pularam a grade de ferro. Já dentro do furgão, examinaram melhor o livro, limpando-o.

Em poucos minutos o furgão saía dali e, discretamente, sumia na escuridão.

C A P Í T U L O 8 0

— E se todos eles pertencessem aos Filhos de Set?

Paolo ficou sem reação ante o impacto da pergunta.

— Sim — continuou Scaliari, fazendo um gesto com a mão. Imagine a Terra inteira como um corpo, sendo controlada por um pequeno grupo, mas muitíssimo poderoso: os senhores da Terra, aqueles que detêm o domínio completo das maiores indústrias, dos mais influentes bancos e dos mais representativos jornais e revistas que circulam pelo globo terrestre!

Agora imagine que esse pequeno grupo tivesse um propósito secreto, aca-

lentado durante séculos, talvez milênios...

— Um objetivo secreto? Acalentado por homens tão poderosos? Isso seria terrível!

— Sim, isso por si só seria terrível, mas agora imagine a hipótese de que todo esse poderio conquistado por eles tivesse sua origem em Lúcifer, e seu único objetivo fosse a criação de um império universal, controlado pelo próprio Lúcifer!

— Um império universal controlado por Lúcifer?

— Mas quem seria o regente?

— Aí é que está! Você lembra do que o Cardeal Giuliano Colona nos disse?

176

— O sangue real?

— Sim, um homem em cujas veias corre o sangue originado da rela-

ção do sobrenatural com o carnal, alguém cuja origem histórica passa pela casa real de Israel e que no tempo oportuno possa reivindicar o governo do mundo, começando pelas nações de tradição judaico-cristã!

— Isso me parece um tanto difícil! Estaremos mexendo com interesses muito poderosos, mas seja como for, acho que devemos continuar investigando a família Orlandini; ela se apresenta como a ponta de um gigantesco *iceberg*. Se conseguirmos decifrar sua participação, será possível encontrarmos os personagens-chave dessa conspiração.

— Você tem razão — confiou Scaliari — acho que devemos concentrar nossa investigação na família Orlandini. Quando chegarmos a Roma, eu quero que consiga com a Interpol, um relatório completo desse clã: membros, negócios, relações sociais, enfim, tudo sobre todas as suas atividades.

CAPÍTULO 81

— Então esse é o Livro de Ouro de Lagahs! — exclamou Hamilton Campbell, fascinado diante da belíssima obra de ourivesaria, o livro cobi-

çado por magos e reis, o livro pelo qual muitos homens deram a vida e a própria alma!

— E tiraram vidas também — acrescentou Mellina, contemplando a peça dourada.

— Céus! Que inscrições são essas? — exclamou Lady Catherine ao examinar o interior do Livro de Ouro.

— Isso é incompreensível! — disse Mellina aproximando-se do livro e contemplando um amontoado de caracteres em relevo, totalmente desconhecidos, que cobriam as páginas de alto a baixo.

— Estas inscrições são semelhantes? — perguntou Jeffrey.

— Chega de divagação — concluiu Lady Catherine — vamos ver o que ele contém — disse a velha abrindo com dificuldade a capa trabalhada com desenhos de animais e representações geométricas.

177

C A P Í T U L O 8 2

Os guardas suíços fi zeram reverência quando ele passou pelas famosas colunas de Bellini. O sinal emitido por um dispositivo eletrônico, discretamente acoplado a seu fi níssimo relógio, indicava-lhe que uma importante mensagem acabara de ser enviada. Um sorriso discreto afl orou em seu semblante, ele então entrou em uma sala anexa, aproximou-se de um computador e digitou a senha. Imediatamente o portal apareceu e a mensagem que teve origem em um outro continente encheu a tela com inscrições de um alfabeto desconhecido, cuja origem se dera ainda no início dos tempos.

“Eles descobriram o livro de ouro!” À medida que seus olhos inter-pretavam o texto enigmático, o discreto sorriso dava lugar a uma alegria malévola.

“Breve, muito breve, o mundo todo se curvará, e eu estarei no lugar que me é devido!” O texto mostrava uma série de acontecimentos previamente determinados, cuja execução permitiria a um pequeno grupo de homens assumir o controle dos destinos do mundo.

“Perfeito, tudo está pronto, agora basta me apossar do livro de ouro!

Com ele nada poderá me impedir de realizar o milenar propósito!”

A mão ornamentada com um anel de rubi pousou sobre o telefone próximo. Instantes mais tarde um outro telefone tocava em um local não muito distante dali.

C A P Í T U L O 8 3

— Alô — disse Jeffrey atendendo ao telefone —, quem é?

— *Reverendo Thomas Becker!*

— Não, não é um incômodo nenhum, reverendo! Estamos todos acordados, o nosso grande objetivo foi alcançado. Espere só um instante, que vou passar o telefone para a sua sobrinha.

Jeffrey voltou-se para Mellina.

— É o seu tio!

— Tio Becker! — disse Mellina — o senhor nem imagina o que acabamos de conseguir!

178

Mellina ouviu a resposta.

— Mas, isso não vale, o senhor acertou em cheio — disse sorrindo

—, também estou com saudades. Eu gostaria tanto que estivesse aqui, tio!

Assim essa descoberta seria completa! O senhor também tem novidades?

Sim, estou curiosa para ligar a televisão daqui a uma hora... Sim, vou fazer isso! Um beijo, tio!

— O que foi que seu tio disse? — perguntou Lady Catherine. — Ele soube que descobrimos o Livro de Ouro?

— Ele disse que sabia que nós o descobriríamos, mas que havia um outro motivo para ele ter ligado.

— Qual?

— Para manter a surpresa, ele não disse, mas pediu que ligássemos a televisão daqui a uma hora.

C A P Í T U L O 8 4

— Capitão — disse Paolo Ferri, irrompendo pela sala dos oficiais da polícia italiana.

— O que houve, Paolo? — perguntou Scaliari, virando-se para trás e contemplando seu afoito subordinado.

— Acho que eu encontrei algo muito interessante, os Orlandini...

— Um momento, Paolo — interrompeu-o Scaliari com um gesto —, vamos até minha sala.

— Diga-me agora o que você descobriu! — inquiriu o Capitão, voltando-se para o jovem Paolo após fechar a porta.

— Aqui está o que eu descobri! — disse Paolo completamente eufórico, ao colocar sobre a mesa um prospecto empresarial retirado de sua pasta.

— O que é isto? — perguntou surpreso o Capitão Lucas Scaliari, examinando o *folder*.

“Dexmond ...” — explique-me, Paolo, o que isso significa?

— Isto, Capitão, é a confirmação de nossas suspeitas!

— Confirmação de nossas suspeitas?! Como assim?!

— Eu vou lhe explicar, Capitão! Antes, porém, me responda: o senhor já viu esse material antes?

Scaliari examinou-o atentamente.

— Nunca vi isto antes...

Por fim meneou a cabeça em negativa.

— Eu esperava essa resposta! — completou Paolo sorrindo. Nem o senhor nem qualquer outra pessoa poderia ter visto este material pelo simples motivo de que ele ainda não foi encaminhado para divulgação pública! Eu consegui por intermédio da Interpol.

— Eu ainda não estou entendendo, Paolo! O que isso tem a ver com nossa investigação?

Paolo continuava sorrindo:

— Leia o *folder*, Capitão!

Scaliari, então leu atentamente o prospecto. Nele, logo abaixo do logotipo da empresa, havia seu anúncio de divulgação:

“DEXMOND, SAÚDA A TODOS! SEJAM BEM-VINDOS AO
FUTURO! A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA, NUNCA
ANTES SONHADA, AGORA AO ALCANCE DO MUNDO”

O texto continuava em letras menores:

“O futuro já começou! A empresa DEXMOND, escolhida pelo Banco Central da União Européia para a implantação de uma nova etapa no desenvolvimento da união continental, apresenta a revolução que mudará a

era da informação.”

“Nova etapa no desenvolvimento da união continental...!”

— Paolo, o que vem a ser isso? Eu ainda não compreendo...

— Olhe no verso — interrompeu-o o Tenente —, olhe no verso, Capitão!

Scaliari, então virou o verso do *folder*, seus olhos arregalaram-se ante a visão de seu conteúdo.

180

C A P Í T U L O 8 5

Lady Catherine, Mellina, Hamilton Campbell e Douglas Braun já estavam em frente à televisão quando Jeffrey ligou o aparelho no canal da CNN.

— O seu tio disse que seríamos surpreendidos por uma notícia. Eu estou curioso para saber o que é — manifestou-se Douglas, olhando para Mellina.

— Logo saberemos — respondeu Mellina sem tirar os olhos da televisão, que naquele momento exibia uma reportagem sobre o sudeste asiático.

— Eu acho que... — continuou Douglas.

— Um momento! — interrompeu Hamilton Campbell —, olhem!

Os olhos de todos voltaram-se para o aparelho, que naquele exato momento interrompera a reportagem sobre a crise coreana.

“Atenção para uma importante notícia! — disse o repórter que apareceu de súbito na tela: o Senador norte-americano Antonin Hoppings acaba de anunciar sua pré-candidatura à Presidência dos Estados Unidos!

Confira agora o pronunciamento do Senador com nosso correspondente em Washington”.

C A P Í T U L O 8 6

SETMARK

O mundo agora é todo seu. A tecnologia a serviço do homem.

Você não precisará mais se preocupar em transportar dinheiro ou em como efetuar suas compras!

Chegou SETMARK, o cartão inteligente.

Um novo mundo começa agora! Com SETMARK, teremos

o surgimento da sociedade global sem dinheiro. Um novo mundo espera por você.

Lucas Scaliari ficou estupefato ao ver o verso do *folder*: 181

— Setmark, meu Deus!, Set... Mark..., a marca de Set! Paolo, você tem a exata compreensão do que isso significa?

— Sim — concordou Paolo —, eu sei o que você está pensando, pois ainda me lembro de minhas aulas de catecismo quando menino, em que o padre falava da marca do demônio ou do número 666, aquele número sem o qual ninguém poderia comprar ou vender a não ser os que aceitassem a esta marca. Mas existe um problema aí: este cartão, o SetMark, como você pode ler nesse *folder*, não é uma marca no corpo, ele é apenas uma espécie de cartão de crédito aperfeiçoado! O que me chamou a atenção é que, segundo a Interpol, a empresa responsável pelo cartão pertence ao clã Orlandini, que possui, conforme podemos ver agora, relações de interesses com a própria União Européia...

— Espere, Paolo — disse Scaliari interrompendo-o —, não seja precipitado em seu julgamento, meu jovem! Pense, use seu raciocínio! É óbvio que os Filhos de Set não seriam tolos ao ponto de implantar um sistema de controle econômico-tecnológico por meio do qual pudessem observar tudo o que as pessoas fossem comprar ou vender, ou seja, um gigantesco *big-brother* que controlaria tudo e a todos, diretamente no corpo da população. Isso faria com que eles pusessem tudo a perder, e a sociedade organizada não aceitaria isso, pois teriam de enfrentar a oposição da Igreja e mesmo de muitos grupos de

interesses... Tentar impor isso seria uma verdadeira tolice!

— Sim, seria uma grande tolice! — concordou Paolo.

— A não ser que... — os olhos de Scaliari brilhavam.

—... a não ser o quê? — perguntou Paolo, tentando compreender o raciocínio do Capitão.

— A não ser que a medida fosse implantada aos poucos, inicialmente como estão fazendo agora, na forma de um cartão, mas aí com o tempo, setores da mídia convenceriam a população de que o implante de um *microchip* na mão ou na testa seria muito mais simples e seguro: os dados estariam a salvo de roubo, o que não ocorre com um simples cartão.

Ícones do cinema e da música estabeleceriam o *microchip* como um novo modismo e seriam seguidos em escala mundial; milionários seqüestrados, com o auxílio milagroso desse pequeno *chip* e dos satélites que, ligados a eles estariam vigiando a todos, seriam encontrados em razão de horas após 182

o seqüestro. Então Paolo, poucas seriam as vozes que teriam coragem de se levantar contra a nova realidade, e o mundo inteiro estaria marcado como gado, à espera de um governo totalitário como nunca tivemos na história: o governo de Lúcifer por intermédio dos Filhos de Set.

C A P Í T U L O 8 7

O senador Antonin Hoppings foi focalizado por uma câmera de televisão tendo à sua frente dezenas de microfones, cujos logotipos indicavam as mais variadas emissoras de comunicação do mundo. Estava no gabinete do presidente do partido republicano, e sua fígura austera adquiria uma sobriedade maior ao ter atrás de si, como pano de fundo, a bandeira americana.

— Senador Hoppings — perguntou a repórter previamente escolhida pelo partido —, por que razão o senhor resolveu concorrer à presidência dos Estados Unidos nas próximas eleições?

— Veja bem, a decisão de concorrer às prévias do partido republicano foi fruto de um amadurecimento político e da constatação de que a sociedade americana precisa de uma nova proposta: uma proposta de valorização dos aspectos formadores da identidade nacional. Não podemos mais tolerar o que está acontecendo neste país. A nação americana, nas últimas décadas, tem sofrido com algo que se parece com um ataque sistemático aos valores mais significativos da alma desse país, a nossa sociedade está enferma. O

que outrora era certo, hoje tornou-se altamente condenável, e o que era vergonhoso, passou a ser defendido abertamente até com proteção legal. Os valores judaico-cristãos que ajudaram a construir este imenso país, hoje são combatidos até mesmo nos tribunais. Professores são proibidos de ensinar as virtudes do cristianismo em nossas escolas públicas, e a pornografia a que degenera a juventude recebe vasto apoio nas nossas mais elevadas cortes de justiça. A minha proposta é uma proposta de reconstrução nacional, de fazer com que os Estados Unidos voltem a ser dos americanos e não daqueles que sobre o pretexto de liberdade, estão lentamente fazendo com que a nação negue tudo aquilo que nossos antepassados ajudaram a construir.

183

C A P Í T U L O 8 8

— Isso é terrível, capitão! — exclamou Paolo, dando-se conta da extensão do mal planejado pelos Filhos de Set — mas diga-me, o que é que nós, simples policiais, podemos fazer?

Scaliari sorriu ante à perplexidade de seu jovem auxiliar.

— O que nós podemos fazer? — É certo que não podemos mudar o mundo lutando contra forças, cuja dimensão desconhecemos, mas também é certo que vamos deixar a nossa contribuição.

— Como assim, senhor?

— Ora Paolo, fazendo a nossa parte... fazendo a nossa parte! Você não disse que essa empresa é ligada ao clã Orlandini?

— Sim!

— Pois bem, vamos fazer o que sabemos fazer... vamos investigar!

C A P Í T U L O 8 9

— Viva o Senador Hoppings! — exclamou Mellina com entusiasmo. Então esta era a surpresa que meu tio queria nos fazer: a candidatura do Senador Hoppings à Casa Branca.

— Se o Senador chegar à Casa Branca, o Livro de Ouro estará seguro

— completou Jeffrey.

— Não necessariamente — observou Lady Catherine —, lembre-se, Jeffrey, que o Presidente dos Estados Unidos não é a Rainha da Inglaterra, a Presidência não é vitalícia... O que aconteceria com o Livro de Ouro após o término de seu mandato?

— Os Filhos de Set poderiam usar sua gigantesca influência para ter acesso ao livro.

— Este é o meu medo — continuou Lady Catherine —, estamos num dilema. Mesmo que o Senador Hoppings seja eleito, não acredito que o livro esteja seguro sob a guarda do governo americano. Agora também não confi o no Secretário Geral do Vaticano... Na minha opinião, acho que deveríamos destruir o livro.

184

— Destruir o livro? — surpreendeu-se Mellina.

— Não, Lady Catherine, a senhora não deve fazer isso! Se seu avô estivesse aqui, ele não aprovaria essa idéia. Veja, se esta fosse sua intenção, ele mesmo teria destruído o Livro de Ouro!

— Mellina tem razão — interveio Hamilton Campbell —, esta certamente não seria a solução adotada por Lord Albert Raidech. Destruir o livro de ouro significaria privar a humanidade de um tesouro arqueológico impressionante:

um artefato do período pré-diluviano. Tenho certeza de que você mesma se sentiria desolada em fazer isso.

— Sim, Campbell, a idéia de destruir o Livro de Ouro não me agrada, mas vejo que se os Filhos de Set se apoderarem do livro um grande mal poderá estabelecer sobre toda a Terra. Vocês não se lembram de que o meu avô disse em sua carta que o livro de ouro oculta em seu interior a chave para descobrir onde está escondido um terrível segredo buscado pelos maiores magos da antigüidade?

— Eu concordo com sua preocupação, Catherine — continuou Hamilton Campbell —, mas como você mesma disse, o livro oculta a chave para um grandioso mistério. Não seria sensato destruí-lo sem pelo menos saber a natureza desse tesouro oculto... E se ele puder trazer algum bene-fício para a humanidade?

— Concordo com Padre Campbell — disse Mellina —, não devemos destruí-lo, pelo menos agora. Devemos, antes, tentar desvendar que grandioso tesouro ele oculta!

C A P Í T U L O 9 0

— O senhor disse investigar? Mas já estamos investigando... —

inquiriu Paolo surpreso.

— Sim, Paolo, já estamos investigando. Só que agora nossas investigações tomarão um outro rumo — disse Scaliari enquanto seu olhar perdia-se no infinito.

— O que o senhor quer que eu faça? — perguntou o Tenente ainda não entendendo.

185

— É simples, Paolo! Eu não quero que você faça nada, pelo menos até eu voltar, vou tirar uma licença.

— Uma licença?!... Mas como?! Nós estamos no meio de uma grande

investigação. Como o senhor vai tirar uma licença?!

— É por isso mesmo que eu vou tirar uma licença — Scaliari sorriu.

Pelo que eu sei nós não temos jurisdição em Frankfurt, temos?

— Frankfurt? O senhor vai a Frankfurt?

— Sim, Paolo, eu vou a Frankfurt! Eu não disse que as investigações haviam tomado um outro rumo?

C A P Í T U L O 9 1

O livro de ouro foi novamente aberto sobre a pequena mesa de centro na suíte de Lady Catherine. Na última página, em meio a caracteres desconhecidos, destacavam-se em relevo, a projeção de algumas esferas, distinguindo-se umas das outras pelo tamanho de suas circunferências. Algumas destas esferas tinham em torno de si círculos concêntricos; outras, eram transpassadas por linhas que interligavam-nas com as outras.

— Mas o que pode ser isso? — perguntou Lady Catherine olhando para a última página aberta à sua frente.

— Eu acredito que isso seja um mapa — afirmou Mellina, debruçando-se sobre o livro de ouro.

— Um mapa? — questionou a velha.

— Sim, Lady Catherine, um mapa! — disse Mellina, voltando-se para a velha. — A senhora lembra que a carta de seu avô dizia que o Livro de Ouro possuía um mapa do local onde estaria escondido um tesouro, e que segundo ele, seria o mais precioso jamais sonhado pela mente humana? Pois bem, acho que o mapa é este aqui.

— Mellina tem razão, Lady Catherine! O livro está completamente tomado por essas inscrições cujo significado desconhecemos. Se existe um mapa neste livro, só pode ser este.

— Mas isso nem de longe se assemelha a um mapa! A não ser que seja um

mapa de outro mundo — respondeu a velha. — Olhem, não há 186

coordenadas geográficas, não há escalas, enfim, não há nada! Como poderemos achar alguma coisa com isso?

— Catherine tem razão Mellina — disse Hamilton Campbell —, embora eu também reconheça isso como um mapa, me parece impossível compreendê-lo. A interpretação de seu significado exige o conhecimento de uma linguagem completamente obscura, e até agora não conseguimos decifrar uma vírgula sequer do que está escrito aqui.

Os olhos de Mellina voltaram-se para o livro. De súbito sua mente clareou:

— Há uma forma de desvendarmos o que este mapa oculta!

— Como? — perguntou Campbell com um resto de esperança.

— O Cardeal Colona... Devemos mostrar o mapa ao Secretário Geral do Vaticano!

— Isso é muito arriscado! Ele demonstrou demasiado interesse pelo Livro de Ouro. E se ele pertencer aos Filhos de Set?

— É um risco que teremos que correr, se quisermos descobrir o segredo que este mapa oculta. Vocês estão lembrados de que ele nos disse que a segunda parte do pergaminho usado por Lord Albert Raidech para descobrir o Livro de Ouro ainda estava em poder do Vaticano? Pois bem, eu acho que ali está a chave de sua interpretação. Devemos arriscar e dar a conhecer ao Cardeal que temos o livro.

— Mas se formos ao Vaticano com o Livro de Ouro, certamente sairemos de lá sem ele — argumentou Campbell.

— Eu tenho certeza disso — respondeu Mellina —, mas acho que tenho a solução!

CAPÍTULO 92

Lucas Scaliari desceu do táxi em frente à entrada principal do pré-

dio do Banco Central da União Européia. Tudo tinha sido minuciosamente estudado, até mesmo o terno fora encomendado em Londres. Usando de seus contatos, conseguira localizar um talentoso falsário em Genebra.

Agora, um próspero banqueiro americano de origem italiana chamado 187

Giuliano Scolla, estava para ser recebido pelo presidente do banco, o Barão Rudolf Von Heicht.

C A P Í T U L O 9 3

Giuliano Colona olhava-os com curiosidade. Seu secretário particular havia recebido a solicitação de uma audiência urgente, e por pouco não negou-lhes o pedido extemporâneo. Estava pronto para desligar o telefone, e não o fez apenas no último momento porque a senhora ao telefone identificou-se como Lady Catherine Raidech.

— Vocês vieram me fazer uma proposta? — perguntou novamente o Cardeal, como se quisesse adivinhar o que se passava na mente do trio que estava à sua frente.

— Sim — respondeu a velha.

— Pois bem — disse Colona, recostando-se na cadeira de encosto alto —, estou pronto para ouvi-los.

Mellina tomou a palavra.

— O senhor disse em outra ocasião em que estivemos aqui que suspeitava que tivéssemos encontrado o Livro de Ouro...

— Sim, isto é verdade. Também é verdade que me ofereci para manter o livro sob custódia aqui no Vaticano.

— Nós gostaríamos que o senhor nos ajudasse a decifrá-lo...

O rosto de Giuliano Colona transformou-se, um brilho intenso surgiu em seus olhos no mesmo momento em que suas feições adquiriram tonalidade especial.

— Vocês estão me pedindo para ajudá-los a decifrar o Livro de Ouro? Então admitem que encontraram... Eu sabia, desde o início eu sabia, ninguém poderia discorrer sobre os Filhos de Set com a mesma desenvoltura mostrada por vocês, se não estivessem envolvidos com esse grande mistério. Agora, fico feliz que tenham tomado a decisão certa.

Aqui, no Vaticano, é o único local onde os Filhos de Set não poderão alcançá-lo...

— Eminência — disse Campbell —, o senhor não está entendendo.

188

Nós viemos aqui para propor um acordo e pedir sua ajuda na decifração do livro, não para entregá-lo ao Vaticano.

— Isso é uma loucura! Vocês estão cometendo uma loucura! O Livro de Ouro é um objeto terrível! Vocês estão cometendo um enorme erro ao pensar que poderão mantê-lo seguro. Eu vos peço, entreguem-me o livro!

Somente eu terei condições de protegê-lo...

— Eminência — interrompeu Mellina —, nós não dissemos que não lhe entregaríamos o livro de ouro. O que foi dito pelo Padre Campbell é que não viemos aqui para entregá-lo, pelo menos não neste momento.

— Precisamos ter certeza — completou Hamilton Campbell — de que entregando-lhe o livro não estaremos dando-o de presente aos Filhos de Set.

— Mas eu não sou membro dos Filhos de Set! — exclamou Giuliano Colona, com perplexidade.

— Acreditamos que seja verdade — disse a velha —, acreditamos que o senhor seja realmente íntegro e não esteja envolvido com essa seita maligna. Agora, por envolver um objeto extremamente cobiçado, cuja repercussão para o mundo nós ainda não podemos avaliar, precisamos que o senhor nos prove isso. Precisamos de uma prova de que realmente não faz parte dos Filhos de Set.

— Uma prova de que eu não faço parte dos Filhos de Set? Vocês devem estar brincando... Como é que eu poderei provar que não pertenço aos Filhos de Set? Como poderei provar isso?

— É simples — respondeu Melina —, nós estaremos seguros em entregar-lhe o livro, se o senhor mostrar boa-fé para conosco.

— Mostrar boa fé com vocês? E como eu poderei fazer isso?

— É simples! Basta que o senhor nos ajude a decifrar este mapa —, disse Mellina no momento em que retirava de sua bolsa uma cópia xero-gráfica da última página do Livro de Ouro.

— De onde foi copiado isso?

— Este mapa, Eminência, foi copiado da última página do Livro de Ouro. Logicamente não o trouxemos conosco por razões de segurança

— respondeu Campbell.

— Eu não sabia da existência desse mapa — continuou o Cardeal

—, pela leitura da segunda parte do pergaminho que está em nosso poder,
189

sabíamos da existência de um grande e fabuloso tesouro revelado pelo livro, mas não imaginávamos que houvesse um mapa a ser desvendado.

— Sim, existe um mapa — afirmou Campbell —, e estamos aqui para tentar compreendê-lo.

Lady Catherine interveio:

— Suas palavras, Eminência, me fazem lembrar exatamente o que dizia meu avô na carta que encontrei em sua biblioteca: que o livro de ouro revelaria um tesouro sublime, algo que seria o mais terrível e desejado tesouro já sonhado pela mente humana. Só que meu avô não nos revelou a natureza deste tesouro, pois segundo ele o pergaminho que tinha em seu poder estava incompleto. Agora, que o senhor acaba de afirmar que o Vaticano possui

essa segunda parte do pergaminho, nós queremos que o senhor nos diga que tesouro fabuloso seria este.

Giuliano Colona mostrou-se exultante diante do presente que o destino colocara à sua porta.

— A Árvore da Vida! — exclamou. — O grande tesouro que o Livro de Ouro oculta é o segredo de onde está escondida a Árvore da Vida!

— O que o senhor disse?... a Árvore da Vida? — perguntou Campbell.

— Sim, exatamente isto... a Árvore da Vida... Depois que vocês saí-

ram daqui naquela audiência na qual nos encontramos pela primeira vez, eu solicitei à Biblioteca do Vaticano o segundo rolo de pergaminho trazido por Júlio César, de Alexandria.

— E este segundo rolo apontou a Árvore da Vida, a mesma que estava no Jardim do Éden, cujo fruto propiciaria a quem dela comesse a possibilidade de viver eternamente, como sendo o tesouro cujo mapa está agora aqui na nossa frente? — perguntou Campbell baixando os olhos, incrédulo, para o mapa aberto sobre a mesa do Cardeal.

— Por mais incrível que isso possa parecer, esta é a realidade com a qual nós agora nós deparamos! — afirmou Giuliano Colona.

— A Árvore da Vida? — é impossível! — agora era Lady Catherine que estava aturdida —, isto é um completo absurdo!

— Por quê? — perguntou Giuliano Colona —, por que razão isto lhe parece um completo absurdo? A vida por si mesma é um grande mistério, assim também como a morte tem na crueza de sua realidade uma natureza

190
obscura e inquietante. Por que nascemos e por que morremos? São perguntas que a humanidade faz a si mesma há milênios, e este sempre foi o padrão: nascer e morrer. Seria completamente absurdo a possibilidade da fuga desse padrão. Será que a hipótese de viver eternamente, apenas porque não faz parte da realidade da experiência seria em si algo completamente absurdo, ou

será que este seu comportamento se revela apenas uma reação de temor e perplexidade diante do imponderável mistério do desconhecido?

— O senhor talvez tenha razão, Eminência — respondeu Lady Catherine —, é possível que realmente eu esteja assustada ante a revelação dessa terrível possibilidade. Como ficaria a humanidade se essa hipótese se confirmasse? O que seria da espécie humana se os indivíduos não fossem limitados pela morte?

— Existe uma questão interessante a ser resolvida — disse Hamilton Campbell, interrompendo o diálogo entre os dois.

— E que questão seria esta? — perguntou Lady Catherine voltando-se para o padre anglicano.

Hamilton Campbell esperou um pouco até que a atenção de todos se voltasse para ele.

— É uma questão interessante e que pode suscitar uma dúvida quanto ao fato do grande segredo do Livro de Ouro ser realmente a Árvore da Vida...

— Continue — pediu Giuliano Colona.

— Se de fato esse é o grande segredo do livro, por que razão o faraó Amenófis IV não o encontrou?

— Não tenha tanta certeza disso — disse Lady Catherine. — Como podemos afirmar que ele não encontrou a Árvore da Vida?

— Ora Catherine — concluiu Campbell —, se ele tivesse encontrado a Árvore da Vida, seu avô não teria encontrado o Livro de Ouro em seu túmulo...

— O Padre Campbell tem razão, Lady Catherine — disse Mellina

—, se o faraó tivesse encontrado a Árvore da Vida, seu túmulo não existiria. Agora quanto à dúvida do senhor, Padre, eu acho que sei a resposta.

— E qual é a resposta? — perguntou Colona.

— O simples fato de Amenófis IV não ter descoberto o local onde fora escondida a Árvore da Vida não significa que ela seja uma lenda.

191

É bem provável que o local onde Deus escondeu a Árvore da Vida tenha sido um local completamente inacessível, sendo então impossível ao faraó apoderar-se dela.

— Mas como então o mapa foi feito? — perguntou o Cardeal.

Lady Catherine voltou-se para ele.

— O senhor não sabe?

— Não — respondeu Colona —, a senhora esquece que a primeira parte do pergaminho foi roubada do Vaticano?

— Perdão, Eminência, mas então mesmo o senhor ficando horrorizado, terei de contar-lhe. Segundo meu avô, o Livro de Ouro que contém o mapa secreto, não foi escrito por mãos humanas, mas sim por um ser espiritual: Mefistófeles!

— Mefistófeles, o general dos exércitos de Lúcifer?! — assustou-se o Cardeal.

— Sim, exatamente ele! — afirmou Lady Catherine.

— E é exatamente por isso que eu acredito que o faraó não tenha encontrado a Árvore da Vida — continuou Mellina —, ela deve de ter sido escondida por Deus em um local completamente inacessível. Pelo menos para os recursos e meios disponíveis naquela época.

— Isto fez então com que o faraó Amenófis IV levasse o livro de ouro, literalmente para o túmulo — concluiu Campbell.

— É bem possível então que a Árvore da Vida esteja até hoje oculta em alguma parte do globo.

— Isso é verdade — concluiu o Cardeal Giuliano Colona —, todos sabemos pelos livros de história, que muito antes de Vasco da Gama ter efetuado a sua viagem de circunavegação, sob as ordens do faraó da XXVI dinastia, Nekao II, os fenícios fi zeram a mesma viagem, só que em sentido contrário. É bem possível que essa viagem tenha sido patrocinada pelo faraó egípcio para encontrar a Árvore da Vida.

— A grande questão é então saber onde? — disse Capmbell voltando-se para o livro. Como conseguiremos encontrar a Árvore da Vida, se nem mesmo este mapa conseguimos compreender?

Mellina permanecia em silêncio como se estivesse distante dali. Lady Catherine notou-a:

— Em que está pensando, minha jovem?

192

A jovem então olhou para ela voltando de um pensamento profundo.

— Acho que tenho uma idéia de como interpretar esse mapa!

C A P Í T U L O 9 4

O Barão Rudolf Von Heicht examinou o sorridente banqueiro íta-lo-americano que estava à sua frente.

— Deixe-me ver se entendi, o senhor está interessado em transferir o centro de seus negócios para a União Européia?

— Sim — concordou Scaliari —, a direção de meu banco está disposta a oferecer uma quantia considerável pela carta patente.

— Acredito que sim — considerou o Barão —, o custo para autorização de um novo estabelecimento bancário seria elevadíssimo. Agora, diga-me uma coisa senhor, Scolla, quais as suas verdadeiras intenções?

Scaliari engoliu em seco. Como aquele homem poderia desconfi ar de suas intenções?

— Como assim, eu não estou compreendendo. Minhas verdadeiras intenções?

— Suas verdadeiras intenções — continuou o Barão. Como banqueiros, não seremos ingênuos de ocultar um do outro a realidade que todos conhecemos: o euro logo suplantará o dólar como moeda dominante nas operações comerciais. Se o seu banco está buscando autorização para se estabelecer na Europa, eu preciso saber qual será o comportamento adotado pela sua diretoria e pelos principais acionistas com relação à nossa moeda unificada. Espero que o senhor compreenda que o estabelecimento do euro é uma grande conquista europeia, e nós não podemos permitir aqui que nenhuma instituição financeira prejudique esse processo.

— Eu compreendo perfeitamente — respondeu Scaliari aliviado —, o senhor pode ter certeza de que nossas intenções são as melhores possíveis.

— E, naturalmente — continuou o Barão — será exigido um depó-

sito inicial de seu banco no valor de cinquenta milhões de euros no Banco Central da União Europeia a título de caução. E esse depósito deverá ser feito em ouro.

193

— Em ouro? — surpreendeu-se Scaliari.

— Exatamente — confirmou o Barão —, como banqueiro experiente que é, o senhor há de convir comigo que os dias do dólar como moeda internacional estão contados. A nação mais poderosa da Terra está atolada em uma dívida impagável, grande parte da produção mundial converge para seu país, que no entanto, em vez de oferecer uma contrapartida sustentada em bens e serviços equacionando assim sua balança comercial, oferece ao mundo apenas papel: o dólar. Isso não irá continuar por muito tempo, e o senhor sabe disso. O euro será a nova moeda mundial. E ao contrário do dólar, que hoje é emitido praticamente sem lastro, o euro será emitido com a garantia do ouro.

— O senhor acredita então que a União Europeia assumirá a posição que hoje cabe aos Estados Unidos?

— Isso será uma conseqüência natural, senhor Scolla, quem detiver a moeda mais forte possuirá o controle do mundo!

— O controle do mundo? — perguntou Scaliari, percebendo o estranho brilho no olhar do banqueiro.

— Sim, o controle do mundo fi nanceiro — corrigiu o banqueiro.

Scaliari deixou o prédio do banco. Seu plano dera certo, e sua brilhante interpretação como banqueiro dera-lhe a oportunidade de instalar um moderníssimo sistema de escuta sob a mesa do banqueiro. Agora qualquer que fosse o vínculo entre os Filhos de Set e o Banco Central da União Européia, Scaliari fi caria sabendo.

C A P Í T U L O 9 5

— O quê? — perguntou o Cardeal, surpreso, voltando-se para a jovem —, você tem uma idéia de como interpretar esse mapa?

194

— Sim — confi rmou Mellina —, eu tenho uma suposição que acredito possa estar correta.

— E qual é ela? — perguntou a velha.

— A senhora lembra de nossa viagem ao Egito?

— Sim — confi rmou Lady Catherine —, mas o que tem isso a ver com o mapa?

Mellina continuou:

— Quando sobrevoamos Cairo, a capital do Egito, eu, que nunca tinha visto uma noite tão estrelada, me surpreendi com aquele espetáculo do céu cravejado de pontos luminosos.

— Estou lembrada — confi rmou a velha —, mas ainda não compreendo como isso possa ter relação com o mapa.

— É que eu tenho uma teoria — continuou a jovem. — Pelo que o pergaminho nos revelou, esse livro foi elaborado pelo próprio Mefi stófeles, um ser que embora maligno, também é imortal, não é mesmo?

— Sim — confirmou o Cardeal —, é o que o pergaminho nos diz.

— Pois bem — continuou Mellina —, se Mefi stófeles era um ser imortal, destinado a viver século após século, milênio após milênio, eu presumo que a sua escrita também fosse uma escrita especial...

— Uma escrita especial?

— Sim, uma escrita diferente da humana, uma escrita baseada em uma linguagem, digamos, de certa forma eterna!

— Eu não estou conseguindo compreender, Mellina — reclamou a velha —, isso não existe, não se tem conhecimento de uma linguagem que seja eterna!

Os olhos da jovem brilhavam.

— A senhora está enganada, Lady Catherine, e aí eu volto àquela noite quando voamos para o Cairo. Lembra-se do que me disse sobre a enorme facilidade em observar as estrelas, propiciada pela noite no Oriente Médio? Foi lá que nasceu a astrologia e, com ela um grande desenvolvimento das ciências ocultas. Se fôssemos elaborar um mapa que se destinasse a perdurar pela eternidade, como deveríamos proceder?

— Usaríamos as estrelas! — exclamou Campbell, reconhecendo a lógica de Mellina.

— Exatamente! — confirmou a jovem.

195

— Um mapa traçado pela orientação das estrelas! — murmurou o Cardeal. — Isso é impressionante!

— É o que acredito — respondeu Mellina. — Logo após nossa chegada ao Egito —, disse a jovem voltando-se para Lady Catherine —, impressionada

pelas revelações que a senhora fez sobre o desenvolvimento da astrologia no oriente antigo, fiz uma pesquisa sobre o assunto e verifiquei a influência dos astros sobre as antigas civilizações. Pois bem, esse mapa astrológico que temos aqui no livro de ouro, pelo que estudei e me recordo agora, não é outra coisa senão a representação da constelação de Órion!

— A constelação de Órion?! Você tem certeza? — perguntou o Cardeal perplexo, deixando-se cair sobre uma cadeira.

— Sim — respondeu a jovem —, veja as três...

— Eminência!

— O que foi? — perguntou Campbell, voltando-se para o Secretário do Vaticano, que estava completamente pálido.

— Órion... — balbuciou o Cardeal —, está explicado o mistério!

— Que mistério? — perguntaram Lady Catherine e Mellina ao mesmo tempo.

— O mistério das pirâmides — continuou o Cardeal. — Durante séculos, estudiosos de todo o mundo vêm tentando descobrir, sem êxito, o mistério que envolve a construção das grandes pirâmides. Por que, afinal, elas foram construídas? Verdadeiras maravilhas da engenharia, a pirâmide de Gizé, por exemplo, quando terminada tinha uma altura de 145,75

metros, com um ângulo de inclinação de 54,54 graus, numa base de 229

metros, com um erro de apenas 0,1%, ou seja, formando um quadrado perfeito. Nós, do Vaticano, sempre soubemos que esses monumentos do planalto de Gizé tinham sido construídos ainda no período anterior ao dilúvio, provavelmente com o auxílio de uma ciência superior, com um conhecimento fornecido pelos anjos caídos que seguiam a Lúcifer. Muitas investigações foram feitas envolvendo as mais variadas ciências, e uma coisa que sempre nos deixou atônitos, porém, sem nunca descobrirmos o seu verdadeiro significado, era exatamente isso: a razão de sua vinculação com a constelação de Órion!

— Existe relação entre as pirâmides do Egito e a constelação de Órion? — perguntou Lady Catherine, atônita.

196

— Não todas as pirâmides egípcias, mas tão-somente três que se encontram no planalto de Gizé — confi rmou o Cardeal.

— Isso que o senhor está nos dizendo já foi comprovado? — perguntou Campbell.

— Sim, continuou Giuliano Colona —, isto foi comprovado por meio de estudos astronômicos. Os engenheiros, primeiros pesquisadores que examinaram essas magnífi cas construções, fi caram perplexos ante a forma como elas foram dispostas no planalto de Gizé. As três grandes pirâmides, ao contrário do que se esperava em razão do alto grau em que havia chegado a geometria egípcia, não obedecem a um alinhamento perfeito entre si: a pirâmide de Men-Kau-Rá, também conhecida como a pirâmide de Quéfren, distoa em seu alinhamento das outras duas, Kheph-Rá, Khufu, respectivamente conhecidas como Quéops e Miquerinos. Estas duas possuem suas diagonais alinhadas. O mais interessante foi quando descobrimos que, ao contrário de ser um erro, essa disposição da pirâmi-de de Men-Kau-Rá foi a demonstração inequívoca de um conhecimento superior.

— A disposição dessa pirâmide demonstra um conhecimento superior? — indagou surpreso Campbell —, como?

Giuliano Colona sorriu.

— É exatamente esta a razão de minha surpresa ao saber que o mapa secreto do livro de ouro é a representação da constelação do Órion.

Quéops, Quéfren e Miquerinos foram dispostas de tal forma, que a sua construção representasse de forma fi dedigna essa mesma constelação. Ao contrário do que foi pensado pelos primeiros estudiosos, não ouve erro, mas um interesse em copiar aqui na Terra a mesma disposição dos astros da constelação de Órion. Mas até agora, nós não sabíamos por quê.

— Meu Deus! — exclamou Lady Catherine —, isso significa então que a construção das pirâmides de Gizé está ligada à Árvore da Vida!

— Para ser mais exato, Lady Catherine — disse Giuliano Colona —, a construção dessas três pirâmides, ao representar na Terra a disposição dessa constelação celeste, está diretamente relacionada ao local onde foi escondida a Árvore da Vida...

197

C A P Í T U L O 9 6

Giuliano Colona preparava-se para concluir seu raciocínio quando uma batida na porta interrompeu-o. Era Pietro Caali.

— Eminência, desculpe interrompê-lo, mas a audiência com o Cardeal Vincenzo Sforza está atrasada e ele já está aqui — disse o assistente, olhando pela porta entreaberta.

— O Cardeal Vincenzo Sforza já está aqui? — perguntou Colona, aparentando uma certa preocupação em seu semblante.

— Sim, Eminência, o que devo fazer? — perguntou o assistente notando o semblante de seu mestre.

Giuliano Colona refletiu por alguns segundos e então enunciou:

— Eu irei recebê-lo agora.

Então voltando-se para o trio que estava em sua sala, com um olhar entristecido, desculpou-se:

— Infelizmente, não poderemos continuar nosso assunto hoje, pois existem problemas de Estado que tenho de resolver com urgência — disse, levantando-se e dando a entrevista por terminada.

O Cardeal acompanhou-os até a porta.

— Mas por favor, lembrem-se do que eu lhes disse, o Livro de Ouro só estará

seguro em minhas mãos!

C A P Í T U L O 9 7

Paolo Ferri não acreditou no que estava ouvindo.

— O senhor, um banqueiro?

— Sim, foi exatamente desta forma que me apresentei, um banqueiro Ítalo-americano interessado em transferir o centro de seus negócios para a Europa.

— Mas como o senhor iludiu o presidente do banco central europeu?

Scaliari sorriu.

— Ora Paolo, bastou um bom terno, um pouco de conhecimentos bancários adquiridos com algumas aplicações no mercado financeiro e, como ingrediente final, um pouquinho de habilidade.

198

— Incrível, Capitão, e o que o senhor descobriu?

— Deixei um pequeno aparelho de escuta na sala do banqueiro. Um amigo meu da polícia de Frankfurt se encarregará de nos repassar as informações se naquela sala houver algum comentário interessante.

— O senhor acha que ele pertence aos Filhos de Set?

A fisionomia de Scaliari adquiriu um tom sombrio. A pergunta do jovem tenente fez com que ele lembrasse que aquele simpático barão, presidente do Banco Central da União Europeia, poderia ser um dos responsáveis pelo seqüestro da menina russa.

— Existe algo que ele disse, que me pareceu profundamente perturbador — comentou Scaliari, enquanto percebia a curiosidade estampada na face de seu jovem assistente.

— Algo perturbador?

— Sim — prosseguiu Scaliari —, quando me apresentei passando-me por um banqueiro Ítalo-americano interessado em transferir a sede de seus negócios para a União Européia, ele me informou que o depósito para ingressar no novo sistema bancário europeu deveria ser feito...

— Em euros, logicamente.

— Não, Paolo, em ouro!

— Em ouro? — surpreendeu-se o assistente. Mas por que em ouro?

— Esta é a questão — continuou Scaliari —, segundo o Barão, o euro logo suplantará o dólar como moeda internacional. Os idealizadores da União Européia querem que a nova moeda do comércio internacional tenha a garantia do ouro!

— O que há de perturbador nisso, Capitão? Trata-se de um legítimo interesse dos condutores da economia européia, eu não vejo nada errado aí.

— Não é o que eu penso, Paolo! Se voltarmos nossa atenção para aquele *folder* publicitário do SetMark que ainda não foi divulgado e que você conseguiu na Interpol, teremos um quadro terrível da realidade que está se formando.

199

C A P Í T U L O 9 8

Mellina Becker percebeu a aflição que Giuliano Colona tentou inutilmente ocultar, mas que se projetava em seus olhos como duas manchas de sangue refletidas nas lentes de aro dourado. Instintivamente então, olhou para trás, percebendo com espanto, um Cardeal que em suas vestes vermelhas, aproximava-se rapidamente do grupo.

— Eminência — pronunciou Vincenzo Sforza no mesmo momento em que fazia uma mesura para Giuliano Colona —, peço desculpas por ter chegado em um horário inoportuno. Seus olhos de falcão passaram por todos os presentes, parando por fim na belíssima jovem que o contemplava com

curiosidade.

— A função de Secretário Geral do Vaticano não me parece tão árdua e desprovida de encantos — disse por fim o Cardeal Sforza, abrindo um sorriso.

— Há, perdão, Eminência — disse Giuliano Colona, voltando à serenidade.
— Estes são meus... amigos — pronunciou em meio a uma pausa que fez com que os olhos de Sforza passassem novamente o grupo em revista.

O Cardeal Colona começou a apresentação, voltando-se para os visitantes.

— Este é o Primaz de Veneza, o Cardeal Vincenzo Sforza. O caloroso sorriso de Sforza contrastava com seu olhar frio enquanto repassava a fisionomia dos visitantes.

— Esta é Lady Catherine Raidech...

— ... Da afamada fundação Albert Raidech — terminou Sforza. Eu estou realmente encantado.

— É um prazer, Eminência — retribuiu a velha, enquanto lhe apertava a mão.

— ... O padre anglicano Hamilton Campbell — continuou a apresentação Giuliano Colona.

Hamilton Campbell estendeu a mão para o Cardeal recém-chegado, que apertou-a calorosamente.

— Padre Hamilton Campbell — disse Sforza sorrindo —, realmente é um prazer tê-lo aqui no Vaticano, só espero que o senhor não venha sozinho, mas traga consigo toda a Igreja da Inglaterra.

200

Campbell sorriu ante a referência do Primaz de Veneza, ao cisma da igreja anglicana, separada do Vaticano desde a época do rei inglês Henrique VIII, que criou uma igreja autônoma em virtude da negativa de Roma em permitir seu divórcio de Catarina de Aragão, para desposar Ana Bolena.

— E esta jovem? — perguntou por fim Sforza —, não é comum termos aqui no Vaticano a visita de uma criatura tão encantadora.

— Esta é Mellina Becker — continuou o Secretário Geral do Vaticano —, estudante de teologia e acompanhante de Lady Catherine.

— Ah! estudante de teologia? — perguntou Sforza, demonstrando um vivo interesse... — vai ser freira?

Mellina olhou-o como se não soubesse o que responder, no mesmo instante que sua face corava completamente. Conhecendo-a, Lady Catherine adiantou-se:

— Mellina é batista, Eminência!

— Batista? — surpreendeu-se Sforza.

— Sim — respondeu Mellina —, sou da comunidade batista americana e estudante de teologia da Universidade de Georgetown.

— Isso realmente é maravilhoso — exclamou Sforza —, o Concílio Vaticano II está surtindo os seus efeitos. Quem poderia imaginar uma reunião em pleno gabinete da secretaria geral entre uma estudante de teologia batista, um padre anglicano e um cardeal da Igreja? — brincou o Primaz de Veneza.

— Na verdade, viemos aqui solicitar ao Secretário Geral autorização para consultar algumas obras de arte pertencentes ao acervo do Vaticano

— interveio habilmente Lady Catherine, enquanto percebia o olhar de aprovação de Giuliano Colona.

— A fundação Raidech pretendia publicar no próximo número de sua revista uma matéria sobre arte sacra.

— E conseguiram a autorização? — perguntou o Primaz de Veneza, enquanto seus olhos voltavam-se para o Secretário Geral.

— Perfeitamente — respondeu Colona, agora já seguro da situação.

— Não poderíamos privar a revista de uma senhora tão distinta de 201

uma matéria apaixonante. Conforme eu lhe prometi, Lady Catherine, providenciarei uma autorização que lhe será entregue amanhã, para que a senhora e seus amigos possam visitar todas as dependências do Vaticano.

— Todas as dependências? — perguntou Mellina, perplexa.

— Com exceção, é claro, dos setores reservados ao Papa. O Vaticano possui obras de arte espalhadas pelas suas mais diversas dependências.

E eu não gostaria que sua revista fosse privada de uma ou outra peça de grande importância.

C A P Í T U L O 9 9

Os dois Cardeais estavam sentados de frente um para o outro no gigantesco sofá de couro negro.

— É realmente maravilhoso — disse o Cardeal sentindo o aroma do vinho antes de sorvê-lo demoradamente.

— A mais nobre das bebidas — respondeu o outro.

A taça foi levantada à altura da janela, fazendo com que seu conteúdo do vermelho, por ação do sol, adquirisse ainda mais vivacidade.

— Sangue... — balbuciou, enquanto através da taça vermelha observava a fortaleza que se projetava pela janela.

O outro contemplava-o em silêncio.

— Sangue... — continuou —,... quanto sangue já foi derramado em nome da fé! Tantas guerras massacres e episódios sangrentos!

— Talvez não pela fé, mas sim por sua ausência — refletiu o outro depois de um demorado silêncio.

— E se isso tivesse um fim? — perguntou o que tinha a taça levantada, enquanto olhava de soslaio para seu interlocutor.

— Um fim?

— Sim, um fim!

Sua fisionomia manteve-se tranqüila não transparecendo o turbilhão que agitava sua mente.

— Não creio que a paz possa ser alcançada da forma que você se propõe a consegui-la.

202

— Isso é definitivo? — perguntou o Cardeal colocando a taça sobre a pequena mesa em frente.

— Sim, é minha palavra final.

— E o Santo Padre?

— Ele acredita que pode haver concórdia entre os homens, e que a paz pode ser alcançada por meio do sacrifício da cruz. No entanto, não arredará uma única vírgula de qualquer dos cânones da Igreja.

— Isso poderia ser modificado.

— Não creio que seja possível.

— Se você estivesse do meu lado, poderíamos mudar o mundo — insistiu o Cardeal.

— Admiro sua determinação, mas existem certos preceitos que não podem ser ignorados.

O religioso que havia colocado a taça sobre a mesa olhou para a belíssima peça de cristal que continuava onde a havia deixado. Um pequeno fio de sangue vermelho ao fundo trouxe-lhe de volta a idéia de sangue. Então, em um

instante, ele percebeu que o homem à sua frente teria que ser silenciado.

C A P Í T U L O 1 0 0

— Eu seria capaz de pagar meio milhão de euros só para saber o assunto tratado naquele gabinete do Secretário Geral do Vaticano depois que saímos — disse Lady Catherine ao entrar em sua suíte no hotel.

— Para mim, o Cardeal Colona pareceu visivelmente incomodado.

Tive a impressão de que havia um conflito entre os dois — disse a jovem pegando carona na suspeita de Lady Catherine.

— Isso é apenas impressão — interveio Campbell. — Um homem na posição de Giuliano Colona deve sofrer terríveis pressões. Imaginem acumular a posição de Cardeal com a de Primeiro-Ministro do Estado do Vaticano!

— Talvez você tenha razão, Campbell — continuou a velha —, mas não importa. O que importa é que agora sabemos o grande segredo do Livro de Ouro: a Árvore da Vida.

203

— A questão que temos agora é como encontrá-la — refletiu Mellina. Ou melhor: como chegar até a Árvore da Vida por meio das pirâmides e da constelação de Órion — o senhor não concorda, Padre Campbell?

— perguntou a jovem ao religioso que havia se recolhido ao silêncio.

Campbell sacudiu a cabeça pensativo, parecia que estava distante.

— O senhor não concorda, Padre? — tornou a perguntar Mellina.

— Como? O que foi que você perguntou? — respondeu Campbell voltando-se para a jovem.

Melina olhou para Lady Catherine, que franziu a testa.

— Padre, em que está pensando?

— Estou pensando se deveríamos mesmo começar as buscas da Árvore da Vida. Veja, Catherine, se esta árvore foi oculta por Deus, não seríamos nós que deveríamos desconsiderar os desígnios divinos. Se este livro de ouro que temos conosco foi realmente obra de Mefi stófeles, qual o bem que esse demônio tinha em mente para a humanidade ao fazer um mapa apontando o local exato onde Deus escondera a Árvore da Vida? Se olharmos para as Sagradas Escrituras, veremos que esta árvore, no início das eras, estava franqueada aos homens para que dela comessem de seus frutos. Ela foi rejeitada e por influência de Lúcifer, nossos primeiros pais deram preferência à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Não estaríamos nós cometendo uma loucura com a tentativa de trazer essa maravilha à civilização?

— Eu acho que o Padre Campbell tem razão, Lady Catherine — disse Mellina alguns minutos depois, após refletir em silêncio. — Imaginemos o caos que se instalaria no mundo se esse tesouro precioso novamente estivesse ao alcance do homem. A Árvore da Vida... a árvore da vida eterna.

Por que razão Mefi stófeles teria criado um mapa oculto nesse livro para permitir que o homem descubra o mais fabuloso dos tesouros? Não creio que seja por amor à raça humana.

204

C A P Í T U L O 1 0 1

— Veja bem — continuou Scaliari — eu não sou um *expert* em economia internacional, mas tenho a impressão de que, ao contrário do que você disse, há algo de muito errado aqui!

— Eu não estou compreendendo, Capitão.

— Acompanhe meu raciocínio, Paolo. Como o Cardeal Colona nos disse, o plano dos Filhos de Set é o domínio do mundo. Para atingir esse objetivo essa sociedade secreta milenar tem, ao longo da história, se infiltrado e exercido influência em importantes setores da atividade humana, como na política, na religião, e até mesmo na economia. E é aí que está o problema. Se olharmos com mais atenção, veremos que existe algo de satânico na economia mundial: o luxo fabuloso de poucos contrastando com a miséria que se abate sobre

grande parte da humanidade, bilhões de dólares sendo utilizados diariamente na pesquisa de novas tecnologias de guerra, enquanto no mesmo dia morrem de fome milhares de seres humanos. A humanidade possui recursos e tecnologia suficientes para que cada indivíduo sobre a face da Terra viva com dignidade tendo o alimento sobre sua mesa e um teto sobre sua cabeça, mas isso não acontece por quê?

— É realmente diabólico — confirmou Paolo Ferri.

— Exato, você disse bem! Esse sistema econômico mundial é injusto e diabólico. Agora a grande questão é: por que ele é assim?

— Por que ele é assim? — indagou o jovem tenente confuso.

— Sim, a questão é essa, meu jovem, por que ele é assim? Veja Paolo, você lembra do que o Cardeal nos disse quando estivemos no Vaticano sobre a intenção dos Filhos de Set em estabelecer na Terra um reino luciferiano?

Paolo assentiu com a cabeça.

— Pois bem — continuou Scaliari —, o Cardeal também nos disse que esse reino luciferiano seria encabeçado por uma figura especial: o anticristo. A questão com a qual nos deparamos agora é como esse reino luciferiano poderia ser estabelecido.

— E como ele seria estabelecido? — perguntou o jovem com os olhos brilhando.

205

— Eu aprendi com meu irmão que a história da humanidade sempre foi baseada na tentativa de uma nação de se sobrepor à outra. O esforço de determinadas elites era empregado para submeter outros povos, mantendo-os sob seu domínio. Ao longo da história esses objetivos foram buscados por meio das conquistas militares. Grandes impérios ergueram-se e desapareceram assim: o babilônico, o romano, o império de Alexandre, o grande, o de Napoleão ou mesmo o Império Britânico.

Todos valeram-se do poderio de seus exércitos ou de suas armadas. Em nossos dias, embora o poderio das armas não tenha sido desprezado, haja vista os arsenais atômicos mantidos pelas grandes potências, a forma de dominar os povos e subjugar as nações adquiriu um componente inteiramente novo: as finanças.

— O senhor está querendo dizer que os Filhos de Set usarão as finanças para estabelecer o governo do anticristo sobre a Terra?

— Perfeito Paolo, é isso mesmo — sorriu Scaliari.

— Mas como, Capitão? Eu não estou compreendendo nem tampouco consigo ver que ligação tem isso com a nova moeda européia.

— Vamos por partes então — Scaliari continuava sorrindo. — Você logo compreenderá.

— Vamos partir inicialmente da seguinte premissa, aceita por todos: o sistema econômico mundial é perverso, e da forma como se encontra, uma crise econômica, semelhante ou ainda mais forte que a que ocorreu em 1929, poderá causar a ruína de toda a humanidade.

— Isso é um fato — concordou Paolo.

— A segunda premissa — continuou Scaliari —, oculta da humanidade, mas apenas conhecida por alguns poucos, como nós, que por obra do destino tomamos conhecimento, trata da existência de uma sociedade secreta diabólica e milenar que tem por objetivo estabelecer o reino de Lúcifer na Terra.

— Os Filhos de Set — concordou Paolo.

— Exato — confirmou Scaliari. — Agora, Paolo, imaginemos a hipótese de que esse perverso sistema econômico mundial não fosse, como se pensa nas escolas de economia, o fruto de uma evolução capitalista natural, mas algo cuidadosamente planejado e meticulosamente executado para, gradativamente, concentrar as riquezas do mundo nas mãos

dos membros dessa sociedade secreta, desconhecida por todos, riquíssima, possuidora das maiores indústrias, dos mais poderosos bancos e dos mais expressivos meios de comunicação do mundo. Essa sociedade secreta conduzirá a todos como gado, em uma completa ignorância para um fim orquestrado ainda nos primórdios da existência humana: o governo do anticristo.

— A família Orlandini! — exclamou Paolo. Os Orlandini estão ligados por laços de sangue com os maiores banqueiros e industriais do mundo!

— Perfeito! Uma família que, conforme você mesmo comprovou por intermédio da Interpol, possui vínculos em todo o mundo com outras famílias igualmente poderosas. Unidas, essas famílias formam os Filhos de Set! Juntas, direta ou indiretamente elas controlam a política e a economia mundiais. Juntas, elas causam as crises econômicas e enriquecem por meio delas; juntas, elas também podem propor uma solução para acabar com os problemas do mundo: um governo mundial!

— Isso é fantástico! — exclamou Paolo.

— Sim, e é aí que entra a União Européia. Unindo todo o seu poder, essas famílias causariam uma imensa crise econômica em todo o mundo, uma crise nunca antes vista, uma crise centenas de vezes maior do que a de 1929, que gerou um colapso mundial e mergulhou o mundo num caos sem precedentes na história. Com essa gigantesca crise econômica mundial elaborada pelos Filhos de Set, para se resguardar do caos econômico, o mundo todo tentaria trocar os seus dólares por ativos de maior segurança, como o ouro, por exemplo.

— Isso seria realmente o caos — disse Paolo, começando a compreender a gravidade da situação.

— Exato — continuou Scaliari —, imagine agora, trilhões de euro-dólares, petrodólares, todos os dólares existentes no mundo guardados em cofres inexpugnáveis ou em casebres; milhões de indivíduos tentando se desfazer de seus dólares ao mesmo tempo!

— Meu Deus!

— O medo tomaria conta de todas as bolsas de valores Wall Street, Londres, Tóquio. Todos, ao mesmo tempo, correriam para vender, e em um instante se dariam conta de que tinham em mãos apenas papéis. As 207

bolsas então fechariam. As moedas nacionais, seguindo ao dólar, perderiam a credibilidade. O pânico se instalaria. O mundo então seria tomado por saques a lojas e a armazéns. A violência com estupros e assassinatos seria o passo seguinte. Desfalcados pelos seus integrantes que se juntariam às multidões para estocar comida, os organismos de segurança ficariam inoperantes. Os governos das nações assistiriam a tudo sem nenhuma possibilidade de intervir, seria a volta à barbárie em que a lei vigente seria a do salve-se-quem-puder. O mundo todo então clamaria em uníssono por um salvador. Não um governante comum, mas um ditador, um ditador universal que restabelecesse a ordem no mundo.

— O anticristo!

— Exatamente, Paolo! Agora voltemos os olhos para a União Européia.

O presidente de seu Banco Central, sendo influenciado ou fazendo parte dos Filhos de Set, adota uma moeda forte, o euro, tendo como lastro o ouro, resguardando-se assim da crise previamente planejada para o dólar com a quebra da economia mundial. Temendo a onda de violência que assola o mundo todo, as garantias e liberdades civis seriam suspensas indefinidamente no solo europeu. Sob o pretexto de resguardar o continente instaura-se uma ditadura central, aceita por todos os países integrantes da União Européia.

— Uma ditadura estabelecida pelos Filhos de Set e encabeçada pelo anticristo!

— Sim, uma ditadura planejada antecipadamente com muito cuidado, colocando-se, inicialmente, homens ligados aos Filhos de Set em postos estratégicos dos governos integrantes da União Européia. Posteriormente, esse governo de Lúcifer na Europa, após aclamado sucesso, seria estendido às demais nações da Terra, que naquele momento ainda estariam vivendo sob o caos provocado pelos Filhos de Set. Assim como o Barão Von Heicht, outros estariam coordenando setores vitais: forças de defesa, setores da mídia e postos-chave na política. Tudo isso orquestrado de tal forma a facilitar o

aparecimento de um ditador sobre a Europa.

Esse ditador, o anticristo, previamente mancomunado com os Filhos de Set, que lhes prestariam rigorosa obediência, realizaria verdadeiros milagres econômicos: destruiria de vez o antigo sistema monetário do dólar inflacionado e, baseado na usura espoliativa do simples papel sem lastro, substituiria-o por uma economia real e enxuta baseada no euro/ouro.

208

— Então este é o motivo porque o Barão Rudolf Von Heicht exigiu que o depósito fosse feito em ouro.

— Exatamente, Paolo! Agora veja, meu jovem, a inflação não mais existiria, pois os preços estariam baseados em uma economia real, não mais sendo influenciados pelo capital especulativo. Os Filhos de Set, que eram os grandes especuladores que destruíam a economia do mundo, uma vez atingido seu grande objetivo, o governo do anticristo, agora assumiriam os postos-chave e seriam príncipes governando sobre as nações. Em um segundo momento, quando todas as vozes que se levantarem contra esse maravilhoso governante já estiverem sido silenciadas e todos os povos, desarmados, sob o pretexto de que o “príncipe iluminado” cuida da segurança e bem-estar de todos, terá início uma nova fase, agora mais turbulenta e totalitária, semelhante ao “Grande Irmão” do livro *1984*, de George Orwell.

— Uma ditadura totalitária, encabeçada pelo anticristo e controlada pelos Filhos de Set em todo o mundo! — exclamou Paolo arrepiado.

— Exatamente! Agora veja, Paolo, a história não termina aí. Concentrando em si mesmos todo o aparato repressor ainda existente na humanidade, os Filhos de Set, em uma etapa posterior aboliriam o dinheiro na forma como o conhecemos hoje e implantariam a seguir aquilo que para a cristandade é conhecida com a marca da besta: um sistema eletrô-

nico implantado sobre a mão ou na testa de cada um, sem o qual ninguém poderia comprar nem vender absolutamente nada.

— É aí que entra o Setmark, conforme vimos no *folder* — afirmou Paolo,

fazendo a ligação.

— Exatamente, meu jovem, como podemos ver, tudo está se encaminhado para a realização do quadro que acabamos de pintar.

— Capitão — exclamou Paolo Ferri angustiado —, o que poderemos fazer? Somos apenas dois policiais... Se tentarmos alertar o governo da Itália, seremos taxados de loucos.

Scaliari permaneceu em silêncio, observando seu agitado subordinado.

— E se nós revelássemos isso que descobrimos ao Cardeal Colona?

Tenho certeza que ele repassaria as informações ao Papa, assim o mundo poderia ser salvo — insistiu o jovem. — Nós não seremos ouvidos, mas acredito que o mundo todo ouviria ao Papa!

209

— O Cardeal Giuliano Colona já sabe tudo a esse respeito — afirmou Scaliari com suavidade, tentando trazer seu assistente de volta à serenidade.

— O que o senhor disse? — perguntou o jovem como se não estivesse acreditando nas palavras de seu superior.

— Não sejamos ingênuos, Paolo — disse Scaliari colocando sua mão sobre o ombro do subordinado. — O Cardeal Colona já está a par de tudo isto. Lembra-se de que ele nós disse que o Vaticano está em uma guerra secreta contra os Filhos de Set?

O jovem oficial recobrou a serenidade.

— Pois bem — continuou o Capitão —, tudo o que descobrimos e muitas coisas das quais ainda nem sequer imaginamos, segredos ainda mais antigos do que a própria história da Europa ou mesmo tramas e intrigas, cujas fronteiras ultrapassam a compreensão de homens que, como nós, conseguem ver apenas as coisas do cotidiano, ocupam permanentemente a mente de Giuliano Colona.

— E aquela senhora idosa, aquela tal de Lady...

— ... Lady Catherine — completou Scaliari. — O que tem ela?

— Eu estive pensando... Ela e seu grupo sabem de muitas coisas, veja: foram eles quem primeiro se referiram aos Filhos de Set, quando nós nem imaginávamos sua existência. Eu ainda guardo na mente a estupefação do próprio Cardeal, quando citamos os Filhos de Set. Pois bem

— disse Paolo —, acho que devemos procurá-la.

C A P Í T U L O 1 0 2

Os dois estavam envolvidos no que parecia ser uma dança selvagem e até mesmo violenta, não indicada para pessoas sensíveis. Embora a sensibilidade ali fosse o seu elemento mais gracioso, dois passos à frente, e o outro recuava em movimentos estudados, porém, incrivelmente belos. Os pés ora recuavam, ora avançavam. No entanto, estavam sempre sensíveis à firmeza do piso, como bailarinas, que no conhecimento do tablado, têm a certeza de sua melhor apresentação. Estavam ali havia mais de trinta

minutos, e o equilíbrio entre ambos seria reconhecido por qualquer hipotético observador. Um outro aspecto por sua natureza fundamental eram as jóias. Peças únicas e caras, trabalhadas por artesãos, cuja arte era passada de pai para filho desde a época em que os árabes foram expulsos da península ibérica. O sol que penetrava pelos imensos janelões com vista para a Praça de São Marcos as fazia reluzir. No entanto, o intenso brilho não desviava a atenção dos dois que iam e vinham, trocavam de posições de uma forma solene e respeitosa. Até que o aço frio da rica espada trabalhada em Toledo cortou mais uma vez o ar, indo fixar-se no local onde abaixo da proteção, estaria o coração.

— Tuche! — exclamou o Cardeal Vincenzo Sforza.

Seu oponente, ainda com a ponta da espada a comprimir-lhe o peito, flexionou levemente os joelhos como quem estivesse aceitando a derrota.

No momento em que tirou a proteção do rosto uma intensa cabeleira negra

espalhou-se por suas costas. Os olhos esverdeados de Francesca então voltaram-se para seu tórax ainda comprimido contra a lâmina.

— És um excelente esgrimista, Vincenzo. Deveria, como meu pai, ter seguido a carreira militar.

— Não pense, minha adorável sobrinha, que a carreira que escolhi difere em muito da de seu pai. De certa forma eu também sou um soldado, apenas escolhi a cruz em vez da espada.

— Fico imaginando então se tivesse escolhido a espada — brincou Francesca, enquanto afastava a espada de seu peito.

“*A espada!...*” — refletiu Sforza, “... *a espada não tem alma.*”

Francesca, sua sobrinha, uma jovem maravilhosa e perigosa. Aos vinte e seis anos já uma hábil oficial do exército italiano. Quem diria, uma jovem tão bela, perita em antiterrorismo e armas brancas.

Sforza largou sua espada e abraçou-a.

— Minha cara, você é a única pessoa em quem confio.

— Eu te adoro tio, jamais irei te decepcionar.

A jovem abraçou-o demoradamente, depois olhou fixamente naqueles olhos negros.

— Tenho certeza de que o senhor será o próximo Papa.

211

C A P Í T U L O 1 0 3

Jefrey retornou à suíte de Lady Catherine.

— Vejam! Olhem só o que tinha lá embaixo para a senhora — disse enquanto entregava o envelope para a velha inglesa.

— É do Vaticano — disse Lady Catherine, percebendo o sinete com duas chaves entrelaçadas.

Mellina foi a primeira a aproximar-se da velha.

— Abra o envelope, vamos ver o que tem dentro!

Com uma espátula alcançada por Jeffrey a velha senhora abriu o envelope retirando o seu conteúdo.

— É a autorização para que possamos fotografar nas dependências do Vaticano — disse a velha após ler o conteúdo da finíssima folha com marca d'água do Vaticano.

— Uma espécie de salvo-conduto — concluiu Campbell.

— Eu não pensava que o Secretário Geral do Vaticano fosse nós dar essa autorização — continuou a velha —, pensei que iria se esquecer. Aliás, foi só um pretexto para que o outro cardeal não desconfiasse do teor de nossa conversa.

— Bem, já que ele resolveu nos dar essa autorização, por que não usá-la? Seria muito interessante que sua fundação retratasse na revista as maravilhosas obras de arte que se encontram dentro dos muros do Vaticano — disse Campbell.

— Talvez façamos isto, Campbell, mas em um outro momento. O que me preocupa agora é o destino que daremos ao livro de ouro. Suas palavras ainda estão em minha mente, Padre. Continuamos em uma tentativa para desvendarmos esse mapa secreto. Embora tentadora, não me parece a opção mais adequada. O que faríamos se encontrássemos a Árvore da Vida?

— A senhora tem razão, Lady Catherine, a humanidade simplesmente não teria condições de apreciar um tesouro como este. Para começar, onde o colocaríamos? — No Museu Britânico?

— Mais sensato talvez seja entregar o Livro de Ouro à guarda do Vaticano — argumentou Campbell —, ninguém melhor do que o Cardeal Giuliano Colona

para mantê-lo a salvo dos Filhos de Set.

212

O telefone da suíte inesperadamente tocou, interrompendo a decisão sobre o destino da peça dourada. Jeffrey aproximou-se e atendeu.

Depois, ao colocar novamente o aparelho no gancho, voltou-se para o pequeno grupo.

— A portaria do hotel informa que um capitão da polícia italiana está subindo.

— Capitão Lucas Scaliari, é realmente uma surpresa — disse a velha convidando-o a sentar-se. — Como vão as investigações sobre o paradeiro da menina? Nós vimos nos jornais que a polícia conseguiu identificar um dos seqüestradores.

— Sim — respondeu o policial já instalado próximo à anfitriã —, identificamos um dos seqüestradores como um ex-guarda do Vaticano.

— Um ex-guarda suíço? — Mellina surpreendeu-se.

— Sim, confesso que eu também me surpreendi, mas a surpresa maior não foi esta; eu fui realmente perplexo ao ter a confirmação dessa identificação pelo próprio Secretário Geral do Vaticano, o Cardeal...

— Giuliano Colona — terminou Hamilton Campbell.

Os olhos vivazes do Capitão italiano fixaram-se no corpulento senhor que acabara de retornar à sala.

— Exatamente, senhor... — confirmou o policial.

— Campbell — respondeu o religioso.

— Ah, deixe-me apresentá-los — interveio a velha.

— Capitão Scaliari, este é o padre anglicano, Hamilton Campbell, um velho

amigo. Conhecemo-nos desde os tempos de infância.

— Padre Campbell, este é o Capitão Lucas Scaliari, da polícia italiana. Tive o privilégio de conhecê-lo na ocasião em que estive no hospital samaritano, aqui em Roma.

— É um prazer, Padre!

— O prazer é todo meu, Capitão — disse Campbell apertando-lhe a mão e, depois sentando-se ao lado de Lady Catherine.

— Pelo que pude perceber os senhores já conhecem o Secretário Geral do Vaticano — continuou Scaliari.

213

— Sim, Capitão! Logo depois que eu retornei do hospital, fomos comunicados pelo Secretário Geral, por intermédio de seu assistente, de que Giuliano Colona gostaria que tivéssemos uma audiência com ele.

— Para tratar dos Filhos de Set, eu imagino!

Hamilton Campbell voltou-se para Lady Catherine, manifestando surpresa.

Lady Catherine procurou tranquilizá-lo.

— Não somos apenas nós que temos conhecimento dos Filhos de Set, Campbell. O Capitão Scaliari está investigando o seqüestro de uma menina russa que foi trazida por essa sociedade secreta aqui para a Itália.

— Sim, Lady Catherine — confirmou Scaliari —, e foi graças à senhora que comecei a investigá-los. E é em razão disso que estou aqui.

— O senhor quer nossa ajuda?

— Exatamente! Como eu disse, foi somente após conhecê-la que nossas investigações encontraram o curso correto. Suspeitávamos que o seqüestro da menina envolvesse algum tipo de sacrifício satânico, mas jamais imaginávamos a existência de uma milenar sociedade secreta luciferiana.

Nem tampouco a extensão da influência dessa seita demoníaca nos setores mais importantes da sociedade moderna.

Hamilton Campbell olhou para Lady Catherine e também para Mellina, que naquele momento havia se integrado ao grupo.

— O que o senhor está querendo dizer com *infl uência dessa seita na sociedade moderna*? — inquiriu o religioso.

— Sei que isso lhe soa estranho, Padre. Mas é exatamente isso que descobri. Começamos investigando o paradeiro da menina russa e acabamos descobrindo muito mais do que esperávamos encontrar. Uma conspiração gigantesca que envolve algumas das famílias mais poderosas do planeta e que possui raízes na formação da própria União Européia.

— Envolvendo a própria União Européia? — surpreendeu-se a velha. Nisso olhou rapidamente para Mellina.

— A estátua de Nabucodonosor — confi rmou a jovem —, a senhora lembra do que eu lhe disse quando chegamos a Londres?

A velha confi rmou com a cabeça.

— Uma conspiração... — continuou o policial italiano —, ... que envolve as finanças, a política e, pode até mesmo modificar o equilíbrio de 214

poder existente no mundo, substituindo-o por uma ditadura mundial sem paralelo na história.

— Uma ditadura mundial, sem paralelo na história? — perguntou Hamilton Campbell.

— É o que nossas investigações apontam — confi rmou Scaliari. —

Quando estive no Vaticano, o Cardeal Giuliano Colona revelou-me o nome do ex-guarda suíço, supostamente responsável pelo rapto da menina.

— É estranho que um seqüestrador estivesse a serviço do Vaticano

— estranhou Mellina.

— É o que as investigações apontaram — confirmou Scaliari. —

Agora, o que mais me surpreendeu foi descobrir que ele, quando ainda a serviço do Vaticano, roubou uma das relíquias mais importantes do acervo católico: a lança do destino.

— Lança do destino? — inquiriu Mellina —, o que vem a ser isso?

Campbell explicou-lhe:

— A lança do destino, Mellina, segundo a tradição, foi a lança usada pelo soldado romano presente à crucificação para ferir o lado direito de Jesus Cristo. Segundo algumas crenças não totalmente compreendidas, quem a possuir terá nas mãos o destino do mundo. Conta-nos a história que Adolf Hitler muito se empenhou para possuí-la determinando que fosse roubada de um museu onde ela estava exposta, na Áustria.

— Mas que ligação pode haver entre a lança do destino e o seqüestro da menina russa? — perguntou a jovem, tentando encontrar ilações.

Lucas Scaliari voltou-se para Mellina satisfeito.

— Perfeito, minha jovem! Você seria uma policial brilhante. Acaba de fazer a pergunta exata. Geralmente as pessoas vêem esses dois acontecimentos isoladamente. Poucos, muito poucos, inclusive policiais, procuram de imediato uma conexão.

— Mellina é uma moça especial Capitão, o senhor não tem idéia do quanto ela tem nos ajudado até aqui.

— Pois bem — continuou Lucas Scaliari —, com base nas informações do Cardeal seguimos o rastro do seqüestrador, cujas pistas nos levaram a investigar uma poderosa família de Florença. Com o auxílio da Interpol, descobrimos ligações dessa importante família com industriais, banqueiros e magnatas da mídia em todo o mundo. Tudo isso seria normal, afinal, 215

no mundo dos negócios e das finanças bons relacionamentos são de vital

importância. Agora o que despertou nossa atenção foi que esses relacionamentos se estreitavam até o âmbito familiar.

— Familiar? — perguntou Lady Catherine surpresa.

— É o que descobrimos — continuou o policial —, por incrível que pareça, existe um grupo muito grande de pessoas ligadas entre si por laços de sangue, nos mais variados graus, como primos, irmãos etc. espalhados pelas mais diversas partes do mundo. Todos incrivelmente ricos e poderosos, controlando desde minas de diamantes na África do Sul, até conglomerados financeiros em Nova York.

— Uma espécie de máfia internacional — disse Mellina.

— Para ser mais exato — continuou Scaliari —, o que descobrimos se assemelha a um gigantesco polvo com dezenas de tentáculos espalhados pelo mundo. A impressão que se tem é que, ao contrário da máfia, que tem um aspecto criminoso, esse polvo gigante se estrutura de forma legal, para não dizer mesmo que são eles, por meio de seu imenso poder, que ditam as próprias regras da legalidade.

— Isso é surpreendente — confessou Campbell —, o senhor está dizendo que ao investigar o seqüestro de uma menina russa acabou descobrindo uma gigantesca estrutura de poder infiltrada no mundo todo e, ligadas por laços de sangue.

— E é por essa razão que eu estou aqui — disse Scaliari. — Eu preciso de sua ajuda.

— O senhor quer a nossa ajuda? — inquietou-se Lady Catherine —, de que forma nós poderíamos lhe ajudar?

CAPÍTULO 104

Após uma curta escalada, o invasor suplantou com desenvoltura a íngreme barreira oferecida pelo muro no lado sul. Embora possuísse cerca de onze metros de altura, aquele obstáculo não oferecia grandes dificuldades para alguém que já havia escalado os mais elevados montes da Europa.

Em junho partiria em uma expedição para escalar o Kilimanjaro, na África.

216

Ainda, em cima do muro, observou a câmera, que girando, fazia a vigilância no perímetro. Antes que fosse completado o ciclo e a câmera voltasse a focalizar aquele ponto do muro, desceu rapidamente. Estava agora exatamente em frente aos famosos jardins. Ele sabia com precisão onde estavam localizadas as câmeras de vídeo. Os guardas suíços, que outrora formavam um verdadeiro exército sob o comando direto do Papa, sendo responsá-

veis pelo Estado pontifício; agora, representavam apenas um corpo militar com funções mais decorativas do que propriamente de vigilância. Esta, a verdadeira vigilância, era executada por empresas particulares que dispunham das mais modernas técnicas de segurança eletrônica. Ele usava uma roupa ninja, dando-lhe leveza e fl exibibilidade. Sutilmente então, atalhou em meio às árvores que compunham o jardim, desviando-se assim de outras duas câmeras, que estrategicamente postadas, observavam o passeio.

Ultrapassando o pátio do belvedere, por trás do Correio Central, o invasor aproximou-se do prédio do Governatorato.

Junto ao prédio, alcançou a lateral onde havia uma sacada com visão permanente para o pátio dos Bórgias. Usando do mesmo equipamento com que escalara o muro externo, subiu a sacada. O corredor estava vazio.

Os únicos sons provinham do térreo onde a guarda suíça permaneceria, conforme a tradição, em uma vigilância decorativa, porém, armada com afiadíssimas alabardas. O invasor com redobrado cuidado, percorreu rapidamente o corredor parando em frente à porta onde uma inscrição em latim indicava que ali era o gabinete do segundo homem na hierarquia da Igreja. A porta não estava trancada conforme era do conhecimento prévio do invasor, embora Giuliano Colona tivesse por hábito trabalhar em seu gabinete até altas horas. O invasor tinha sido informado de que o Cardeal não estaria em seu gabinete. Sutilmente abriu a porta e dirigiu-se para a parede onde sabia estar o cofre, quando percebeu que alguma coisa estava errada. O Cardeal estava sentado de costas em sua escrivaninha. Perplexo, o invasor

preparava-se para partir em retirada. O Cardeal voltou-se em sua direção. O invasor de imediato percebeu tudo, havia caído em uma armadilha. Um sorriso desconcertou-o. Seus olhos esverdeados só tiveram tempo de, afastando-se do Cardeal, perceber a pistola com silenciador apontada na direção de sua cabeça.

217

Um estampido seco fez com que o corpo fosse jogado para o lado.

Parte da nuca estava esfacelada. Giuliano Colona aproximou-se e, abaixando-se, retirou o que restava da touca ninja. Seus olhos anuviaram-se ao contemplar o rosto do invasor.

— O que devo fazer com o corpo — perguntou o homem com a pistola.

C A P Í T U L O 1 0 5

Lucas Scaliari, então retirou do bolso o *folder* do SetMark e entregou-o para Lady Catherine.

— O que é isto? — perguntou a velha sem compreender.

— Por favor, leia!

Mellina, juntamente com Campbell, aproximou-se ainda mais de Lady Catherine de modo que ambos pudessem ler o conteúdo.

A velha passou os olhos rapidamente por todo o texto, detendo-se na última frase do folheto:

Um novo mundo começa agora..., com SETMARK teremos o surgimento da sociedade global... sem dinheiro... Um novo mundo espera por você.

— Sociedade global sem dinheiro? — repetiu Mellina, sem compreender.

— Mas o que é isto? — perguntou Lady Catherine, olhando para o policial como se estivesse pedindo esclarecimentos.

— Esta é a razão porque estou aqui, minha senhora — respondeu Scaliari. — Para que possam compreender o que quero mostrar-lhes, preciso dizer que este *folder* ainda não foi divulgado para o público. Conseguimos por intermédio da Interpol, quando estávamos investigando o rastro do ex-guarda suíço. Ele se refere a um sistema de crédito e operações de compra e venda, a ser operacionalizado por meio do Banco Central da União Européia; foi encomendado a uma das empresas ligadas a um poderoso clã familiar, que acreditamos, pertença aos Filhos de Set.

218

Sociedade global sem dinheiro, SETMARK... a marca de Set! Mellina estava agora com a peça publicitária nas mãos.

— Padre Campbell — disse a jovem voltando-se para o sacerdote a seu lado —, o senhor tem idéia do que isso significa?

— Isso é muito preocupante, Mellina.

— O que há de preocupante nesse *folder*? — indagou Lady Catherine inquieta.

— Livro do Apocalipse, capítulo 13, versículos 16 e 17 — disse Mellina, ao mesmo tempo em que abria uma Bíblia que estava sobre uma estante de livros e entregava a Lady Catherine —, veja a senhora mesma!

“E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas; Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número de seu nome.”

Espantada, a velha olhou para Mellina.

— A senhora está entendendo agora? — perguntou a jovem.

— Veja bem, Lady Catherine — agora era Hamilton Campbell quem tomara a palavra —, em razão de seu ofício, o Capitão Lucas Scaliari es-barrou no que nós poderíamos chamar de a maior conspiração da história.

Em nossos sermões, religiosos cristãos como nós, costumamos fazer referência a essa passagem bíblica. E acredito que seu tio, Mellina, faça o mesmo em sua paróquia nos Estados Unidos — disse olhando para a jovem a seu lado.

Mellina concordou com um aceno de cabeça.

— Pois bem — continuou o religioso —, se prestarmos atenção no conteúdo desse *folder*, que conforme o Capitão Scaliari nos disse, ainda não foi divulgado para o grande público, mas que tenho certeza, será em breve, veremos uma terrível semelhança entre a profecia do livro do apóstolo João e o desenrolar dos últimos acontecimentos.

— Por favor, explique-se, Padre — pediu a velha.

— Veja — continuou Campbell —, se há um grupo de famílias extremamente poderosas que conduz os acontecimentos políticos e econômicos por trás dos bastidores em todo o mundo, é possível que esse grupo seja formado pelos Filhos de Set. O surgimento da sociedade global sem dinheiro, conforme consta nesse *folder*, é uma confirmação da revelação do Apocalipse.

219

— A confirmação de uma profecia? — inquietou-se a velha.

— Exatamente — respondeu Mellina. — Se a União Européia se prepara para adotar isso que, acreditamos será considerado a revelação do futuro, ou seja, uma sociedade em que o dinheiro será abolido, haverá a necessidade de uma modalidade extremamente eficiente de controle do fluxo econômico na sociedade. O SetMark é esse sistema. Inicialmente conforme o *folder* nos mostra, ele será um cartão, porém, mais tarde, como podemos ver pelo seu nome esclarecedor SETMARK, ou seja, a marca de Set, ele se transformará na marca prevista pela profecia do livro do Apocalipse.

— É exatamente isso que eu penso — confirmou Lucas Scaliari.

— Embora eu não seja um homem religioso como o padre, os fatos pelos

quais me deparei, juntamente com as revelações feitas pelo próprio Secretário Geral do Vaticano, fi zeram com que minha investigação se con-duzisse nesse sentido.

— Vocês estão dizendo então que os fatos apontam uma conspiração planetária para estabelecer o governo de Lúcifer na Terra? — disse Lady Catherine inquieta. — E tudo está acontecendo exatamente agora, bem embaixo do nariz das autoridades, e nada está sendo feito para que isso seja impedido?

Lucas Scaliari esboçou um sorriso amarelo.

— Veja bem, Lady Catherine, eu adoraria poder chegar até o comis-sário de polícia, ou mesmo ao primeiro-ministro e revelar tudo o que sei.

Mas imagine o que iria acontecer! Certamente eu seria internado em uma clínica ou em um hospital para loucos.

— O Capitão tem razão, Lady Catherine — afirmou Mellina —, as autoridades jamais acreditariam, se é que algumas delas não estejam envolvidas.

— A situação é extremamente complexa, Catherine — lembrou Campbell. Não estamos diante de um plano criado pela máfia ou qualquer outra organização criminosa, cujo objetivo é faturar milhões de dólares.

Na verdade, o que temos diante de nós é algo cuja compreensão não é de fácil assimilação pela mente humana. Imaginem uma das maiores inteligências do Universo. Uma criatura, cuja origem se perde na própria imensidão do tempo, e que esse mesmo ser, limitado em sua ação apenas pelo poder 220

soberano de Deus, dispusesse de toda a história humana, para ensaiar, testar, reescrever, remover trechos mal elaborados, e mesmo introduzir modificações em um fabuloso roteiro, cujo título seria *O Estabelecimento do Reino de Lúcifer na Terra*.

— Realmente isso é de difícil aceitação — concordou Scaliari.

— Exato, Capitão — continuou Campbell —, seres humanos como nós, cuja vida quando muito chega a setenta ou oitenta anos, têm difi-

culdade em acreditar que possa haver uma inteligência manipulando a história do homem desde a sua origem.

— A grande questão agora é saber o que poderemos fazer — disse Lady Catherine —, estamos em um final de jogo e o adversário, pelo visto, está ganhando.

— Esta é a questão — afirmou Scaliari —, sinceramente eu não sei o que fazer. E como a senhora, Lady Catherine, foi a pessoa que me pôs a par da existência dos Filhos de Set, aqui estou para, juntos, tentarmos encontrar uma saída.

— Sinto muito, Capitão — afirmou a velha —, mas eu simplesmente não imagino a forma como poderei lhe ajudar.

— Talvez estejamos encarando o problema por uma perspectiva errada — disse Mellina, após um breve silêncio.

A atenção de todos convergiu para a jovem.

— Como assim, Mellina? — perguntou Campbell. — O que você quer dizer com *estamos encarando o problema por uma perspectiva errada*?

— Veja — continuou a jovem —, tanto nós como o Capitão Scaliari, após trilhar caminhos diversos, encontramos a mesma coisa, ou seja, uma grande conspiração para o estabelecimento do governo de Lúcifer na Terra. E o que estamos fazendo? Estamos tentando encontrar uma forma de tornar pública essa conspiração. O que estamos esquecendo é que de certa forma essa conspiração já é conhecida.

— Como assim, Mellina? — perguntou a velha.

— O que estamos percebendo é o detalhamento, isto é, a operacionalização daquilo que foi previsto pelas profecias bíblicas. Os livros 221

de Daniel, e principalmente de Apocalipse, revelaram há muito tempo os

acontecimentos que estão ocorrendo.

— Tudo bem — concordou Lady Catherine —, mas o que você está querendo dizer com isso?

— O que eu quero dizer é que milhões de pessoas em todo o mundo possuem conhecimento dessa realidade. Em meu país, a comunidade batista à qual pertenço é formada por mais de trinta milhões de fiéis, todos conhecedores do intento da antiga serpente em estabelecer seu reinado na Terra. A minha sugestão é que em vez de tentarmos divulgar o que já sabemos, devemos primeiro identificar quem será o anticristo.

— Identificar o anticristo? — perguntou Scaliari surpreso.

— Sim! — continuou a jovem —, a grande estratégia do Diabo é fazer com que se acredite que ele não existe. Pois bem, o maior trunfo do anticristo é exatamente este: ninguém sabe quem ele é; porém, tudo está sendo programado para quando ele aparecer no cenário da história, assumir o controle de todo o planeta. Se de alguma forma conseguirmos identificá-lo, poderemos fazer com que a comunidade cristã possa desbaratar os seus planos.

— Sua idéia é brilhante, minha jovem — afirmou Lucas Scaliari —, agora a grande questão é como identificá-lo?

C A P Í T U L O 1 0 6

O menino espanhol, acompanhado por seu pai, foi o primeiro a perceber. Havia pouco tinham visitado o Panteão de Roma. Agora, próximos ao hospital Tiberina, naquelas primeiras horas do dia, passeavam tranquilamente junto à margem do Tibre. Foi quando o executivo da empresa de Barcelona, puxado por seu filho, parou para olhar o que de tão interessante havia naquelas águas turvas, a ponto de fazer com que o garoto estancasse petrificado junto ao passeio e, insistentemente, apontasse com o pequeno braço.

— O que se passa? — perguntou o executivo olhando para o que, a princípio, lhe pareceu ser apenas uma capa negra boiando em meio aquelas águas escuras.

Retirou os óculos, limpou-os, depois examinou-a com mais vagar.

222

— Céus! — exclamou lívido, ao perceber agora com as lentes limpas, a cabeleira revolta e negra, tingida sem nenhum cuidado por enormes manchas de sangue.

C A P Í T U L O 1 0 7

— Acharam um corpo! — disse Paolo, sentado próximo ao telefone junto ao gabinete de Scaliari.

— O que foi que você disse? — perguntou o Capitão pelo celular, enquanto dirigia com apenas uma das mãos em direção ao quartel da po-lícia de Roma.

— *Um corpo* — Scaliari recebeu a confi rmação enquanto em sua mente voltava à imagem da menina.

— Nas margens do Tibre — continuou Paolo —, a informação chegou agora há uns dez minutos, estou indo com uma equipe imediatamente para lá, próximo ao hospital Tiberina.

Scaliari estacionou o Fiat próximo à margem do Tibre. Uma multidão já se aglomerava no local.

Um policial veio a seu encontro.

— Onde está o Tenente Paolo? — perguntou o Capitão.

— Por aqui senhor — disse enquanto abria caminho em meio à multidão.

Paolo estava agachado ao lado do corpo. Scaliari aproximando-se, fi cou a seu lado.

— É o cadáver de uma mulher, Capitão — disse o jovem a Scaliari enquanto descobria parcialmente o corpo. Um turista espanhol encontrou-a enquanto passeava com seu fi lho pela margem do Tibre.

— Foi um estrago grande, a bala desintegrou a parte de trás da cabeça. Veja, pela dimensão do ferimento, o autor deveria estar a menos de dois metros da vítima.

223

— Algum documento?

— Não, Capitão, não encontramos nada.

Scaliari abaixou-se ao lado do Tenente, censurando a si mesmo pela rápida sensação de alívio da qual fora invadido ao perceber que o corpo não era da pequena menina russa.

— E essas roupas? — murmurou Scaliari, com os olhos fixos no cadáver.

— Parecem uma espécie de malha, seria uma bailarina? — disse o jovem voltando sua atenção para o vestuário negro da vítima.

— Não, Paolo! Olhe, isto é um material de altíssima resistência, por demais caro para ser usado por uma bailarina. Isso me... — Scaliari virou o corpo da jovem, rasgando com difícil culdade uma parte nas costas —...

parece mais uma roupa ninja de operações militares...

— Veja!

— O que é isto, Capitão?

— Isto é uma estrutura onde antes deveria haver uma faca!

— Céus, o senhor está dizendo que esse cadáver pertence a uma militar de operações especiais do exército?

Scaliari levantou-se e sem responder, ligou o telefone celular.

— Por favor, telefonista, passe-me para a sala do major Michelotto, sim... da polícia do exército.

CAPÍTULO 108

O dia amanheceu devagar. Quando Mellina entrou na suíte, encontrou Douglas ao lado de Hamilton Campbell. Ambos, juntamente com Jefrey, conferenciavam com Lady Catherine.

— Bom dia! — disse a jovem.

— Venha, Mellina — disse Lady Catherine —, junte-se a nós!

Mellina instalou-se confortavelmente no sofá em frente à velha.

— Pois bem — disse a anfi triã —, temos duas questões para serem discutidas. E quero ouvir a opinião de todos.

— Até aqui sempre estivemos juntos: Jefrey, que há muito tempo me acompanha; você, Mellina, que com sua inteligência privilegiada nos 224

permitiu chegar até onde chegamos; ao sargento, que com sua presença vigilante sempre nos deixou um pouco mais seguras; e você, Padre Campbell, que embora tendo se integrado em um segundo momento nessa equipe tão heterogênea, se empenhou como poucos. Foi graças a vocês todos e a seus esforços que acabamos decifrando o enigma de meu avô e encontrando o Livro de Ouro. A todos eu agradeço.

A atenção de todos convergia para a velha, que continuou seu discurso.

— Como eu disse, temos duas coisas a tratar. Conforme a deliberação da primeira, será desconsiderada a segunda.

— Somos todo ouvidos — brincou Campbell.

A velha então continuou:

— Nossa grande meta, graças à inteligência e persistência de todos, foi concluída. Encontramos o Livro de Ouro, e agora acho que é opinião geral que devemos entregá-lo à guarda do Cardeal Colona, no Vaticano.

— A pergunta que faço a todos é se devemos parar por aqui. Vejam bem: encontramos o livro antes dos Filhos de Set, nossa missão foi um sucesso. Entregando o livro ao Cardeal não haverá mais o que fazer...

— E o Capitão Lucas Scaliari, que pediu a nossa ajuda? — interrompeu Douglas.

— Bem — sorriu Lady Catherine —, essa seria a segunda questão.

O que eu quero dizer — encurtou a velha — é se vocês querem parar por aqui ou continuar?

— Você, Catherine, o que você irá fazer? — perguntou Hamilton Campbell.

— Eu já conversei com Jeffrey. Nós decidimos permanecer e ajudar o Capitão Scaliari.

— Pois bem — disse o religioso —, eu fi co com vocês.

— Mellina? — a voz da velha era suave com aquela que ela considerava sua criança.

— Eu fi co! — disse a jovem quase às lágrimas —, não deixarei a senhora nesse momento!

— Sargento?

— Não existe a menor possibilidade de eu deixá-los. Aliás, prometi ao tio de Mellina que irei protegê-la a todo custo.

225

A jovem então olhou para Douglas. Em sua face transparecia um tímido sorriso.

— Pois bem — retomou a palavra Lady Catherine —, então está decidido. Ficaremos todos e ajudaremos o Capitão Lucas Scaliari a desmascarar os Filhos de Set.

C A P Í T U L O 1 0 9

Eram quase dezesseis horas, quando o carro da polícia de Roma parou junto à portaria principal do comando do exército na capital. Scaliari se identificou.

— Sou o Capitão Lucas Scaliari, da polícia da capital, e este é o Tenente Paolo Ferri. Viemos nos encontrar com o Major Michelotto.

Na portaria, o soldado registrou seus nomes e conferiu-lhes a identidade.

— Sigam direto, depois dobrem à esquerda — disse o soldado —, logo encontrarão um prédio cinza — a sede da polícia do exército.

— Sou o Capitão Lucas Scaliari, da polícia de Roma — tornou a dizer o oficial, agora para a secretária à sua frente, uma moça bonita e forte, cujas insígnias mostravam que o seu posto era de sargento.

— Um momento, Capitão, vou informar ao Major Michelotto que o senhor está aqui.

A jovem pegou o telefone e apertou um único botão.

— Senhor, o Capitão Lucas Scaliari, da polícia de Roma está aqui.

Em um segundo, a sargento levantou-se e, com um leve sorriso falou aos policiais.

— Por favor, queiram acompanhar-me.

Acompanhando as passadas rápidas da sargento, os dois seguiram-na por um corredor largo, parando diante de uma porta onde estavam escritas as iniciais *J. L. Michelotto*, e embaixo a sua função: *chefe da unidade de polícia militar da capital*.

226

A sargento bateu à porta.

— Entrem — gritou alguém lá de dentro.

Com um aceno de cabeça, os dois policiais despediram-se da sargento e ingressaram na sala, que era ampla e decorada com várias peças antigas de infantaria: sabres e pistolas que datavam desde o início do sé-

culo XIX.

Um oficial baixinho, cujas características em muito lembravam as de Scaliari, aproximou-se e estendeu-lhe a mão.

Saudou também a Paolo e convidou-os a sentar.

— Pois bem, Michelotto, estou aqui para ouvir suas explicações.

Afinal quem é a moça?

O Major do exército voltara para trás de sua mesa, cuja decoração faria a alegria de qualquer garoto de oito anos; nela havia soldadinhos de chumbo vestidos com uniformes antigos de vários exércitos italianos, cavalos e canhões.

Sua mão avançou com um dos cavalos alinhado-o em uma posição de batalha, e então seus olhos voltaram-se para Scaliari.

— Sei que estou em dívida com você — disse, lembrando-se de um caso difícil em que o Capitão da polícia romana o ajudara.

Um recruta havia descarregado uma pistola sobre a sobrinha de um ex-prefeito. Fora um rumoroso caso passional. O ex-prefeito fizera de tudo para fazer com que o desequilibrado fosse julgado em um júízo pre-sidido por um magistrado amigo de sua família. O testemunho de Scaliari foi decisivo para que uma corte federal estabelecesse a competência de um júízo vinculado ao exército.

Scaliari sorriu e concordou com a cabeça.

— Quero saber tudo sobre a moça. Quem era ela, por que foi morta e o que fazia com um uniforme ninja de operações especiais do exército italiano.

O Major Michelotto franziu a testa ante às exigências do policial à sua frente.

— Lucas... Lucas você continua o mesmo de sempre! Se eu fosse um criminoso, certamente não continuaria mais nessa cidade, meu amigo.

Paolo sorriu ante a observação do militar sobre a reputação de seu capitão. Até no exército sabiam que Scaliari era um verdadeiro osso duro de roer.

227

— Eu quero respostas, Michelotto! Um crime ocorreu, um crime muito suspeito... Sei que a jurisdição é sua, mas pelas peculiaridades deste caso...

— Peculiaridades desse caso? — indagou o Major, com curiosidade.

— Aparentemente, o crime ocorreu em uma área próxima do Vaticano — disse Scaliari enfático.

— Ah!... está bem, Capitão! Eu lhe darei as informações de que disponho, mas depois disso estaremos quites.

Scaliari sorriu.

— Ok, estaremos quites.

O Major foi até um fi chário e puxou uma pasta, entregando-a a Scaliari.

— A moça chamava-se Francesca Sforza, vinte e seis anos, tenente do exército, lotada na divisão antiterrorismo na cidade de Veneza. Segundo consta, ela era perita em armas brancas, mas não estava em nenhuma missão.

— Sforza? — perguntou Paolo inquieto.

— Exato — confirmou o Major depois de limpar a garganta —, ela é filha de uma família tradicional de Milão: o pai é general e o tio é o atual Cardeal Primaz de Veneza.

— O tio é um cardeal? — Scaliari mostrou-se curioso.

— Sim — confirmou Michelotto —, pensei que soubesse. O tio dela é o Cardeal Vincenzo Sforza. Segundo dizem, houve até uma disputa entre ele e o

Cardeal Giuliano Colona pela posição de Secretário Geral do Vaticano.

— Eu não sabia disso — disse Scaliari entrando em profunda reflexão.

C A P Í T U L O 1 1 0

— Diga-me, Paolo, qual é o sentido das águas do Tibre — perguntou Scaliari já dentro do carro.

Paolo surpreendeu-se.

— Ora, Capitão! Como qualquer cidadão italiano, o senhor sabe que ele corre do norte para o sul.

228

— Perfeito — concluiu Scaliari.

— Você então concorda comigo que se o corpo dessa jovem fosse jogado nas águas de um local próximo ao Castelo de Santo Ângelo, poderia facilmente chegar, como chegou nas imediações da ilha de Isola Tiberina?

— Sim — confirmou o Tenente —, isso seria possível —, mas onde o senhor quer chegar com isso?

— Veja Paolo, esta moça encontrada morta é nada mais nada menos do que a sobrinha de um cardeal que disputou com Giuliano Colona a indicação de Secretário Geral do Vaticano.

— Realmente, isso é estranho!

— O que fazia uma oficial do exército italiano com uniforme de operações especiais, pelo que podemos deduzir, nas imediações do Vaticano?

— Extremamente suspeito!

— Uma outra questão: imaginemos a hipótese de que seu tio, também cardeal, fosse integrante dos Filhos de Set, tendo disputado e perdido a posição de Secretário Geral do Vaticano para Giuliano Colona. O que

aconteceria se este último morresse?

— Realmente, Capitão, isso seria um grande triunfo para os Filhos de Set.

— Sim, se um dos Filhos de Set pudesse ocupar a Secretaria Geral do Vaticano ele estaria em uma posição de destaque, influenciando todo o mundo católico, seria como se os Filhos de Set também tivessem o seu Cavalo de Tróia.

— Eles então estariam em uma condição privilegiadíssima para o estabelecimento de seus planos!

— Exatamente, Paolo. Existem muitas pessoas de respeito, inclusive entidades dentro do próprio mundo católico, que acreditam que o Concílio Vaticano II sofreu fortíssimas influências satânicas. Nunca foi divulgado para o mundo quais forças seriam essas. Agora podemos acreditar que essas forças eram os Filhos de Set.

— Existe até um arcebispo que foi excomungado por discordar desse concílio, um tal de Marcel Lefèvre...

— Isso não é tudo, há suspeitas ainda maiores de que essas mesmas forças teriam matado um papa, João Paulo I, em razão de alguma denúncia

extremamente grave que ele faria sobre sua infiltração dentro do próprio Vaticano.

— Então se um cardeal ligado aos Filhos de Set assumisse a posição de Secretário Geral do Vaticano, essa sociedade secreta poderia implantar o caos no mundo católico.

— Mais do que isso, Paolo, se eles dispusessem de tal posição, poderiam fazer com que esse cardeal alcançasse uma projeção nunca antes alcançada para um religioso. A seu pedido, alguns banqueiros ligados aos Filhos de Set poderiam perdoar dívidas de países pobres, distribuiriam alimentos gratuitamente para os pobres da África e remédios para os doentes de AIDS. Esse homem poderia, inclusive, vir a ser o próximo papa.

— Um verdadeiro lobo com pele de cordeiro!

— Mais do que isso, Paolo, ele seria o verdadeiro fl autista de Hame-lim. Aquele que através de seu encanto conduziria a humanidade a abraçar a doutrina de Lúcifer.

— O que vamos fazer, Capitão?

— Acho que é uma boa hora para visitarmos novamente Giuliano Colona.

C A P Í T U L O 111

— Eu tenho uma teoria, Eminência, os Filhos de Set tentaram matá-lo.

Giuliano Colona permaneceu em silêncio.

— Hoje pela manhã foi encontrado o corpo de uma moça — disse Scaliari, no mesmo instante em que, olhando para o Cardeal, procurava algum sinal de perturbação.

Colona, porém manteve-se calmo.

— O nome dela era Francesca Sforza!

A face do Cardeal abriu-se em uma expressão profunda de dor e pesar.

— Francesca Sforza? Não pode ser!... — Você tem certeza, meu fi lho?

Francesca Sforza é a sobrinha do Primaz de Veneza, o Cardeal Vincenzo Sforza. Isso é uma verdadeira tragédia!

230

Por um momento Scaliari sentiu-se confuso, não esperava aquela re-ação. *Colona deveria confi ar nele, afi nal já lhe confi denciara tantas coisas a respeito dos Filhos de Set.*

— Eminência, nós acreditamos que a mando dos Filhos de Set, ela tenha

perdido a vida justamente ao tentar assassiná-lo!

Giuliano Colona olhou-o. Scaliari percebeu a mais profunda incredulidade.

— Isso é um absurdo, Capitão! Isso que o senhor acabou de dizer é algo terrível. O senhor está denegrindo a imagem de uma moça que eu conhecia bem, e também a do Cardeal de Veneza, o amado Vincenzo Sforza.

Nem ele nem ela pertencem aos Filhos de Set. Um homem tão fiel ao Papa e à Igreja. O senhor está cometendo uma falsa acusação ou, o que é pior, uma injúria, um verdadeiro pecado mortal!

— Perdão, Eminência, eu pensei...

— Pois não pense, Capitão, isso é um completo absurdo!

A face do Cardeal serenou aos poucos.

— Me desculpe, Capitão! Compreenda, é uma situação muito difí-

cil, a sobrinha de um príncipe da Igreja, assassinada, o avanço dos Filhos de Set na execução de seus planos, enfim, tudo isso faz com que até eu mesmo me sinta enfraquecido.

— Eu entendo, Eminência, realmente acredito que sua posição seja muito delicada... Como o senhor mesmo disse, os Filhos de Set estão avançando.

— O que conseguiu descobrir? — perguntou o Cardeal demonstrando curiosidade.

Scaliari contou-lhe.

Giuliano Colona escutou atentamente toda a narrativa do Capitão.

— O senhor, certamente, é o melhor policial da Itália — disse Colona, quando Scaliari concluiu sua narração. Realmente eu não imaginava que pudesse descobrir tudo isso.

— O senhor já sabia? — surpreendeu-se o Capitão.

— Sim, meu amigo, o Vaticano está inteirado sobre isso.

Scaliari engoliu em seco.

— O senhor deveria ter me contado, teríamos ganhado tempo.

— Tempo para que... o que você acha que poderá fazer? Alertar as autoridades de seu país?

231

— Não, Eminência...

— Capitão Scaliari, acredite, realmente não há nada que o senhor possa fazer.

— Mas... foi o senhor mesmo que me encarregou de tentar recuperar a lança do destino, quem me deu informações sobre o ex-guarda suíço para que pudesse encontrar a menina russa.

— É verdade, Capitão, talvez eu tenha me precipitado. Sinto-me culpado por envolvê-lo. A situação está muito além de suas forças. Entenda, realmente não há nada que o senhor possa fazer.

— O senhor está me pedindo para abandonar as investigações?

— Não interprete desse modo, meu fi lho, sei de sua coragem e de sua brilhante atuação como policial. Mas entenda, você está lidando com forças extremamente poderosas, interesses que vêm há séculos se contra-pondo à própria Igreja e que infelizmente estão ganhando terreno. Creia, eu temo por sua própria segurança.

C A P Í T U L O 1 1 2

— Eu não consigo entender, Capitão. O cardeal Colona resolveu afastá-lo das investigações?

— É o que parece, Paolo, a grande questão é: por quê?

— Se a sua teoria estiver certa e for confi rmado que a moça encontrada

morta tinha como missão silenciar Giuliano Colona, parece então que os Filhos de Set obtiveram sucesso.

— Não, Paolo, eu não creio que os Filhos de Set tenham conseguido amedrontar o Secretário Geral do Vaticano. Existe uma outra razão para que ele queira me ver longe do caso, e isto é mais uma das coisas que teremos que descobrir.

— Como?

— Eu ainda não sei, mas talvez a nossa resposta esteja em Veneza.

— Veneza... o senhor não está dizendo que nós vamos para Veneza?

— Sim, mas não iremos sozinhos.

232

C A P Í T U L O 1 1 3

— O que vocês vão fazer? — perguntou Mellina vendo que Lady Catherine preparava-se para sair.

— Ótimo! — respondeu a velha —, não quis acordá-la, mas já que está aqui, vamos descer juntas, você vai comigo.

— Para onde? — perguntou a jovem recém-acordada.

— Nós não concordamos que entregaríamos o livro de ouro ao Vaticano?

Mellina concordou com um ligeiro aceno de cabeça.

— Pois bem — continuou a velha —, chegou a hora. O Padre Campbell já está lá embaixo.

Giuliano Colona segurou o livro em suas mãos e abriu-o. Seus olhos, fi caram como se estivessem hipnotizados diante de uma relíquia forjada há milênios.

— É fabuloso! Um livro de ouro criado pelo próprio Mefi stófeles!

Suas mãos folhearam avidamente páginas após páginas como se compreendesse o seu conteúdo.

— É um livro realmente impressionante — concordou Lady Catherine —, tantas mortes devem ter ocorrido em razão da busca incessante deste livro.

— Sim — concordou o Cardeal sem tirar os olhos do livro —, há milênios este livro tem sido a causa da ruína de muitos. Reis, magos e sacerdotes perderam a vida e a própria alma tentando encontrá-lo para apoderarem-se de seus segredos.

— Mas agora eu estou tranqüila, sei que o livro está em boas mãos.

— Sim — confi rmou Colona fechando o livro e olhando para ela.

— Tenha certeza, Lady Catherine, que vocês tomaram a decisão certa. O livro de ouro estará completamente seguro aqui no Vaticano.

— Diga-me uma coisa, Eminência — perguntou Hamilton Campbell

—, o Vaticano não tenciona investigar o mapa deste livro para encontrar a Árvore da Vida?

233

— Entendo sua preocupação, Padre Campbell, mas fi que tranqüilo, o Vaticano jamais cometeria um erro dessa envergadura. Trazer a Árvore da Vida de volta à civilização seria condenar a humanidade ao fracasso e à derrota. Imaginem os poderosos de todo o mundo envolvidos em guerras e intrigas, como nunca antes houve na história humana, simplesmente pela oportunidade de comer um de seus frutos.

Dizendo isso, o Cardeal apertou um botão oculto sob sua mesa.

Instantaneamente a gigantesca estante de livros, que ia de alto a baixo em uma das paredes, se moveu.

— O que é isto? — surpreendeu-se Mellina, ao contemplar uma sala secreta.

— Bem — continuou o Cardeal —, como vocês confiaram-me o Livro de Ouro, não vejo razão para ocultar-lhes o local onde provisoriamente ele será escondido.

Uma sala repleta de livros, manuscritos, obras de arte e estátuas descortinou-se diante dos olhos de todos.

— Meu Deus, que coisa horrível é essa?

Mellina havia esbarrado em uma estátua em tamanho natural de um ser que da cintura para cima era um homem com chifres, e da cintura para baixo, uma espécie de animal nunca antes visto.

Hamilton Campbell olhou assombrado para os pergaminhos que se projetavam dos escaninhos. Havia um deles aberto sobre uma mesa de mármore semelhante a um altar. Era um rolo muito antigo com dezenas de símbolos; a estrela de Davi era visível em sua parte superior. Havia outros símbolos alinhados e entrecruzados entre si.

— Que lugar é esse — perguntou a velha assombrada observando a enormidade de símbolos e talismãs ocultistas.

— Senhores, apresento-lhes a maior coleção de objetos esotéricos do mundo — disse Giuliano Colona, enquanto percebia a perplexidade estampada no rosto de seus visitantes.

— Isso é realmente assustador — confessou Campbell ao abrir e conferir os terríveis desenhos de um livro centenário.

— Ainda mais assustador, se eu lhe disser que a capa deste livro foi feita com a pele de um famoso bruxo da Idade Média — afirmou Colona.

234

— Isso é diabólico! — disse Mellina, ao abrir um livro e nele ver figuras que mostravam crianças lançadas ao fogo e mulheres que tinham seus filhos retirados do ventre.

— Realmente diabólico — afirmou o Cardeal. — Esses livros e objetos

que vocês estão vendo são raríssimos, senão únicos. Posso dizer até que pouquíssimos olhos tiveram o privilégio de contemplá-los.

— Confesso que esse privilégio não me entusiasma nem um pouco

— disse Mellina, agora olhando para alguns outros objetos de magia.

— Que porta é aquela — perguntou Hamilton Campbell, apontando para o fundo da sala onde era visível uma enorme porta de madeira escura com desenhos entalhados.

— Aquela porta dá acesso aos subterrâneos.

— Subterrâneos?

— Sim, talvez vocês não saibam, mas a Igreja no primeiro século era duramente perseguida. Milhares de cristãos perderam a vida sendo devorados por feras em pleno Coliseu, enquanto o povo de Roma aplaudia o espetáculo. Pois bem, uma das formas de os cristãos realizarem o seu culto era se escondendo em um local onde os soldados romanos jamais imaginariam: no cemitério!

— Os cristãos escondiam-se no cemitério? — perguntou a velha.

— Bem — continuou o Cardeal —, naquela época o nome não era esse. Os cemitérios eram conhecidos como catacumbas, ou seja nichos subterrâneos onde os romanos depositavam os restos mortais de seus familiares. Milhões de nichos dispostos em incontáveis cavernas, ligadas entre si por enormes corredores subterrâneos, formavam um caótico labirinto onde os cristãos se reuniam.

— E hoje, elas são utilizadas para quê? — perguntou Mellina visivelmente curiosa.

— Há vários séculos que ninguém entra lá — respondeu o Cardeal

—, como eu disse, essas catacumbas são formadas por centenas, talvez milhares de corredores extremamente confusos. Alguns com dezenas de quilômetros de extensão... Seria muito perigoso se alguém se perdesse lá

dentro. Talvez nunca mais pudesse ser encontrado.

— E mesmo assim os cristãos se escondiam lá? — indagou a velha.

— Não havia outra saída, ou corriam esse risco ou enfrentavam as feras no Coliseu — respondeu Colona.

235

— Lady Catherine — disse Douglas, logo que a velha, acompanhada por Mellina e Campbell retornou à suíte —, o Capitão Scaliari ligou para a senhora.

— O que ele queria?

— Ele não disse, apenas pediu que lhe informasse que o assunto era urgente.

— Ele deixou o número?

— Sim, está aqui — disse Douglas entregando-lhe uma anotação.

— Jeffrey, traga o telefone — disse a velha voltando-se para o mordomo.

— Humm... — murmurou a neta de Lord Raidech ao telefone — eu compreendo... sim, sim pode contar com a nossa ajuda.

— O que ele queria? — perguntou Mellina depois que a velha des-ligara o telefone.

Lady Catherine olhou para a bela jovem de olhos azuis.

— Minha filha — disse em meio a um largo sorriso —, prepare-se para ficar encantada.

C A P Í T U L O 1 1 4

Jean Marie Luquesi estava sentado à mesa e escrevia, quando sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Durante quarenta anos em atividade ele nunca tinha se deparado com algo semelhante. Acostumara-se a exercer seu

ofício em silêncio, de forma anônima e itinerante. E, com humildade, aceitando a desconfiança e mesmo a incompreensão dos responsáveis pelas paróquias dos locais onde sua presença era solicitada.

Agora, porém, era diferente. Aquele caso era diferente, e por isso foi para residência em Pádua, uma cidade linda e acolhedora, apenas para acompanhar aqueles acontecimentos.

Ele lembrou do primeiro dia em que viu a moça. Ela estava completamente acorrentada à cama. Um esqueleto vivo, pensou. Uma pálida 236

imagem do que, segundo lhe disseram, antes fora uma jovem forte e saudável.

Sua mãe, uma velha desfiada pela dor, contou-lhe que tudo acontecera quatro dias depois que ela foi para participar de uma sessão de espiritismo onde haviam invocado o espírito de uma amiga pouco falecida.

Jean Marie franziu a testa quando pensou nas milhões de pessoas que, como aquela jovem, eram iludidas ao imaginar que conseguiriam estabelecer um contato com os mortos.

O encontro com a jovem voltou-lhe à mente. Médicos, psicólogos e psiquiatras vinham e davam de ombros; seus conhecimentos se mostravam inúteis para aquele caso. Nenhuma solução, até que o vigário da localidade entrou em contato com o bispo e este resolveu chamá-lo. A moça estava atada com correntes, cordas não lhe adiantavam, ela simplesmente as arrebentava como se fossem barbantes.

A moça, que até então se debatia furiosamente, olhou-o demoradamente.

Jean Marie começou então sua oração.

— *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...*

— *Pare, pare com isso!* — *gritou uma voz gutural que saía pela sua garganta.*

— *Em nome de Deus, de seu Filho cujo sangue...*

— Pare, pare! Eu te ordeno!

—... foi vertido da cruz...

— Pare!!!

—... pelo perdão da humanidade pecadora...

— Pare!... pare!... Você não entende... Eu não posso voltar para lá, você não entende!

Foi aí que ele, movido pela curiosidade, parou para ouvi-lo.

— Eu não posso voltar lá, você não entende!

— O que eu não entendo? Você deve voltar, seu lugar é o inferno!

— Você não entende — disse a jovem chorando —, eu não posso voltar para lá.

— Diga-me, o que eu não entendo?

— Eu, não posso voltar, ele me castiga!

237

— Quem lhe castiga?

— Lúcifer! — gritou a voz gutural.

— Lúcifer lhe castiga?

— Sim... sim, Lúcifer me maltrata!

— Por que ele lhe maltrata?

— Porque ele me odeia... e eu o odeio!

— Por que ele lhe odeia?

— *Ele odeia a todos!*

— *E você?*

— *Eu estava diante de Deus, contemplava Sua face... Ele me seduziu.*

Eu o segui. Eu abandonei a Deus!

— *Você se arrepende?*

A face da jovem se contorceu de uma forma monstruosa .

— *Não!!! Eu odeio a Deus!*

— *O que você quer então?*

— *Eu quero fi car!*

— *Você não pode fi car nesse corpo, ele não lhe pertence!*

— *Eu quero fi car!*

— *Você não pode!*

— *Eu não posso voltar, você não entende!*

— *Você não pode, terá que sair!*

— *Não, eu quero fi car!... eu... eu te conto um segredo!*

— *Eu não quero ouvir seus segredos!*

O rosto da jovem adquiriu uma expressão sinistra.

— *Não é meu... é um segredo de Lúcifer!*

C A P Í T U L O 1 1 5

O trem chegou na estação Santa Lúcia pontualmente ao meio-dia.

Mellina passara boa parte do trajeto contemplando as belíssimas paisagens do norte da Itália. Agora repousava, levemente sonolenta com a cabeça encostada no vidro da cabine onde se encontrava ao lado de Lady Catherine, que terminava as últimas páginas de um livro.

238

— Minha fi lha, olhe — disse a velha despertando-a.

— O que?

— Olhe — tornou a velha apontando através da janela, para a cidade que parecia edifi cada sobre o próprio mar.

A jovem esfregou as mãos no rosto, e em um instante seus olhos abriram-se gulosos espreitando a fantástica cidade em meio às águas que se descortinava à sua frente.

— Isso é lindo — disse, agora completamente maravilhada.

— Sim, é lindo — confi rmou a velha. Este é o grande canal, a porta de entrada da cidade de Veneza.

— Iremos diretamente para o hotel — disse Lady Catherine —, depois vamos nos encontrar com o Capitão Lucas Scaliari.

— O que será que ele encontrou em Veneza, um local tão lindo?

Será aqui a sede dos Filhos de Set?

— Não sei minha, fi lha, o Capitão não me disse, apenas pediu que eu lhe encontrasse aqui.

— Venha, vamos descer, tenho certeza que você irá amar esta cidade.

— Senhor — disse Paolo, entrando na pequena sala cedida cordial-mente pelo chefe dos *carabinieri* de Veneza ao Capitão Lucas Scaliari.

— O que houve, Paolo?

— Acabei de receber este telegrama — disse o jovem entregando-o ao Capitão.

Scaliari examinou-o atentamente. Um discreto sorriso aflorou em seu rosto.

— Hmm, acho que nossas suspeitas estão se confirmando, Paolo.

— O que houve, senhor?

Scaliari mostrou-lhe.

— Veja! Segundo a autópsia, a bala que matou a sobrinha do Cardeal de Veneza é de uma pistola 765.

— Sim, mas em que isso ajuda na investigação?

— A princípio, pouco, mas é interessante saber que este é o mesmo calibre das pistolas usadas na segurança do Vaticano.

239

— Não vamos pegar um carro? — perguntou Mellina enquanto caminhava ao lado da cadeira de Lady Catherine.

— Os carros nesta cidade não rodam, minha filha, deslizam.

— Deslizam?

— Sim, deslizam sobre as águas. Olhe, ali está o nosso ônibus, vamos pegá-lo.

Mellina olhou para a frente e, em vez de um ônibus, o que ela viu foi um barco. Um barco a vapor.

— Este, como os italianos o chamam, é o *vaporetto*, o ônibus que nos levará até a outra margem do grande canal, lá está o nosso hotel.

C A P Í T U L O 1 1 6

A sala era na forma de um quadrado oblongo, metade um quadrado perfeito, a outra metade um círculo, ao centro um imenso braseiro.

Vestido com uma túnica escarlate, o sacerdote estava sentado em um trono de prata, em frente ao braseiro. Ao seu redor onze homens com túnicas negras. Um dos homens afastou-se do grupo indo em direção ao que parecia um altar, sobre o qual estava o livro.

Pegando-o com reverência, voltou postando-se de joelhos diante do sacerdote, que o abriu.

— *Oh tu, grande e terrível senhor, cujo coração está sobre o centro da Terra! — disse ele lendo as palavras desconhecidas.*

— *A ti prestamos adoração e louvor! — disseram os outros em coro.*

— *Oh tu, que sentas sobre um trono de rubi e lápis-lazúli!*

— *A ti, somente a ti, seja nossa alma!*

— *Oh tu, que fazes tua passagem pelos ares!*

— *Glorioso príncipe do centro da Terra!*

— *Oh grande príncipe dos ares!*

— *Que acompanha o ataúde à casa do descaso!*

240

Levantando a mão esquerda em direção ao fogo. Com um punhal de ferro trazido por um outro homem de túnica negra, o sacerdote fez um pequeno corte em seu braço. Algumas gotas de seu sangue caíram sobre o fogo.

— *Oh tu, que usas o disco de luz fl amejante sobre tua fonte cincun-dada pela esmeraldina serpente!*

— *Recebe o sangue e prepara o caminho de teu escolhido — disseram em coro.*

O sacerdote levantou o punhal, agora segurando-o com as duas mãos.

— *Da Terra aos céus!... — disse enquanto fazia desenhos geométricos no ar.*

— *... dos céus à Terra — responderam todos em coro.*

C A P Í T U L O 1 1 7

— Morte em Veneza não é uma leitura inadequada para o momento? — perguntou Mellina à velha quando esta fechou o livro deixando-o sobre uma mesa.

— Apesar do título, é uma obra bem interessante, minha fi lha.

— Talvez seja, mas com essa visão maravilhosa — disse enquanto olhava pela janela do hotel para a entrada do grande canal de Veneza

— não me parece o momento mais oportuno.

Lady Catherine sorriu.

— Na minha idade, Mellina, um bom livro por si só já é uma grande aventura — disse a velha vendo na inquietação da moça uma sede de aventuras.

— Eu compreendo — disse Mellina olhando para Lady Catherine na cadeira de rodas e deixando transparecer um certo arrependimento pela observação feita.

— Não fi que triste, minha fi lha! Tenha certeza de que eu já me diver-ti muito e, na sua idade já tinha percorrido o mundo.

— A senhora já viajou pelo mundo todo? — surpreendeu-se Mellina.

241

— Sim — continuou Lady Catherine —, minha mãe faleceu quando eu tinha quatro anos. Como meu pai era embaixador da Grã-Bretanha, levou-me com ele. Durante mais de vinte anos eu conheci as mais belas e exóticas cidades do mundo. Quando ele não estava trabalhando, nosso passatempo era viajar

incógnitos pelo interior do país onde nos encontrá-

vamos. Saíamos nós dois, como turistas, visitando demoradamente desde grandes capitais até as mais pequenas e distantes vilas.

— Isso devia ser maravilhoso! — exclamou a jovem.

— E era! Dessa forma conheci países exóticos como o Brasil, um dos mais belos do mundo, cheio de praias de areias quentes e águas transparentes e um povo muito acolhedor. Não esqueço também dos longos passeios a cavalo feitos na Argentina; os inigualáveis sabores da cozinha na Tailândia ou mesmo as pescarias feitas à tarde na Nova Zelândia.

Os olhos de Mellina brilhavam ao ouvir os relatos de viagens de Lady Catherine. Até que estes foram interrompidos por Jeffrey, que entrou repentinamente no quarto.

— Lady Catherine, o condutor da gôndola já está lá embaixo.

— Ótimo, Jeffrey, você explicou a ele o roteiro a fazer?

— Sim, ele já está devidamente instruído.

— A senhora contratou uma gôndola? — perguntou Mellina. Nós iremos sair?

— Nós, não! Eu tenho que terminar meu livro — disse a velha piscando para o mordomo.

C A P Í T U L O 1 1 8

— Professor Francesco Scaliari, professor Francesco!

O professor de história antiga e medieval voltou-se para olhar quem insistentemente chamava por ele. Era um de seus alunos.

— Sim — respondeu o mestre ao parar —, o que você quer, Júlio?

— Professor — disse o jovem meio relutante.

— Fale, rapaz!

— Professor, é sobre aquela nota da prova de segunda-feira...

242

— Hmm, sua nota foi bem feia...

— Sim, eu estava pensando numa forma de melhorá-la.

— O que você propõe?

— Amanhã haverá uma palestra de um historiador britânico, Sir Eduard Maller; eu estive pensando, e achei que poderia fazer um trabalho sobre o tema a ser apresentado...

— Não o conheço, mas qual é o tema?

— É sobre aquela temática do *Código da Vinci*, uma linhagem sagrada descendente de Jesus. Esse historiador menciona a existência de documentos comprovando que uma grande parcela da nobreza européia atual está ligada à casa real do rei Davi.

Francesco sobressaltou-se.

— O que foi que você disse?

O jovem engoliu em seco.

— É um historiador que afirma que a nobreza européia está ligada à casa real de Israel por intermédio da dinastia merovíngia. Ele diz que representa um grupo de famílias reais que formam uma tal de Confederação Européia de Príncipes.

Francesco Scaliari sentou-se em um banco próximo.

— Professor... Professor, o senhor está bem?

C A P Í T U L O 1 1 9

Jean Marie percorreu vagarosamente a biblioteca existente no subsolo da Catedral de Pádua. Após uma procura minuciosa seus olhos depararam-se com a empoeirada estante composta por livros que de tão antigos, tinham sido dispostos em um local quase oculto e esquecido nos fundos da biblioteca.

Suas mãos ágeis limpavam alguns títulos encobertos pelo pó acumulado por décadas de indiferença. Uma alegria espiritual aflorou em sua face ao encontrar o que procurava, um livro cuja lombada carcomida pelo tempo, mal permitiu-lhe ler o título: *Tratado de Demonologia — O Reino do Inferno*.

243

Uma das coisas que havia aprendido ao longo de seu ministério como exorcista era a imensa sagacidade dos demônios e a facilidade com que mentiam. Fora-lhe feita uma terrível revelação, algo jamais sonhado por uma mente humana, um segredo mantido oculto no profundo do inferno, e que, segundo aquele ser miserável, estaria perto de acontecer. Jean Marie sabia que se aquilo fosse verdade, ele teria que alertar a Igreja, ou melhor, deveria advertir somente ao Papa. Se aquele conhecimento que ele detinha fosse verdadeiro como agora ele estava na iminência de comprovar, seria perigoso se outra pessoa dele tivesse conhecimento. Jean não sabia até onde os inimigos poderiam estar infiltrados.

Jean começou a passar as páginas enegrecidas do livro, sua atenção concentrava-se nos títulos que iniciavam cada capítulo.

As regiões infernais, O reino de Lúcifer, As legiões do mal, Cadeias eternas, O reino de ódio...

“Aqui está! O quinto capítulo, o reino de ódio!”

“Aquela aterradora revelação seria agora colocada à prova”, pensou,

“Deus queira que tudo aquilo fosse apenas uma mentira”.

C A P Í T U L O 1 2 0

A gôndola deslizava agora no meio do Grande Canal. Estavam apenas os dois. Uma mistura de alegria e inquietação moveu-se no íntimo de Mellina; seu sexto sentido feminino dizia-lhe que Lady Catherine não estava cansada, mas que ela estaria planejando alguma coisa, ela só não sabia exatamente o quê. Isso agora não importava, parecia que o mundo tinha se transformado em águas. Palácios no estilo renascentista, igrejas e pontes que eram cruzadas por dezenas de pequenas embarcações como aquela na qual eles estavam. Ao captarem maravilhados os fascinantes edifícios que se multiplicavam em todas as direções, os olhares de Mellina e Douglas por vezes se cruzavam, fazendo com que a jovem percebesse no olhar do sargento uma ternura que até então estivera oculta, dissimulada em meio a uma máscara de profundo sentimento de obrigação para com o seu dever.

Douglas examinava a robustez das fortificações, não deixando, porém, de
244

perceber a graciosidade empregada pelos arquitetos do passado em todas as suas construções. Aquela reconfortante sensação de beleza, porém, era intensificada ainda mais quando a silhueta da jovem que o acompanhava projetava-se à frente de algum daqueles fabulosos prédios antigos. Parecia que a própria beleza se multiplicava por dois. Um saudosismo desconhecido brotava-lhe na alma, ao mesmo tempo que o futuro se lhe abria em uma promessa e em um sorriso.

— *Piazza San Marco!* — gritou o gondoleiro quebrando o silêncio enquanto aproximavam-se das demais gôndolas ancoradas no cais.

Douglas desceu em um salto, estendendo a mão à Mellina ajudando-a a descer.

— Isso é simplesmente fantástico! — disse a jovem enquanto seus olhos azuis percorriam a vastidão da praça.

— Eu irei aguardá-los aqui — disse o gondoleiro.

C A P Í T U L O 1 2 1

O auditório estava repleto. Quando Francesco Scaliari chegou só lhe restou

um lugar no último banco.

Após uma rápida apresentação do palestrante como um visionário, com profunda sensibilidade histórica e de grande coragem ao ponto de questionar as verdades estabelecidas pela historiografia oficial, foi-lhe passada a palavra.

Um homem de estatura mediana e elegantemente vestido subiu à tribuna e saudou a todos. Scaliari percebeu logo seu imenso carisma.

— Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a calorosa recepção de boas-vindas recebidas aqui em Roma. Em razão do tema de minha palestra receei ser recebido no aeroporto por um destacamento da guarda suíça impedindo-me de descer.

Uma gargalhada geral ecoou pelo auditório em meio a uma salva de palmas.

Quando o auditório serenou ele retomou a palavra.

245

— Durante séculos fomos ensinados ou mesmo condicionados pelas religiões ditas cristãs, a acreditar em um homem-deus, que veio à Terra, morreu por nossos pecados e ressuscitou no terceiro dia. Pois bem, eu estou aqui para revelar que tudo isso que foi interiorizado em nossas cabeças é uma farsa.

O silêncio era absoluto. Todas as atenções, como num transe hipnótico, foram dirigidas ao historiador.

— A verdade, porém, não pode ser eternamente suprimida. Ao longo da história muitos pagaram até mesmo com a própria vida para que o que eu vou revelar agora pudesse chegar até nós. Jaques De Molay foi queimado vivo. Outros foram perseguidos e deportados, mas agora estamos na era da liberdade, igualdade e fraternidade. Aqueles que procuravam impedir ao povo a revelação desse grande segredo, hoje não mais possuem a força de outrora.

O historiador fez uma pausa, tomou um gole de água e depois continuou.

— Eu represento um grupo de nobres europeus que por meio de um mapeamento histórico acabou descobrindo uma ligação entre os membros dessas famílias e a antiga dinastia da casa real de Judá, ou melhor dizendo, por meio de estudos genealógicos descobrimos que algumas famílias de sangue azul na Europa possuem o mesmo sangue que fluiu nas veias dos reis de Davi, Salomão e do próprio Jesus.

C A P Í T U L O 1 2 2

Luquesi sentiu-se como se um fardo imenso tivesse sido lançado sobre suas costas. Um conhecimento inquietante e opressivo era o que ele agora carregava em sua mente, uma realidade por demais cruel e demoníaca.

A princípio duvidara. Na tentativa de escapar momentaneamente de uma condenação eterna, uma criatura tenebrosa e despida de qualquer compaixão havia lhe revelado o inacreditável. Tudo, porém, apontava para a veracidade da afirmação feita. O velho compêndio sobre demonologia confirmara, o ódio era realmente o cimento com que Lúcifer governava 246

seu reino subterrâneo. E aquela criatura repugnante, movida por esse mesmo ódio e pelo desprezo ao governante absoluto do reino dos mortos, de alguma forma prestara um serviço a Deus. Jean Marie Luquesi, por um momento quedou-se perplexo ante a observação de um sentimento de compaixão que percebeu brotar em sua própria alma. Que terríveis castigos não estaria sofrendo aquele espírito miserável?

Sua reflexão, porém, não durou muito. Fechou a correspondência selando-a. Olhou mais uma vez o endereço, estava correto, não poderia haver falhas. Tudo estava certo, em breve o Papa convocaria os maiores doutores da Igreja. E o mal seria mais uma vez vencido. Luquesi ajoelhou-se e rezou.

C A P Í T U L O 1 2 3

— Chegamos no coração — disse Douglas em um murmúrio, agora ao lado de Mellina.

— O que foi que você disse?

— Este é o coração de Veneza — tornou Douglas a dizer, agora com voz audível.

— É lindo — pronunciou a jovem enquanto seus olhos pousavam sobre a magnífica Basílica de São Marcos e o gigantesco campanário ao lado. Uma revoada de pombos levantou vôo como se fizesse uma coreografia ensaiada. A praça fervilhava de gente das mais diversas partes do mundo.

— Segundo Napoleão, esta praça é o maior salão de festas da Europa.

— Como sabe isto? — inquiriu a jovem — você está me parecendo um guia turístico —, alfinetou.

— Até que eu gostaria de ser um guia turístico aqui em Veneza — retornou o sargento —, mas não posso, prometi a seu tio que tomaria conta de você. Não poderia deixar a princesinha do Reverendo Becker desprotegida — disse segurando-se para não rir, no momento em que viu as faces de Mellina corar.

— Não seja por isso, se é assim que você pensa, pode voltar!

247

— Como militar, estudei as grandes campanhas militares do passado: César, e a conquista das Gálias; Aníbal, na Espanha; Napoleão Bonaparte, no Egito... — disse Douglas desconversando. Por isso sei que Napoleão esteve aqui quando enviou quatro mil soldados para Veneza durante a guerra dos franceses contra a Áustria e também contra o Egito

— Napoleão esteve no Egito?

— Sim, é o que a história nos conta. Inclusive é nesse período que foi finalmente compreendido o significado dos hierógrafos egípcios quando foi decifrada a Pedra da Roseta.

— Isto é muito curioso! Por que Napoleão Bonaparte, que na época estava tentando consolidar seu império na Europa, teve a necessidade de se deslocar até o Egito?

— Isso é uma coisa que definitivamente eu não sei — disse Douglas dando

de ombros.

— Olhe! — disse a jovem, indicando para um monte de cadeiras —, deve ser uma cafeteria, vamos nos sentar lá?

Douglas puxou a cadeira para que Mellina sentasse no melhor ponto do lugar. Uma visão majestosa da Praça de São Marcos estendia-se agora diante deles.

Foi Mellina quem rompeu o silêncio.

— Fale-me de você.

— Falar de mim? — surpreendeu-se o sargento.

— Sim, fale-me de você — disse-lhe a jovem olhando-o agora com uma expressão de ternura. — Desde que nos conhecemos, estamos correndo atrás de enigmas! Nosso único tema parece ser o Livro de Ouro e a sociedade secreta dos Filhos de Set.

— Condordo com você em parte. Devemos esquecer por um tempo os Filhos de Set. Afi nal, já entregamos o Livro de Ouro ao Vaticano, lá ele estará totalmente seguro. Talvez este tenha sido o objetivo de Lady Catherine ao nos propiciar esse passeio.

— Ela é realmente incrível — disse Mellina, lembrando-se do intrépido espírito da velha senhora.

248

— Sim, ela é incrível! — concordou Douglas.

— Agora, fale-me de você.

C A P Í T U L O 1 2 4

— O que você quer saber?

— Não sei — disse Mellina sorrindo —, eu tenho curiosidade, tudo

aconteceu tão de repente...

— O atentado contra o Senador — continuou Douglas —, o enigma do avô de Lady Catherine...

— Sim, e depois saímos pelo mundo: Londres, Cairo, Roma, e agora Veneza.

— E não é maravilhoso estarmos aqui? Se nada tivesse acontecido, não estaríamos agora sentados em um dos cafés da mais famosa praça do mundo, não teríamos nos conhecido.

— Aí é que está o problema — disse Mellina —, eu ainda conheço você tão pouco. Lembro-me que quando estávamos em Roma, houve uma situação semelhante a esta, em que nós conversávamos em um café...

— O café grego — disse Douglas com um sorriso.

— Naquela ocasião você fez perguntas sobre mim, agora é minha vez.

— Pois não, senhorita — disse Douglas levantando-se e fazendo uma mesura com a mão enquanto se curvava —, estou a seu inteiro dispor, pergunte o que quiser!

— Bobinho! — Mellina sorriu com o gracejo.

— Minha vida não tem muita coisa que você possa achar interessante — disse Douglas, agora com um tom sério. Assim como você, perdi meus pais muito cedo. Aos dezoito incorporei-me ao exército, ganhei uma medalha por bravura...

— Hmm... hmm... um herói, então!

Douglas continuou a narrativa agora, ligeiramente encabulado.

— Dei baixa do exército, e em razão da política que se seguiu em nosso país, acabei me incorporando à milícia dos defensores da liberdade.

— Foi aí que você conheceu o Senador Antonin Hoppings?

— Sim, um dos dogmas da milícia à qual eu pertencia é a crença de que um povo só é realmente livre quando tem sob seu controle todas as formas de garantia dessa mesma liberdade.

— Você quer dizer armas?

— Não somente armas, mas também o direito de fiscalizar toda e qualquer autoridade constituída, bem como o estabelecimento de uma vigilância ainda mais severa sob organismos de segurança como CIA, NASA e outros que pelo seu caráter secreto podem, aliando-se a interesses ocultos e nocivos à democracia, de alguma forma, interferir ou mesmo suprimir a liberdade do povo americano de tomar soberanamente suas decisões.

— E na sua visão o Senador Hoppings compartilha dessa idéia?

— Embora o Senador não integre a milícia da liberdade, sua atuação no Congresso com uma defesa veemente do direito de cada americano em possuir uma arma conta com nossa simpatia.

— Dessa forma você resolveu protegê-lo.

— A milícia da liberdade tem acompanhado com visível apreensão um campanha internacional pelo desarmamento da população civil. Essa campanha internacional já obteve sucesso na Austrália e na Inglaterra, sem no entanto atingir o propagado objetivo, que segundo eles seria a redução da criminalidade.

— Vocês, da milícia, não acreditam que a redução da criminalidade e das mortes por armas de fogo seja o verdadeiro objetivo desses grupos internacionais que patrocinam as campanhas de desarmamento?

Douglas sorriu, ante a ingenuidade da pergunta da jovem.

— Veja bem, Mellina! Nós, da milícia, rastreamos a origem do dinheiro que financia essas campanhas. Ficamos surpreendidos ao descobrir que o dinheiro é oriundo de gigantescos grupos multinacionais e mega-

especuladores na Bolsa de Valores, os mesmos que estão empenhando todas as suas forças para criar um mundo globalizado, um mundo sem fronteiras, em que a democracia seria substituída por uma plutocracia.

— Plutocracia, o governo dos mais ricos — afirmou a jovem em um pensamento audível.

— Exatamente! Se você prestar atenção aos acontecimentos econômicos e políticos da atualidade, perceberá que tudo parece seguir uma agenda secreta para a implantação de um governo único em todo o globo: 250

queda das fronteiras pelo capital especulativo internacional, união de pa-

íses em blocos como a União Européia... O desarmamento da população civil seria uma importante etapa no desenvolvimento desse projeto, evitaria que os povos se rebelassem contra esse futuro governo plutocrático, cujas forças ocultas pretendem colocar no lugar da democracia.

— E o mais terrível é que agora sabemos que são os Filhos de Set que estão por trás de tudo isso para o estabelecimento do governo do anticristo.

— É por essa razão que nós, das milícias americanas, somos contra o internacionalismo e o controle de armas da população civil. Todos os povos possuem o direito sagrado de defesa armada. Ainda mais quando está em jogo o futuro da democracia.

— Você tem razão.

— Foi movido por esses motivos que me aproximei do Senador Hoppings. Sendo ele um ardoroso defensor do direito de portar armas, verifiquei que ele, por não possuir guarda-costas estava em um evidente perigo...

— Assim você resolveu protegê-lo, anonimamente?

— Bem, a princípio eu tentei alertá-lo, estive em seu gabinete no Congresso, mas ele não me deu ouvidos, convidando-me a me retirar.

— Mesmo assim você não desistiu e resolveu se encarregar da segurança do Senador sem que ele mesmo soubesse?!

— Pode parecer um absurdo, Mellina, mas ao fazer a segurança de Hoppings no anonimato, e mesmo contra a vontade dele, eu estava sendo fi el aos princípios em que acredito.

— Isso foi um ato de heroísmo. Mesmo desacreditado pelo Senador, você acabou por salvar a vida dele.

— Fico feliz que agora pense assim. Eu me lembro que quando fala-mos pela primeira vez sobre isso você fi cou bem furiosa.

C A P Í T U L O 1 2 5

— Com quem o senhor estava falando? — perguntou Paolo entrando na sala e vendo a perturbação que tomara conta de Scaliari no momento em que o Capitão punha o telefone no gancho.

251

— Com meu irmão — disse Scaliari olhando fi xamente para o subordinado.

— Ele descobriu alguma coisa sobre a escrita secreta que estava no colar da menina russa?

— Não Paolo, infelizmente não, mas ele descobriu outra coisa.

— O que o senhor está dizendo? — inquietou-se Paolo depois que Scaliari contou-lhe o que seu irmão havia descoberto. — Isso é inacreditável!

— Pois creia Paolo, isso que meu irmão acaba de me contar vem ao encontro de tudo aquilo que descobrimos até agora.

— Um historiador inglês que representa uma tal de Confederação Européia de Príncipes?

— Sim, e ao que parece querem que o mundo acredite que a sua árvore genealógica se estende da dinastia merovíngia até a casa real do rei Davi sendo eles próprios descendentes de Jesus Cristo.

— Mas Capitão — disse Paolo Ferri apreensivo —, se isso for verdade, e existe um grupo de membros da realza européia declarando abertamente que nas suas veias corre o mesmo sangue de Jesus Cristo, a situação é ainda mais tenebrosa do que eu inicialmente imaginava.

— É exatamente isto que eles estão alegando.

— Por que isso não foi divulgado antes? Se os seus registros genealógicos apontam uma descendência comum entre muitas das dinastias de sangue azul da Europa e a casa real de Israel, por que só agora um historiador foi contratado para divulgá-las abertamente ao público?

— Esta é a questão, Paolo, mas tudo isso me traz à lembrança as palavras de Giuliano Colona. Você não se recorda de que ele nos disse que o anticristo seria da linhagem real da casa de Israel, mas que, ao contrário de Jesus Cristo que era da descendência do rei Salomão, o anticristo seria de um segmento genealógico secreto oriundo do irmão mais velho de Salomão, o rebelde Absalão, o mesmo que tentou usurpar o trono de seu próprio pai, o rei Davi?

252

— Sim, mas o que esse historiador está dizendo é que esses príncipes europeus são descendentes de Jesus Cristo, portanto, da linhagem de Salomão, e não de Absalão.

— Isso faz sentido, meu amigo! Se os Filhos de Set conseguirem fazer com que o mundo acredite que atualmente existe um príncipe em cujas veias corre o mesmo sangue de Jesus Cristo, eles terão alcançado a sua causa.

— Como assim?

— Veja bem, Paolo! Há no mundo três grandes religiões monote-

ístas que congregam uma significativa parcela da população mundial: o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo. Todas elas possuem um elemento comum...

— Todas são originárias do Oriente Médio.

— Perfeito, todas tiveram sua origem no Oriente Médio, mas eu me refiro a um outro elemento comum: todas as três esperam o cumprimento de uma promessa, todas as três esperam um Messias!

— Um Messias... O senhor não está querendo dizer...

— Estou, Paolo. Imagine se os Filhos de Set conseguirem fazer com que esse príncipe, supostamente descendente de Jesus, seja reconhecido pelos cristãos como o próprio Cristo anunciado nos evangelhos; pelos judeus como o Messias da Torá; e pelos muçulmanos como o profeta anunciado para o final dos tempos!

— Isso revolucionaria o mundo, Capitão!

— Exatamente, você usou a palavra adequada! Isso teria o efeito de uma verdadeira revolução, mas não de uma revolução comum, e sim uma revolução como jamais vista na História. Seria como se a Revolução Francesa e a Reforma Protestante ocorressem ao mesmo tempo, seria um grande movimento político-religioso. Com o seu rebento criado dentro da doutrina luciferiana, os Filhos de Set conseguiriam algo nunca antes imaginado: cristãos, judeus e muçulmanos unidos sob um governo teocrático.

Todos sob a égide daquele a quem considerariam a encarnação da promessa revelada em suas tradições religiosas.

— O senhor acha que isso seria possível? — A Igreja faria uma oposição ferrenha.

— A Igreja seria completamente neutralizada, Paolo, ninguém mais daria ouvidos a qualquer líder religioso que se opusesse a esse novo

sistema. Por que razão alguém se preocuparia com as admoestações de um religioso quando o próprio Messias prometido estaria assentado sobre um trono universal?

— E quanto aos governos, eles não se levantariam contra a possibilidade de implantação desse governo teocrático?

— Esta é a razão porque os sistemas políticos estão em uma crise sem precedentes. Com os Filhos de Set controlando a economia em escala mundial, todos os países enfrentariam dificuldades: os pobres estarão atolados em uma dívida externa impagável, alimentada por taxas de juros escorchantes, mas os países ricos possuirão uma bolha inflacionária cuja possibilidade de estourar a qualquer momento deixaria os maiores estadistas com os nervos à flor da pele. No momento em que a economia mundial for para o espaço, não haverá mais nenhuma autoridade que possa se opor ao governo teocrático luciferiano.

— O senhor acha que devemos fazer uma visita a este historiador?

— Não creio que isso nos leve ao homem que procuramos, Paolo.

Embora ele afirmasse ter estudado essa linhagem dos reis de Israel, em nossos dias é pouco provável que ele mesmo tenha conhecimento daquele que verdadeiramente será alçado ao governo do mundo após o triunfo dos Filhos de Set. Esse nome provavelmente deve ser um dos mais bem guardados segredos dessa sociedade secreta.

— O que vamos fazer, então?

— Vamos fazer exatamente o que inicialmente havíamos decidido: investigar o Cardeal Vincenzo Sforza. E é por essa razão que eu marquei um encontro com Lady Catherine Raidech. Como o caso da sobrinha do Cardeal pertence ao exército, tenho certeza de que Lady Catherine nos prestará um inestimável favor.

C A P Í T U L O 1 2 6

A gôndola passou pelo canal ao lado do antigo Palácio Ducal, agora transformado em museu.

— Que ponte é aquela? — perguntou Mellina.

254

— É a Ponte dos Suspiros — respondeu Douglas, consultando um pequeno

guia da cidade.

— Ponte dos Suspiros? — Que romântico! — exclamou a jovem enquanto a gôndola deslizava suavemente embaixo da ponte deixando a Praça de São Marcos para trás. A tarde descia aos poucos, fazendo com que a atenção de todos voltassem para o sol, que em tons alaranjados, de-clinava lentamente no mar.

— Como foi o passeio? — perguntou Lady Catherine, ao perceber o deslumbramento no rosto da jovem.

— Simplesmente fantástico! A Praça de São Marcos é o lugar mais belo que eu já vi.

— E você Douglas, o que achou?

— Mellina está certa, Veneza é realmente indescritível.

— Fico feliz que tenham gostado, porque a partir de agora vamos nos dedicar exclusivamente ao trabalho.

— O Capitão Lucas Scaliari entrou em contato? — perguntou a jovem no momento em que desapareciam de sua face todos os resquícios de deslumbramento.

— Amanhã, Mellina, amanhã nós encontraremos com Scaliari, e en-tão ele nos dirá como poderemos lhe ajudar.

C A P Í T U L O 1 2 7

O rabino Isaac Bem Disraeli pela primeira vez em sua longa existência, sorriu ao contemplar o Domo da Rocha, a famosa mesquita que, construí-

da exatamente onde outrora havia o Templo de Salomão, agora constituía um obstáculo intransponível, ou melhor, aparentemente intransponível, para aquilo que era o sonho judeu da reedificação do Templo de Jerusalém.

Disraeli fechou os olhos como se estivesse vendo o invisível, no lugar da mesquita ele admirava a magnífica e imponente construção que em breve

estaria ali.

255

“A sabedoria de Deus é infinita” — pensou — “o imperador Tito, um romano, destruiu o templo, e um outro romano ou pelo menos reconhecido assim pelos cristãos, o reedificara.”

Principal representante da Liga dos Justos, o mais radical dos grupos de judeus ultra-ortodoxos, Disraeli sonhava com o Grande Israel, o retorno das fronteiras de seu país aos mesmos limites dos outrora gloriosos reinos de Davi e Salomão. Mergulhado em suas reflexões, Disraeli lembrou-se comovido do encontro que tivera ainda nos anos trinta em Praga com o reverenciado Rabino Moses Arams. As negras nuvens do nazismo começavam a se manifestar por todo o continente europeu fazendo com que apreensão e angústia brotassem na alma de uma juventude judaica ainda cheia de sonhos.

— Rabino, por que todos os povos nos odeiam? — perguntou o jovem Disraeli recém-entrado na puberdade.

Moses Arams voltara-se então para o frágil rapazote que se percebia tomado de inquietação.

— Aproxime-se, sente-se aqui a meu lado — disse o rabino já de avançada idade, enquanto fechava vagarosamente um antigo rolo da Torá em aramaico.

Timidamente Disraeli postou-se em um silêncio respeitoso ao lado do velho.

Moses Arams retirou os óculos e sorriu para o jovem a seu lado.

— Há muito tempo quando Israel ainda não formava um povo, sendo apenas uma numerosa família de descendentes de nosso pai, Abraão, houve um jovem chamado José, filho único de seu pai com a mulher a quem muito amava. Seus irmãos por parte de pai aborreciam-se com o tratamento diferenciado que ele recebia do velho patriarca. Este jovem, inquieto e sonhador, um dia cometeu a imprudência de comentar com seus irmãos um sonho que havia tido. Segundo o sonho, o sol, a lua e onze estrelas se

curvavam diante dele. Seus irmãos, que eram em número de onze aborreceram-no ao extremo ao serem tomados por uma inveja in-controlável, pois diziam entre si: — por acaso nós, nosso pai e nossa mãe iremos nos curvar diante desse fedelho?

Um dia quando estavam no campo, pois todos eram pastores, re-solveram matá-lo. Um de seus irmãos, chamado Ruben, sensibilizado pela 256

sorte do garoto, dissuadiu os outros desse intento, convencendo-os a lançarem o jovem numa cova, com a intenção de mais tarde restituí-lo a seu pai.

Afastando-se Ruben, os outros tiveram a idéia de vendê-lo a uma caravana de mercadores que se dirigiam para o Egito. Lá, depois de um certo tempo como escravo, este jovem veio a se tornar o homem mais poderoso do Egito, tendo acima dele apenas o próprio faraó. Esse pequeno relato é um resumo daquilo que é conhecido como a história de José no Egito.

Disraeli olhava-o com visível curiosidade.

— Pois bem — prosseguiu o velho rabino —, a história de José é uma espécie de estigma que representa a história do próprio povo judeu. Somos o povo da promessa, assim como José, que tinha sido escolhido por Deus para, por meio de suas próprias vicissitudes da incompreensão e inveja de seus irmãos, trazer o livramento de seus familiares. Nós fomos escolhidos pelo Todo-Poderoso para estabelecer seu reino de paz a todos o homens na Terra. Assim, os irmãos de José odiaram-no por não compreenderem o plano glorioso de Deus em sua vida para o livramento de uma terrível seca que tinha se abatido sobre o mundo naquela época. Assim os povos não conseguem compreender a eleição divina sobre o povo judeu para o estabelecimento do reino infinito de paz na Terra. Da mesma forma que José foi odiado, nós somos odiados. Assim como pela desgraça momentânea de José o mundo recebeu o livramento naquela época; assim o mundo, por não compreender a extensão da missão que recai sobre a nação de Israel, odeia-nos; porém, mesmo assim, serão por nosso intermédio abençoados.

— Nós temos uma missão? — surpreendeu-se o garoto.

— Sim, nós temos uma missão — respondeu o velho rabino. Uma missão

gloriosa!

C A P Í T U L O 1 2 8

O barco-táxi percorreu o que parecia ser uma estrada inventada no meio do mar, havendo estacas de madeira a estabelecer os limites e sinais como se fosse uma verdadeira rodovia. Seguindo por um canal atrás do Palácio Ducal, alguns minutos depois o barco passou pela famosa Ponte 257

do Rialto, naquele momento repleta de turistas que subiam e desciam do local de onde se tinha uma vista privilegiada do Grande Canal. O barco-táxi parou em um ancoradouro.

— Vamos descer aqui! — disse Lady Catherine para Mellina.

O condutor do barco-táxi ajudou Jefrey com a cadeira de rodas deixando a velha em terra firme.

— E agora, para onde vamos? — perguntou Hamilton Campbell.

— Por aqui, Padre — disse a velha olhando um guia de ruas —, o hotel onde o Capitão Scaliari está instalado fica em terra firme.

Seguindo por caminhos antigos chegaram a uma viela chamada Campo de la Guerra.

— É nessa viela que fica o hotel — observou Lady Catherine.

— Campo de la Guerra? — Parece um prenúncio de que teremos dias agitados — brincou Hamilton Campbell.

— *Ca del Campo!* — disse Mellina, observando a plaqueta indicando um pequeno, mas agradável hotel.

Lady Catherine sorriu.

— É este o hotel, vamos entrar!

A recepcionista conduziu o quarteto até uma pequena e improvisada sala de

reuniões onde Scaliari e Paolo Ferri já os esperavam.

Todos cumprimentaram-se.

— Fico feliz que a senhora e seus amigos tenham vindo — iniciou a conversa Lucas Scaliari.

— Não poderíamos agir de outra forma, Capitão — disse a velha

—, todos nós devemos unir forças para tentar identificar o anticristo. Conforme concordamos em ocasião anterior, essa parece ser a única forma possível para deter os planos dos Filhos de Set.

— Isso é verdade — confirmou Hamilton Campbell —, agora estamos curiosos, por que Veneza?

Todas as atenções concentraram-se em Lucas Scaliari.

— Tenho certeza, Padre, que se eu estivesse no seu lugar seria tomado pela mesma curiosidade, por que Veneza?

258

O capitão da polícia italiana fez uma pausa como se fosse para ordenar seus pensamentos.

— Após nosso último encontro muitas coisas ocorreram — continuou Scaliari —, dentre todas elas, porém, a mais surpreendente foi a tentativa de assassinato do Cardeal Giuliano Colona.

— Tentaram assassinar o Cardeal Giuliano Colona?! — exclamaram Lady Catherine e Mellina ao mesmo tempo.

— Sim — confirmou Scaliari —, e eu acredito piamente que foram os Filhos de Set.

— Mas como, Capitão? — interferiu Campbell incrédulo —, isso não foi divulgado, não saiu em nenhum jornal!

— O senhor tem razão, Padre Campbell, essa notícia não foi divulgada e não saiu em nenhum jornal.

— Mas como? — perguntou Lady Catherine perplexa —, isso é um fato gravíssimo! A tentativa de assassinato do segundo homem do Vaticano e nenhuma nota no jornal, nenhum informe especial na televisão?!

— Tenho certeza disso, Lady Catherine, e este acontecimento é ainda mais perturbador pelo fato de ser negado pelo próprio Giuliano Colona — disse Scaliari no momento em que prestava atenção à instantânea incredulidade que brotou na fisionomia de todos os seus convidados.

— O que o senhor disse? — interpelou-o Hamilton Campbell.

— O senhor está dizendo que o Cardeal Colona sofreu um atentado contra sua própria vida e que ele mesmo se encarregou de abafar a divulgação da tentativa de que foi vítima? — inquietou-se Lady Catherine em sua cadeira.

— Exatamente isto — confirmou Scaliari.

— Capitão Scaliari — interveio Mellina —, por favor, queira explicar melhor a situação! Como o senhor tomou conhecimento dessa tentativa de assassinato, se o próprio Giuliano Colona, a vítima do suposto atentado, nega o ocorrido?

Lucas Scaliari examinou demoradamente a face de cada um de seus convidados, e em todos percebeu um misto de angústia e incredulidade.

— Pois bem — prosseguiu o oficial —, em primeiro lugar eu tenho que confessar que fiquei tão atônito quanto vocês. E eu mesmo estive com 259

o Secretário Geral do Vaticano, que negou categoricamente que houvesse sofrido um atentado.

— Por que razão ele se encarregaria de ocultar essa tentativa de assassiná-lo? — perguntou Mellina.

— Essa é uma das perguntas para as quais eu não tenho resposta, Mellina — disse Lucas Scaliari.

— Uma das perguntas? E quais seriam as outras — indagou Hamilton Campbell.

— Por que o assassino escolhido era justamente a sobrinha de um outro importante cardeal da Igreja, o Cardeal e Primaz de Veneza, Vicenzo Sforza? Por que a Igreja tem guardado silêncio sobre a existência dos Filhos de Set e seu inacreditável plano para dominar o mundo? Por que seqüestraram aquela menina russa enquanto havia tantas outras meninas nas mesmas condições aqui na Itália? Enfim — disse Scaliari esticando as mãos sobre a mesa em sinal de estafa e rendição —, por que eu tenho a impressão de que estamos em uma luta inglória contra forças que não podemos vencer?

— Ânimo, meu amigo — disse o Padre Hamilton Campbell, pondo a mão sobre o ombro de Scaliari —, nós estamos com você, faremos o que for preciso para ajudá-lo.

— Isso mesmo — confiou Mellina —, por mais poderosos que sejam os Filhos de Set, há um atributo que não têm: eles não são invencíveis.

Se assim fossem, não estariam escondidos, e seus planos para dominar o mundo já teriam se concretizado. Eles possuem uma fraqueza, e cabe a nós descobri-la usando de nossa inteligência, bem como o melhor jeito de explorá-la de forma a alertarmos o mundo e as autoridades sobre a sua existência e seus reais propósitos.

— O senhor disse que o assassino foi identificado como a sobrinha do Cardeal Primaz de Veneza? — perguntou Lady Catherine.

— Sim, encontramos o corpo nas águas do Rio Tibre.

— Este Primaz de Veneza não era aquele cardeal que nós vimos no Vaticano? — perguntou Mellina, voltando-se para a velha.

— Era ele mesmo, Mellina, o Cardeal Vicenzo Sforza.

— Isto significa, então que o senhor acredita que Vicenzo Sforza pertença aos Filhos de Set, e que, de alguma forma, o Secretário Geral do Vaticano

tenha atrapalhado seus planos?

260

— Exato, minha jovem, conforme as informações que obtivemos, quando do início do atual pontificado, Vincenzo Sforza perdeu em uma disputa interna o cargo de Secretário Geral do Vaticano.

— Cargo este que é ocupado justamente pelo homem que sua sobrinha tentou assassinar... Então com a morte de Giuliano Colona, o posto de Secretário Geral ficou vago, possibilitando assim que os Filhos de Set obtivessem o caminho livre para ocupar a posição de segundo homem do Vaticano — concluiu a jovem.

— Isso é verdade, Mellina, mas eu acredito que o cargo de Secretário Geral do Vaticano seria ocupado por este cardeal apenas temporariamente.

Imagine um representante dos Filhos de Set em uma posição de tamanho destaque como essa! Agora eu pergunto: o que aconteceria se esta sociedade secreta, usando de sua imensa influência, conseguisse fazer com que esse cardeal alcançasse uma projeção nunca antes alcançada para um religioso? A seu pedido, banqueiros ligados aos Filhos de Set perdoariam dívidas de países pobres, alimentos seriam distribuídos gratuitamente aos pobres da África e Ásia...

— Esse Cardeal certamente viria a ser o próximo Papa!

— Exatamente, minha jovem! Isso por si só já seria uma gigantesca vitória para os Filhos de Set. Eles teriam o domínio direto sobre uma das mais tradicionais religiões do globo. Mas agora imaginemos mais...

— Mais? — indagou a velha surpresa —, o que poderia ser ainda pior do que isso?

— Infelizmente existe a possibilidade de a situação se apresentar de forma mais terrível do que isso, minha senhora! E, conforme Paolo e eu investigamos, parece que as coisas estão se encaminhando nesse sentido.

— Confesso que estou curioso, Capitão, o que poderia ser ainda mais terrível do que os Filhos de Set elegerem o próximo Papa? — questionou Campbell voltando-se para o policial.

— Quando nos reunimos pela última vez, contei-lhes que seguindo o rastro do ex-guarda suíço que seqüestrou a menina russa, nossa investigação chegou até uma poderosíssima família de Florença, e que, segundo acreditamos, essa família integra os Filhos de Set. Uma coisa que despertou minha atenção quando estivemos na mansão dos Orlandini foi o brasão ostentado por esse importantíssimo clã de Florença.

261

— Sua atenção foi despertada por um brasão? — E o que continha esse brasão? — perguntou Hamilton Campbell.

— Esse brasão continha um emblema com características semelhantes àsquelas encontradas na moeda descoberta na boca do médico assassinado quando do seqüestro da menina russa, ou seja, havia a representação de um animal com duas cabeças. No caso dos Orlandini, um leão; no caso do médico assassinado, uma águia. Porém, ambos os animais possuíam duas cabeças direcionadas em sentidos opostos.

— Isso é interessante — observou Mellina.

— Sim — concordou Lucas Scaliari —, e ainda mais interessante é a explicação do significado do brasão que me foi dada pelo próprio Conde Orlandini. Segundo ele, essas cabeças representariam duas importantíssimas linhagens dinásticas que fizeram parte da história européia em séculos passados: a dinastia dos Habsburgos Austríacos e dos Merovíngios franceses.

— Surpreendente! — exclamou Campbell. — Uma importante famí-

lia florentina, em cujas veias corre o sangue de duas das mais importantes dinastias européias!

— Mas como isso é possível? — interveio Mellina — Isso me parece uma imensa confusão: uma poderosa família italiana formada por austrí-

acos e franceses?

— Na atualidade isso pode parecer uma coisa absurda e confusa, Mellina, — respondeu Lady Catherine —, mas tenha em mente que em séculos passados, para viabilizar ou garantir privilégios, muitas uniões eram realizadas entre os mais importantes clãs europeus. Dessa forma, além de acumularem prestígio e terras, essa política matrimonial permitia a salvaguarda dos interesses desses clãs, afastando rivalidades que de outra forma poderiam pôr em xeque a estabilidade ou a própria sobrevivência dos grupos envolvidos.

— Isso é verdade — continuou Scaliari —, tanto que esse clã florentino parece ser apenas uma pequena ramificação de algo muito maior.

Agora, voltando para a análise do brasão dos Orlandini, essa semelhança com a moeda encontrada na boca do médico levou-me a procurar meu irmão Francesco, catedrático da cadeira de História, na Universidade de Roma. Francesco então revelou-me a existência de uma cultura esotérica 262

subterrânea desenvolvida através dos séculos e encontrada em meio a mitos e lendas preservadas em tradições maçônicas e rosacruz.

— Cultura esotérica subterrânea? O que é isso? — perguntou Mellina.

— Cultura esotérica seria uma espécie de conhecimento secreto, Mellina. É conhecida como subterrânea por existir à margem do conhecimento oficial — respondeu Campbell.

— E o que essa cultura subterrânea revela? — perguntou Mellina curiosa.

— Pois bem — continuou Scaliari —, é interessante afirmar que essa cultura esotérica sempre esteve oculta do conhecimento geral, sendo transmitida para os não iniciados nas artes de mistérios apenas uma tênue idéia daquilo que era tido por eles como a verdadeira realidade. Lendas que, como a do Santo Graal, parecem revelar esse significado.

— O senhor está se referindo a essas teorias tão em voga na atualidade, que dizem existir uma linhagem sagrada que teve sua origem em Jesus?

— perguntou Hamilton Campbell.

— Padre Campbell, o senhor acaba de tocar no ponto nevrálgico.

Pelas revelações feitas por meu irmão, acrescidas das informações que obtivemos do próprio Secretário Geral do Vaticano, posso lhe adiantar que essas teorias a respeito de uma suposta descendência de Jesus têm uma relação direta com tudo isso que estamos investigando, para não dizer que, segundo acredito, elas têm como finalidade propiciar um clima favorável entre os povos para o futuro aparecimento do anticristo.

— Existe uma relação entre a divulgação dessas teorias a respeito da descendência de Jesus, com o aparecimento do anticristo? — perguntou Lady Catherine surpresa.

— Veja bem, Lady Catherine, quando estive com meu irmão para interpretar o significado do brasão do clã dos Orlandini, ele me revelou que nesses círculos esotéricos as pessoas acreditam que um grupo de judeus da linhagem real da casa de Davi fugiu para a antiga Gália, onde atualmente é a França. Entre eles estaria Maria Madalena, que em seu ventre carregaria um filho do próprio Jesus, tendo esse infante posteriormente dado origem à famosa e, atualmente muito propagada Dinastia Merovíngia.

— E qual é a relação entre esta crença e o futuro aparecimento do anticristo? — perguntou a velha.

263

— Isso me parece óbvio — interveio Mellina —, se os Filhos de Set conseguirem disseminar a crença de que Jesus, em vez de perecer na cruz, teve um filho com Maria Madalena, estariam rompendo a mais importante doutrina da tradição cristã. Dessa forma milhões abandonariam a fé, propiciando um solo fértil para a propagação de uma espécie de neopaganismo. E como o Capitão Scaliari disse, isso teria como consequência final a abertura de um caminho para o aparecimento do anticristo.

— Isso é verdade, Mellina, mas eu não diria só isso, diria mais: pelas investigações que fizemos posso dizer que, além desse objetivo, essas teorias

têm uma finalidade ainda maior, elas visam legitimar o aparecimento do próprio anticristo.

— De que forma, Capitão, isso poderia legitimar o anticristo? —

perguntou Mellina curiosa.

— Por intermédio do Sangue Real.

— Por intermédio do sangue... o quê? — perguntou Campbell não entendendo.

— Por meio do Sangue Real — repetiu Scaliari sorrindo ao perceber estampada em seus visitantes a mesma surpresa que tivera ao ouvir essas palavras da boca de Giuliano Colona.

— Dinastia Merovíngia, anticristo e agora... Sangue Real! Eu confesso que tudo isso está se tornando um pouco confuso — disse Jefrey coçando a cabeça.

— Eu explico, Jefrey — continuou Scaliari —, quando Paolo e eu estivemos no Vaticano em uma entrevista com o próprio Giuliano Colona, o Secretário Geral nos surpreendeu ao explicar detalhadamente como se daria o aparecimento do representante máximo de Lúcifer na Terra. Segundo o Cardeal Colona, os Filhos de Set têm preservado uma linhagem secreta, uma linhagem portadora de um antiqüíssimo sangue, protegida e ocultada por essa sociedade secreta ao longo da história da humanidade.

— E essa linhagem seria a Dinastia Merovíngia? — perguntou Mellina.

— Não. Segundo o que Colona nos disse, essa linhagem seria muitíssimo mais antiga, e teria sua origem ainda no período ante-diluviano tendo sido resultado da paixão entre um anjo caído e uma belíssima mulher da antigüidade.

— Os Nefi lins, descritos no livro de Gênesis 6:4?

— Exatamente, minha jovem! Segundo o Cardeal, a descendência que foi originada desse relacionamento espúrio foi diligentemente preservada pelos Filhos de Set para que no tempo oportuno fosse possível o surgimento de um rei em cujas veias fl uísse um sangue especial, capacitado para a realização da Euiose de Lúcifer, um sacrifício em que a mente do escolhido, no caso o anticristo, seria fundida com a do próprio Lúcifer.

— Euiose de Lúcifer, fusão da mente do anticristo com a do próprio Lúcifer — balbuciou Campbell — e onde isso se encaixa com o suposto descendente de Jesus?

— Brilhante pergunta, Padre Campbell, confesso que eu não saberia formular uma melhor — disse Scaliari sorrindo. — Veja bem, continuemos com as explicações do Cardeal Giuliano Colona. Como padre, o senhor sabe que Deus escolheu o povo judeu para manifestar as boas novas de salvação ao mundo, e dentre estes, a casa real de Davi, para que dela nascesse o salvador Jesus Cristo, estou certo?

— Sim, isto está correto — interferiu Mellina —, está de acordo com a Bíblia Sagrada.

Campbell concordou com a cabeça.

— Está correto também que os judeus, embora reconhecendo Jesus como um grande profeta, negaram-no como o Messias prometido por Deus, não estou certo?

— Corretíssimo — confi rmou Campbell —, eles ainda esperam o Messias.

— Pois bem, segundo Giuliano Colona, essa antiqüíssima linhagem que teve origem em tempos imemoriais, cuidadosamente preservada pelos Filhos de Set, penetrou na casa real de Davi por meio de seu fi lho rebelde Absalão, e insufl ado por Lúcifer, tentou destronar o seu próprio pai.

Morto Absalão, essa linhagem de sangue especial se desenvolveu de forma oculta por intermédio de um fi lho que Absalão tivera com uma das concubinas de seu próprio pai.

— O Sangue Real! — exclamou Lady Catherine.

— Exatamente! — afirmou Scaliari.

— Mas isso não teria relação alguma com Jesus, pois como sabemos, a ligação de Cristo com a casa do rei Davi passa por Salomão e não por Absalão — afirmou Mellina.

265

— Perfeito, Mellina, mas isso não importa para os planos de Lúcifer

— interferiu Campbell —, o grande enganador fez com que os judeus negassem a Jesus como o Messias prometido por Deus. Agora, usando de sua grande influência, os Filhos de Set apresentarão o anticristo como o Messias de Israel.

— Se eu estou entendendo bem, o senhor está querendo dizer que os Filhos de Set estão prestes a pôr em prática um plano milenar para viabilizar o aparecimento do anticristo. E que por intermédio dele irão enganar e seduzir Israel e o Ocidente? O primeiro, com o aparecimento de seu Messias; o segundo, com a divulgação de um suposto “legítimo”

descendente de Jesus?

— Exato! — afirmou Scaliari.

Jefrey, que até então mantivera-se pensativo, interveio:

— Que os Filhos de Set enganarão os judeus com um falso Messias para mim ficou bastante claro, eu só não entendi de que forma eles enganarão o Ocidente?

— Isto é simples, Jefrey — explicou-lhe Mellina —, é exatamente aí que entra a cultura esotérica subterrânea que nos dias de hoje emergiu à superfície. Ao divulgarem a crença de que Jesus teve uma descendência e que esta perdura até nossos dias, os Filhos de Set apresentarão o seu representante como esse descendente de Jesus.

— E que será ao mesmo tempo o Messias de Israel — confirmou Campbell.

— Mas e a Igreja? — perguntou Lady Catherine —, ela não permitiria que o mundo ocidental aceitasse facilmente esse suposto descendente de Jesus!

— A não ser que... — Mellina começou a esboçar seu pensamento em voz alta.

— A não ser o quê? — perguntou Jeffrey.

— A não ser que... um dos Filhos de Set assumisse o trono de Pedro!

— concluiu a jovem.

266

C A P Í T U L O 1 2 9

Após ouvir as palavras de Mellina, Lady Catherine voltou-se assombrada para Lucas Scaliari.

— Esta é a razão porque o senhor pediu que viéssemos a Veneza?

Scaliari sorriu e concordou com a cabeça.

— Sim, Lady Catherine. Confirmando a suspeita de Mellina, podemos agora reiterar o que acreditamos: Vincenzo Sforza é um dos Filhos de Set, e ele usou sua sobrinha para tentar matar Giuliano Colona.

— O que o senhor quer que façamos exatamente? — perguntou Campbell.

— Eu solicitei que vocês viessem a Veneza para que, se possível, me prestassem um pequeno favor.

— Um pequeno favor?

— Bem, talvez não seja tão pequeno assim — disse Scaliari meio embaraçado. — Há um detalhe que me esqueci de revelar-lhes: a sobrinha de Vincenzo Sforza, encontrada morta, pertencia às forças especiais italianas, de

forma que eu não tenho jurisdição sobre a investigação de sua morte.

Essa investigação pertence ao exército.

— O senhor quer que nós o investiguemos? — perguntou a jovem.

— Exatamente — respondeu o Capitão. Vincenzo Sforza é o Cardeal de Veneza. Se eu tentasse investigá-lo tendo como pretexto a morte de sua sobrinha, logo levantaria suspeitas, pois como disse, esse caso pertence ao exército.

— Agora uma simpática *lady* inglesa não despertaria atenção do Cardeal, que dessa forma poderia baixar a guarda revelando involuntariamente algo que pudesse nos auxiliar na descoberta de como neutralizar os Filhos de Set.

— E foi pensando nisso que resolvi convidá-los para ir à Veneza.

Agora gostaria de saber se posso contar com a ajuda de vocês?

267

C A P Í T U L O 1 3 0

O cardeal encontrava-se próximo à lareira, e em suas mãos estava a carta. A perplexidade tomava conta de seu rosto à medida que seus olhos deslizavam sobre aquelas letras nervosas. Como aquilo fora possí-

vel? Como aquelas informações chegaram ao conhecimento de um simples frade francês?

Isto jamais poderia ter acontecido! Levantou os olhos anuviados na tentativa de compreender a extensão de tudo aquilo e pôr os pensamentos em ordem, analisando as possíveis repercussões.

Baixou-os novamente, agora contemplando o verso. Em um instante seu corpo tenso descontraiu-se, e uma sensação de alívio perpassou por sua alma no momento em que seus olhos fi xaram-se nas últimas frases: *Estou com meu espírito quebrantado e minha alma afl ita. Nunca antes me deparei com algo semelhante. Sinto-me culpado por ouvir tal revelação, feita por uma tão*

terrível criatura. Meu coração confl ita com a razão e meu desejo seria esquecer tudo. Minha razão, porém, em nome da prudência, obrigou-me a revelar-lhe as coisas terríveis que ouvi.

Pelo terror que estas revelações me inspiram, guardo-as em segredo, comunicando-as apenas a vós, Vigário de Cristo na Terra, para que, com o auxílio de Deus, possa Vossa Santidade melhor julgar e, a todas as coisas que atualmente acontecem no mundo, compreender.

Seu humilde servo no Senhor. Frei Jean Marie Luquesi O Cardeal olhou mais uma vez para o endereço do remetente na cidade de Pádua, e então, como se estivesse se livrando de uma coisa obs-cena e noventa, aproximou-se mais da lareira, jogando rapidamente a carta no fogo. A satisfação brotou-lhe na face na forma de um sorriso maligno, enquanto observava a chama dos papéis que eram devorados pelo fogo.

268

C A P Í T U L O 1 3 1

O sol era apenas o último resquício de uma esfera dourada, antes de mergulhar totalmente no mar, fazendo assim com que as águas do Grande Canal de Veneza refl etissem como se fossem um espelho indescritível, as cores de um amarelo brilhante chamuscado por tons avermelhados, que espalhavam-se por todos os cantos do céu.

Ao chegarem com o barco-táxi, Mellina desviou os olhos do mar no cais que beirava o hotel.

— Como iremos investigar o Cardeal Sforza? — perguntou, voltando-se para Lady Catherine, que nesse momento era retirada do barco por Jeffrey.

— Ainda não sei, minha fi lha, mas descobriremos.

— Como foi o encontro com o Capitão Lucas Scaliari — perguntou Douglas Braun, que havia fi cado no hotel.

— Digamos que foi dentro do esperado, Sargento — respondeu Hamilton

Campbell.

— Dentro do esperado?

— Sim — confirmou Lady Catherine —, quando fomos para o encontro com o Capitão Scaliari já sabíamos que ele requisitaria nossa ajuda. Apenas não sabíamos ao certo a forma como essa ajuda teria que ser prestada.

— E como ela deve ser prestada?

— O Capitão Scaliari quer que investiguemos o Cardeal Primaz de Veneza, Vincenzo Sforza.

— Investigar o Cardeal de Veneza? — perguntou Douglas, confuso

—, mas por quê?

Lady Catherine explicou-lhe.

269

Douglas Braun ficou boquiaberto.

— Se isso é verdade, então o Cardeal Giuliano Colona corre grande perigo!

— É o que acreditamos — confirmou Hamilton Campbell.

— Eu só não estou entendendo uma coisa — continuou Douglas Braun —, por que razão ele negou a tentativa de assassinato e procurou afastar o Capitão Scaliari?

— O próprio Scaliari também não compreende o porquê dessa atitude do Secretário Geral do Vaticano — disse Mellina entrando na conversa.

— Isso é, no mínimo, curioso — continuou o Sargento.

— O Cardeal Colona deve ter lá os seus motivos — respondeu a velha —, talvez essa conduta tenha relação com o intrincado jogo do Vaticano. Até agora eles não declararam uma única palavra sobre a existência dos Filhos de

Set. É possível que a negativa desse atentado esteja encastrada nessa política de segredo.

— Política de segredo? — questionou Douglas Braun —, a mim parece mais política de avestruz!

Mellina não pôde conter um sorriso.

— Não seja desrespeitoso, Sargento — repreendeu-o Lady Catherine. O Cardeal Giuliano Colona deve ter seus motivos para adotar essa postura.

— A propósito, Lady Catherine, continuou o sargento, recebi uma ligação do Senador Hoppings, ele informa que na próxima semana chegará a Roma para um encontro com o primeiro-ministro italiano, o reverendo Becker virá junto, ele pediu que estivéssemos em Roma para encontrá-lo.

C A P Í T U L O 1 3 2

— *Uma missão gloriosa!* O rabino Bem Disraeli recolhera-se a seus aposentos e, ao trancar a porta, foi até uma parede lateral onde, depois de retirar um tijolo falsamente assentado, estendeu a mão e pegou algumas cartas. A alegria estava estampada em seu semblante. Abriu-as 270

cuidadosamente, e enquanto lia, Disraeli percebeu que suas lágrimas corriam. Elas eram o fruto de um trabalho de décadas, um trabalho paciente de doutrinação e convencimento. Mas o Senhor abençoara o seu trabalho e ali, onde outros veriam o que denominariam “alta traição”.

Disraeli sabia bem, era o despontar do Grande Israel.

A correspondência mantida oculta vinha dos mais diversos setores do país. Barões da indústria, generais do exército, professores universitários, políticos e até mesmo do atual ministro do interior. Todos bem-sucedidos e influentes em suas áreas de atuação, porém, unidos como uma gigantesca família invisível em uma fé inquebrantável e com seu firme propósito de criar as condições para o aparecimento do Messias de Israel.

O Messias, a reconstrução do templo, o Grande Israel! Isaac Bem Disraeli

passara uma vida inteira à espera desse momento. Estudioso com-pulsivo, sua visão enfraquecera pelas longas noites examinando a Torá à luz de velas, nos assentamentos judaicos de Samaria. Foi a muito custo e com o auxílio de pessoas influentes que ele conseguiu convencer as autoridades de Israel a aceitarem a presença dos próprios judeus naquela região.

Disraeli ainda lembrava as palavras do comandante da tropa policial que, no início dos assentamentos fora mandado para retirá-los do local: *“esse território pertence aos árabes, não queremos problemas com judeus aqui”*.

Esta frase ferira-o como um punhal. Uma autoridade de Israel comportando-se como um descrente. Não sabia ele que aquele território todo pertencia ao povo judeu por direito divino?

Porém, há males que vêm para o bem, e daquele episódio Disraeli tirara uma importante lição. No futuro reinado do Messias essas pessoas teriam que ser afastadas, não haveria lugar para descrentes. E ele tomara para si essa importante tarefa, pesquisando, garimpando homens e mulheres que, como diamantes, tivessem em seus corações fé suficiente para ajudar no restabelecimento do trono de Deus sobre Israel.

Agora uma grande rede estava criada, pronta para assumir todos os postos-chave da nação. O Messias se apresentaria. Imediatamente Disraeli iria apresentá-lo a todos os outros rabinos. Logo em seguida o Parlamento seria dissolvido no mesmo momento em que a mídia receberia a grande notícia: o restabelecimento da monarquia. A volta do governo teocrático, o governo do Messias, auxiliado por todos os judeus de boa vontade.

271

O Messias! A memória de Disraeli fez uma viagem de volta ao passado, lembrando-se dos dias que se seguiram à morte do homem que fora como seu pai, Moses Arams, o grande rabino da Tchecoslováquia. Órfão, Disraeli fora criado como um filho amado pelo mestre da sinagoga de Praga. Sob a orienta-

ção do rabino, Disrael descobrira a beleza dos textos sagrados, seus mistérios e suas promessas. Foi então que, ainda amargurado pela morte daquele que

fora seu pai, Disraeli teve a revelação. Ele estava meditando sobre as páginas da Torá quando um ser fulgurante envolto em luz lhe apareceu.

“Disraeli!”

Temeroso, o jovem recolheu-se abraçado à Torá.

“Disraeli! ”, tornou a dizer o ser resplandecente, como se a sua voz surgisse de todos os cantos, embora sua boca permanecesse fechada.

“Não temas, você foi o escolhido!”

— O escolhido para quê? — perguntou o jovem ainda trêmulo.

“Você irá adiante do Messias, preparando seu caminho”

— Mas eu? — espantou-se o jovem. — Ainda não sei conduzir-me a mim mesmo, quanto mais desempenhar tão grande tarefa.

“Você estará preparado”

— Eu estarei preparado, quando?... quando se dará isso?

“Isso não te importa agora, saiba apenas que primeiro a fi gueira terá que brotar, e o povo da promessa retornará à sua terra”

— E como eu saberei, como o reconhecerei?

“No tempo certo ele te encontrará”

O tempo passara e Disraeli envelheceu. Perante seus olhos aconteceu a Segunda Grande Guerra. E a fi gueira havia brotado, regada com o sangue de seis milhões de judeus, e Israel voltara a ser uma nação no seu antigo lugar no Oriente Médio.

Foi aí que o inacreditável aconteceu. Disraeli participava de uma reunião de rabinos com o Núncio apostólico do Vaticano, em que discutiam a aproximação entre o Vaticano e a religião judaica. A reunião havia acabado e os rabinos preparavam para sair, quando o secretário particular do núncio

chamou-o em separado.

272

— Acompanhe-me, por favor!

Disraeli não compreendeu. Tentou argumentar, quando o secretário pôs o dedo na boca pedindo que ele fizesse silêncio para não despertar a atenção dos outros rabinos. Tomado de curiosidade, Disraeli seguiu-o.

Chegaram a uma sala onde o Núncio do Vaticano estava lhe esperando.

— Por favor, queira sentar-se! — disse o sacerdote.

Embora um pouco relutante, Disraeli obedeceu.

— Você deve se perguntar por que está aqui, não é mesmo?

O rabino guardou silêncio.

— Eu trago uma mensagem — prosseguiu o Núncio. — Uma mensagem de alguém que você espera há muito tempo.

Disraeli permaneceu como se estivesse petrificado. *“Poderia aquele homem saber alguma coisa a respeito de sua verdadeira esperança?”*

— Foi em Praga — continuou o Núncio — onde você recebeu o mensageiro da luz e conheceu a sua missão.

O coração de Disraeli começou a disparar. *“Isso não pode estar acontecendo. Ninguém sabe a respeito daquele episódio!”*

— Você havia perguntado: *“e como eu saberei, como o reconhecerei?”*, não foi mesmo?

— E qual foi a resposta? Não foi: *“no tempo certo ele te encontrará”*?

Disraeli caiu de joelhos. *Deus, o Messias!*

— Levante-se — disse o Núncio, ajudando-o a recompor-se —, eu sou apenas o mensageiro. Sou um simples servo como você!

— Mas como? — disse Disraeli, tentando compreender —, você não é judeu?

O Núncio sorriu.

— É verdade, eu não sou judeu. Mas não está escrito que o reino do Messias será estabelecido acima de todos os reinos e todas as nações?

— Por Abraão! — exclamou o rabino, isso quer dizer...

— Sim — interrompeu-o o Núncio —, um rei universal, estabelecido sobre um trono que abrangerá toda a Terra.

— Mas o Messias das Escrituras, será da descendência de Davi —

disse Disraeli como se estivesse falando consigo mesmo.

— Sim, ele é da descendência de Davi. E seu reinado será firmado a partir de Jerusalém de onde abrangerá toda a Terra.

273

— Eu preciso de uma prova — disse o rabino —, eu preciso de algo que comprove que o seu mestre é mesmo o Messias que eu estou esperando.

— Uma prova? — perguntou o Núncio em meio a um sorriso.

— Sim, uma prova que mostre que ele é descendente do rei Davi.

C A P Í T U L O 1 3 3

Acompanhada por Mellina e Hamilton Campbell, Lady Catherine estava agora diante da magnífica Basílica de São Marcos. Construída na forma de uma cruz grega, a basílica é encimada por cinco cúpulas que se assentam cada uma sobre uma de suas alas. Já na entrada, constituída também por cinco portões ricamente trabalhados, observa-se a beleza de esculturas e mosaicos que contribuem ainda mais para a suntuosidade do maravilhoso

ambiente.

— O que é aquilo? — perguntou a jovem quando já se encontravam dentro da igreja.

Lady Catherine voltou-se para a esquerda.

— É um mosaico, minha filha! É conhecido como a Trasladação do Corpo de São Marcos para a Igreja, levou mais de dez anos para ser construído.

— O corpo do apóstolo Marcos está nesta igreja?

— Sim, ele foi trazido para cá, e hoje se encontra em um sarcófago situado sobre o altar.

Os olhos de Mellina voltaram-se para a cúpula onde um mosaico reproduzia cenas da criação do homem.

— Lady Catherine, olhe! — disse a jovem apontando para o alto —, isto não é maravilhoso?

— É realmente magnífico — respondeu uma voz grave que rapidamente se juntou a eles.

Todos voltaram-se para ver quem se aproximara do grupo.

— Eminência! — disse Lady Catherine, surpresa ao ver o Cardeal Vincenzo Sforza junto do grupo.

— Lady Catherine! — cumprimentou Sforza.

274

— Confesso que não esperava encontrá-lo tão rapidamente — disse a velha.

— Bem — respondeu o Cardeal —, quando meu secretário informou-me que uma *lady* inglesa chamada Catherine Raidech queria uma audiência comigo, imediatamente lembrei-me de que ela já havia sido recebida pelo Secretário Geral do Vaticano. Então percebi que não poderia deixar que o Cardeal

Giuliano Colona fosse reconhecido como melhor anfitrião do que eu — brincou Sforza.

— Eu estou encantada — respondeu a velha.

— Pois eu é que me sinto lisongeadado — respondeu o Cardeal de forma galante e sutil —, em receber a visita de uma senhora e seus amigos cuja importância lhes dá acesso ao próprio Vaticano. Eu temo não corresponder, não estar à altura de meu ilustre predecessor.

— Vossa Eminência, se fosse inglês, seria um verdadeiro *lord* — desmanchou-se a velha.

— Estou inteiramente à vossa disposição, em que realmente eu poderia servi-los? — perguntou o Cardeal enquanto com os olhos perspicazes passava pelos três visitantes.

A velha, por um instante, ficou nervosa, pois lhe ocorreu que não havia pensado nisso, tinha achado que haveria tempo para encontrar algum pretexto enquanto aguardasse pela audiência na sala de espera.

Mellina percebeu a situação.

— Olhem, o que significa aquilo ali? — disse apontando para um losango branco incrustado em meio a uma laje avermelhada.

Todos voltaram-se para olhar o que a jovem apontava.

— Isso que você está vendo é um símbolo, minha jovem — respondeu o Cardeal.

— Um símbolo? — perguntou Mellina curiosa —, um símbolo de quê?

— Isto simboliza a supremacia do poder espiritual sobre o secular.

Este losango branco marca exatamente o lugar onde, em 1177 o imperador alemão Frederico Barba Ruiva ajoelhou-se diante do Papa Alexandre III.

— É impressionante, esse local transpira a história — observou Hamilton

Campbell.

— Sim — confirmou o Cardeal —, mas isso posso dizer de Veneza inteira.

275

— A Ponte do Rialto — citou Lady Catherine, o Palácio dos Doges...

— Exatamente — confirmou Sforza. — Cada local com suas peculiaridades, suas passagens e acontecimentos.

— Pois bem — disse Lady Catherine —, é exatamente por isso que estamos aqui. Eu gostaria de sua autorização para que pudéssemos retratar a história que há dentro dessa catedral em nossa revista cultural.

— Ah, sim! Que outro motivo poderia ser — disse o Cardeal sacudindo a cabeça —, se me lembro bem, esse era o motivo de vossa visita ao Cardeal Colona no Vaticano.

— Sim — confirmou a velha aliviada.

— E, a propósito, como ficou aquele trabalho? Já saiu em sua revista?

Mellina olhou para a velha.

— Não, o editor-chefe de minha revista achou que deveríamos fazer uma cobertura completa abrangendo não só o Vaticano, como também as catedrais das mais importantes cidades italianas: Veneza, Milão...

— Pelo que sei, sua revista era especializada em arqueologia. A senhora está agora pesquisando arte sacra?

Por um momento Lady Catherine ficou a encarar os olhos negros do Cardeal, depois respondeu.

— Sim, a proposta da revista da Fundação Raidech inicialmente era a pesquisa arqueológica, isto em razão dos trabalhos desenvolvidos por meu avô. Foi uma forma que ele encontrou para divulgar a cultura das civilizações antigas, não somente a do Egito, mas também investigando a cultura suméria,

no crescente fértil, os povos pré-helênicos como a civilização de Tróia.

— Isso me parece importantíssimo — disse o Cardeal.

— Muito importante, eu concordo, mas eu achei que deveríamos ir além. Convenci meu editor de que deveríamos diversificar nossas pesquisas sobre o mundo da cultura. E um universo que sempre despertou meu interesse é o mundo da religião.

— Um mundo muito interessante, tenha certeza — afirmou Sforza.

— Eu tenho convicção disso, Eminência. A religião permeia a vida do homem muito antes mesmo da existência de civilizações que meu avô investigava. É um universo cheio de mistérios e segredos, alguns deles perdidos, outros, ocultos do conhecimento de profanos, somente conhecidos por iniciados.

276

— Talvez, Lady Catherine, talvez — disse o Cardeal como se falasse a si mesmo.

— Como assim? Eu não estou compreendendo — disse a velha tentando interpretar as palavras de Sforza.

O Cardeal levantou uma de suas mãos estendendo-a em direção às paredes da Basílica.

— Olhe por si mesma, Lady Catherine. Talvez esses mistérios aos quais a senhora se refere não sejam assim tão insondáveis. Olhe para essas paredes, esses mosaicos, olhe enfim, para a arte que se desenvolveu ao longo dos séculos. Não seria possível que encontrássemos esses segredos, supostamente insondáveis, nas artes? O que é a arte, senão o desejo do homem em eternizar-se, e de que forma ele faria isso, senão esculpindo na pedra, escrevendo em papel ou reproduzindo numa tela a óleo, de forma velada, os seus mais recônditos segredos?

— Confesso que nunca percebi a arte sob esse prisma, Eminência.

— Pois procure perceber — disse Sforza demonstrando afeição. —

Todos os segredos dos homens, estão aí expostos procurando almas com sensibilidade bastante para compreendê-los.

— Suas palavras são magníficas, Eminência — afirmou Campbell.

— Obrigado, Padre. Agora eu ficaria realmente lisongeadado se soubesse que minhas palavras despertaram vocês para essa profunda realidade.

— A arte revela os mistérios dos homens? — perguntou Mellina, que até então estava em silêncio.

— Sim, minha jovem — disse o Cardeal sorrindo para Mellina —, e isso não se trata de retórica. Assim como a natureza encerra e demonstra alguns mistérios e segredos de Deus, a arte revela os segredos dos homens.

Eu posso provar. Diga-me qual deles você quer conhecer primeiro?

— Como assim?

— Você quer conhecer primeiro um segredo de homens ou de Deus?

A jovem pensou rapidamente.

— Um segredo de Deus então... Mas realmente é possível conhecer um segredo de Deus?

— Sim, é possível, mas apenas aqueles segredos que Ele mesmo quer que revelemos.

277

— Existem, então segredos que Deus não quer que tenhamos conhecimento?

— Não, não existe esse tipo de segredo — respondeu o Cardeal.

— Isso é confuso — admitiu Lady Catherine —, se o senhor reconhece a existência de segredos que Deus quer que conheçamos, por lógica deve

admitir a existência de segredos que ele não quer que conheçamos!

— À luz da lógica essa minha afirmativa realmente parece contraditória — afirmou Sforza.

— Sim — afirmou a velha — é contraditória.

— Mas não é.

— Não é?

— Não, não é. Primeiro que para uma apreciação lógica deveríamos confrontar duas grandezas equivalentes, o que não é o caso; permanecer nessa sua premissa significa querer equiparar uma natureza finita a do homem, com a natureza absoluta de Deus.

— Eu não compreendo.

— É simples! O que eu quero dizer é que Deus, embora revelado, não pode ser compreendido nem medido pelas ferramentas do intelecto humano. Pois sendo finito, o ser humano não pode mensurar o infinito, Deus. O conteúdo não pode conter o continente. O oceano não cabe em uma gota, mas uma gota cabe no oceano.

Mellina interferiu:

— O senhor quer dizer então que os segredos de Deus, que Ele quer revelar, Ele o quer revelar porque estão a um nível de compreensão possí-

vel de serem apreendidos pela mente humana?

— Exatamente isso — sorriu o Cardeal.

— E que os demais segredos de Deus não são possíveis de serem revelados, não porque Deus não queira que o homem venha a conhecê-

los, mas sim, que pela própria natureza finita do homem, é impossível que deles tenha conhecimento.

— Brilhante, minha jovem, simplesmente brilhante! Eu nunca conheci uma jovem na sua idade com tamanha inteligência e sensibilidade

— entusiasmou-se o Cardeal.

— Mellina é especial, Eminência — disse a velha abraçando-se à jovem.

278

— Sim, eu tenho que concordar.

— Mas o senhor ainda está em dívida — brincou Mellina —, qual é o segredo de Deus que vai nos contar?

C A P Í T U L O 1 3 4

A velha, com as mãos ocupadas pelos utensílios de limpeza e mantendo um frágil equilíbrio, afastou com a perna o enferrujado portão que lhe obstruía a passagem. Quinzenalmente ela fazia a faxina naquela pequena casa nos subúrbios de Pádua. Porém, um certo receio tomava conta de seu espírito quando entrava naquele humilde ambiente. Não fazia muito que por descuido, quando estava espanando o pó, deixara um grosso volume cair da estante. O livro abriu-se a seus pés e algumas gravuras demoníacas saltaram à sua vista. Uma vizinha lhe dissera que o morador, um silencioso frade francês, lidava com espíritos. Ela raramente o via. Quando chegava, a chave da porta dos fundos estava oculta sob um vaso.

Antes que se voltasse para pegar a chave, percebeu que a porta não estava trancada. Não estranhou, pois em outras duas ocasiões já o encontrara meditando, debruçado sobre um daqueles livros sinistros.

Porém, ao entrar na casa, ela percebeu que alguma coisa estava errada, os móveis estavam revirados. Os livros que ela procurava evitar estavam espalhados pelo chão. O medo, no entanto, foi vencido pela curiosidade e, armada com uma vasoura, entrou na casa. Ao chegar na porta do quarto percebeu que o frade estava caído de bruços e que em volta dele havia uma poça de sangue. Rapidamente então procurou ajudá-lo, mas ao virá-lo, sua face foi tomada pelo pavor.

O policial sentiu náuseas diante da cena macabra. O homem havia sido horivelmente torturado: a face se mostrava repleta de hematomas, os dedos estavam dilacerados e o peito apresentava profundos sulcos produzidos por um instrumento perfurante. Parecia que alguém tentara obter 279

à força alguma informação. “Que segredo oculto por aquele humilde frade poderia despertar tamanha violência?” O sangue já estava coagulado formando uma superfície lisa e avermelhada. Em meio àquela superfície carmesim o policial notou alguma coisa rugosa salpicada de sangue. Com o dedo enluvado limpou rapidamente aquela superfície, percebendo então o que era aquela protuberância: uma moeda de prata.

C A P Í T U L O 1 3 5

Um romano, realmente inacreditável! O exame de DNA comprovara aquilo que o Núncio lhe havia afirmado. Por um momento Disraeli tentou pensar em todas as possíveis repercussões, no entanto ele mesmo sabia que a situação era extremamente complexa para ser compreendida por um simples mortal. Só mesmo Deus poderia fazer o que estava para acontecer. O Império Romano destruíra não só o templo de Jerusalém, mas também as antigas esperanças de um grande Israel. Agora, por obra da mão divina, a filha da casa de Davi renasceria cheia de glória e vigor possuindo sob seu inteiro domínio o trono de seu adversário.

“*Descendente de Jesus!*”, foi o que o Núncio lhe dissera. A princípio, Disraeli não havia aceitado, mas o Núncio convencera-o de que essa seria a melhor forma de convencer o mundo cristão de aceitar ao Messias. “*Embora isso seja uma farsa, é uma farsa que servirá a nossos propósitos*”, dissera ele.

“*Isso realmente não importa*”, pensou Disraeli, o Núncio estava certo. O importante é que o Messias governe todas as nações, não importa que muitos pensem que ele seja descendente de Jesus, o importante é que ele conquiste o trono de Pedro, e a partir dele, o mundo.

C A P Í T U L O 1 3 6

— Você — disse o cardeal apontando para Mellina. — Você é uma

contundente revelação de um segredo de Deus!

280

— Eu? — surpreendeu-se a jovem —, mas como?

— És uma moça de grande beleza, minha jovem! Acredito que tenha uma multidão de admiradores na faculdade.

Mellina enrubesceu ante a afirmação do Primaz de Veneza.

— Isso diz tudo — sorriu o Cardeal. — Pois bem, você saberia qual a razão porque atraí essa multidão de admiradores?

Mellina enrubesceu ainda mais.

O Cardeal então prosseguiu:

— Existem na filosofia duas correntes de pensamento opostas entre si: a escola racionalista e a empirista. A primeira possui figuras de peso entre seus defensores, como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Esta corrente menciona que o belo, ao contrário do que defendem os empiristas cujas teorias vieram a dar origem ao que se convencionou chamar de “Arte Moderna”, é uma característica própria de um determinado ser; isto é, a beleza não está nos olhos de quem vê, mas reside no ser, objeto desse olhar. O que essa escola racionalista nos diz é que a beleza é um valor absoluto, o que é belo é, independentemente de um juízo de valor externo. Só há duas alternativas para alguém que ao belo diz que é feio: ou propõe o inverso, ao feio chama belo, ou está mal intencionado, ou então não tem refinamento de espírito suficiente para sua apreciação.

— Isso é interessante, Eminência, mas qual a relação com o segredo de Deus? — perguntou a velha visivelmente curiosa.

— Chegaremos lá, Lady Catherine, essas considerações preliminares são importantes.

A velha esboçou um leve sorriso, como se estivesse se desculpando pela interrupção.

— Continuemos então — disse o Cardeal. — Pois bem, acredito que depois dessa breve introdução, eu não precise dizer que essa corrente fi lo-sófi ca racionalista está em conformidade com a fé cristã. A beleza, embora possa existir em maior ou menor grau em um determinado ser, será sempre um valor absoluto. No caso de Mellina, existe uma maior intensidade, um percentual maior de beleza.

— Intensidade?! Percentual?! O senhor está querendo dizer que a beleza pode ser reduzida a números? — perguntou Mellina.

281

Exatamente, minha jovem, números! E é aqui que eu chego ao segredo de Deus, revelado por intermédio da natureza. Você conhece o número de ouro?

— Número de ouro?

— Sim — prosseguiu o Cardeal —, o número de ouro, o número preferido por Deus, o número com o qual Ele fez o Universo: 1,618.

— 1,618, o número com o qual Deus fez o Universo? — Confesso que não estou compreendendo — afirmou Campbell.

— Se vocês consultarem a Vulgata de São Jerônimo, verão que no livro de Sabedoria está escrito que “Deus fez tudo com medida, número e peso”. Ou seja, em todas as coisas criadas existe uma proporção e uma ordem que redundam de um equilíbrio perfeito. Ora, a razão que leva Mellina a ter uma multidão de admiradores na universidade é exatamente esta: suas medidas possuem uma graciosidade expressa em números: altura, cintura, busto, tudo em uma harmonia perfeita, tudo obedecendo a uma proporção matemática eleita por Deus com a regra ou régua com a qual Ele mensura o Universo: 1,618. Se você, Mellina, pegar uma fita métrica e procurar a razão entre a altura de seu rosto e a medida do queixo até a base do nariz, encontrará o número 1,618. Se por meio de um microscópio examinarmos um cristal de gelo, verificaremos que ele possui uma proporção: 1,618. Enfim, todas as coisas criadas obedecem a essa magnífica -

ca proporção, o número de ouro.

— Isso é realmente fabuloso! — exclamou Lady Catherine impressionada.

— Este é um dos segredos de Deus — continuou o Cardeal —, revelado ao conhecimento humano pela natureza, para que os homens, por intermédio da perfeição das coisas criadas, possam reconhecer e adorar ao Criador conforme diz o livro de Sabedoria: “Pela grandeza e formosura da criatura se pode visivelmente chegar ao conhecimento do criador”.

— É o que nos diz também o apóstolo Paulo no Capítulo Um, em sua epístola aos Romanos — acrescentou Mellina: *“porque as coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fi quem inescusáveis”*.

282

— Perfeito, minha jovem! — disse Sforza maravilhado —, você de-mostrou conhecer bem o propósito divino. Deus quis que todas as coisas criadas apontassem para Ele, o Criador, de tal forma que o homem não tivesse desculpas para negar a sua existência.

— No entanto muitos negam a existência do Criador, e outros, se não negam, vivem em uma apática indiferença — interveio a velha. Como o senhor explica isso?

Vicenzo Sforza sorriu.

— Vejo que devo revelar-lhes um outro segredo.

C A P Í T U L O 1 3 7

— Este é um ponto fundamental — disse Sforza voltando-se para Lady Catherine —, talvez não exista nada mais importante para o homem do que isto: investigar a razão de sua existência, esquadrihar o propósito de seus setenta ou oitenta anos sobre a face da Terra. Não obstante isso, como a senhora mesma disse, a maior parte da população deste nosso mundo vive em

uma completa indiferença. Vocês saberiam me dizer por que as coisas são assim?

Lady Catherine e Hamilton Campbell entreolharam-se.

Sforza então continuou:

— Vocês nunca se perguntaram por que razão ninguém fala do inferno?

— Falar do inferno? — a testa da velha enrugou-se.

— Sim, falar do inferno — prosseguiu o Cardeal —, falar do céu, enfim, por que razão ninguém parece se preocupar com o que acontece conosco depois da morte? Na minha ótica essa seria a mais importante das questões, afinal aqui vive-se tão pouco, mas, e depois, o que significa a eternidade?

— Sim — respondeu Campbell —, como padre eu já me fiz essa pergunta.

— E aí, Padre — perguntou Sforza —, o senhor descobriu a resposta?

Campbell sacudiu levemente a cabeça em negativa.

283

— Pois bem, então eu vou responder-lhes, e para isso terei que revelar-lhes um segredo dos homens.

C A P Í T U L O 1 3 8

— Paolo, o que é isso — perguntou Scaliari observando o envelope lacrado em cima de sua mesa.

— Não sei, Capitão! Isso chegou há pouco de Roma e é para o senhor. Parece que foi remetido pela polícia de Pádua. Como não estávamos em Roma, a Central reenviou para Veneza.

— Vamos abrir então — disse enquanto abria o envelope retirando algumas fotos.

— Céus! Que coisa horrível! Veja isso, Paolo!

— Parece que este homem foi retalhado!

— Alguém devia estar enfurecido com ele!

— Capitão, veja!

Os olhos de Scaliari correram para a imagem que Paolo tinha em suas mãos

— Uma fotografia ampliada de uma moeda de prata.

Scaliari desligou o telefone e voltou-se para o jovem tenente à sua frente. Ele acabara de falar com o chefe da polícia de Pádua.

— O que ele disse, Capitão?

Um peso parecia estar sobre seus ombros quando seus olhos encontraram o jovem tenente.

— As fotos pertencem a um frade francês e foram tiradas pela polí-

cia técnica. O cadáver foi encontrado pela faxineira hoje de manhã. Parece que estavam procurando algo, pois a casa estava toda revirada.

— Como a polícia de Pádua nos encontrou?

— O policial encarregado do caso lembrou-se do episódio do médico no hospital. Ele acredita que possa haver alguma ligação entre os dois assassinatos.

284

— Essa moeda de prata é uma prova efetiva disso — afirmou o Tenente —, agora o que nos resta é descobrir por quê?

— Isso me parece óbvio, Paolo, se descobrirmos a ligação entre esse frade assassinado e o seqüestro da menina russa, estaremos praticamente na antesala dos responsáveis por tudo isso.

— O senhor acha que estamos tão perto?

— Sim, eu acho que eles cometeram um erro, Paolo!

— Um erro, Capitão?

— Sim, o erro de permitir-nos essa segunda frente de investigação.

Algo me diz que dessa vez eles não escaparão.

C A P Í T U L O 1 3 9

— Como eu disse, a arte é o repositório das experiências e angústias da humanidade. Para conhecermos o homem devemos olhar para a sua arte. Ao contrário da história, que pode sofrer a censura ou mesmo a manipulação conforme o interesse dos poderosos, a produção artística revela de forma fi dedigna todas as vicissitudes por que passou a humanidade.

Basta que tenhamos sensibilidade e erudição para compreendê-la tirando importantíssimas lições.

— O senhor diz então que a arte pode nos revelar alguns segredos, e que seriam segredos de homens — interveio Campbell —, mas qual a natureza desses segredos?

— Veja bem, Padre, se o senhor olhar para grandes catedrais como Notre Dame, Chartres, verá que elas são a expressão máxima de um momento histórico; suas linhas sóbrias e elegantes apontam para o alto, e em um verticalismo grandioso, procuram despertar os homens para Deus. Foram construídas em uma época na qual a preocupação com o destino eterno da alma ocupava um espaço importante em todas as mentes.

— Isso parece bem retratado pelo cinema — interferiu Mellina.

— Sim — confi rmou Lady Catherine —, pela literatura também. Eu li um livro de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*...

— O *Nome da Rosa*?... — a face de Vincenzo Sforza deixou transparecer uma certa aversão.

— O que há com *O Nome da Rosa*, Eminência? — perguntou Mellina percebendo a situação.

— É um livro, cuja verdadeira mensagem não é aquela compreendida em uma primeira interpretação — respondeu Sforza enigmático.

— Pois bem — continuou o Cardeal. — Após esse período a arte passou por uma verdadeira revolução, seguindo-se o Renascimento, em que as esculturas, antes sóbrias e recatadas, agora mostravam o nu e a sensualidade. Conforme o nome já diz, o Renascimento foi uma tentativa promovida por grupos de artistas, sábios e místicos que procuraram conduzir por meio da arte, a civilização ocidental de volta à cultura hedonista do período helenista.

— O senhor disse sábios e místicos? — interrogou a velha com uma certa estranheza.

— Sim, se voltarmos nossa atenção para uma literatura mais aprofundada e criteriosa sobre os acontecimentos da história da arte, veremos que esta não é simplesmente a procura de um prazer estético, de uma satisfação da alma ao encontrar a beleza. A arte, antes de tudo, é uma expressão e uma forma de transmissão de ideologia. O próprio Platão, no livro *República*, reafirma isso. Quando se referia à arte da música, dizia que toda inovação musical é cheia de perigos para a pólis, e que não era possível alterar os modos musicais sem que as leis que regem um Estado também não fossem alteradas.

— Platão disse isso? — questionou a velha.

— E disse ainda mais! Também está na *República*: “*não devemos admitir que os guardiões de nossa cidade cresçam rodeados por imagens de depravação moral, alimentando-se de uma erva má que tenha nascido aqui e ali, em pequenas quantidades, mas que dia após dia, introduzam, sem se aperceber disso uma enorme fonte de corrupção em suas almas*”.

— Isso é fácil de comprovar, minha senhora, basta ler *A República* —

confi rmou Sforza.

— É realmente muito interessante — disse Mellina atenta.

— Sim — confi rmou Sforza —, interessante... e perigoso. Mas continuemos: o Renascimento fez com que os homens deixassem de olhar 286

para o alto e voltassem seus olhos para as coisas da terra. O belo, que tinha por objetivo elevar os homens a Deus, perdendo esse signifi cado, agora passa a ser um elemento de sedução, de condução a todos para o deleite dos prazeres da existência. As estátuas, antes serenas, agora passam a ser retratadas com uma exploração da sensualidade; o que era sublime e buscava conduzir os homens a Deus, agora retratam a alegria material e o prazer da contemplação da forma física. A arte já não busca a Deus, mas exalta o homem. Deus é deixado de lado, e o homem passa a ser a medida de todas as coisas. O homem foi colocado no lugar de Deus. Desviando o foco das coisas espirituais, a arte renascentista procurou divisar o homem.

O homem virtuoso já não era aquele que se conduzia pelas regras da moral cristã, mas sim o que possuísse talentos naturais como beleza, força ou simples sagacidade. Benevenuto Cellini era um assassino, no entanto, o próprio papa na época declarou-o acima da lei, em razão de sua extraordinária fecundidade artística. Com a supressão das coisas espirituais no Renascimento, este vazio foi preenchido por uma postura materialista, em que a arte procurava o estabelecimento de um mundo de harmonia e beleza baseadas na racionalidade.

— Beleza e racionalidade, dois ícones da civilização ocidental —

afi rmou Campbell.

— Beleza, sim; racionalidade, nem tanto — respondeu Sforza.

— Avancemos agora, a passos largos através do tempo e chegaremos ao Romantismo. E aí paremos para examiná-lo mais detidamente. Eu posso afirmar que o mundo ocidental, tal como o conhecemos hoje, deve sua identidade ao Romantismo. Se no Renascimento o homem se divorciara da beleza de Deus, tema da pregação do gótico, e divinizara a razão, com ela

pretendendo construir o paraíso na Terra, no Romantismo, embora ainda perdurasse o ideal de beleza, esta não estaria mais associada com a razão, mas sim com a subjetividade do artista. O belo, para o romântico, não tinha nada a ver com objetividade e racionalidade, mas sim com o sentimento, com o sonho. O romântico se afastava do mundo concreto, ou seja, da razão, e mergulhava em sua própria subjetividade.

— Isso me faz lembrar o que o senhor disse dos racionalistas *versus* empiristas — afirmou Campbell.

287

— Veja como as coisas estão relacionadas — sorriu Sforza. Agora no Romantismo a beleza já não estava subordinada nem à moral (Deus), nem à razão (lógica).

— Isso é realmente muito interessante — reafirmou Lady Catherine.

— Mas nós ainda não terminamos, minha senhora — disse Sforza.

Como vimos, a arte, que para os ingênuos visa apenas despertar o homem para o belo, é muito mais do que isso, é um poderosíssimo instrumento de poder e de transformação social.

— O senhor está dizendo que há uma conspiração na arte? — perguntou Campbell.

— Eu não estou dizendo, Padre, eu estou demonstrando. Mas continuemos... Cheguemos agora à Modernidade. O que caracteriza a Arte Moderna?

— Eu confesso que me sinto perplexa olhando um quadro modernista — afirmou Mellina. — Aquelas linhas retas, aqueles rabiscos... Para mim nada significa, não entendo como alguém pode pagar milhões por um quadro desses.

— Fico feliz que você tenha sido sincera, minha jovem. Pode ter certeza de que não são poucas as pessoas que pensam a mesma coisa. Só que todos têm vergonha de admitir que o rei está nu.

Mellina sorriu perante a aprovação do Cardeal.

— Pois bem — continuou Sforza —, a Arte Moderna foi a coroação da estupidez humana. Com o Renascimento, a arte afastou-se de Deus; com o Romantismo, afastou-se da razão, e finalmente agora, na atualidade, o quadro foi completado, com a arte definitivamente afastando-se da própria beleza.

— E isso foi fruto de uma conspiração? — Campbell estava impressionado.

— Uma conspiração cuja dimensão vocês não teriam condições de aquilatar. Mas deixarei que o senhor mesmo tire suas conclusões, Padre.

Agora continuemos: acredito não ser preciso dizer que o demonstrado aqui não se refere apenas à arte, mas que esta serve como um termômetro para mostrar as alterações ideológicas que foram operadas através dos tempos. Acontecimentos políticos e econômicos também foram trabalhados para que chegássemos até a civilização que conhecemos hoje.

288

— Isso é inacreditável! — exclamou a velha, com uma expressão de quem parecia desconhecer totalmente aquele assunto.

— Eu sei que à primeira vista isso realmente parece um absurdo

— continuou Sforza —, mas os fatos falam por si, estão aí ao alcance de todos, basta vê-los.

— O que o senhor disse a respeito de Platão e da crença desse fi -

lósofo sobre a influência da música nos costumes dos povos parece que tem uma prova irrefutável — o surgimento do *rock* e a revolução cultural surgida nos anos sessenta — afirmou Mellina.

— Isto é uma prova, minha jovem, agora existem muitas outras. Mas continuemos: há pouco eu falei da disputa filosófica entre racionalistas e empiristas. Disse que os racionalistas acreditavam que o belo era uma característica própria de um determinado ser, ao contrário dos empiristas, que

acreditam que a beleza está no olhar de quem vê. Pois bem, essas mesmas correntes filosóficas conflitam também em um outro ponto bem mais crucial para a filosofia.

— Pelo visto é um conflito e tanto — observou a jovem.

— Sim, é um gigantesco embate no campo das idéias, mas com reflexos para a própria vida humana, Mellina. Elas conflitam também sobre a natureza da verdade.

— Sobre a natureza da verdade?

— Exatamente. Assim como para os racionalistas o belo possui um critério objetivo para sua apreciação, a verdade deve ser buscada de forma objetiva. Ao contrário, os empiristas não se preocupam com a existência de uma verdade objetiva ficando assim a questão da verdade a critério da subjetividade de cada um.

— Eu estou meio confusa — confessou a velha —, qual é a importância de tudo isso?

— É de uma importância vital, Lady Catherine — respondeu o Cardeal. Primeiro, porque o mundo em que vivemos é dominado pelos princípios do pensamento empirista. O pensamento contemporâneo deve muito a homens como Bacon, Hobbes, Locke e Hume, formadores de

uma mentalidade positivista e pragmática que dita o modo de pensar da civilização ocidental.

— Muito bem, Eminência! Eu concordo com o senhor, mas onde se encaixa nisso tudo o segredo dos homens que o senhor falou? — perguntou Lady Catherine.

— Fico feliz que a senhora concorde, Lady Catherine, mas antes de revelar o grande segredo dos homens, se fez necessária essa pequena introdução para facilitar a compreensão do próprio segredo e suas implicações para a história do homem sobre a face da Terra.

— Este segredo é tão importante assim? — espantou-se Mellina.

— Sim, minha jovem, talvez não exista nada mais importante para a civilização ocidental do que a revelação deste segredo.

— Mas se é assim, e ele é de suma importância, por que razão ele não é revelado? Que interesses ocultos impedem sua revelação?

Sforza sorriu.

— Para responder a essa sua pergunta eu vou fazer-lhe outra. Quando você estava na escola, o que lhe dizia a professora sobre a Idade Média?

— Ela dizia que era a “idade das trevas” — prontamente respondeu a jovem.

— Muito bem — disse o Cardeal —, e quando as aulas eram sobre a descoberta da América, o que a professora dizia sobre o temor que sentiam os navegadores?

— Pelo que aprendi, o temor era de caírem num grande abismo ao chegarem no fim do mundo, pois para o conhecimento da época a Terra era plana.

— Muito bem minha jovem — disse Sforza satisfeito. — Agora o que você diria, se eu lhe disser que tudo isso é falso?

— Falso? Como assim falso? — espantou-se a jovem.

— Exatamente isso que você ouviu, falso, lorotas, história da caro-chinha, fábulas para adultos. Isso que você, e não só você, mas todos os estudantes do mundo ocidental aprendem é uma gigantesca mentira!

Sforza sorriu por um momento saboreando a estupefação que tomara conta de todos.

— E eu posso provar — continuou o Cardeal —, se olharem para algumas representações de Carlos Magno, o maior dos reis francos; ou do imperador

Otão III, que esteve sobre o Sacro Império no período de 983-1002, poderão

observar que ambos seguram em uma das mãos o globo terrestre.

— Isso é incrível! — afirmou Mellina.

— Vejam o que nos diz Dante, em *A Divina Comédia*, escrita quase duzentos anos antes da primeira viagem à América:

“Col Viso ritornai per tutte quante le sete sfere, e vidi questo globo tal ch’io sorrisi del suo vil sembiante.”

— Se isso não for suficiente para provar que na Idade Média, ao contrário do que é propagado nas escolas, havia conhecimento da forma redonda da Terra, voltemos nossos olhos para a Suma Teológica de São Tomás de Aquino, onde em suas páginas o maior gênio daquele período menciona essa mesma esfericidade.

— Ou então — continuou o Cardeal —, voltemos para o estudo dos gregos, anteriores à própria Idade Média, quando Aristóteles ao examinar a sombra que nosso planeta provocava sobre a Lua, provou a curvatura da Terra.

Ora, é impossível que os sábios da Idade Média desconhecassem isso, pois o pensamento medieval foi construído basicamente sobre Platão e Aristóteles.

— É surpreendente — afirmou Campbell.

— E como argumento final, minha jovem, para você, que é estudante de teologia, eu comprovo pela Bíblia que na Idade Média havia o conhecimento da esfericidade da Terra.

— Pela Bíblia? — perguntou a jovem curiosa.

— Exatamente — respondeu Sforza —, veja o que nos diz Isaías no Capítulo 40:22:

“Ele é o que está assentado sobre o globo da Terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos.”

— Como seria possível que na Idade Média, tão religiosa, fosse desconsiderada esta passagem da Bíblia?

— Mas, Eminência, isso é um completo absurdo — afirmou a velha —, parece mesmo irreal! Como isso foi ocultado de nós, de nossos jovens?

Qual o propósito desse erro sistemático nas escolas e universidades?

Sforza olhava-os, contemplando a grande curiosidade que havia despertado.

— Voltemos ao segredo, ao final vocês compreenderão o propósito secreto que há em tudo isso — disse por fim.

291

— Então a razão dessa fraude homérica está ligada com esse segredo? — questionou Campbell.

— Sim, Padre, o senhor verá agora que essa não é a única fraude!

Existe outra ainda maior, ambas ligadas ao grande segredo.

— E isso é possível? — questionou a velha.

C A P Í T U L O 1 4 0

O policial afastou a faixa de isolamento para que os dois oficiais da polícia de Roma pudessem entrar na casa. Nada fora tocado, tudo permanecia da mesma forma como encontrado quando da descoberta do corpo.

Paolo deteve-se a examinar os livros espalhados pelo chão. Um calafrio percorreu sua espinha ao observar uma das gravuras que saltavam à vista, oriunda de um dos livros abertos: era uma gigantesca figura demoníaca metade homem, metade dragão.

— Foi exatamente aqui que encontraram o corpo — disse o policial que os acompanhava, mostrando um desenho de giz reproduzindo o corpo da vítima.

Scaliari passou os olhos pelo desenho, depois analisou demoradamente todo o ambiente. Era um quarto simples, poucos móveis, um roupeiro, uma cama e uma mesinha, cuja gaveta estava jogada num canto.

Abriu o roupeiro, e viu que estava vazio, pois as roupas tinham sido arrancadas e estavam agora jogadas no chão. Scaliari percebeu que seus bolsos tinham sido vasculhados.

“O que eles poderiam estar procurando?”

Os olhos do oficial vasculhavam cada detalhe. Abaixou-se recolhendo um porta-retrato no qual via-se um seminarista com um velho sacerdote ao lado. Scaliari notou a data no canto da foto: maio de 1968.

— Ele tem algum familiar aqui em Pádua? — perguntou Scaliari.

— Ele era um religioso francês, senhor — respondeu o policial.

— Um religioso francês? O que um religioso francês estaria fazendo aqui na Itália, onde já temos tantos padres?

— Pelo que sei, ele tinha um dom muito especial.

292

Scaliari virou-se prestando mais atenção ao policial

— Dizem que ele era exorcista.

— Senhor — disse Paolo entrando no quarto —, veja o que eu encontrei!

— O que é isto? — perguntou Scaliari ao ver a pequena folha de papel.

— São alguns apontamentos, semelhantes a um guia de estudos.

— Um guia de estudos? Mas o que isso tem haver com este caso?

— Veja o senhor mesmo — disse o tenente entregando-lhe a folha anotada a lápis.

Havia uma série de versículos bíblicos ligados por setas a nomes que Scaliari nunca tinha visto: Samael, Abadom, Apoliom, datas que antecederiam ao começo da Era Cristã passando por várias outras datas importantes, como

1789 – Revolução Francesa; 1914 – Revolução Russa; Unificação Européia, e ao final, como convergência de tudo isso no meio de um círculo em letras vermelhas estava a palavra anticristo.

Scaliari levantou os olhos fixando-os em Paolo.

— Onde é que isto aqui estava?

— Eu encontrei em meio a um dos livros no chão.

— Isso é muito interessante, Paolo! Veja, ao que parece este padre andou investigando o que não devia: União Européia, anticristo...

— Será possível que este padre tenha descoberto o plano dos Filhos de Set?

— A moeda de prata estava junto ao corpo, além disso, estes apontamentos revelam várias datas importantes convergindo para o anticristo. É

bem provável que ele tenha sido morto por descobrir o que não devia.

— Mas como chegou ao conhecimento dos Filhos de Set que um modesto padre interiorano veio a descobrir o maior de seus segredos?

— Isto é fácil de responder, Paolo. Se você estivesse no lugar dele e descobrisse um plano terrível que poderia modificar todas as estruturas da civilização ocidental com a implantação do reino do anticristo, o que você faria?

293

— Eu trataria de avisar meus superiores.

— Certo, Paolo, este homem morreu exatamente por isso. Ele deu conhecimento de sua pavorosa descoberta ao homem errado. O que temos que fazer é descobrir verdadeiramente quem é esse homem.

C A P Í T U L O 1 4 1

— Há uma outra fraude ainda maior — tornou a dizer Sforza —, e que tem causado estragos terríveis ao conhecimento da verdade. Uma pseudo teoria científica propagada mundialmente como verdade inquestionável.

— O senhor está se referindo à teoria da evolução? — questionou Mellina.

— Sim, minha jovem, é disso mesmo que estou falando. Acredito que vocês vão ficar chocados se eu lhes disser que essa teoria, juntamente com a campanha intelectual para difamar a Idade Média, faz parte de um plano fantástico para a criação de um novo mundo. Este é o grande segredo. A civilização ocidental, como a conhecemos, não é o resultado de um processo cego, mas de um trabalho cuidadosamente planejado.

— Criação de um novo mundo, como assim, Eminência? — Mellina aparentava estar surpresa.

— Um *Novus Ordo Seclorum* — disse Sforza. Uma Nova Ordem Secular, ou seja, um mundo novo com regras novas, diferente de tudo o que

conhecemos...

— Esta é a frase que está presente na nota de um dólar — observou Campbell.

— Boa observação, Padre, ela está na nota de um dólar como um sinal de que o poderio político-econômico está subordinado a esse plano extraordinário para transformar o mundo. A propósito disso, em de-zembro de 1939 o Papa Pio XII realizou algo nunca antes visto. Em sua radiomensagem de Natal, transcreveu na íntegra uma carta recebida de um presidente norte-americano, Franklin Delano Roosevelt.

— Uma carta de Roosevelt? — E qual era o teor dessa carta?

294

— Aí está um fato curioso, Padre. Nesta carta, já prevendo o resultado da Segunda Guerra Mundial, Roosevelt conclamava Pio XII a unir esforços para o estabelecimento de uma nova era de paz mundial. Segundo a carta, essa Nova Era já estava sendo construída silenciosamente por homens de boa vontade que buscavam, nas palavras do próprio Roosevelt, a luz e a paz.

— Muito interessante — resmungou Campbell.

— Sim, porém mais interessante ainda é se eu lhe disser que a frase *Novus Ordo Seclorum* foi colocada na nota de um dólar por ordem de Roosevelt.

— O senhor acha então que esse plano foi criado por Roosevelt?

— perguntou Mellina.

Sforza sorriu, ante as palavras da jovem.

— Não Mellina, eu não acredito que Roosevelt tenha sido o autor desse plano, por mais poderes que tivesse o presidente americano. Isso foi uma tarefa elaborada através dos séculos. Talvez Roosevelt tenha sido, com o seu plano de restauração econômica, uma peça importante nesse imenso quebra-cabeças.

— O senhor acredita que a economia também esteja subordinada a esse plano? — perguntou a velha.

— Não só a economia, mas também setores da política, áreas da sociedade civil e dos meios de comunicação, da ciência, filosofia, arte etc.

Quanto maior a capacidade de influência sobre o homem moderno, maior a responsabilidade e o comprometimento destes segmentos para o sucesso do plano.

— Mas quem está por trás desse plano mirabolante? — perguntou Campbell.

— No final eu irei responder-lhes, Padre. Por enquanto desejo apenas que compreendam o mecanismo como a Nova Ordem Mundial está sendo implantada.

— Um plano maquiavélico — continuou Sforza —, elaborado na forma de uma revolução silenciosa, com a finalidade de erradicar o

cristianismo do ocidente. E se possível, estabelecer sua influência por toda a Terra.

— O senhor disse na forma de uma revolução silenciosa... Como uma revolução pode ser silenciosa? — perguntou Mellina.

— Essa revolução pode ser chamada de silenciosa na medida em que, ao contrário das grandes revoluções conhecidas — Revolução Francesa e Revolução Russa — visa modificar não a sociedade, mas realizar algo muito mais extraordinário, modificando a forma de pensar do próprio homem.

— E com a modificação do modo de pensar do homem, alterar a própria sociedade — completou a jovem.

— Exatamente, Mellina. Uma modificação lenta, gradual e imperceptível. É nesse contexto que se enquadra a teoria da evolução das espécies.

Para o mundo é vendida a ideia de que a teoria da evolução é uma teoria científica surgida com Darwin. Mas isso não é verdade.

— A teoria da evolução não é uma teoria científica? — questionou Campbell.

— A teoria da evolução é uma tese filosófico-religiosa, Padre — respondeu Sforza —, e remonta a um período em que a ciência propriamente não existia e todos os conhecimentos sobre o mundo tinham profundas conotações religiosas. O que Darwin fez foi vesti-la com uma roupagem de aparência científica. Como ilustração, peguemos o exemplo de alguns filósofos gregos que já pensavam em termos de evolução. Anaximandro (610-546 a.C.), discípulo de Tales de Mileto, acreditava que os primeiros organismos vivos tinham surgido a partir de uma metamorfose: eram o resultado da umidade que envolvia cascas espinhentas. Já Empédocles propôs a teoria em que afirma que os primeiros seres surgiram aos poucos com as partes de seus corpos sendo unidas quando flutuavam em meio a um caldo nutritivo, sendo combinados até formarem um ser perfeito.

— Isso parece engraçado — observou Mellina.

— Seria engraçado se não fosse triste, minha jovem. Se olharmos para os evolucionistas da atualidade, veremos que a proposta deles não é muito diferente, ou seja, acreditam e tentam fazer acreditar que o homem, assim como os animais complexos surgiram há bilhões de anos de um imenso caldo nutritivo.

296

— Mas como isso pode ser considerado científico? — questionou Campbell. O relato bíblico da criação me parece mais inteligente.

— Isto realmente parece ilógico, não? — perguntou Sforza.

— É um completo absurdo. Eu não consigo compreender como isso possa ser considerado “ciência”.

— A resposta à sua questão é muito simples, Padre — afirmou Sforza sorrindo.

— Simples? — questionou Campbell surpreso.

— Sim, extremamente simples — continuou Sforza —, por mais irracional que a teoria da evolução possa ser, os cientistas aceitam-na, porque, segundo eles, “ela é a única que oferece uma explicação naturalista”.

Ou seja, a única que concebe uma explicação materialista que não precisa da interferência divina. Para os homens que controlam o “pensamento científico”, explicar o homem e o Universo a partir de uma inteligência sobrenatural seria uma verdadeira heresia. Segundo eles, seria muito perigoso se Deus entrasse novamente no edifício da ciência.

— ... De onde foi expulso após o término da Idade Média — interferiu a velha.

— Bela percepção, Lady Catherine — respondeu Sforza —, agora compreendem porque a Idade Média tem que ser conhecida como a “apavorante Idade das Trevas”?

— Isso é terrível, Eminência! — exclamou Mellina.

— Sim, é terrível, mas faz parte do plano. Esses mesmos cientistas, ardorosos defensores da evolução, se autodenominam agnósticos. Ou seja, aqueles que entre o crente e o incrédulo, declaram que Deus é uma possibilidade que não pode ser provada.

— É uma posição bastante neutra — observou a velha.

— Aparentemente, sim, mas na verdade é uma tomada de posição de acordo com os propósitos do plano. Ao declararem que Deus não pode ser provado pela ciência, eles estão adotando a máxima da escola empirista, ou seja, “somente aquilo que é percebido pelos sentidos deve ser considerado”. Só a matéria pode ser objeto dos sentidos, conseqüentemente Deus está descartado. A ciência, sufocada pela concepção empirista, colocou Deus para fora, pois sendo o Espírito Criador de todas as coisas, Deus não pode ser confundido com a matéria, ou seja, com a própria criação.

— Mas a Bíblia fala que Deus pode ser conhecido por meio de suas obras! —

observou Mellina atônita. — Veja Eminência, a perfeição de todas as coisas, a complexidade do homem... tudo aponta para Deus.

— Eu concordo com você, Mellina — sorriu Sforza. — Tudo aponta para Deus. A complexidade das coisas, como você mesma disse, comprova a existência de Deus. A razão nos diz que Deus é evidente. Mas...

— Mas... Mas o quê? — perguntou a velha já angustiada.

— A ciência moderna não está edificada sobre a razão, e sim sobre a sensação. É a escola empirista que domina a ciência. A escola racionalista (razão), base da escolástica e do pensamento medieval, foi banida do edifí-

cio da ciência. Somente os sentidos é que são percebidos por eles (matéria) e podem ser objetos da investigação científica.

— É um absurdo!

— É por isso que os cientistas idolatram a matéria. Diante da impossibilidade de explicar certas maravilhas da natureza, já se chegou ao absurdo de se falar em “milagres da evolução”.

— Só Deus faz milagres!

— E eu concordo — continuou o Cardeal —, mas quando Deus é afastado o homem se volta para adorar alguma coisa. No caso dos evolucionistas eles adoram a Darwin. Eu acredito que num futuro não muito distante quando a ciência voltar à racionalidade, ou seja, quando compreender que a verdade não pode ser encontrada apenas no reino das sensações da matéria, e quando a razão fizer com que a ciência aceite a Deus, os homens ao se depararem com o verbeiro evolucionismo, encontrarão no dicionário a seguinte interpretação:

Evolucionismo – movimento filosófico-co-religioso surgido na idade antiga e intensificado nos séculos XIX e XX, cujo profeta maior, Charles Darwin, chegou a ser idolatrado por uma grande parcela de cientistas desse mesmo período.

— Isso seria até cômico, se não fosse tão triste.

— Exato, minha jovem. É algo extremamente triste, disse Sforza.

— Mas e a Igreja, Eminência? — perguntou Campbell —, a Igreja não tem silenciado a esse respeito?

— A Igreja já se manifestou sobre isso, Padre. Basta ver a Encíclica do Papa Pio X: *Pascendi Dominici Gregis*.

298

— Então a Igreja já se manifestou sobre o assunto, mas parece que não surtiu muito efeito — disse a velha.

— Sim, na encíclica o Papa Pio X demonstra o erro dos empiristas, também conhecidos como modernistas, ao colocar a existência de Deus fora da capacidade cognitiva da ciência. Durante a Idade Média, a ciência tinha seus fundamentos no pensamento de Platão e Aristóteles, baluartes do pensamento racionalista. Para Platão, a verdade não poderia ser encontrada no plano físico, ou seja, nas sensações da escola empirista. Mas por meio da razão ela seria encontrada em um plano metafísico. São Tomás de Aquino, o maior sábio da Idade Média, demonstrou que esse plano metafísico seria Deus.

— Essa escola racionalista acabou desaparecendo com a Idade Média? — perguntou a jovem.

— Não, embora atacada furiosamente pelos empiristas, a escola racionalista ainda continuou a existir, porém obscurecida e enfraquecida pela propaganda modernista que nos séculos dezenove e vinte tomou de assalto a fortaleza da razão. Filósofos racionalistas como Leibniz ainda se contrapunham ao empirismo. Quando os empiristas modernistas diziam que nada podia ser encontrado no intelecto sem que antes houvesse passado pelos sentidos, Leibniz contra-atacava: “*Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu; nisi intellectus ipse*”, ou seja, “*nada pode ser encontrado no intelecto que não passe pelos sentidos, a não ser a própria inteligência*” .

— Brilhante esta postura de Leibniz — afirmou Campbell.

— Brilhante, mas insuficiente! Como eu disse, a fortaleza da ciência foi tomada de assalto pela filosofia empirista que acabou por contaminá-la.

Dessa forma, controlada pelo pensamento empirista, a ciência não admite qualquer conhecimento que não seja originado das sensações, desprezando assim a assertiva de Leibniz, de que a inteligência é anterior à própria matéria.

— Isto significa então, que para Leibniz, existe uma inteligência que se sobrepõe à matéria, que lhe dá forma e finalidade?

299

— Sim, Mellina. Para Leibniz existe Deus.

— Um Deus que para a ciência, em razão da influência empirista, está excluído do mundo do conhecimento científico — concluiu a jovem.

— Perfeito, minha jovem, você acabou de descobrir a questão mais angustiante de nosso século. Como a ciência acabou se afastando de Deus!

CAPÍTULO 142

O bispo de Pádua dava a impressão de que tinha visto um fantasma. Sua face estava branca e seus olhos, perturbados. Scaliari não pôde deixar de observar a inquietação que tomara conta do sacerdote.

— Acredito que o senhor saiba o motivo por que estamos aqui —

disse Scaliari.

— Sim, foi uma coisa terrível, eu jamais poderia imaginar algo como isso. Realmente não consigo compreender — disse o bispo aos policiais sentados à sua frente.

— O que o senhor não consegue compreender?

— Esse crime horrível, o assassinato de um frei tão dedicado à obra de Deus.

Scaliari percebeu que o bispo falava a verdade.

— O senhor conhecia este frade há muito tempo?

— Há dois anos. Posso lhe dizer que era um homem de hábitos simples e poucas palavras. Pertencia a uma ordem muito exigente da Igreja, a ordem dos monges de Cister.

— Esta não é uma ordem em que os monges vivem reclusos? — perguntou Scaliari.

— Sim, os monges da ordem de Cister vivem isolados do mundo, passando grande parte de suas vidas enclausurados...

— No entanto ele estava aqui em Pádua.

— Na verdade, Tenente, Jean Marie não pertencia mais à ordem de Cister.

— Ele abandonou a vida monástica?

— Abandonar não seria o termo apropriado.

300

— Não seria apropriado? — perguntou Scaliari com interesse.

— O correto seria dizer que Jean Marie Luquesi foi escolhido para exercer uma importante vocação.

— O senhor quer dizer praticar exorcismo?

— Embora a Igreja tenha se modernizado, isso não significa que ela tenha baixado a guarda em relação a seu grande inimigo. Jean Marie, em razão de sua vida de oração e dedicação às coisas espirituais, foi reconhecido por sacerdotes com atribuições especiais dentro da Igreja, como um guerreiro capacitado para o enfrentamento direto contra as hostes de nosso adversário. E parece que ele tombou em combate.

— Quando fala em inimigo, adversário, o senhor está se referindo ao Diabo?

— Esse é um grande adversário não só da Igreja, mas de toda a espécie humana, Capitão.

— Sim, eu compreendo — confessou Scaliari em um tom de voz que reconhecia nas palavras do bispo uma grande verdade.

Houve um curto silêncio entre todos, até que o bispo emocionado, quebrou-o.

— Foi uma morte horrível, não foi?

— Sim — Scaliari murmurou concordando com a cabeça.

— Mas quem poderia fazer isso a um homem como aquele — perguntou o bispo.

— É o que estamos tentando descobrir, acreditamos que o monge tenha sido vítima de uma sociedade secreta que pratica satanismo.

— Uma sociedade secreta que pratica satanismo? — Scaliari percebeu a perplexidade nos olhos do religioso.

— Somos os responsáveis por um caso de seqüestro de uma menina russa que foi trazida para a Itália. O assassinato desse monge tem características semelhantes.

— Que semelhança pode haver entre um seqüestro e um assassinato?

— Essa menina russa, depois que escapou do cativeiro, estava em um hospital sob nossa proteção quando foi novamente seqüestrada. O

médico dela foi encontrado morto, tendo em sua boca a mesma moeda que encontramos agora com o monge.

— Meu Deus!

— Pelo que vimos a casa foi revirada. Mas o que os ladrões poderiam estar procurando no lar de um homem que fi zera voto de pobreza?

— perguntou Scaliari.

O Capitão percebeu que as mãos do bispo tremiam quando ele apresentou-lhes uma pequena carta.

— Talvez isso possa ajudá-los, Capitão — disse o bispo ainda incerto se aquela sua atitude era a mais correta.

O que é isto? — perguntou Scaliari pegando o envelope enquanto contemplava o angustiado sacerdote.

— Como o Frei Jean Marie estava atuando em um caso de exorcismo em minha jurisdição episcopal, ele era obrigado pela lei canônica a me comunicar todos os episódios estranhos que ocorressem em sua atividade.

A princípio eu acreditei que Jean Marie deveria ser afastado, pois temi por sua sanidade mental...

— Mas agora... — perguntou Scaliari enquanto abria o envelope.

— Agora eu acredito nele. Por favor, Capitão, leia a carta.

C A P Í T U L O 1 4 3

“Senhor bispo, é com um profundo sentimento de temor que, em conformidade com a lei canônica, venho relatar-lhe revelações terrí-

veis que, acredito eu, chegaram até mim, pela misericórdia de Deus.

Peço que medite no conteúdo dessa carta. E juntamente comigo, di-vida o peso dessas revelações. Uma outra carta está sendo enviada ao Vaticano para julgamento por Sua Santidade.

Há duas semanas, ao ser chamado para exercer o ofício que me foi confi ado como ministro da Santa Igreja, deparei-me com algo que abalou-me profundamente.

A entidade estava em uma moça. Uma jovem que, iludida por amigos, decidiu participar de uma sessão de espiritismo. Sendo uma pessoa fraca, o espírito maligno não teve dificuldade em se apossar dela.

Isto é o comum, e essa triste realidade é a razão de ser do meu ministério.

302

O que assombrou-me muito, pois em mais de vinte anos de práticas exorcistas nunca havia me deparado com algo semelhante, foi quanto à manifestação da entidade.

Segui todas as etapas do exorcismo, e quando ordenei-lhe que deixasse a moça, fui surpreendido quando, em vez de resistir por meio de espasmos e convulsões no corpo possuído, a entidade angustiada passou a revelar-me um segredo.

Resisti, pois não devemos dar ouvidos a essas criaturas, comprovada-mente mentirosas.

Mas quando estava prestes a concluir o exorcismo com a expulsão, ela pronunciou as palavras que despertaram minha curiosidade: ”

Um segredo de Lúcifer.”

— Um segredo de Lúcifer? — disse Paolo surpreso olhando para o Capitão.

Scaliari continuou a leitura:

“Por alguma razão misteriosa, contrariando todos os ritos de exorcismo, parei para ouvi-lo.

Foi como se um véu tivesse sido retirado de diante de meus olhos.

Pude então perceber que muitos fatos terríveis, injustiças e guerras que ocorreram ao longo da história foram o resultado de um propósito diabólico de difícil compreensão para a inteligência humana. Pude compreender que o inferno se prepara para o governo do mundo e a deflagração da Terceira Guerra Mundial. Conheci como os acontecimentos se encaminham para o

cumprimento do Apocalipse. Tudo a partir do aparecimento do homem do pecado, o grande Sacerdote e Príncipe de Lúcifer.

A princípio duvidei, pois como já referi, esta entidade amaldiçoa-da não é digna de confiança. Seu único objetivo é permanecer o maior tempo possível em um corpo humano fugindo assim das chamas infernais. No entanto, pude comprovar por meio de livros muito antigos, que as hostes do mundo subterrâneo são mantidas subjugadas pelo ódio e por uma disciplina cuja crueldade não é possível que um homem possa conceber.

303

Essa entidade, movida pelo ódio contra o Príncipe do Hades, revelou-me que o Grande Sacerdote de Lúcifer, conhecido por nós como anticristo já se encontra em nosso meio, e auxiliado pelos adeptos do mal, homens e mulheres que iludidos, servem aos propósitos do Diabo, já está com um adiantado plano para enganar as nações.

Estas (as nações) serão seduzidas pelo magnetismo do homem do pecado, que paralisando astuciosamente todas as forças do Hades estabelecerá um período de paz no mundo. Maravilhados, os homens lhe oferecerão o reino da Terra. Uma vez assumido o poder desse trono universal, o Sacerdote do Hades declarar-se-á Deus. Isso inicialmente me pareceu um absurdo, mas examinando com cuidado as Sagradas Escrituras, pude verificar a exatidão dos relatos da entidade.

Esse é um plano antigo, tão antigo que surgiu na mente de Lúcifer quando este ainda estava no Éden, sentiu inveja da felicidade do homem e conseguiu prejudicar os gloriosos propósitos de Deus reservados para a espécie humana.

O homem do pecado já foi escolhido, agora espera apenas a ocasião propícia para seu batismo a ser realizado no sangue de uma virgem especial...”

— Jaina Kornikova — exclamou o tenente enquanto olhava para Scaliari.

— Era o que eu temia, Paolo, tudo aponta nesse sentido — confirmou

Scaliari.

“... que tenha nascido sob o signo de Marte, no vigésimo nono dia do alinhamento das estrelas de Órion...”

— O que signifi ca isso, Capitão?

— Eu sei tanto quanto você, Paolo.

— O que quer que isso represente, uma coisa eu sei: a menina russa corre um grande perigo!

“... então ele trará a noite para a humanidade, e o riso se conver-terá em pranto, a verdade em mentira, e a terça parte das estrelas que caíram procurarão retormar ao seu antigo lugar pelo caminho do mar de sangue...”

304

— O que signifi ca isso? — perguntou Scaliari ao bispo interrompendo a leitura —, eu não estou compreendendo.

— É uma passagem de difícil compreensão — concordou o bispo.

— Quando ele fala da terça parte das estrelas, parece estar se referindo à passagem do profeta Isaías, que faz um relato sobre os anjos caídos.

— Mas aqui diz que eles procurarão retornar, o que pode ser isso?

— Realmente não sei o que responder. Isso não faz nenhum sentido, não há nenhum dogma ou doutrina da Igreja que diga alguma coisa a esse respeito...

— O senhor afi rma que a Igreja não sabe nada a esse respeito? —

Scaliari deixava transparecer a sua afl ição.

— Bem, não existe nada que tenha se tornado público ou mesmo que eu tenha conhecimento. Se houver alguma coisa, deve ser apenas do conhecimento do Papa. Algum segredo vital para a Igreja...

— Isso é realmente possível? — perguntou Scaliari surpreso.

— Sim, existem segredos cujo conhecimento pertence apenas ao sumo pontífice, veja o caso do terceiro segredo de Fátima.

— O terceiro segredo de Fátima foi revelado ao mundo agora, há pouco tempo — interveio Paolo.

— Sim, só agora foi revelado, mas apenas em parte — sorriu o bispo.

— Em parte?

— Sim, existem aspectos muito difíceis. O sumo pontífice considerou mais adequado mantê-lo em segredo.

Scaliari voltou os olhos para o texto, tendo sua atenção despertada pelas palavras finais.

“Estou com meu espírito quebrantado e minha alma aflita, nunca antes deparei-me com algo semelhante, sinto-me culpado por ouvir tal revelação, feita por uma tão terrível criatura. Meu coração conflita com a razão e meu desejo seria esquecer tudo. Minha razão, em nome da prudência, obrigou-me a revelar-lhe as coisas terríveis que ouvi.

Pelo terror que essas revelações me inspiram, guardo-as em segredo, comunicando-as apenas a vós, em obediência ao Direito Canônico e ao Vigário de Cristo e bispo de Roma, Sua Santidade, o Papa. Que Deus 305

possa iluminar vossas almas para que a luz de sua maravilhosa sabedoria possa guiar os passos da cristandade, nesse momento tão difícil.

Seu humilde servo no Senhor

Frei Jean Marie Luquesi”

— Essa correspondência foi enviada ao Papa? — perguntou Scaliari.

— Sim, pelas regras do direito canônico, se algum sacerdote descobre alguma coisa com poder suficiente para prejudicar a Igreja, ele tem a obrigação de

comunicar ao bispo de sua diocese e ao Papa.

— Quantas pessoas em Roma teriam acesso a esta correspondência?

— Um número muito limitado, posso lhe garantir.

C A P Í T U L O 1 4 4

Um silêncio apreensivo caiu sobre o pequeno grupo, que perplexo, digeriria as últimas palavras de Vincenzo Sforza. Sem sombra de dúvida o que aquele cardeal acabara de relatar era um roteiro minucioso do plano dos Filhos de Set para dominar o mundo. Mas não era Vincenzo Sforza o principal suspeito? Qual a vantagem que ele obteria em revelar seu próprio plano?

— Eminência — Mellina rompeu o silêncio —, o que o senhor acaba de nos contar é surpreendente. Sairemos daqui com a convicção de que o mundo está mergulhado em uma cegueira intelectual sem precedentes...

— Não só intelectual, espiritual também — completou Sforza.

— Exato... Só não estamos compreendendo a razão por que o senhor nos revelou tudo isso. O que nos disse deveria ser divulgado não apenas para nós, mas para o mundo todo por meio da televisão, rádio, jornais, revistas... Enfim, o Vaticano deveria usar de todos os meios possíveis para proclamar essa verdade que está encoberta!

— Eu concordo com você — disse Sforza com amabilidade.

— Concorda? — a jovem mostrou-se surpresa — mas...

— Eu concordo com você — reiterou o Cardeal, o Vaticano deveria usar de todos os meios a seu alcance para divulgar ao mundo essas verdades encobertas.

306

— Mas Eminência, se o senhor concorda, então, por que...

— ... Por que essas verdades não são divulgadas? — Sforza completou a

frase.

— Isso mesmo — respondeu a jovem atônita —, por que essas verdades não são divulgadas?

— Pelo que sei vocês estiveram com o Secretário Geral do Vaticano

— afirmou Sforza parecendo desconversar.

— Sim — afirmou Lady Catherine apreensiva. — Mas qual a relação de nossa visita ao Cardeal Colona com o que o senhor acaba de nos dizer?

— *Quis Custodiet Ipsos Custodes* — pronunciou Sforza.

— Quem guardará os guardiães? — traduziu Hamilton Campbell.

— Sim, Padre, quem guardará os guardiães? Essa é a pergunta que todos vocês deveriam fazer, em quem deveriam confiar?

Os três permaneceram em silêncio, sem saber o que responder ao homem que tinham como tarefa investigar.

Sforza continuou:

— Quem irá vigiar aqueles que têm sob seu encargo fazer a vigilância? Até que ponto é possível confiar em um homem, apenas pelo fato de ocupar um alto cargo eclesiástico?

— O senhor, está pondo em dúvida a integridade do Cardeal Giuliano Colona? — perguntou Lady Catherine.

— Vocês me fizeram uma pergunta, Lady Catherine... Estou apenas tentando fazer com que vocês mesmos cheguem à resposta. Me perguntaram por que a Igreja não toma providências...

— O senhor está dizendo que o Cardeal Colona faz parte do plano?

— perguntou Mellina sem rodeios.

— Existem duas alas dentro da Igreja, minha jovem; uma conservadora, da qual eu faço parte, e outra progressista, chefiada pelo Cardeal Colona. Estamos em uma luta interna para determinar qual das duas decidirá o caminho a ser adotado pela Igreja Católica.

— O que o senhor está querendo dizer, Eminência? — perguntou Campbell.
— Por favor, seja mais claro! Estamos angustiados com suas revelações e agora, também confusos quanto a em quem confiar.

— Está bem, serei mais claro! Durante as últimas décadas tem surgido um movimento dentro da Igreja, um movimento progressista, que vem 307

tentando reformar drasticamente não só a postura da Igreja perante o mundo, mas também a própria Igreja. Eventos como a aceitação da teoria da evolução pelo Papa João Paulo II ou mesmo o Concílio Vaticano II, são o resultado da forte influência dessa ala progressista. Seus integrantes, também conhecidos como reformadores, são adeptos da filosofia empirista.

— Dentro da Igreja existem adeptos do empirismo? — perguntou Campbell.

— Muito mais do que o senhor imagina, Padre. Existe uma luta de proporções inimagináveis entre os progressistas e a corrente conservadora da qual eu represento. O objetivo é a tomada do trono de Pedro. A facção que conquistar o papado, definirá os rumos da Igreja. Os progressistas, chefiados por Giuliano Colona, que pretende tornar-se Papa, estão atualmente com um número menor de representantes no Colégio de Cardeais, de forma que a tendência é que o próximo papa saia do meio dos conservadores.

— E o papa dos conservadores seria o senhor? — perguntou Mellina.

Sforza corou levemente o rosto ante a incisiva pergunta da jovem.

— Isso vai depender da escolha de meus pares, Mellina. O meu nome é um dos que estão à disposição. Quando da eleição do papa atual, nós e os progressistas estávamos com o mesmo número de cardeais no colégio eleitoral. A solução encontrada foi a eleição de um papa neutro, ou seja, um que não pertencesse a nenhuma das duas correntes.

— De forma a jogar a decisão sobre o destino da Igreja para a próxima eleição — observou Campbell.

— Isso mesmo, Padre. O papa atual já está avançado em anos, o que significa que o destino da Igreja deverá ser decidido em pouco tempo. Se a eleição para o papado fosse hoje, nós elegeríamos um papa conservador, porém, embora ganhando, nossa situação é precária, pois temos uma pequena diferença numérica, e na faixa etária em que está a maioria dos cardeais, em três ou quatro anos pode mudar tudo.

— Uma guerra interna dentro da Igreja Católica, entre duas fac-

ções rivais: progressistas *versus* conservadores — interveio Mellina —, nós sempre ouvimos comentários de que havia um conflito interno no mundo do catolicismo, só não sabíamos que era dessa envergadura nem tampouco que os chamados católicos progressistas eram influenciados por uma filosofia pagã.

308

— Muitos não o sabem, Mellina — respondeu Sforza —, existem aqueles que inocentemente aderem a essa nova concepção moderna de mundo, imaginando ser uma novidade, algo que, conforme o próprio nome já diz, trará o progresso para o gênero humano. Infelizmente a maioria não sabe que esse modernismo significa apenas o retorno às antigas heresias combatidas pelo apóstolo Paulo. Quando este apóstolo de Cristo afirmava em sua carta aos Romanos que “*as qualidades invisíveis de Deus se tornam conhecidas pelas coisas criadas*” ; já havia naquela época aqueles que, em oposição a Paulo e influenciados pela filosofia empirista, afirmavam o mesmo que os modernistas de hoje, ou seja: que Deus não pode ser objeto do conhecimento, sendo conhecido apenas pela fé.

— Mas é errado conhecer Deus pela fé? — inquiriu a velha.

— Não, não é errado, Lady Catherine, o problema desses teólogos está em limitar o conhecimento de Deus ao campo da fé, não admitindo que Deus possa ser assunto da ciência. Eles, como adeptos da escola empirista, rejeitam

a possibilidade de o homem conhecer a Deus racionalmente, para eles, os instrumentos da investigação científica devem ser usados exclusivamente no campo da investigação material-naturalista.

— O que isso significa em termos práticos? — perguntou a jovem.

— É uma boa pergunta — respondeu o Cardeal —, e como você pediu, vou respondê-la em termos práticos. Se você olhar em qualquer livro de história, no capítulo que trata sobre Jesus Cristo, verá que todos eles exaltam a figura magnífica do Filho de Deus, porém, silenciam sobre os milagres por ele operados. A ciência histórica, em conformidade com a filosofia empirista, procura separar o Jesus-homem, colocando-o como objeto de investigação histórica. Enquanto isso omitem qualquer referência ao Jesus-Deus, reservando para o que eles chamam de questões de fé. Pois os milagres operados por Jesus, como Filho de Deus, em hipótese alguma podem ser objeto de investigação da história, como ciência.

— Mas isto está errado? — inquiriu a velha.

— Completamente errado, minha senhora — respondeu o Cardeal

—, pois uma meia-verdade, muitas vezes é pior do que uma mentira. Se ao investigar a vida de Cristo, a história relata apenas os fatos naturais de sua existência, omitindo os fatos sobrenaturais que cercaram sua vida, acaba

prestando um desserviço ao próprio conhecimento, perpetrando uma informação falseada da realidade.

— E isto faz parte do plano?

— É o que acredito, assim como também creio que esse plano esteja enraizado, não somente na esfera científica e nas artes, como acabei de demonstrar, mas também na política e na própria economia. Todos os setores da vida humana estão atualmente sob sua influência direta.

— Inclusive o Vaticano — Observou Mellina.

— Infelizmente — concordou o Cardeal —, pelo que podemos observar, os

responsáveis pela execução do plano em nosso século, lutam arduamente para tomar o poder dentro do próprio Vaticano.

C A P Í T U L O 1 4 5

— Um número muito limitado? Isso me parece muito vago, quantas pessoas ao todo teriam acesso a essa correspondência? — insistiu Scaliari.

— Bem, em razão do sigilo da correspondência eclesiástica, eu diria, em tese, que no Vaticano apenas o Papa poderia ter acesso a essa carta.

— Em tese?

— Sim, em tese, pois embora o direito canônico determine que o sacerdote católico comunique apenas a seu superior imediato e à Sua Santidade o conhecimento do segredo a que teve acesso, é muito provável que essa carta tenha passado por outras mãos. Veja bem, Capitão, ela deve ter sido recebida no correio geral e depois encaminhada para a Secretaria do Vaticano, somente depois é que chegaria às mãos do pontífice.

— Se é que chegou — retrucou Paolo Ferri.

— Nesse percurso ela poderia ser interceptada, o senhor está querendo dizer?

— Exatamente, Capitão! A Igreja possui inimigos poderosos, e é bem possível que esses possuam agentes infiltrados até mesmo dentro do Vaticano.

— Inimigos poderosos? — inquiriu Scaliari olhando furtivamente para Paolo —, que inimigos seriam esses?

310

— O Diabo... o Diabo e seus demônios, Capitão — afirmou o bispo com convicção.

— O Diabo? Pelo que sei o Diabo é um destruidor de almas, não um assassino de padres — afirmou Scaliari simulando surpresa.

— Eu concordo com o senhor, Capitão. O Diabo é um ser espiritual, destruidor de almas, cujo objetivo é conduzir o maior número possível de almas ao inferno. Porém, isso não significa que ele não tenha adeptos de carne e osso.

— Adeptos de carne e osso! O senhor acredita então que este crime tenha sido feito por satanistas?

— É o que acredito, agora o que me parece mais grave é que eles estão infiltrados dentro do próprio Vaticano.

C A P Í T U L O 1 4 6

— Os elaboradores desse plano estão dentro do Vaticano? — surpreendeu-se Mellina. Mas afinal, o que eles são, satanistas?

— Infelizmente, mais uma vez terei que responder afirmativamente à sua pergunta, Mellina — disse Sforza. — Embora esse plano não tenha sido armado agora, mas há muitos séculos, ele foi elaborado por um grupo de homens que adoram ao Diabo e que estão, inclusive, dentro do Vaticano.

— Se eu estou entendendo bem — interferiu a velha —, o senhor está afirmando categoricamente que existe uma conspiração de satanistas dentro do próprio Vaticano?

— Exatamente — confirmou o Cardeal.

— E que esses satanistas foram os responsáveis pela aceitação da teoria da evolução pelo Papa João Paulo II?

— Continua correta a afirmativa — respondeu Sforza.

— Meu Deus! — exclamou a velha —, o senhor acredita então que Giuliano Colona esteja à frente desse movimento progressista, que visa à reforma do Vaticano com a tomada do papado, e que ele seja um adepto do satanismo?

espantados entrevistadores.

— Isso é uma coisa que eu ainda não posso provar.

— Céus! — exclamou Hamilton Campbell —, isso é simplesmente incrível, um cardeal acusando outro de satanismo.

— Minha sobrinha... — afirmou o Cardeal visivelmente emocionado —,... minha sobrinha foi morta exatamente por isso. Alguns dias antes de seu assassinato, fui procurado por um jovem padre, segundo-secretário da representação do Vaticano em Israel. Esse jovem padre contou-me que ao procurar o Núncio para entregar-lhe alguns relatórios, encontrou sua sala vazia. Ao pôr os relatórios sobre a mesa teve sua atenção despertada por uma carta do embaixador da Santa Sé ao Cardeal Colona.

Nessa carta o Núncio informava ao Secretário Geral do Vaticano os progressos alcançados por um rabino ultra-ortodoxo na criação de uma espécie de governo paralelo, para tomar o poder em Israel.

Perturbado pelo teor do documento, o padre retirou-se rapidamente, infelizmente sem tirar cópia do documento.

— Uma carta do embaixador do Vaticano ao Cardeal Colona informando-lhe de um governo paralelo que está pronto para tomar o poder em Israel? — estranhou a velha.

— Eu não compreendo, Eminência! Que interesse pode ter o Secretário Geral do Vaticano em ser informado sobre uma conspiração em Israel? — perguntou Campbell.

— Pois esta foi a mesma pergunta que eu me fiz, Padre — qual o interesse do segundo homem do Vaticano, por uma conspiração para a tomada do Estado judeu? Motivado por essa curiosidade, fiz algumas investigações, e o que descobri, assombrou-me muito.

— O que o senhor descobriu, Eminência?

— Comecei investigando o Rabino Isaac Bem Disraeli, um sacerdote judeu

obcecado pela volta do Messias. Até aí tudo bem, esta sempre foi a grande esperança de Israel. O problema, segundo meu espião me revelou, é que além de ser o testa-de-ferro na criação desse governo invisível, o rabino tem anunciado em seus sermões que o Messias de Israel já se encontra na Terra. Segundo o rabino, o Messias que logo irá se apresentar já estará revestido por uma importante coroa, uma das maiores do ocidente.

312

— Ele diz então que o Messias, mesmo antes de se apresentar a Israel, já será um rei poderoso? — perguntou Mellina inquieta ante a gravidade da situação.

— Foi o que inicialmente pensei, mas aí deparei-me com um obstá-

culo intransponível. Segundo a tradição judaica, o Messias de Israel deverá ser da descendência do rei Davi. Nenhum membro da monarquia européia preenche esse requisito.

— Nenhum membro da monarquia? Mas então...

— ... Então eu percebi a razão do interesse do Secretário Geral do Vaticano. A coroa a que se referia o rabino não pertence a nenhuma das monarquias européias!

— Não pertence a nenhuma das monarquias européias? — espantou-se a velha —, mas pertence a quem então?

— Aí é que está a grande surpresa — disse Sforza triunfante —, ela pertence ao Vaticano. É a coroa papal.

— A coroa papal — continuou Sforza — não é dada ao membro de uma família real, seu possuidor não pertence a uma dinastia, mas é eleito entre todos os cardeais da Igreja. Há nisso algo muito inteligente. O ocupante do trono de Pedro não tem sua vida esquadrihada por *paparazzis* ou jornais sensacionalistas na mesma intensidade que um futuro rei.

— Isso me parece muito conveniente para esconder uma antiquíssima dinastia secreta — observou Campbell.

— Bela observação, Padre, se alguém desejasse por um pretenso representante de uma antiqüíssima...

— A coroa papal? — Mellina estava perplexa.

— Sim — continuou Sforza. Haveria uma outra coroa mais apropriada?

Veja bem, minha jovem, um dos maiores problemas enfrentados pela realeza é justamente a contínua exposição de seus integrantes a uma mídia implacável que os persegue simplesmente por pertencerem a esta ou aquela casa real.

Esta é uma publicidade que certamente não seria do interesse de alguém que tivesse em seu sangue a prova de pertencer à linhagem real de Israel. Seria simplesmente danoso se esta revelação fosse descoberta antes do tempo.

313

— Com a coroa papal isso não acontece? — perguntou a jovem.

— Não acontece — confiou o Cardeal —, ao contrário de um príncipe que tem sua vida exposta pelos tablóides desde o nascimento. Um papa, ou melhor, um cardeal antes do início de seu pontificado, passa a maior parte do tempo no anonimato, sofrendo com os reflexos da mídia apenas durante seu reinado.

— Isso seria bem interessante para alguém que desejasse ocultar ao mundo sua verdadeira identidade — confiou Campbell.

— Exatamente, vejo que o senhor está começando a perceber porque Giuliano Colona tem interesse no governo secreto do Rabino Disraeli.

— O senhor acredita, então que Giuliano Colona seja o Messias de Israel? — perguntou a velha.

— Não, muito pelo contrário — disse Sforza, sentindo-se já cansado e sob forte pressão.

— Mas o senhor mesmo disse que a coroa papal é a mais indicada para o

Messias, e pelo visto Giuliano Colona tentará ser o próximo papa.

— Sim, eu disse isto, só que há um empecilho intransponível. Giuliano Colona não pode ser o Messias. Jesus Cristo, embora rejeitado pelos judeus, é o verdadeiro Messias.

— O senhor está dizendo então que Giuliano Colona é...

— O anticristo! — respondeu Sforza.

— Céus! — A face de Lady Catherine foi tomada pela incredulidade.

— O senhor pode provar isso?

— É exatamente o que minha sobrinha iria fazer se não tivesse sido morta.

C A P Í T U L O 1 4 7

— Sua sobrinha foi morta por isso? — perguntou a velha no momento em que novamente notava as lágrimas na face do Cardeal.

314

— Francesca foi a pessoa em quem mais confi ei. Cometi então o terrível engano de contar-lhe a mesma coisa que acabei de dizer-lhes. Era uma jovem maravilhosa, praticante de alpinismo e integrante das forças especiais do exército italiano. Ela teve a desafortunada idéia de se apoderar dessas cartas enviadas pelo Núncio, e que poderiam desmascarar Giuliano Colona.

— Há uma coisa que eu ainda não consegui compreender, Eminência

— disse Lady Catherine.

— O que a senhora não consegue compreender?

— Por que o senhor está nos contando tudo isso? — Qual a razão secreta que leva Sua Eminência a expor, de forma tão esclarecedora, questões cruciais para o Vaticano? Por que revelar a uma velha como eu ou a uma jovem americana, ou ainda a um padre anglicano, informações que podem alterar o

panorama do mundo?

— Talvez porque, embora a senhora queira transmitir o contrário, vocês sejam pessoas especiais, Lady Catherine.

— Especiais? O que o senhor está querendo dizer com isso? — perguntou a velha com a respiração suspensa.

— Deixe-me contar-lhe uma história, Lady Catherine. No mês de maio do último ano do pontificado do Papa João XXIII houve uma audi-

ência secreta entre o pontífice e um importante pesquisador inglês. Este pesquisador ostentava o mesmo sobrenome que marca sua assinatura.

— O senhor sabe da audiência secreta que meu avô teve com o Papa?

— Sim, Lady Catherine, eu sei, mas o importante aqui é que a senhora também sabe. A senhora é especial, Lady Catherine, seu avô foi o guardião de um importante segredo. Lord Albert Raidech procurou o Papa João XXIII para que o pontífice tomasse sob sua guarda o Livro de Ouro de Laghas. Porém, João XXIII recusou-se, pois ele vislumbrava a possibilidade, tão real em nossos dias, de que os filhos do demônio ou os Filhos de Set, como disse seu avô naquele momento, tomassem conta do Vaticano.

— O senhor também tem conhecimento dos Filhos de Set? — indagou a velha dando-se conta da gravidade da situação.

315

— Seu avô revelou a João XXIII a existência dessa poderosa seita.

Até então tínhamos conhecimento de que Satanás arregimentara adeptos entre os homens, mas não sabíamos que essa organização satânica fosse de tamanha envergadura...

— ... A ponto de infiltrar-se no próprio Vaticano — completou Campbell.

— Infelizmente é o que os fatos demonstram, Padre. Eles não estão apenas infiltrados, mas a ponto de tomarem de assalto o próprio trono de Pedro.

Agora existe uma esperança: segundo o que Lord Albert Raidech contou ao Papa, eles precisam do livro de ouro para o prosseguimento de seus planos. Sem o livro de ouro, não é possível realizar a sagração do anticristo. Temos que encontrar o livro antes que os Filhos de Set o façam, e ao encontrá-lo, temos que destruí-lo.

Vicenzo Sforza percebeu a palidez que brotara na fisionomia de seus interlocutores.

— O que foi? — perguntou o príncipe da Igreja.

— Temo que não seja mais possível destruí-lo, Eminência — disse a velha com voz trêmula.

C A P Í T U L O 1 4 8

— O senhor acredita que eles estejam infiltrados dentro do Vaticano? — indagou Paolo.

— Sim, Tenente — continuou o bispo. Embora isso possa soar como heresia, eu tenho a impressão, agora confirmada por esse episódio, de que os inimigos da cristandade estejam cada dia mais encastelados na cidadela de Pedro.

— Isso é muito grave, senhor bispo — interferiu Scaliari —, como representante da Igreja, o senhor está afirmando a existência desse grupo dentro do Vaticano.

— A situação pode ser mais grave ainda, Capitão, tudo depende de onde partiu a ordem para assassinar Jean Marie Luquesi. Se essa ordem partiu de alguém próximo do Papa, a cristandade corre grande perigo.

316

— Eu compreendo, senhor bispo, eu compreendo.

— Vamos voltar para Veneza? — perguntou Paolo Ferri entrando no carro.

— Não — respondeu Scaliari —, vamos para Roma.

— E Lady Catherine e seus amigos em Veneza?

— Essa é uma tarefa para você, Paolo! Ligue para Veneza e peça a nossos amigos que retornem a Roma. Diga-lhes que retornem para o hotel em Roma, que mais tarde iremos encontrá-los lá.

— O que o senhor irá fazer?

— Vou me encontrar com Giuliano Colona, tenho algumas perguntas e espero que ele me dê as respostas corretas.

C A P Í T U L O 1 4 9

— A senhora acredita nas palavras do Cardeal Vincenzo Sforza?

— perguntou Mellina já fora da Catedral de São Marcos.

— Eu não sei o que dizer, minha jovem, tudo o que ele nos disse me pareceu tão convincente, mas por outro lado o Capitão Scaliari suspeita que ele faça parte dos Filhos de Set.

— E o senhor, Padre, o que pensa?

— Também estou confuso, Catherine, não sei em quem confiar, apenas tenho a impressão de que fomos precipitados ao entregar o livro de ouro ao Secretário Geral do Vaticano. E se Giuliano Colona realmente for o anticristo?

— O que me deixou intrigada — continuou a velha — foi o fato de Vincenzo Sforza conhecer o teor da audiência secreta que meu avô teve com o Papa João XXIII.

— Ora, Catherine! — retrucou o sacerdote anglicano —, conforme Sforza nos disse, se o Vaticano vem sendo o palco de uma guerra secreta, é bem provável que o papa da época tenha reservado o conhecimento dessa

audiência ao cardeais que lutavam ao seu lado. Vincenzo Sforza é um herdeiro desse conhecimento.

— O que lhe parece mais grave então, Padre?

— O que mais me preocupa é a afirmação de Vincenzo Sforza sobre Giuliano Colona. Se ela for verdadeira não só a Igreja Católica como todo o cristianismo corre grande perigo.

C A P Í T U L O 1 5 0

— Capitão Scaliari, entre por favor — disse Giuliano Colona saudando o oficial italiano que se encontrava à porta escoltado pela guarda suíça.

— Eminência!

— Sente-se aqui — disse o Cardeal indicando ao oficial uma poltrona perto da sua. — Em que posso lhe ajudar?

Scaliari retirou do bolso a carta que o exorcista francês encaminhara ao bispo de Pádua.

— Veja isto, Eminência!

— O que é isto? — perguntou o Cardeal aparentando surpresa.

— Eu é que lhe pergunto, Eminência. Esta carta me foi entregue pelo bispo de Pádua. É de autoria de um exorcista francês assassinado.

Junto ao corpo encontramos uma moeda idêntica à que estava com o médico morto no hospital samaritano.

— Isto é grave — sentenciou Giuliano Colona após ler todo o conteúdo da carta.

— Talvez mais grave seja o fato de que uma outra carta com teor semelhante a este tenha sido encaminhada para o Vaticano.

— Nenhuma carta semelhante a esta foi recebida aqui no Vaticano

— afirmou Colona com estudada veemência.

— O código canônico determina que se algum sacerdote obtiver o conhecimento de algo com poder suficiente para prejudicar a Igreja, esse mesmo sacerdote deve comunicar a seu superior mais próximo e ao Papa.

— Eu conheço o direito canônico, Capitão. Agora tenha certeza, essa carta jamais chegou ao Vaticano.

318

— Talvez não tenha chegado às suas mãos, Eminência, mas checa-mos o correio, e eu posso garantir-lhe que esta correspondência passou pelos muros do Vaticano.

— O senhor está insinuando a existência de satanistas dentro da cidadela de Pedro?

— É uma possibilidade, Eminência! Os registros atestam a chegada dessa correspondência ao Correio Central. Eu sugiro que o senhor determine uma investigação para apurar em que setor ela acabou desaparecendo.

— Eu acredito que o senhor não esteja compreendendo, Capitão. Da última vez que nos encontramos eu o proibi de continuar a investigação a respeito dos Filhos de Set. O senhor retorna agora insinuando que eles já se encontram alojados aqui dentro, e não somente isso, mas que estão também realizando sabotagens. Esta audiência está encerrada, Capitão. E

eu sugiro que volte a se ocupar de suas atividades normais, deixe que eu mesmo me encarrego dos Filhos de Set!

C A P Í T U L O 1 5 1

— Lady Catherine, Lady Catherine!

— O que houve, meu filho? — perguntou a velha percebendo a ansiedade de Douglas Braun quando o grupo retornou ao hotel.

— Recebi há pouco uma ligação do assistente do Capitão Scaliari, ele pediu que suspendêssemos a investigação sobre Vincenzo Sforza e partíssemos o mais rápido possível para Roma.

— Ele descobriu alguma coisa? — perguntou Mellina.

— Sim, parece que as pistas apontam para alguém dentro do Vaticano.

— “Alguém” dentro do Vaticano?

— Ele não soube precisar o nome? — perguntou a velha.

— Não, o Tenente Paolo informou-me apenas de um novo assassinato, agora de um padre exorcista. Segundo ele, Scaliari acredita que o mandante esteja dentro do Vaticano

319

— Por que esse desânimo? — perguntou Douglas ao perceber a tristeza na face de Mellina.

— Talvez tenhamos cometido um terrível engano — respondeu Mellina.

— Um engano? Como?

— Espere, Mellina, não vamos nos precipitar — interveio a velha

—, primeiro ouviremos o que o Capitão Scaliari tem a nos dizer.

— Catherine tem razão, Mellina — concordou Campbell —, primeiro vamos conhecer os fatos.

— Jeffrey! — chamou a velha.

— Sim, *milady*.

— Ligue para o aeroporto e providencie um táxi aéreo! Reserve também nosso hotel em Roma, peça-lhes que enviem um carro para conduzir-nos ao hotel.

— E quanto ao Capitão Lucas Scaliari, *milady*?

— Informe-lhe que nos veremos no hotel.

“Quem saberá as surpresas que o destino nos aprontará agora?”

C A P Í T U L O 1 5 2

— O que foi que o Cardeal lhe disse, Capitão?

— Mais uma vez ele se mostrou hostil à nossa investigação, Paolo.

— Mas o senhor lhe mostrou a carta do exorcista francês?

— Sim, mostrei-lhe, e ele prometeu investigar, porém, recusou-se a acreditar que os Filhos de Set possam estar inflitrados no Vaticano. Além disso proibiu-me de continuar investigando.

— Isso é muito estranho, Capitão.

— Eu concordo, Paolo, isso é muito estranho! Mesmo que Giuliano Colona esteja liderando uma guerra secreta contra os Filhos de Set, deveria considerar nossa contribuição. Só espero que consiga identificar dentro do Vaticano quem teve acesso à carta do exorcista francês.

320

— E Lady Catherine? Você entrou em contato com ela?

— Sim, na verdade falei com o guarda-costas. Lady Catherine tinha uma entrevista com o Cardeal Vincenzo Sforza.

— Espero que ele transmita o recado. É importante que ela esteja em Roma. Apesar de Giuliano Colona não desejar nossa investigação, meu compromisso é com a segurança da menina russa, não com o Vaticano.

C A P Í T U L O 1 5 3

A primeira coisa que Jaina Kornikova percebeu foram as tochas, centenas delas, que iluminavam de maneira sinistra aquela imensa igreja no formato octogonal. Embora ainda sonolenta pelo efeito de sedativos que a mantinham

em um estado permanente de semiconsciência, um calafrio percorreu-lhe a espinha ao perceber-se no centro da igreja com os pés e mãos presos por grilhões. Seus olhos, parcialmente fechados, observavam um gigantesco pentagrama vermelho no teto, enquanto uma dezena ou duas de vultos negros e encapuzados como nos filmes sobre a Idade Média, giravam vagorosamente ao seu redor produzindo um cântico monótono. Subitamente o cântico cessou, e após perceber que os monges retiravam-se em fila, sentiu que mãos fortes desacorrentavam seus braços e pernas, conduzindo-a por um corredor escuro. Jaina Kornikova novamente adormeceu.

CAPÍTULO 154

O pequeno avião recebeu autorização da torre para aterrissar.

Mellina Becker contemplou pela janela toda a magnitude aérea da cidade de Roma. Seus olhos, porém, detiveram-se no Vaticano, mais precisamente na Praça de São Pedro, que com as colunas de Bernini, projetavam a visão de uma fabulosa fechadura, como que esperando uma imensa chave descer do céu para abri-la.

321

— O sinete do Vaticano também é representado pela chave — disse Lady Catherine percebendo o olhar atento da jovem. — Nele há duas chaves entrecruzadas sobrepostas à coroa papal.

— O que isso significa? — perguntou a jovem.

— Significa a autoridade do papa sobre as coisas espirituais.

— Exatamente — confirmou Hamilton Campbell —, quando a praça foi construída, o Papa solicitou a Bernini que o local retratasse o símbolo máximo da autoridade papal. O genial arquiteto teve então a idéia de construí-la na forma de uma chave, como se dissesse ao mundo que a passagem para o reino espiritual se daria através do Vaticano.

A limusine já os aguardava no aeroporto.

Jefrey, com auxílio de Hamilton Campbell, instalou Lady Catherine no carro ao lado de Mellina.

— Vamos imediatamente para o hotel — disse a velha enquanto pegava o telefone.

— Para quem a senhora vai ligar? — perguntou Mellina observando Lady Catherine.

— Não podemos perder tempo, minha filha, vamos nos encontrar com Lucas Scaliari.

— Sim, atendeu o capitão da polícia italiana. Está perfeito, em trinta minutos nos encontraremos em seu hotel.

— Lady Catherine e seus amigos já se encontram em Roma? — perguntou Paolo impressionado.

— Ela disse que fretou um táxi-aéreo, pois também tem revelações urgentes a nos fazer.

322

C A P Í T U L O 1 5 5

— Tenho algumas revelações importantes — disse a velha aos dois oficiais da polícia italiana sentados à sua frente.

— Fico feliz com sua contribuição, Lady Catherine, mas em razão do assassinato de um padre francês na cidade de Pádua, devo dizer-lhe que as investigações tomaram um outro rumo. Talvez Vincenzo Sforza não seja o culpado como imaginávamos, lamento ter tomado o seu tempo.

— Pois não lamente, Capitão, o importante é a descoberta da verdade.

— O senhor disse que Vincenzo Sforza talvez não seja o culpado?

— inquiriu Mellina.

— Exatamente — confi rmou Scaliari —, este religioso assassinado em Pádua era um exorcista francês. Não sei de que forma, mas o certo é que ele descobriu algo impressionante, descobriu detalhes a respeito da conspiração dos Filhos de Set.

— Detalhes? — inquiriu Hamilton Campbell.

— Esse exorcista cometeu o equívoco de encaminhar ao Vaticano uma carta informando de sua descoberta. A carta dizia sobre a intenção dos Filhos de Set de preparar um governo global para o mundo, bem como tratava do aparecimento do anticristo.

— Isso nós já sabemos — contemporizou a velha.

— Exato — confi rmou Scaliari —, mas a carta ia além, também relatava que os satanistas preparavam a terceira guerra mundial, e não somente isso, mas que a terça parte das estrelas que haviam caído, retor-nariam ao seu antigo lugar no céu. E que isso se daria por meio de um mar de sangue.

— A terça parte das estrelas retornarão ao céu?

— O que há nisso para surpreendê-lo, padre? — perguntou a velha.

— É que o exorcista, na verdade, não está se referindo propriamente a estrelas — esclareceu Campbell —, estrelas em linguagem profética é um sinônimo usado para espíritos angelicais.

— Isto mesmo — confi rmou Mellina —, quando a Bíblia se refere à queda de Lúcifer, ela compara-o a uma estrela: *“como caíste do céu, ó estrela da manhã...”*

323

— Mas aqui diz que eles procurarão voltar — insistiu a velha.

— Esta parte é incompreensível para mim também, Lady Catherine

— afi rmou Mellina.

— E não é só isso — Scaliari retomou a palavra —, segundo o exorcista, o anticristo teria que ser batizado no sangue de uma virgem especial, nascida sob o signo de Marte.

— A menina russa! — afirmou Lady Catherine —, ela deve ser essa virgem especial, nascida sob o signo de Marte. De outra forma, por que a teriam seqüestrado na Rússia? Poderiam ter escolhido uma menina daqui.

— É o que acreditamos, Lady Catherine — afirmou Scaliari —, embora não saibamos ainda o significado desse “signo de Marte”.

“Signo de Marte”, resmungou Mellina, remoendo seus próprios pensamentos.

— O que foi que você disse? — perguntou Scaliari.

— Eu estava pensando no que o senhor disse sobre esse signo de Marte. Acabo de me lembrar que em nosso último encontro o senhor nos falou de uma reunião com o Secretário Geral do Vaticano, e que nesse encontro o Cardeal havia revelado que o anticristo seria o portador de um sangue “*sui generis*”, um sangue que não seria totalmente humano, mas fruto da união de uma belíssima mulher com um ser angelical.

— Sim, eu estou lembrado disso — respondeu Scaliari —, mas o que tem isso afinal?

— Na época o senhor disse também que esse sangue seria um sangue contaminado e violento, e que uma pessoa sanguínea poderia ser considerada como violenta, e que o deus da guerra, Marte, estaria associado a essa violência.

— Sim — concordou Scaliari.

— Pois bem — continuou Mellina —, se o sangue está relacionado à violência, e este possui conotações com o deus da guerra, Marte, é bem provável que o exorcista francês, quando afirmou que o anticristo seria batizado no sangue de uma virgem nascida sob o signo de Marte, estivesse dizendo que a menina russa possui o mesmo sangue que corre nas veias do anticristo!

— Mas por que o anticristo teria que sacrificar alguém com o sangue semelhante ao seu? — inquietou-se a velha.

324

— Por uma questão teológica — continuou Mellina —, se olharmos para as páginas da Bíblia, veremos que o Diabo sempre procurou imitar a Deus. Foi assim quando procurou ser adorado. As profecias nos revelam que ele também tentará imitar a Jesus apresentando seu pupilo, o anticristo, como se fosse da descendência do rei Davi. Com relação ao sacrifício de sangue não poderia ser diferente. Não podendo, como Jesus, verter o seu próprio sangue, pois não possui poder suficiente para tornar a viver, assim como o Cristo, o anticristo teria que verter o sangue de uma outra pessoa, porém com a composição semelhante à sua.

— Isso me parece surpreendente — confessou Paolo, mas devo admitir que possuo uma certa lógica. Explicaria, por exemplo, porque os seqüestradores escolheram uma menina russa e não uma criança italiana, o que seria bem mais fácil.

— O senhor disse há pouco que esse padre exorcista cometeu um equívoco encaminhando uma carta com essas revelações ao Vaticano? —

perguntou Campbell, curioso.

— Sim, foi isso que eu disse, padre — confiou Scaliari —, acreditamos que os Filhos de Set estejam infiltrados no Vaticano.

— Como o senhor pode afirmar isso? — interrogou-o Lady Catherine, já bastante apreensiva.

— Junto ao corpo do frade assassinado foi encontrada uma moeda de prata semelhante à que encontramos com o médico que foi obrigado a auxiliar no seqüestro da menina russa — disse Scaliari.

— Um dos símbolos dos Filhos de Set — exclamou Mellina.

— Exato — confiou Scaliari —, um dos símbolos dos Filhos de Set.

Quando fomos a Pádua investigar esse acontecimento, entramos em contato com o bispo da cidade, que nos entregou a cópia da carta contendo as revelações. Segundo esse bispo, em obediência ao direito canônico, o frade assassinado deve ter encaminhado uma outra carta, com teor semelhante a esta, ao Vaticano. Acreditamos que essa carta tenha sido interceptada pelos Filhos de Set.

325

— O que houve? — perguntou Scaliari percebendo a angústia estampada no rosto de seus interlocutores.

— O senhor acaba de dizer aquilo que nós não queríamos ouvir

— respondeu Hamilton Campbell.

— Como assim? Eu não compreendo — retrucou o Capitão da polí-

cia de Roma —, assim como os senhores, eu também me sinto angustiado em saber que os Filhos de Set se infiltraram no Vaticano.

— Capitão — disse a velha —, há uma coisa que o senhor precisa saber a nosso respeito.

— Existe algo que eu preciso saber sobre vocês? — perguntou Scaliari tomado pela surpresa.

— Sim, Capitão, o senhor nunca se perguntou a razão de sabermos tanto a respeito dos Filhos de Set?

— Eu sempre imaginei que como arqueóloga... iniciou Scaliari sem saber ao certo o que dizer.

— Nunca se perguntou o verdadeiro motivo por que fomos recebidos no Vaticano?

— Eu confesso que sempre tive curiosidade — tentou responder o policial.

— Pois bem, Capitão, acho que chegou a hora de o senhor e seu assistente

conhecerem a verdade.

— Conhecermos a verdade? — Paolo foi tomado de espanto.

— O que a senhora está querendo dizer com isso? — perguntou o Capitão.

— A verdade, Capitão, a razão porque eu e meus amigos conhecemos tanto a respeito dos Filhos de Set.

Os dois oficiais se entreolharam.

— E a verdade é que eu, ou melhor, meu avô, foi o guardião de um fabuloso tesouro procurado pelos Filhos de Set, o Livro de Ouro de Laghas. Um tesouro milenar, oculto desde os tempos dos faraós e que pode revelar o local exato onde Deus escondeu a Árvore da Vida!

— O que a senhora está dizendo? — inquiriu Lucas Scaliari perplexo.

— O seu avô foi o guardião de um tesouro milenar que pode revelar onde está a Árvore da Vida?

— Isso mesmo — confirmou a velha.

326

— Árvore da Vida? Que árvore é esta? — perguntou Paolo, sem compreender nada.

— Está no livro de Gênesis — informou Mellina —, era a árvore que estava no centro do Jardim do Éden, ao lado da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, a mesma que causou o pecado original. Segundo as Escrituras Sagradas, logo após a queda do homem, a humanidade perdeu o acesso à Árvore da Vida, pois se alguém dela comesse, viveria eternamente.

— Isso é fantástico! Simplesmente inacreditável! — exclamou o tenente. — Uma árvore cujo fruto pode permitir ao homem escapar da própria morte!

— Pois acreditem, senhores! Como pesquisador ligado à Coroa Inglesa, meu avô tinha acesso ao acervo secreto do Museu Britânico. Lá, ele encontrou um

pergaminho que havia sido roubado da biblioteca de Alexandria, antes do grande incêndio. Com as informações do pergaminho, depois de várias escavações, meu avô acabou encontrando um livro de ouro. Segundo o pergaminho, esse livro era conhecido na antigüidade como o Livro de Ouro de Laghas, e fora um presente de Mefi stófeles, general dos exércitos de Lúcifer, a seu fi lho, um dos gigantes nefalins da antigüidade.

— Este livro foi o presente de um demônio? — espantou-se Scaliari.

— Sim, é o que relata meu avô em uma carta que encontramos oculta em sua biblioteca. Nessa mesma carta ele também revela que houve uma tentativa dos Filhos de Set em se apoderar do Livro do Ouro, ao infi ltra-rem um de seus membros na expedição.

— Os Filhos de Set estão atrás desse livro? Eu gostaria de vê-lo

— solicitou Scaliari.

— Infelizmente isso não será possível, Capitão. Fomos convencidos pelo Cardeal Giuliano Colona de que o livro estaria melhor sob sua guarda.

— A senhora disse *infelizmente*?

— Sim, foi o que eu disse, já não estou mais convencida de que to-meí a decisão certa, isso graças ao seu pedido para que investigássemos o Cardeal Primaz de Veneza.

— Por favor, Lady Catherine, queira explicar-se melhor — pediu o ofi cial.

327

— Pois bem, Capitão, assim como o senhor, acreditávamos que Vincenzo Sforza fi zesse parte dos Filhos de Set e que sua intenção fosse apoderar-se do Vaticano e depois destruí-lo.

— A senhora acreditava, quer dizer, que essa hipótese foi superada?

— Posso dizer-lhe que esta crença fi cou profundamente abalada. Quando de nosso encontro na Catedral de São Marcos, Vincenzo Sforza revelou-nos que

sua sobrinha, ao contrário do que pensávamos, entrou no Vaticano não para assassinar Giuliano Colona, mas para conseguir alguns documentos que implicariam o Secretário Geral em uma conspiração para derrubar o governo de Israel. Para o Primaz de Veneza, o Cardeal Giuliano Colona pretende assumir a coroa papal e, logo a seguir, com o apoio dos conspiradores, apresentar-se a Israel e ao mundo como o Messias prometido nas escrituras.

— Isso é simplesmente inacreditável! — exclamou Lucas Scaliari.

Vicenzo Sforza está afirmando então que Giuliano Colona é o próprio anticristo!

— O representante máximo de Lúcifer na Terra — continuou a velha. Segundo Sforza, Giuliano Colona pretende assumir sucessivamente o papado, o governo de Israel e o governo do mundo.

— Isso explica por que ele tentou impedir a continuação de nossa investigação — observou Paolo Ferri.

— Explica muita coisa — disse Scaliari. Esclarece também a morte do exorcista francês, cuja carta deve ter chegado às mãos do Secretário Geral do Vaticano. Explica a origem do profundo conhecimento de Giuliano Colona a respeito dos Filhos de Set.

— O que eu não consigo compreender, Capitão, é então por que o próprio Giuliano Colona nos convocou para ir ao Vaticano e nos forneceu informações a respeito dos Filhos de Set?

— Isso é fácil de explicar, Paolo. Você se esquece que quando o Cardeal nos chamou à sua presença, nós já tínhamos descoberto o envolvimento do guarda suíço? A atitude do Cardeal foi inteligentíssima! Ao se tornar nosso confidente, ele afastou de si a suspeita de seu próprio envolvimento. Se ele auxiliou-nos, foi para confundir-nos.

— E agora, o que iremos fazer? — perguntou o tenente.

— Eu não sei — afirmou Scaliari —, a senhora tem alguma sugestão, Lady Catherine?

— É uma situação bastante complexa — reconheceu a velha —, estamos lidando com forças totalmente desconhecidas. Talvez devêssemos alertar as autoridades, o que o senhor acha, padre Campbell?

— Acredito que a senhora esteja certa, Lady Catherine; a única possibilidade de impedirmos a realização do plano dos Filhos de Set, talvez seja alertando as autoridades. Começaríamos informando seu amigo, o Senador Antonin Hoppings, ele nos auxiliaria a revelar às demais autoridades sobre essa imensa conspiração.

— O padre Campbell está certo, *milady*. Além do Senador Hoppings, teríamos o apoio do Cardeal Sforza; ninguém mais do que ele desejaria desmascarar Giuliano Colona. Porém, acho que precisaríamos de uma prova...

— Uma prova? — perguntou Campbell, surpreso.

— O Senhor Jefrey tem razão, senhora — concordou Lucas Scaliari

—, precisamos de algum documento, algo que possa comprovar perante as autoridades o que estamos afirmando.

— As cartas do Núncio do Vaticano — lembrou Douglas Braun.

— Sim — concordou Jefrey —, ou então o Livro de Ouro!

— Isso é impossível — observou a velha —, a sobrinha de Vincenzo Sforza acabou perdendo a vida ao tentar se apoderar das cartas que incriminavam Giuliano Colona. Se nós não tivéssemos entregue o Livro de Ouro!

— E você, Mellina...? — perguntou Lady Catherine voltando-se para o lugar onde até então a jovem estivera.

— Mellina... onde está Mellina? — inquietou-se a velha.

— Enquanto vocês conversavam ela me disse que ia dar uma volta

— respondeu Paolo Ferri.

Angustiada, a velha voltou os olhos para o mordomo, que correu para o interior da suíte.

— Lady Catherine! — disse Jeffrey retornando instantes depois — o salvo-conduto desapareceu!

329

— Salvo-conduto...? Que salvo-conduto é esse? — perguntou Lucas Scaliari.

— Jeffrey, ligue rapidamente para Veneza e peça que Vincenzo Sforza venha imediatamente para cá; diga-lhe que é urgente, pois Mellina corre um sério risco. Ligue também para aquela empresa de táxi aéreo, quero que coloquem um jatinho à disposição do Cardeal.

— O que está havendo, alguém quer me explicar, por favor? — insistiu Scaliari.

— O salvo-conduto — respondeu Campbell, atônito —, tínhamos uma autorização do próprio Giuliano Colona para entrarmos no Vaticano.

— A jovem está com a autorização agora? — Meu Deus! — exclamou o Capitão —, o que ela vai fazer, invadir o Vaticano?

— Sim, Capitão, ela está com a autorização e receio mesmo que pretenda invadir o Vaticano.

— Lady Catherine — interveio Jeffrey após desligar o telefone —, o Cardeal Sforza não está em Veneza, seu assistente informou-me que ele veio para Roma...

C A P Í T U L O 1 5 6

Mellina desceu na estação Otaviano, próximo do cruzamento da via Otaviano com Giulio Cesare. À medida que, a passos firmes e resolutos aproximava-se de seu destino, as palavras de Giuliano Colona ecoavam em sua mente:

“Não se preocupem, eu não sou membro dos Filhos de Set, se é o que estão pensando.”

“Sim, tenha certeza Lady Catherine, vocês tomaram a decisão certa.

O livro estará completamente seguro no Vaticano.”

Como eles puderam ter sido tão ingênuos! Todas aquelas revela-

ções a respeito dos Filhos de Set, dos planos de Lúcifer e da sagração do anticristo! Como foi que ela se deixara enganar? Por que não percebera que aquelas informações, com aquela riqueza de detalhes, só poderiam ser 330

fornecidas por alguém com envolvimento muito maior do que o de um simples estudioso?

A Praça de São Pedro, com o grande obelisco que fora trazido do Egito ao centro, agora descortinava-se diante de seus olhos. Mellina olhou-o demoradamente, tentando compreender como aquilo tudo poderia estar acontecendo. À sua frente, aquele símbolo pagão de adoração plantado na praça central da cristandade mostrava-se mais imponente. Seus pensamentos voltaram-se para o monumento a Washington, no centro de comando da nação mais poderosa da Terra. Seria possível que tanto os poderes políticos como os religiosos do mundo todo estivessem sob a influência dos Filhos de Set e de Lúcifer?

Os turistas continuavam fotografando e sorrindo ao redor daquele monumento. Em cada rosto Mellina observava uma alegria ingênua, possível encontrar apenas em almas que se julgassem confiantes e seguras, em alguém — refletiu a jovem — como aqueles turistas que, cegos da verdadeira realidade, desconheciam que o mundo estava desmoronando sob seus pés.

Mellina parou em frente à pequena entrada lateral que dá acesso ao interior do Estado do Vaticano.

— Posso lhe ajudar em algo, moça? — perguntou o guarda suíço que guardava o local.

Por um momento Mellina pensou em recuar, em esperar por Lady Catherine e pelos outros, que naquele momento deveriam estar tentando encontrar uma forma de recuperar o Livro de Ouro.

— Posso lhe ajudar? — tornou a perguntar o guarda notando a excitação da jovem.

— Eu vim para tirar algumas fotos — disse finalmente tomando uma difícil decisão.

— Tirar algumas fotos? — o guarda olhou-a de alto a baixo.

— Ah!, desculpe! — disse Mellina encabulada —, eu ia me esquecendo, mas acho que devo lhe mostrar isso.

Dizendo isso a jovem apresentava ao suíço o salvo-conduto que acabara de retirar da bolsa, concedido por Giuliano Colona.

331

O guarda olhou demoradamente o salvo-conduto, conferindo a assinatura do Secretário Geral do Vaticano, depois conduziu Mellina até a entrada da guarita, onde registrou sua visita.

O juízo finalmente, obra de Michelangelo pintada nas paredes da Capela Sistina, reluzia ao contato com a luz dos *flashes* disparados pela máquina fotográfica de Mellina. Vagarosamente, enquanto arquitetava um plano, a jovem recolhia imagens do fabuloso mestre italiano.

Já fora da capela, no pátio exterior, Mellina observou que dois guardas suíços vigiavam a entrada do prédio do Governatorato. Dois guardas...

dois obstáculos ao seu propósito de recuperar o Livro de Ouro. Mellina refez mentalmente sua visita anterior ao gabinete de Giuliano Colona.

Lembrou-se do comando sob sua mesa e da parede falsa que havia recuado, revelando uma câmara secreta onde estavam diversos objetos de uma coleção que ainda lhe dava náuseas. Era exatamente ali que o Secretário Geral depositara o livro.

Um guarda suíço, ao passar a seu lado, jogou fora o cigarro. Observando aquela pequena ponta incandescente, Mellina soube de imediato como passaria pelos guardas suíços.

C A P Í T U L O 1 5 7

— Ótimo, se ele já está em Roma, virá com mais urgência...

— Há, no entanto, um problema: seu assistente não soube me dizer em que local de Roma ele está.

— Fogo! — gritou uma voz aparentemente sufocada pelas chamas.

Os dois guardas suíços postados à porta do Governatorato entreolharam-se no instante em que perceberam uma coluna de fumaça negra que se elevava aos céus.

332

— Meu Deus! A Capela Sistina — gritou um dos guardas no momento em que, seguido pelo companheiro, corria a toda velocidade em direção ao histórico prédio da cristandade.

Ao chegarem perto do prédio, seus olhos semicerraram-se ao observar o foco do incêndio.

“Quem poderia ter feito isso?”

— Onde poderíamos encontrar o Cardeal Vincenzo Sforza aqui em Roma — perguntou Lady Catherine —, estaria no Vaticano?

— Ele pode estar em qualquer lugar, *Milady* — respondeu Jefrey.

Seu assistente disse que o Cardeal não possui celular, portanto será muito difícil encontrá-lo.

— Eu sei disso, Jefrey, mas sem o auxílio do Cardeal Sforza não poderemos entrar no Vaticano.

— Espere um pouco — interveio o Capitão —, que dia é hoje?

— Hoje é doze... doze de agosto — respondeu a velha, curiosa —, mas por quê?

— Acho que sei onde poderemos encontrar o Cardeal Vincenzo Sforza.

Enquanto subia as escadas que davam acesso ao gabinete de Giuliano Colona, Mellina Becker sorriu ao imaginar a cara de espanto dos guardas suíços ao perceberem que o incêndio não era o da Capela Sistina, mas sim de uma grande lata de lixo depositada a seu lado.

A jovem, com as costas coladas à parede, espreitou o corredor de acesso: “*Ótimo, o caminho está livre!*” Seu sangue, porém, gelou ao ouvir o murmúrio zangado de vozes lá embaixo. Ela continuou ali em silêncio, com os olhos fechados, como se a qualquer momento aqueles guardas suíços fossem subir a escadaria e encontrá-la, agora tomados de fúria por terem sido ludibriados.

No entanto, as vozes cessaram e, ao abrir os olhos Mellina percebeu que nenhum guarda havia surgido para prendê-la. Ao experimentar 333

a maçaneta, verificou que a porta não estava trancada, e o gabinete de Giuliano Colona, mergulhado em silêncio. Espreitando cada canto do espaçoso ambiente, um calafrio percorreu-lhe o corpo, como se os Filhos de Set estivessem à sua espera. A sala, entretanto, estava livre, e com o ânimo renovado, Mellina foi até a mesa de Giuliano Colona, e repetindo então o que havia visto na última vez em que lá estivera, apertou um botão parcialmente oculto sob a mesa do Secretário Geral. No mesmo instante, engrenagens começaram a trabalhar e a parede coberta de livros foi erguendo-se vagarosamente.

— Como o senhor pode saber onde encontrar o Cardeal Sforza?

— perguntou a velha, curiosa.

— Hoje faz exatamente sete dias que a sobrinha do Primaz de Veneza foi assassinada. Há um costume católico de realizar uma missa em memória do

morto sete dias após seu falecimento — observou o Capitão.

— Vincenzo Sforza teria vindo a Roma para essa missa?

— É o que acredito, Lady Catherine —, o que temos a fazer é entrar em contato com a diocese da capital, dessa forma poderemos localizar o Cardeal.

— Bem pensado, Capitão! Jefrey, peça à telefonista do hotel que entre em contato com a diocese de Roma.

Os olhos de Mellina brilharam quando ela alcançou a câmara secreta. Passando pelos terríveis objetos esotéricos e pela estátua que lhe perturbara na vez anterior, a jovem encaminhou-se para seu objetivo. Perto do fim da câmara secreta, usando seu celular que até então mantivera desligado, como lâmpada, Mellina percebeu seu coração disparar ao ver que o livro não estava mais lá. Sua atenção foi então despertada pela estranha luz que vinha da porta que dava acesso aos subterrâneos. Ao ser tocada, esta porta abriu-se revelando uma gigantesca escadaria iluminada por tochas que se projetavam para o interior da terra. Enquanto descia 334

cuidadosamente, para não resvalar naqueles degraus de pedra, Mellina percebeu uma sonoridade distante, um misto de palavras ou cânticos que gradativamente ia aumentando de intensidade.

“... Cifer excelis... tuo mundi...”

À medida que descia, as palavras tornavam-se mais nítidas:

“... Rex maximus, Luciferi glorificamus...”

Ao aproximar-se do início da escadaria, elas adquiriram um ritmo frenético, como se fossem pronunciadas em um êxtase alucinante.

“Potentum imperator de mundi, Glorificamus!”

“Adoramus te Rex omnis fortibus!”

“Lúcifer Rex, pontificus excelsus!”

Com o corpo trêmulo, Mellina desceu o último degrau. À sua frente descortinou-se um enorme templo subterrâneo. Cercado por colunas, era semelhante a uma antiga catedral gótica; seus contornos voltados para dentro davam a impressão de que seu átrio fosse um imenso anfi teatro.

Enormes estátuas semelhantes às que ela tinha visto lá em cima estavam dispostas ao redor do templo, iluminadas por centenas de tochas. Escondida atrás de uma das colunas, o olhar da jovem dirigiu-se para o centro do templo, onde duas dezenas de encapuzados em êxtase realizavam uma estranha adoração. Sua atenção voltou-se então para o objeto daquela estranha adoração. O pavor estampou-se em seu rosto ao perceber Giuliano Colona sentado em um trono de prata, tendo em suas mãos o Livro de Ouro e um punhal de ferro.

O clamor cessou subitamente e todos ficaram como que petrificados olhando para o Cardeal, que levantou-se do trono.

— Da terra aos céus — disse Colona com a face transformada, quase irreconhecível — hoje, vós, ó Filhos de Set, irão testemunhar o começo da nossa vitória, o início do reino de Lúcifer!

— Dos céus à terra! — responderam todos em coro.

— Hoje — continuou o Cardeal — cumpre-se o desígnio esperado ao longo dos séculos por nossos antepassados. Eu, o filho da geração de Absalão, reuni todos os requisitos da antiga profecia, e agora, com as palavras sagradas do Livro de Lagahs e o sangue da virgem...

Um espesso véu negro que havia atrás do trono foi afastado permitindo a visão da menina russa, inconsciente, deitada sobre um altar.

335

— ... receberei a mente de Lúcifer e subjugarei o mundo!

— Da terra aos céus! — disse uma parte da assistência.

— Dos céus à terra! — respondeu a outra parte.

— Sim — tornou o Cardeal —, da terra aos céus e dos céus à terra!

Os exércitos de Lúcifer já estão dispostos à batalha. Abadom e Apoliom, os grandes generais do Hades, já arregimentaram suas tropas, esperam apenas por nós, por mim e por vocês. Assim que cumprirmos nosso de-sígnio, assim que dominarmos a Terra e iniciarmos o grande holocausto, permitiremos que os exércitos de Lúcifer retornem ao céu de onde foram expulsos e reclamem o que lhes é de direito. A nós, seus servos fiéis, Lúcifer tem dado o reino da Terra!

— O livro de Mefi stófeles está em nossas mãos! — disse Colona erguendo o Livro de Ouro. — O mapa encaixa-se nos quadrantes da constelação de Órion e as pirâmides de Gizé apontam para a Antártida, para as torres que tocam no céu!

— Em breve nós, servos da verdadeira luz, receberemos nosso prêmio, a Árvore da Vida, e viveremos para sempre!

Rex maximus, Luciferi glorifi camus! — responderam todos em coro.

A jovem continuava atrás de uma coluna do templo, completamente atenta às palavras de Giuliano Colona, com a visão voltada para aquele grupo em transe. Subitamente, em um de seus bolsos ecoou um som diferente, os olhos de Mellina fecharam-se em desespero:

— Meu Deus, não! — murmurou baixinho ao perceber que era seu telefone que acabara de tocar.

O transe coletivo cessou num instante, e a atenção de todos convergiu então para aquele ponto do templo. Perplexa, Mellina então compreendeu que naquele momento ela fora descoberta.

C A P Í T U L O 1 5 8

— A missa está sendo realizada na Igreja Santa Maria Delle Grazie

— disse Jeffrey, voltando-se para o grupo após desligar o aparelho —, eu também tentei ligar para Mellina, mas seu telefone não atende.

— Receio que Mellina possa estar com problemas — disse a velha, preocupada.

— Essa igreja fi ca próxima do Vaticano — observou Paolo Ferri.

— Ótimo — disse a velha —, o padre Campbell irá com o senhor, Capitão. Vincenzo Sforza já o conhece, será mais fácil para o padre explicar-lhe a situação.

— Eu também irei — disse Douglas —, não me perdoarei se alguma coisa acontecer a Mellina.

— E quanto à senhora, Lady Catherine? — perguntou Scaliari.

— Eu e Jeffrey iremos ao aeroporto, pois hoje é o dia em que o Senador chega a Roma para o encontro com o Primeiro-ministro. O reverendo Becker vem junto; se eles devem saber o que está acontecendo, prefiro que saibam de tudo por meu intermédio, afinal, eu sou a responsável por Mellina nesta cidade, e acredito que o melhor que tenho a fazer é ir ao encontro deles. Espero poder transmitir um pouco de esperança ao reverendo. Se eu for com vocês, só irei atrasá-los, e a situação agora requer a máxima urgência. Vocês têm que se apressar, só assim poderemos evitar que Mellina venha a se encontrar em apuros.

— Está bem — concluiu Lucas Scaliari —, vamos então ao encontro de Vincenzo Sforza.

O automóvel Fiat dos *carabinieri* de Roma, com as sirenes ligadas, percorreu a toda velocidade a via Anastásio III. Dobrando à direita, entrou na Ângelo Emo, que estava congestionada, pois centenas de carros de convidados para a missa se aglomeravam dificultando a passagem. Paolo Ferri então parou a viatura no meio da rua.

Sob o olhar atônito dos convidados, Douglas Braun e Hamilton Campbell, seguidos também pelos dois oficiais de polícia, entraram na igreja. Campbell

e Scaliari adiantaram-se indo até a nave central ao encontro de Vincenzo Sforza que estava na primeira fileira, ao lado de seu irmão.

Ao ver a cena, o padre que rezava a missa hesitou, mas a um aceno do Cardeal ele continuou. Perplexo, Sforza voltou-se para ouvir Hamilton Campbell, que agachara-se ao seu lado. Com o rosto lívido, após ouvir as 337

palavras angustiadas do padre, Sforza voltou-se cochichando alguma coisa ao ouvido do irmão, depois, apressadamente, deixou a igreja.

C A P Í T U L O 1 5 9

Horrorizada, Mellina percebeu os braços fortes de um gigante a lhe envolverem. Uma cicatriz no rosto dizia-lhe que aquele homem era o mesmo seqüestrador, cujo retrato falado havia saído nos jornais.

— Solte-me! — gritou a jovem esperneando, enquanto era levada à presença do Cardeal.

— Ora, ora...! O que temos aqui? — indagou Giuliano Colona, com um sorriso malévolo, enquanto observava a jovem recém-descoberta, que lutava desesperadamente para livrar-se do homem que a prendia nos braços.

— Você nos enganou! — gritou Mellina tão logo o gigante suíço trouxe-a perante o Cardeal — nós confiámos em você, lhe entregamos o Livro de Ouro!

— Sim, vocês foram enganados! Estavam tão ansiosos em livrarem-se da responsabilidade de guardar o Livro de Ouro, que não desconfiaram que eu poderia pertencer aos Filhos de Set!

“Isso não pode estar acontecendo”, disse Mellina a si mesma, como que tentando acordar de um pesadelo.

— Vocês falharam — continuou o Cardeal —, os esforços de Albert Raidech em ocultar o Livro de Ouro deram em nada. Nós, os Filhos de Set, agora conquistaremos o mundo, e Lúcifer, o grande príncipe da luz, retornará ao céu para tomar o que lhe foi negado; Lúcifer estabelecerá o seu trono e

reinará sobre o Universo!

— O que você está dizendo? Isso é loucura! — exclamou Mellina.

— Não, você está enganada, isso é a mais pura realidade!

— Mas como... como isso pode ser possível? — perguntou a jovem completamente atônita.

— Você é estudante de teologia e não sabe? — indagou o Cardeal com sarcasmo. — Não está escrito na Bíblia que o Arcanjo Miguel e seus anjos lutaram contra Lúcifer e seus anjos?

338

— Sim, mas o Arcanjo Miguel venceu e expulsou Lúcifer e seus demônios!

— Temporariamente, Mellina... temporariamente!

— Como assim, temporariamente?

— Miguel venceu uma batalha, mas Lúcifer vencerá a guerra. Sim, Lúcifer vencerá! — sentenciou Colona, com a face transformada. — Eu, o descendente de Absalão, agora consagrarei minha alma a Lúcifer, e por meio do sangue da virgem e das palavras inefáveis transmitidas no início dos tempos por Mefi stófi les, guardadas no Livro de Ouro, receberei o espírito da iluminação. Depois... depois dominaremos o mundo! De posse dos arsenais nucleares das nações, nós, os Filhos de Set, realizaremos o grande holocausto, o maior sacrifício já oferecido a Lúcifer: metade da população mundial morrerá! Com isso permitiremos que os exércitos de Lúcifer retornem ao céu para derrotar as tropas do Arcanjo Miguel!

— Você está louco! Isso é impossível, os exércitos de demônios não podem retornar ao céu!

— Você está enganada, minha jovem! Mais uma vez você esquece as lições de teologia que deveria saber! Não está escrito que após a morte o espírito do homem retorna a Deus, que o criou? Pois bem, imagine a metade da população mundial apresentando-se no céu a Ele. Com a destruição de

metade da raça humana, dizimada em um holocausto nuclear provocado por nós, os exércitos de Lúcifer, subirão no vácuo deixado por essas almas, que involuntariamente abrirão a passagem para que as legiões do inferno possam novamente retornar ao seu antigo lar, e uma vez lá, lutar para a coroação de Lúcifer, o Príncipe da Luz, como o regente de todo o Universo.

— Isso não pode acontecer! Deus não permitirá! — exclamou Mellina, completamente aterrorizada.

— Deus... Deus... Ele não tem parte nessa história! Ele permaneceu em silêncio enquanto as tropas de Lúcifer enfrentavam os exércitos de Miguel! Deus terá que aceitar a decisão dos vitoriosos, e quando as legiões do Hades dominarem as regiões celestiais, nós, os Filhos de Set, herdeiros da promessa luciferiana, teremos o controle total do que sobrar da civilização humana. Completar-se-á assim a antiga profecia: da Terra aos Céus!

— nós ajudaremos Lúcifer e seus exércitos a retornar a seu antigo *hábitat*.

339

E dos Céus à Terra — Lúcifer confiará o domínio de seus fiéis súditos aqui na Terra!

— Isso é insano! E quando vocês morrerem? Qual será o derradeiro destino de todos os Filhos de Set?

— A Árvore da Vida! — disse Colona, com os olhos brilhando.

— Nós, os servos fiéis de Lúcifer, jamais morreremos; a Árvore da Vida, revelada pelo mapa de Mefistófeles, nos garantirá uma existência eterna, coroada pelo governo da humanidade.

C A P Í T U L O 1 6 0

Tão logo o automóvel da polícia de Roma parou em frente ao Vaticano, Vincenzo Sforza desceu apressadamente seguido por Douglas, Campbell e pelos dois oficiais.

O guarda suíço que assistia à cena, rapidamente levantou a cancela,

permitindo que o Cardeal passasse. Quando seus acompanhantes tentaram fazer o mesmo, o soldado de uniforme multicolorido impediu-lhes a passagem.

— Os senhores têm autorização?

Vicenzo Sforza voltou-se ao perceber que seus acompanhantes haviam sido barrados.

— Eles estão comigo — prontamente esclareceu o Cardeal.

— Sinto muito, Eminên...

— Escute aqui! — berrou o Cardeal —, eles estão comigo! Você não está percebendo a minha pressa? É um caso de vida ou morte! Eles vão entrar! — disse no momento em que ele mesmo levantava a cancela, sob o olhar atônito do guarda.

— Venham comigo, rápido — exclamou o Cardeal, quase correndo em direção à Secretaria Geral.

Os guardas suíços que estavam na entrada do prédio da Secretaria Geral não tiveram tempo de questionar o que estava acontecendo. Nunca viram antes oficiais da polícia de Roma entrar no Vaticano. Agora, estavam assistindo não somente a entrada de dois policiais no Estado pontifício, 340

mas um quarteto completamente estranho e apressado guiado por um Cardeal invadia as instalações mais exclusivas do Vaticano.

— Venham comigo! — disse Sforza aos guardas com autoridade.

Os dois guardas suíços entreolharam-se e, sem dizer nenhuma palavra, seguiram o Cardeal.

O lance de escadas foi vencido rapidamente. Seguido pelos demais, Vicenzo Sforza foi o primeiro a ingressar no gabinete de Giuliano Colona.

Como a porta não estava trancada, todos então ficaram estupefatos ao perceberem o compartimento secreto que permanecia visível com a parede de

livros recuada.

— Isso é sinistro! — exclamou Sforza examinando a estranha coleção de objetos esotéricos. Nunca poderia imaginar coisa semelhante dentro do Vaticano! Muitos destes objetos aqui ao longo da história foram usados na evocação e adoração do demônio. O senhor tinha razão, padre Campbell — disse Sforza voltando-se para o religioso anglicano —, não é preciso mais provas! Definitivamente Giuliano Colona está comprometido com o plano luciferiano!

— Desde o princípio ele nos enganou — interrompeu o Capitão Scaliari. — O próprio Secretário Geral foi quem nos convidou a vir até o Vaticano quando descobrimos que a menina russa havia sido seqüestrada por um guarda suíço.

— Com o pretexto de auxiliá-los, ele fazia com que os senhores fossem mantidos afastados da verdade — arrazoou Campbell.

— Capitão, olhe aqui! — gritou Paolo Ferri — há uma escadaria atrás dessa porta!

C A P Í T U L O 1 6 1

— Você então é o anticristo? — perguntou a jovem desfalecendo em seu íntimo.

— Anticristo? Então é assim que você se refere ao Príncipe do Sangue Real? Não me menospreze, menina! Eu sou o descendente de Absalão, o portador do sangue sagrado, não posso ser considerado como um simples 341

opositor de um fantoche de Deus. Eu farei na Terra o que Cristo não conseguiu, estabelecerei um reino eterno em que não haverá mais guerras, porque todos os povos estarão subjugados a um cetro de ferro. Todos se curvarão e adorarão a Lúcifer eternamente. E agora, antes de morrer, você testemunhará a minha consagração; eu, o Príncipe Real, receberei por meio do sacrifício da virgem, a mente do Iluminado. Você testemunhará a Euiose de Lúcifer, o grande ritual que meus ancestrais um dia sonharam realizar, mas cujo privilégio pela graça de Lúcifer foi reservado a mim!

— Por que a menina tem que ser sacrifici cada? Por que escolheram uma menina russa?

— Todo sacrifício requer derramamento de sangue — prosseguiu o Cardeal.
— Para a realização da Euiose de Lúcifer, se faz necessário o mais precioso dos sangues, o sangue que corre em minhas veias, o sangue que passou por Absalão e que teve sua origem com a sedução das fi lhas dos homens por um dos príncipes de Lúcifer.

— Você disse que seu sangue é precioso e que é o apropriado para o sacrifício, mas irá derramar o sangue de uma menina que não tem nada a ver com isso, por quê?

— Mais uma vez você está enganada — observou o Cardeal. Jaina Kornikova tem uma relação direta com o Sangue Real, o sangue que corre em minhas veias; Jaina Kornikova é minha fi lha!

Não! Isso não pode ser verdade! — gritou Mellina com a face envolta em pavor. Esta criança não pode ser sua fi lha, você não teria coragem!

— Sim, ela é minha fi lha, e sua existência deve-se unicamente à necessidade do sacrifício, e para esse fi m ela foi concebida. Sem o derramamento do sangue especial o sacrifício da Euiose de Lúcifer não poderia ser realizado. A mãe dessa menina era uma de nossas sacerdotisas, e foi escolhida para que gerasse um fi lho do meu sangue para o grande dia da consagração à Lúcifer. Ela, no entanto, se afeiçãoou à criança e fugiu para a Rússia, na tentativa de evitar que sua fi lha fosse sacrifici cada. Porém, é impossível alguém escapar de nossas mãos, pois nós, os Filhos de Set, possuímos homens poderosos que nos servem em todas as partes da Terra. Ela foi então localizada em Moscou e trazida para cá.

— Mas agora chega, não vou mais perder tempo com você — disse o Cardeal levantando-se do trono. Chegou o momento do grande sacrifício 342

da Euiose de Lúcifer! Você verá agora o sacrifício, verá o sangue da menina ser aspergido sobre minha cabeça e o triunfo fi nal do sacerdote de Lúcifer.

O guarda suíço conduziu Mellina até uma plataforma com visão privilegiada

do altar onde estava a menina adormecida.

Giuliano Colona entregou o Livro de Ouro a um dos encapuzados, e com o punhal de ferro passou à frente do altar.

— Irmão, chegou a hora! — disse o Cardeal, exultante. O momento esperado há séculos, agora se concretizará! Nós, os Filhos de Set, triunfa-mos! Glória a Lúcifer! *Rex Maximus!*

— *Rex maximus, Luciferi glorifi camus!* — respondeu a assistência com os olhos vidrados no Cardeal.

— *Luciferi Potentum imperator de mundi* — continuou o Cardeal passando o punhal pelo corpo da menina.

— *Adoramus te Rex ominus fortibus!* — responderam todos.

— *Lúcifer Rex, ponticius exceisis!* — os olhos do Cardeal adquiriram uma expressão fantasmagórica.

— *Glorifi camus, glorifi camus, adoramus te Rex potentum imperator de mundi.*

— *Satan, Satan, Samael, Rex Dei nostro glorifi camus te!* — o Cardeal levantou o punhal acima do peito da menina.

— NÃO!!! — gritou Mellina enquanto desesperadamente tentava soltar-se dos braços fortes do guarda suíço.

Um estampido seco, ecoado em um ponto não muito distante somou-se ao gritos da jovem aprisionada; os olhos da assistência então viram o sangue fluir da testa de Giuliano Colona e, descendo sobre o punhal, aspergir-se sobre a túnica branca da menina adormecida. Os olhos do Cardeal permaneceram esbugalhados como que vendo as imagens de um mundo invisível e aterrador.

Então seu corpo caiu bruscamente pendendo para o lado.

Paolo Ferri sorriu aliviado ao ver que sua pontaria fora certa.

— Parados, estão todos presos! — gritou o Capitão da polícia de Roma, com a arma apontada para o grupo de encapuzados que não sabia o que estava acontecendo.

343

Perplexo, o gigante suíço que aprisionava Mellina contemplava a tudo, quando recebeu um soco direto no queixo que deixou-o atordoado.

— Douglas! — exclamou a jovem em lágrimas abraçando-se ao seu salvador.

— Mellina! Você está salva... Agora você está segura — disse o sargento, acolhendo-a em seus braços.

Acompanhado pelos guardas suíços que empunhavam afi adíssimas alabardas, Vincenzo Sforza irrompeu pelas dependências do templo subterrâneo.

— Meu Deus, isso não é possível — disse o Cardeal completamente abalado —, um templo consagrado ao demônio bem embaixo do Vaticano!

Em lágrimas, Hamilton Campbell aproximou-se do altar desatando as amarras que prendiam a menina tomando-a nos braços. A menina então acordou, e seu olhar de terror desvaneceu-se no momento em que percebeu a ternura que emanava da face do padre anglicano.

— Você está salva, minha fi lha, você esta salva!

C A P Í T U L O 1 6 2

O sol sorria acima da praça do Vaticano. Acompanhada por Douglas Braun, Mellina percebeu a estranha movimentação que havia tomado aquele espaço público: a Interpol havia sido acionada por Lucas Scaliari, e dezenas de veículos sem identificação estavam perfi lados em meio à praça.

Deles saíam homens que sumiam dentro do Vaticano e depois de algum tempo, a intervalos regulares, voltavam escoltando discretamente um ou outro fi gurão, cuja notícia de sua prisão poderia causar um verdadeiro alvoroço na mídia internacional.

Os olhos da jovem voltaram-se então para a limusine preta que parou ao lado dela. Os vidros negros foram abaixados e uma sensação de extrema alegria brotou na face da jovem ao contemplar quem sorria para ela.

— Tio Thomas! — disse Mellina abraçando-se ao reverendo no momento em que ele saltara da limusine e rapidamente fora ao seu encontro.

—Mellina, minha princesa, você está bem?

344

— Eu estou bem tio — disse a jovem em lágrimas —, agora eu estou bem...

— O que aconteceu lá dentro? — perguntou o Senador Hoppings a Douglas Braun, depois de sair da limusine que compartilhava ao lado de Lady Catherine Raidech.

— Tudo a seu tempo, Senador! — repreendeu-o a velha, enquanto era ajudada por Jeffrey, que a colocava na cadeira de rodas. — Tenha certeza de que seremos postos a par de tudo, agora eles estão muito cansados.

— E o Livro de Ouro? — indagou Hoppings — a polícia o pegou?

— Não — disse Mellina piscando para o Senador —, eu o peguei. A jovem então abriu sua bolsa mostrando a peça reluzente.

— Mesmo assim ainda estamos com um problema — disse Hamilton Campbell, que acabara de se integrar ao grupo —, não sabemos como interpretar o mapa que consta no Livro de Ouro. Assim não temos como encontrar a Árvore da Vida.

— Talvez não precisemos decifrar o mapa do Livro de Ouro — disse Mellina voltando-se para o padre anglicano.

— Por que você está dizendo isso, minha filha? — perguntou, curioso o reverendo.

Mellina esboçou um sorriso.

— Quando eu estava escondida lá embaixo, dentro do templo secreto, antes que me descobrissem, pude ouvir as palavras de Giuliano Colona.

Ele falava que a Árvore da Vida seria encontrada na Antártida, junto às montanhas que tocam o céu.

— Junto às montanhas que tocam o céu? — indagou o Senador pondo-se a pensar. “Montanhas na Antártida... Pelo que sei só existe um grupo de montanhas naquele lugar que poderia se enquadrar nessa definição.” O

rosto de Hoppings se iluminou: trata-se da Cordilheira da Rainha!

— Se essa cordilheira fica na Antártida, como iremos alcançá-la?

— perguntou Mellina, intrigada.

— Deixe essa parte comigo, minha jovem — respondeu confiante o Senador.

— Nós iremos encontrar a Árvore da Vida! Agora eu pergunto, quem de vocês gostaria de embarcar comigo nessa fabulosa aventura?

Os olhos de todos brilharam, tomados de entusiasmo. Ao ouvir as palavras de Hoppings, apenas Hamilton Campbell manteve-se em um recolhimento distante.

345

— O que houve, Padre Campbell? — perguntou a jovem percebendo a introspecção do religioso.

— Minha missão aqui está terminada, Mellina.

— O senhor então não irá conosco?

— Não, Mellina! A tarefa a que me propus em memória de Mary Stuart está concluída. Os Filhos de Set já não podem mais trazer a desgraça ao mundo. Agora volto para a Inglaterra onde pretendo passar o resto de meus dias. Desejo que vocês tenham muito sucesso! Se algum dia voltarem à Inglaterra, visitem-me, pois fiquei encantado em recebê-los em minha casa.

— Adeus, Padre Campbell, foi um grande prazer tê-lo conhecido

— disse a jovem abraçando-se ao padre.

C A P Í T U L O 1 6 3

O gigantesco navio quebra-gelos Nebraska, da marinha norte-americana, lentamente avançava fazendo um enorme risco naquela superfície branca como papel. O engenheiro-chefe, responsável pela sala de máquinas, olhou para os instrumentos e notou que o Nebraska estava no limite e não poderia avançar mais. As placas de gelo estavam se tornando cada vez mais espessas à medida que o quebra-gelos se aproximava da parte meri-dional. Para que o navio continuasse seria necessário um enorme consumo de combustível, o que inviabilizaria seu retorno ao continente.

Por um momento, o engenheiro-chefe pensou naquela estranha expedição tentando imaginar que misterioso segredo poderia haver naquele continente ermo e gelado. Era por demais heterogêneo o grupo que de-sembarcaria ali: um senador americano, uma inválida *lady* inglesa, um reverendo e sua sobrinha e dois guarda-costas. O sentimento do dever fez com que o engenheiro despertasse de seu devaneio e pegasse o telefone e ligasse então para o Capitão.

O capitão do Nebraska, Timothy O’Connell, colocou o telefone no gancho e voltou sua atenção para o Senador Antonin Hoppings, que examinava o mapa sobre a mesa.

346

— Acabo de ser informado que o Nebraska chegou ao seu limite máximo. A partir de agora os senhores terão que prosseguir com o auxílio de trenós.

— Quanto tempo, Capitão, o senhor calcula que levaremos para alcançar a Cordilheira da Rainha com o uso de trenós?

Timothy O’Connell aproximou-se da mesa, e com um lápis mostrou para Hoppings a posição do Nebraska.

— Estamos exatamente aqui: a trinta graus de latitude leste e vinte e nove de longitude oeste do Meridiano de Greenwich, em meio às banqui-sas de Ross, a exatamente oitenta e três milhas da base de Scott, o centro de pesquisas americano na Antártida. Posso dizer que se o tempo ajudar, usando trenós sua expedição levará em torno de duas horas para alcançar a cordilheira.

O’Connell teve vontade de perguntar o que exatamente o Senador e seu grupo estariam procurando naquele continente esquecido, mas lembrou-se das determinações vindas diretamente do almirante Graham, do Pentágono: cooperação máxima e nenhuma pergunta. Que homem seria aquele com tanta influência, a ponto de conseguir um navio da Armada americana, para a simples satisfação de um capricho?

C A P Í T U L O 1 6 4

Timothy O’Connel ficou olhando os três pequenos pontos negros que deslizavam velozes no gelo, rumo à Cordilheira da Rainha. Cada trenó era puxado por uma parelha de oito animais, treinados para aquela função; além de dois ocupantes, levava provisões e equipamentos básicos de segurança. Ele havia insistido para que Lady Catherine permanecesse a bordo do Nebraska, mas nenhum argumento foi suficiente para que aquela obstinada senhora desistisse de sua perigosa aventura. Agora seguia ela, em um daqueles pontos distantes, tendo sua cadeira adaptada a um dos trenós. À medida que olhava, O’Connell perguntava a si mesmo que maravilhoso segredo aquela cadeia de montanhas não deveria estar ocultando.

347

C A P Í T U L O 1 6 5

Douglas examinou o mapa.

— Aquele é o monte Kirkpatrick, o mais alto da Cordilheira da Rainha.

— E também o mais próximo — exclamou o Senador.

O grupo cruzou rapidamente aquela vasta região, até ali intocada pelo homem, sob o bombardeio de bilhões de flocos de neve que come-

çavam a cair naquele momento. A uma distância insondável, o sol refletia seus raios naqueles pequenos cristais fazendo com que ao longe se avistasse um arco-íris.

Mellina olhou para cima e ficou maravilhada com a composição das cores que se estendiam pelo firmamento.

— Olhem o arco-íris!

Douglas Braun ergueu a cabeça e ficou deslumbrado ao ver o arco-íris que se estendia no infinito.

— Eu nunca vi algo tão belo como isso!

— É possível que ele sofra a incidência do magnetismo da Terra, e assim como a aurora boreal, tenha as suas cores intensificadas — explicou o Senador.

— É realmente lindo — concluiu o reverendo —, mas não podemos ficar parados aqui, caso contrário morreremos de frio, e além disso, temos uma missão pela frente.

— Se eu morresse agora já estaria satisfeito — exclamou Douglas, olhando mais uma vez para o firmamento. — Essa visão é muito mais preciosa do que se me oferecessem o pote de ouro que o duende esconde no fim do arco-íris.

Mellina subitamente parou, e então todos se voltaram para ela. O

reverendo foi o primeiro a falar:

— O que houve, minha filha?

Ela, no entanto, continuava parada, seus olhos brilhantes permaneciam fixos no arco-íris.

— É isso! — gritou... Um pote de ouro!

— O que?... pote de ouro? O que tem...

348

— Eu descobri!...

A moça estava radiante. Então voltou-se para os demais membros da expedição.

— Eu sei o local exato onde está a Árvore da Vida!

— Onde? — perguntou incrédulo Douglas Braun.

Mellina olhava fixamente para um dos montes que integrava a cadeia de montanhas, era neste monte que finalizava o arco-íris.

— Lá! — disse apontando com o braço para o monte —, lá encontraremos a Árvore da Vida!

— Mas como? Como pode ter certeza? — perguntou Hoppings.

Sorridente, Melina contemplou a incredulidade de seus companheiros de expedição.

— Na verdade foi Douglas quem deu a resposta quando disse que a visão do arco-íris para ele valia mais que um pote de ouro.

— Douglas lhe deu a resposta? Pote de ouro? — indagou, curioso o Senador.

— O senhor lembra, tio — disse a jovem olhando agora para Thomas Becker —, de uma antiga crença popular que dizia que no fim do arco-íris haveria um duende guardando um pote de ouro?

— Sim — respondeu o reverendo —, mas o que tem isso a ver com a Árvore da Vida?

— Tudo, tio, tudo! Veja: de onde o senhor acha que se originou a lenda de que há um duende guardando um pote de ouro ao fim do arco-íris? O senhor, como homem religioso, sabe que duendes, gnomos, bruxas e outros

mais, são frutos da tradição e do imaginário pagão anterior ao aparecimento do Cristianismo. Pois bem, é bem possível que para fugir da perseguição promovida pelos papas, os possuidores dos conhecimentos antigos, dos mistérios, da magia e das revelações feitas pelos anjos caídos, usassem essas fábulas populares, aparentemente inocentes, para ocultar as suas mais antigas revelações. O povo veria uma fábula ingênua, mas os verdadeiros iniciados encontrariam nessas histórias inocentes as antigas revelações dos seres astrais. Esta seria uma maneira inteligentíssima de manter seus conhecimentos secretos, ocultos dos povos, da Igreja e de curiosos, que não compreenderiam o alcance e o seu real significado!

Douglas estava perplexo.

349

— Mas o que tem o pote de ouro?

— Veja bem — continuou Mellina —, nós sabemos que Lúcifer sempre procurou fazer com que os homens sempre se confundissem com as coisas que Deus criou de forma simples, não estou certa, tio?

— Sim Mellina — respondeu Becker, tentando alcançar o raciocínio da sobrinha.

Mellina, então pegou a pequena Bíblia que carregava consigo e abriu-a no livro de Gênesis:

— Olhem aqui, no livro de Gênesis, Capítulo 3, versículo 22: “E

havendo lançado fora o homem, pôs um querubim ao oriente do Jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida!”

Imaginemos que o duende no final do arco-íris não seja um duende, mas uma forma de Lúcifer debochar dos anjos que se mantiveram fiéis ao Criador...

— Isso significa então... — Thomas Becker estava entusiasmado, que o pote de ouro da fábula, na verdade não é um pote de ouro, mas um tesouro muito

mais fabuloso do que isso.

— A Árvore da Vida! — exclamou Mellina, triunfante enquanto apontava mais uma vez para o monte da cordilheira coberta de gelo que encobria o arco-íris —, e é lá que vamos encontrá-la!

C A P Í T U L O 1 6 6

Os trenós pararam ao pé da imensa montanha que se erguia imponente como uma torre gigante. Cercada por outras elevações rochosas de menor importância, porém, recobertas por uma impenetrável camada de gelo, formavam uma complicadíssima rede de sinuosos caminhos como se fossem parte de um caótico labirinto.

— E agora, onde vamos encontrar o caminho? — perguntou o Senador.

Todos se entreolharam. Jeffrey pegou o Livro de Ouro que fora trazido oculto junto em meio às bagagens no trenó, procurando alguma

indicação. Mas nada encontrou. Agora parecia que nada fazia sentido ao olhar para aquele imenso torreão que se elevava até as nuvens.

Douglas desceu do trenó, e encolhendo-se de frio, caminhou até aproximar-se de um paredão. Com olhos desanimados, espreitou as eleva-

ções de pedra, que justapostas umas às outras, formavam um emaranhado de corredores, largos o sufi ciente para que entre eles pudesse passar um automóvel.

— Essas pedras formam centenas de canais, nós morreríamos de frio antes que pudéssemos encontrar uma abertura.

— Chegamos até aqui — concluiu o Senador —, não podemos desis-tir! Em algum lugar em meio a essas rochas há um tesouro fabuloso!

Thomas Becker havia descido do trenó e caminhava examinando aquelas fabulosas paredes. Em sua imaginação compreendeu que por trás daqueles maciços de gelo poderia tranqüilamente se esconder uma cidade.

Mergulhado nesses pensamentos e completamente distraído, acabou afastando-se do grupo.

Mellina mantinha-se em silêncio, observando aquelas poderosas formações rochosas. Subitamente voltou sua atenção para uma voz meio apagada que ouvia com dificuldade em meio aos paredões.

... Mellina... Mellina... corra!

A jovem perturbou-se ao olhar para os lados e não encontrar o reverendo. Deixando o trenó, correu até onde estava Douglas Braun.

— Onde está meu tio?

— Ele não estava com você?

— Não! Ele tinha se aproximado das rochas!

Impulsionada por uma rajada de vento, a voz soou mais forte aos ouvidos de ambos, que correram ao seu encontro.

—... Mellina... corra... aqui!

Mais vigoroso, Douglas adiantou-se e, seguido por Mellina, encontraram o reverendo em uma das formações do imenso labirinto. A jovem não escondeu sua irritação.

— Tio, o senhor não deveria se afastar do grupo, poderia estar perdido nesse momento em meio a esse emaranhado de pedras...

Eufórico, o reverendo interrompeu a repreensão de sua sobrinha.

— Vocês não estão sentindo?

351

— Sentindo o que? — perguntou a jovem, contrariada, com a falta de preocupação do tio com sua própria segurança. — Eu estou sentindo é frio! Vamos voltar, não encontramos a árvore...

— Está mais forte! — gritou o reverendo. E... vem dali! — disse enquanto adentrava ainda mais no sinuoso corredor.

— Tio! Vamos voltar, não há nada aqui!

Douglas correu para junto do reverendo.

— O que o senhor está sentindo? Sente-se bem? — perguntou no exato momento em que uma corrente de ar veio a seu encontro. O jovem, então voltou-se eufórico para Mellina.

— Mellina, veja! Uma corrente de ar quente!

— O que você disse? — perguntou a jovem inquieta.

Douglas e o reverendo gritaram juntos:

— Encontramos uma corrente de ar quente!

C A P Í T U L O 1 6 7

Os trenós, com os membros da expedição, seguiram pelo corredor encontrado por Thomas Becker. À medida que avançavam, o ar frio do continente gelado ia cedendo lugar a uma atmosfera cada vez mais acolhedora. Todos seguiam esperançosos, até que chegaram a uma imensa abertura semelhante a um portal, encravado na montanha.

— Meu Deus, isso é fantástico! — disse o reverendo descendo do trenó e caindo de joelhos, quando sua visão percebeu o que até então estivera oculto, ali, em meio às montanhas.

Douglas olhou para as belíssimas aves que voavam em várias di-reções, ora pousando na copa das árvores, ora na margem de um rio de águas cristalinas que se encontrava em meio a um maravilhoso jardim.

Este jardim se estendia por todos os lados acompanhando o contorno da montanha, que se fechava em um círculo, como um cone perfeito, cujas paredes se estendiam até os céus.

— As montanhas que tocam o céu, como disse o Cardeal — exclamou o reverendo.

352

Completamente maravilhada, Mellina pegou a mão do sargento e puxou-o para dentro. Seus olhos lacrimejaram quando ele se deu conta de que os dois formavam o primeiro casal a entrar naquele jardim, desde a queda do homem.

— Um paraíso! — exclamou Lady Catherine, quando seu trenó comandado por Jeffrey, ultrapassou o gigantesco portal.

O reverendo, que estava a seu lado e contemplava em estado de êxtase o maravilhoso cenário, corrigiu-a:

— A senhora está errada, Lady Catherine! Este não é um paraíso, na verdade o que nós acabamos de encontrar é o Paraíso, o Jardim do Éden, a primeira morada da espécie humana, descrita na Bíblia, no livro de Gênesis.

— O Jardim do Éden! — afirmou o Senador, o lugar é maravilhoso, não há palavras para descrevê-lo! Mas, diga-me reverendo, qual de todas essas árvores é a Árvore da Vida?

Por um momento Thomas Becker não reconheceu o Senador.

— Senhor Hoppings, acabamos de encontrar o paraíso; não há na face da Terra nada mais impressionante do que isso! Estamos exatamente onde tudo começou. Eu fiquei maravilhado só em pensar que aqui, neste local, o próprio Deus visitava diariamente o homem.

Antonin Hoppings insistiu:

— Diga-me Thomas, qual destas árvores é a Árvore da Vida?

Mellina voltou-se surpresa com a insistência do Senador.

— Pelo que a Bíblia nos diz, a Árvore da Vida é a que está no meio do jardim...

Seus olhos curiosos acompanharam o Senador que, deixando-a a falar sozinha, apressadamente se afastou, indo em direção ao centro do jardim paradisíaco.

O reverendo foi o primeiro a dar-se conta.

— Senador Hoppings, o senhor não pode comer da árvore da vida...

— Porque não? — indagou o homem com a voz ligeiramente alterada.

— Você não pode comer! A Bíblia nos diz que Deus proibiu que o homem dela comesse, pois se assim o fizesse, então viveria por toda a eternidade! — advertiu o reverendo.

— Mas isso é simplesmente fantástico, a vida eterna! Os olhos de Hoppings brilhavam. Por que motivo vocês acham que eu tive todo esse

trabalho para que chegássemos até aqui? Sua voz agora saía com escárnio.

— Eu vim com o único objetivo de alcançar a vida eterna!

A face de Mellina cobriu-se de pavor.

— O que você está dizendo!... não pode ser!

Um sorriso maligno brotou na face do Senador, enquanto ele sacava uma pistola mantida até então oculta.

— Não só é possível, como é a mais pura realidade, ou você pensou, Mellina, que estava tudo acabado com a morte do Cardeal? Não, ao impedir os planos do Sacerdote de Lúcifer, o falecido Giuliano Colona, você apenas adiou os planos de Lúcifer para o domínio dos Céus e da Terra. O

Meu mestre é por demais sábio para ter apenas um único plano de ação!

— Você é um dos Filhos de Set! — disse Mellina, sentindo-se como se fosse desmaiar.

— Traidor! — gritou o reverendo. — Durante todos esses anos você nos

enganou, por quê?

— Bem — continuou Hoppings com um sorriso malévolo —, como vocês não sairão vivos daqui, acho que merecem uma explicação. Eu sou o Príncipe do Ocidente. Juntamente com o Cardeal Giuliano Colona, controlávamos todos os súditos de Lúcifer na Terra, coordenando o plano de estabelecimento do império universal...

— Eu salvei sua vida! — disse um incrédulo Douglas Braun — isso não pode estar acontecendo!

— Para ser honesto, a verdade é que você pensa que salvou minha vida, mas ela nunca esteve em perigo!

— Mas e o atentado? — perguntou Lady Catherine.

— Que atentado? — sorriu o Senador com sarcasmo.

— Você simulou tudo!?

— Exatamente!

— Mas por quê? Por que você nos enganou todo esse tempo? —

Douglas estava inconsolável.

O reverendo olhou com pesar para Douglas:

— Porque simulando aquele atentado, ele passou a ser um herói nos Estados Unidos. Um homem acima de qualquer suspeita, disposto a morrer por suas convicções, com o apoio da direita cristã, na qual ele se infiltrou. Ele tem agora um caminho aberto para assumir...

354

—... a Presidência dos Estados! — concluiu triunfante Antonin Hoppings, batendo palmas.

— Raciocínio perfeito, reverendo, o senhor compreendeu com perfeição

nossos propósitos. Se Sforza não falhasse como falhou, e agora eu me arrepio só em pensar nos terríveis castigos que ele deve estar sofrendo nas mãos de nosso mestre, nós, os Filhos de Set, teríamos uma outra oportunidade para provocarmos a Terceira Guerra Mundial viabilizando o domínio da Terra e a conquista do Céu. Os exércitos de Lúcifer ainda estão de prontidão, apenas esperando por mim...

— O que você vai fazer? — perguntou Jefrey.

Lady Catherine respondeu com tristeza ao aflito mordomo:

— Como Presidente dos Estados Unidos, ele terá acesso aos códigos de lançamento dos mísseis nucleares...

— Como vocês perceberam, o esforço de Mellina foi em vão; de nada valeu ter destruído os planos do Cardeal, pois eu agora darei prosseguimento!

— Por que você quer então comer do fruto da Árvore da Vida, já que seu mestre irá dominar sobre tudo? — perguntou Mellina, tentando distrair o Senador, enquanto Jefrey recuava devagar tentando se aproximar do trenó.

— É uma boa pergunta, minha jovem, e a resposta é garantia.

Digamos que ao comer da Árvore da Vida, eu fi que mais seguro em relação ao meu mestre que, cá entre nós, tem um temperamento um tanto instável.

— Por que servi-lo, então? Por que não servir a Deus, que é um Senhor melhor!

— Eu terei o domínio do mundo! — respondeu o Senador. — Riquezas inimagináveis me foram prometidas por Lúcifer.

— Mas e Deus, por que não optar por Ele? Se Ele é o Criador e Senhor de tudo.

— As promessas de Lúcifer são muito mais tentadoras — sorriu o Senador.

— Mas há grandes promessas para quem aderir ao partido de Deus

— insistiu a jovem.

— Eu sei, eu sei — contemporizou o Senador: nem olhos viram, nem ouvidos ouviram o que Deus tem preparado para os que O amam e são 355

chamados segundo seu propósito. — É o que está na Bíblia, não é? Mas para que arriscar? Lúcifer tem possibilitado que eu chegue à Presidência dos Estados Unidos, e muito em breve me concederá também o governo do mundo... Por que então esperar, pelas promessas de Deus, promessas essas que ninguém sabe na verdade o que são?

— Sem fé é impossível agradar a Deus! — disse Mellina com convicção.

— Fé? Eu prefiro acreditar no que meus olhos vêem — disse recuando alguns passos, até aproximar-se de uma frondosa árvore no centro do jardim, que apresentava alguns frutos dourados. — Esta deve ser a Árvore da Vida...

Aproveitando-se do recuo e aparente distração do Senador, Douglas Braun saltou sobre ele. Hoppings, no entanto, alertado pelo brusco movimento, disparou. A face de Douglas Braun em um momento empalideceu, depois ele caiu aos pés de Hoppings.

— Não! — gritou Mellina, correndo para Douglas e amparando-o nos braços.

— Mellina... — a voz do sargento saía fraca, quase inaudível — eu...

eu... quero dizer... que... sempre... te amei...

— Eu também te amo — disse a jovem em soluços —, você não pode morrer!

— Por Deus, não faça isso! — gritou o reverendo ajoelhado ao lado de Douglas, ao perceber que Hoppings ia apanhar um dos frutos da árvore. O Senador não lhe deu atenção, e voltando-se para a frondosa árvore, seus olhos brilharam de cobiça ao contemplar o maravilhoso fruto dourado, objeto de seus desejos.

— Não faça isso! — insistiu o reverendo. — Por Deus, não cometa essa loucura!

Por um momento Hoppings voltou-se para o reverendo, e com um sorriso malévolo, zombou dele.

— Está com inveja, reverendo? Porque agora todos vocês serão exterminados e eu viverei para sempre!? — disse enquanto estendia sua mão para apanhar o cobiçado fruto.

Então um forte calor subiu-lhe pelo braço. Hoppings voltou-se para a árvore. Sua face encheu-se de pavor.

O reverendo fechou os olhos para não ver a espada fl amejante que tocou a cabeça de Antonin Hoppings no momento em que ele estendia a

mão para apanhar o fruto dourado. Instantaneamente o Senador transformou-se em uma estátua negra, calcinada pelas chamas.

— Meu Deus! — gritaram todos ao perceber o majestoso ser, vestido da cabeça aos pés com uma túnica de linho branco.

— Não tenhas medo — disse-lhes o anjo —, que a paz esteja convos-co! O Criador contemplou vossos esforços e em aprovação a eles deu-lhes a vitória. Então o anjo foi até onde estava Douglas, já completamente desvanecido nos braços de Mellina, passou-lhe a mão sobre o ferimento, cuja bala imediatamente saltou para fora. Ao retirar a mão o ferimento já estava completamente cicatrizado. Tomando o sargento pelo braço, o ser de branco disse despertando-o:

— Levanta-te!

Imediatamente, Douglas sentiu suas forças retornarem, e em um salto fi cou em pé. Então o anjo voltou-se para Mellina, que até então estivera paralisada no chão:

— O Criador ouviu a tua prece silenciosa, levanta-te! Ele viverá!

Então, juntando as mãos de ambos, o anjo continuou. Enquanto seus olhos corriam de um para outro, eu sou testemunha de que nem o primeiro casal agradou tanto ao Criador como vocês O estão agradando agora.

Deixando ambos boquiabertos, ele aproximou-se de Lady Catherine, tocando-lhe seus joelhos, que instantaneamente ficaram-se possibilitando à velha levantar-se e dar saltos de alegria.

— Escutai-me! — disse o anjo, fazendo com que todos ficassem em silêncio.
— Vós, com muito empenho e determinação, alcançaram a vitória contra as forças do mal que operam no mundo. Estas forças e seu obstinado mentor estão destinadas ao fracasso e à ira d'Aquele que vive e reina para todo o sempre. Muito perto está o fim de todas as coisas, e sabendo que seu tempo se esgota, Lúcifer se empenha em seduzir e enganar as nações, pois sua sentença, já decretada antes da fundação do mundo, será em breve executada pelo Rei dos Reis. Agora retornai ao navio. Eu ficarei com o Livro de Ouro. Ao deixardes este local, não vos lembrarei do que aqui aconteceu. Mas com vosso coração estará a paz.

O anjo percebeu a inquietação no coração da jovem.

— O que a perturba?

— Como explicaremos a ausência do Senador ao chegarmos ao navio?

357

O anjo então sorriu.

— Vocês eram seis quando vieram, e seis retornarão!

C A P Í T U L O 1 6 8

O Capitão Timothy O'Connel estava no tombadilho quando a expedição retornou ao Nebraska. Conforme determinação do Pentágono, nada perguntou. Mas seu espírito encheu-se de inquietação ao ver a velha senhora subir a bordo do navio com as próprias pernas, esperta como se fosse uma adolescente. Sua perplexidade aumentou ao receber a bordo o influente Senador Antonin Hoppings, cujos olhos brilhavam como se fossem duas tochas e sua face iluminada como se há pouco tivesse visto o próprio Deus.

Os demais estavam serenos e tranquilos, como se um imenso fardo tivesse

sido retirado de seus ombros.

Antes de partir, o Capitão voltou os olhos para a grande Cordilheira da Rainha. Qualquer que fosse o fabuloso segredo que aquele grupo trazia consigo, não poderia haver lugar melhor para ocultá-lo do que em meio àquelas montanhas encobertas por um gelo eterno.

A viagem de volta foi marcada por um único incidente. Após recolher-se em sua cabine, o Senador nunca mais foi visto. Quando procurado pelo comandante, para o jantar, Hoppings havia desaparecido. Na esperança de encontrá-lo, Timothy O'Connell ordenou buscas por todo o navio, porém estas buscas foram suspensas quando um camareiro trouxe-lhe um estranho bilhete que continha apenas uma desconhecida folha de árvore, e dizia simplesmente:

PARA MELLINA

358

E P Í L O G O

TANZÂNIA – ÁFRICA, TRÊS ANOS DEPOIS...

Mellina Becker retirou os pães do forno de barro, pondo-os para esfriar sobre uma rústica mesa, feita de madeira da região; ao seu lado estava a Bíblia, aberta em João 13:24. Logo mais chegariam os moradores das redondezas para ouvir, como na noite anterior, o sermão de uma jovem missionária. Pensou em tudo que lhe tinha acontecido e sorriu satisfeita.

— As coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo — pronunciou em um sussurro, enquanto observava a pequenina que, fugindo dela, corria pela porta aberta.

Lá fora, Douglas Braun preparava mais um banco de madeira para a rústica congregação. Ao passar a mão afastando o suor que lhe cobria a face, levantou a cabeça. Seus olhos fi xaram-se então na rechonchuda menina de intensos olhos azuis e cabelos encaracolados, que cambaleante correu para ele, abraçando-se à sua perna e, com um espontâneo sorriso, embelezado

ainda mais por seus dentes incompletos, balbuciou:

— Papai...

F I M

359

**INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS**

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

novo século®

editora